



3

11-1-15

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

II.

PARIZ. — NA IMPRENSA DE HENRIQUE PLOX, IMPRESSOR DO IMPERADOR,
rua Garanière, 8.

DO BRASIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIAES.

H.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

TOMO SEGUNDO.

J. M. Pereira da Silva

PARIZ

LIVRARIA DE A. FRANCK,
RUA DE RICHELIEU, nº 67.

LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET C^o
RUA DE RICHELIEU, nº 14.

1858

V
920,081
5586
V. Id
1858

VARÕES ILUSTRES

DO BRASIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIAES

J. M. PEREIRA DA SILVA

TOMO SEGUNDO

Manoel de Oliveira

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 5388

do ano de 1946

BIBLIOTECA DE A. FRANK

RUA DO CENÁRIO, 44-45

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SEculo XVIII.

VI.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

I.

Recebeu o conde de Rezende em 9 de julho de 1790 das mãos de Luiz de Vasconcellos e Souza o governo do estado do Brazil : pouco tempo depois chegou ao Rio de Janeiro a fragata portugueza *Golphinho*, que vinha de Lisboa, trazendo a seu bordo os desembargadores Antonio Gomes Ribeiro e Antonio Diniz da Cruz e Silva, nomeados pela rainha Dona Maria I, para que, unidos com o chanceler da Relação, Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e outros magistrados da escolha do vice-rei, julgassem em alçada extraordinaria e summarissimamente os indiciados do crime de rebellião, que se

tentára na capitania de Minas Geráes, conforme as communicacões que dirigiram a S. M. o vice-rei Luiz de Vasconcellos, e o governador e capitão general de Minas visconde de Barbacena.

Transportáram-se da cadeia do Oiro Preto, então Villa-Rica, trinta e dous infelizes, pertencentes quasi todos ás principaes familias d'aquella epocha. A longa viagem, que não durou menos de trinta e oito dias o peso das algemas que lhes ligavam os braços, os máos tratamentos que supportáram pelo caminho, e a grande nomeada de muitos d'entre elles, concorria tudo para chamar em seu favor a sympathia publica : foram recolhidos á cadeia do Rio de Janeiro, que era o edificio que serve hoje para as sessões da Câmara dos deputados.

Fôra um d'elles o chefe, ou cabeça, na lingua-gem juridica; chamava-se Joaquim José da Silva Xavier; nascêra em Minas em 1757; descendia de familia honesta e abastada; era official do exercito e sujeito de algum talento; mais conhecido pelo appellido de tiradentes do que pelo seu proprio nome. Viajára pela Europa e Estados-Unidos da America Septentrional, e regressára para o seu paiz cheio de entusiasmo pelo espectaculo de um povo livre e independente; dotado como era de força e brios, imaginou a possibilidade de realisar no Brazil os successos que presenciára nas antigas colonias britannicas. Tratou de communicar em Minas os seus designios a José Alves Maciel, de São João d'ElRei, que era

outro entusiasta da liberdade, conhecia tambem a Europa, e trouxera de lá ideias republicanas : resultou do processo que lhes foi instaurado que lograram chamar a seus planos o commandante da força publica de Villa-Rica, Francisco de Paula Freire de Andrade, o tenente coronel de milicias da Campanha do Rio Verde, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o de Diamantina, Domingos de Abreu Vieira, o doutor em medicina Domingos Vidal Barboza, o ouvidor da comarca, Thomaz Antonio Gonzaga, o ex-secretario do governo, Claudio Manuel da Costa, e varias outras pessoas importantes da capitania de Minas.

Accordou-se crear ali uma republica, á que se aggregassem as capitancias visinhas que quizessem seguir o seu exemplo e a sua sorte; usar de uma bandeira independente, com a insignia de um genio quebrando algemas; franquear o districto prohibido dos diamantes; eximir de direitos o oiro e as pedras preciosas; dar plena quitação de todas as quantias, que deviam os particulares á fazenda publica, pela arrecadação do imposto da derrama do oiro; estabelecer em Villa-Rica universidade de estudos, e escholas de manufacturas, e differentes industrias; e mudar emfim a capital para a villa de São João d'ElRei.

Para se ganhar o povo começou-se a fazer espalhar que havia resolvido o governo de Lisboa, a fim de enfraquecer o Brazil, de quem se temia, decretar que

nem-um subdito da capitania podesse possuir mais de dez escravos; e que montando a divida dos moradores das Minas para com o governo, pelo imposto da derrama, que fôra substituído ao da capitação, na importancia de mais de setecentas arrobas de oiro, que se não haviam arrecadado pela decadencia d'este producto nos annos ultimos, se organisasse um lançamento do novo anno, com o fim de cobrar toda esta somma enorme, que se calculou egual a todo o oiro não arrecadado, que circulava então em Minas, e dupla de quanto girava nas capitancias do interior, aonde constituia então este metal o meio circulante d'aquellas differentes localidades.

Bastaria qualquer d'estas duas noticias para excitar e revoltar a maior parte dos habitantes; deveriam reunidas attrahir á favor da conjuração a população inteira da capitania.

Assentáram tambem os revolucionarios de aproveitar a publicação da lista da derrama, e romper em Villa-Rica ao grito da liberdade, enthusiasmando o povo e prendendo o governador; diziam uns, que era para ser remettido para Lisboa, por via da Bahia; asseguravam outros, que o pretendiam assassinar, servindo a sua cabeça de exemplo, e comprometendo ella assim aos revoltados pelo proprio crime.

Recebeu Thomaz Antonio Gonzaga no entretanto carta de nomeiação de desembargador para a relação da Bahia, e ordem de partir para este destino :

apressou-se elle a aconselhar ao intendente, e á junta da fazenda, que exigissem o pagamento dos atrasados conjunctamente com a importancia da derrama do anno, de combinação talvez com os revolucionarios, a fim de augmentar a odiosidade publica contra o governo, e validar por este feitio a noticia adrede espalhada pelos conjurados : verdade é que no seu interrogatorio negou sempre cumplicidade no crime, e attestava a sua innocencia, asseverando que déra este conselho no intuito de conhecer perfeitamente o governo que era impossivel essa cobrança, e deliberar-se assim a rainha a perdoar aos devedores. Accrêsce ainda que protestou sempre pela sua innocencia com força tão decidida, que custa realmente muito a negar-se-lhe o credito.

Não souberam porém guardar o segredo conveniente, e menos ainda escolher os seus cúmplices; fallavam francamente por toda a parte; Silva Xavier promettia grandes auxilios no Rio de Janeiro, aonde dizia que negociantes de importancia e pessoas de consideração abraçavam as suas ideias, e almejavam a independencia do Brazil; affiançavam José Alves Maciel e Domingos Vidal Barboza que viriam auxilios certos de potencias estrangeiras, e especialmente da França e dos Estados-Unidos; a maior publicidade tiveram assim as intenções de semelhantes conspiradores.

Denunciou ao governador estes planos o coronel

Joaquim Silverio dos Reys : homem prudente e bondadoso era o visconde de Barbacena, que governava a capitania desde o anno de 1788 : não desprezou tão cabalmente a denuncia, como praticára o seu antecessor Luiz da Cunha e Meneses, que teve noticia dos seus primeiros passos ; convencido de que a causa unica do descontentamento seria a pretendida cobrança dos atrasados, e o lançamento immediato da derrama, suspendeu uma e outra cousa, e com este acto procurou tirar aos conjurados o principal pretexto, e arrancar-lhes grande numero de pessoas com que contavam para os seus disgnios, levando-os assim ao abandono d'elles.

Foram de opinião José Alves Maciel e Thomaz Antonio Gonzaga que se abandonasse o plano da revolução, ou por que a não adoptassem, ou porque perceberam que para ella não estava preparado o animo do povo, e tempo não era por emquanto de commetter cousas que não abraçassem e quizessem todos. Considerou Joaquim José da Silva Xavier que seria fraqueza recuar; conseguiu fazer repellir esta ideia, e comprometteu-se a ir para o Rio de Janeiro, e reunir n'esta cidade força e sympathias publicas, que lhes ajudassem o intento.

Loucura de conjurados! Passavam-se estes acontecimentos no anno de 1789, e era vice-rei ainda Luiz de Vasconcellos : foi-lhe dada no Rio de Janeiro uma denuncia pelo coronel Basilio de Britto Malheiros, e Ignacio Correia Pamplona, em occasião

em que ahi estava aliciando povo o cabeça dos revolucionarios. Ordenou o vice-rei a sua prisão, e a de todos os indiciados, mandando ao governador de Minas que os remetesse para o Rio de Janeiro, e lhe dêsse contas do seu comportamento. Fez então o visconde de Barbacena partir pela Bahia para Lisboa uma participação antidadada e minuciosa da denuncia que lhe déra o coronel Reys, organisando um processo de anterior autuação com o qual procurou justificar-se.

Foram exactamente cumpridas em Minas as ordens de prisão, si bem que não estivessem reunidos em um ponto unico todos os conjurados; com excepção de Claudio Manuel da Costa, que se suicidou na prisão, seguiram os mais para o Rio de Janeiro. Instaurou-se o processo : confessáram quasi todos nos interrogatorios os seus intentos, e durante o andamento d'elle, alguns se fináram na prisão. Quando, em 18 de abril de 1792, foi o official de justiça intimar aos presos o accordam da relação, pelo qual onze haviam sido condemnados á morte, cinco a degredos perpetuos para os presidios d'Africa, e a degredos temporarios o restante, bem diminuido estava o seu numero, e não se poderiam cumprir todas as penas.

E foi barbaria inqualificavel passar as penas além das pessoas dos condemnados, offendendo até aos seus descendentes, aos quaes declarou infames o accordam, ordenando que fossem confiscados os seus bens, arrasadas as suas casas e propriedades, sal-

gados os logares aonde se achavam edificadas, e prohibido para todo o sempre o cultivo ou aproveitamento do terreno.

Felizmente que dos onze, destinados ao cada-falso pelos juizes, que o temor do governo arrastára mais na decisão que haviam proferido, pagou um só por todos, recebendo commutação de pena os mais, e indo-supportar degredos pelas costas desertas d' Africa oriental e occidental, e pelos penedos aridos de Sanctiago e Bissáu.

Acreditava o povo do Rio de Janeiro que eram iniquas estas condemnações; sentiu profundamente, quando viu levantar-se o cada-falso no logar que é hoje a praça da Constituição, então campo deserto, e ali aonde finda a rua nova dos Ciganos, cercar-se de immensa força armada o espaço destinado para a execução, chegar o paciente Joaquim José da Silva Xavier (que unico não mereceu commutação, por ter sido considerado cabeça, e não mostrar arrependimento dos seus feitos) e soffrer com coragem inaudita uma morte affrontosa em presença de tantos espectadores, que até se apinhavam para ver pela aba do morro de Santo Antonio, que descêhe para a banda da Lampadosa. Haviam as autoridades tomado as providencias precisas para o caso de algum levante do povo, em favor do condemnado.

Mezes depois regressou para a capital do reino a fragata que de Lisboa trouxera os dous magistrados que tinham julgado o processo, levando a seu

turno os condemnados sacerdotes, e mais o doutor Domingos Vidal Barboza, José de Rezende Costa, pai e filho, e outros degradados, que de Lisboa deveriam seguir para Sanctiago e Cabo Verde.

E quasi pelo mesmo tempo, em 22 de maio de 1792, recebeu a seu bordo o navio *Nossa Senhora da Conceição princeza do Brazil* os mais condemnados, entre os quaes se contavam Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Francisco de Paula Freire de Andrade, e José Alves Maciel, e os foi descarregando pelos presidios de Ambaca, Benguela, Massangano, Cambambe, Pedras de Angoche, Moçambique, Macúa, rios de Senna, Inhambane e Maximba, conforme o destino que tocára a cada um d'elles.

Assim foram os homens mais reputados e mais illustrados d'aquella epocha arrancados aos braços de suas familias, e lançados nas masmorras; condemnados, e condemnados os seus filhos innocentes; e além do Oceano, longe da pátria, aqui e ali dispersos, isolado um do outro, ou tragáram soffrimentos atrozes até que lhes chegou o dia venturoso de regressar para o Brazil; fortuna que coube apenas a tres ou quatro de tantos; ou n'esses climas pestilentos, no meio de aguas insalubres e de terras ressequidas, por entre os negros selvagens e barbaros, viram acabar os seus dias, sem que á hora derradeira da existencia uma vez amiga os consolasse á cabeceira.

Admiravel contraste formam estas cousas do

mundo! No mesmo anno de 1792, em que os republicanos de França julgavam e condemnavam aos monarchistas do seu paiz, julgavam tambem e igualmente condemnavam os monarchistas de Portugal aos republicanos do Brazil; no mesmo anno de 1793, em que subia ao cadafalso o monarcha descendente do glorioso São Luiz, igual sorte padecia o republicano Joaquim José da Silva Xavier.

Tem tudo porém o seu systema de compensações.

II.

A margem direita do ribeirão de Carmo, na provincia de Minas Gerães, e em um terreno declivoso, está situada a cidade de Marianna; nasceu pequeno arraial do Carmo; subiu em 1714 á dignidade de villa, por foral d'ElRei Dom João V: mereceu em 1743 as honras de cidade episcopal, que lhe deu o mesmo monarcha, appellidando-a Marianopolis, em honra do nome da rainha reinante de Portugal.

Corria o anno de 1729, quando a 6 de junho nasceu ali Claudio Manuel da Costa, oriundo de uma honrada familia de Paulistas, que haviam deixado os campos amenos de Piratininga, atravessado desertos immensuraveis, e descoberto as minas riquissimas de oiro e pedras preciosas dos reconditos sertões e distantes terras que se consideráram até 1720 como partes integrantes da capitania de São Paulo, e que formáram d'esta epocha em diante ter-

ritorio e jurisdicção de uma nova capitania, com o nome de Minas Geráes.

Haviam-se estabelecido os ascendentes de Claudio nas visinhanças do ribeirão, que desce mansa e pacificamente as suas aguas por espaço de cinco leguas até o arraial do Forquim, precipitando-as depois por uma escada extraordinaria de rocha viva até cahirem no rio Gualaxo, e seguirem, juntas em um só leito, e recebendo pelo seu caminho as de outros ribeiros, a encontrar-se com o rio Piranga, que é um dos maiores affluentes do famoso rio Doce, que abraça, absorve e devora o Oceano.

Veio ainda infante Claudio Manuel da Costa para a cidade do Rio de Janeiro a fim de receber a sua educação litteraria. Tinham os Jesuitas as melhores escholas; pertenciam á Companhia os mais affamados mestres: frequentou elle as aulas dos Jesuitas; aprendeu latim, rhetorica, philosophia, rudimentos de mathematicas, prolegomenos de theologia, e todos os mais preparatorios, que ensinavam os Padres, e cujo complemento trazia para o estudante o titulo e diploma de mestre em artes, que outorgava a Companhia: logo que chegou á edade de dezasete annos, partio para Portugal, na intenção de formar-se na universidade de Coimbra, e tomar o respectivo gráu academico, manifestando-se desde logo a sua vocação para o estudo das leis e da litteratura.

Foram de muito proveito os seus estudos em

Coimbra, pelo modo brilhante com que se sahia nas aulas; adquirio reputação entre os seus condiscipulos; dava-se, nas horas de descanso, á inspiração poetica, e escrevia versos, que passavam manuscriptos das mãos dos companheiros para as mãos dos lentes, e grangeavam para o seu joven auctor muitos louvores e admiração geral: terminado o curso escholár, e obtido o diploma de bacharel formado em leis, publicou em Coimbra, no anno de 1754, uma selecção das suas poesias; eram as primicias da primeira quadra da sua vida, da mais bella epocha da idade humana, em que são tudo amores, prazeres, alegrias e feitiços; affigura-se a razão sonhando; e alvoroça e folgueia divertido o só coração, que chama delicias, e abraça o espaço, que lhe parece de flores suaves e galas aprimoradas. Epocha feliz, que, uma vêz passada, não volta; e que, na idade avançada, batte ao ouvido quebrado como hospede maligno, que vem para avivar saudades! Epocha feliz, que nunca pôde a memoria esquecer, por mais e maiores tratos que se dê para faze-la desaparecer e sumir-se! Epocha unica da verdadeira liberdade, da alegria vivaz, dos prazeres sinceros, e dos folguedos divertidos!

Era um dos mais ardentes desejos da sua infancia visitar a Italia; aproveitou o tempo, e para lá seguiu; amator e entusiasta da litteratura italiana, anciava ver a terra heroica dos tempos antigos, e que se conservava sempre brilhante nas eras modernas. Per-

correu-a quasi toda, desde Napoles até Milão : travou relações com alguns homens notaveis, e distinctos poetas da sua epocha : entrou para a Academia dos Arcades de Roma; aperfeiçoou-se por tal forma no conhecimento da lingua italiana, que escreveu n'ella muitas cantatas e sonetos, que merecêram grandes elogios dos litteratos italianos pela perfeição do estylo e gravidade do pensamento.

Voltou para Portugal; mas demorou-se em Lisboa sómente até o anno de 1765 : trocou a residencia da metropole pelo Brazil.

Conta-se que uma paixão amorosa, mas infeliz, causára a sua retirada de Portugal, aonde era estimado geralmente; entretinha relações com a melhor parte dos escriptores contemporaneos, e pertencia á Arcadia que se creára em Lisboa, e da qual guardou lembrança saudosa durante toda a sua vida, conservando o nome de Glauceste Saturnio, que havia adoptado segundo os estylos d'ella. Por vêzes manifestou elle estas saudades, já nos prologos das poesias que mandáva para Lisboa para imprimir, e já nos versos, que compunha e escrevia constantemente.

Parece que foi sempre a sua existencia amargurada pela lembrança do que deixára em Portugal : para apreciar o gráu da sua intensidade basta ler-se os dous seguintes tréxos que escreveu no prologo do seu poema de *Villa-Ricca*, e no prefacio da allegoria que compôz acerca do ribeirão do Carmo :

« A desconsolação de não poder substabelecer

aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço: mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. »

« Aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos poderia eu fazer do que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia! Que menos do que abandonar as fingidas nymphas d'estes rios, e no centro d'elles adorar a preciosidade dos metaes que tem attrahido a este clima os corações de toda a Europa! Não são estas as venturosas praias da Arcadia, aonde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente d'estes ribeiros, primeiro que arrebate as ideias de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra que lhes tem pervertido as côres. »

Estabeleceu a sua residencia em Villa-Rica, capital da capitania de Minas Gerães, e na distancia de duas leguas da cidade em que nascêra: não desejou seguir a magistratura, que era carreira custosa e demorada, vegetando-se longos annos nos cargos de juiz de fóra, ou de ouvidor, e mudando-se de tempos a tempos de termos e comarcas, como o soldado de guarnição; abraçou de preferencia a profissão de advogado.

Passou a capitania de Minas a fazer parte em 1720 da jurisdicção do governo do Rio de Janeiro, recebendo no entretanto uma administração especial; foi o seu primeiro governador Dom Lourenço de

Almeida, que substituiu ao conde de Assumar, capitão general de São Paulo, sob cuja administração se levantaram em Minas tantas desordens e descontentamentos, que tornou-se providencia necessaria constituir este territorio uma capitania independente d'aquella. A Dom Lourenço de Almeida succedêra em 1732 o conde das Galveias, que foi em 1735 substituido pelo celebrisado Gomes Freire de Andrade.

Foi este governador, que em execução das ordens enviadas da metropole, e inspiradas por Alexandre de Gusmão, extinguiu as casas de fundição e moeda, mudando a natureza do imposto do quinto do ouro, e admittindo o systema da capitação, que começou a executar-se no 4º de julho de 1735. Deixando depois a capitania de Minas para tomar conta do governo do Rio de Janeiro, administráram ali interinamente algumas juntas de pessoas gradas, até que em 1763 entrou Luiz Diogo Lobo da Silva para o cargo de governador e capitão general, havendo já sido elevados os governadores do Rio de Janeiro ao posto de vice-reis do Brazil, e centralisando-se por este feitio a administração de todo o estado.

No seu escriptorio de advogado lograva Claudio Manuel da Costa durante todo este tempo clientella immensa, reputação honrosa e influencia decidida; foi o que primeiro escreveu na lingua portugueza acerca da nova sciencia de economia politica, que acabava de apresentar á Europa o celebre Escossez Adão Smith: commentou Claudio Manuel da Costa o

Tratado da origem das riquezas das nações, publicado em Edimburgo, e remetteu o seu manuscripto para Lisboa, aonde foram a sua erudição e engenho apreciados e admirados pelos mais illustrados espiritos da epocha: escreveu tambem diversas memorias acerca da litteratura antiga e moderna, que mereceram grandes elogios dos contemporaneos, e provavam a sua variada instrucção em tantas e tão complicadas materias. Todas estas obras se não publicáram, ou porque eram dispendiosas as impressões, e não tinham a necessaria extracção, ou porque antes de ser dadas ao prelo, tendo de sujeitar-se á analyse e exame da commissão do Santo Officio, a quem incumbia a censura litteraria, não foram de certo facilmente aceitas as suas novas doutrinas; corriam assim mesmo manuscriptas de umas para outras mãos; extrahiam-se muitas copias d'ellas que giravam por toda a parte, e conseguia-se por esta forma uma especie de publicação, que não era a da imprensa, mas que não dava menos a conhecer ao mundo illustrado quem d'ellas fôra o auctor, adquirindo elle assim a fama que anhelava.

Menos se não occupava com as sciencias, do que com a poesia; o seu engenho, que déra origem a tão bellas producções na vida folgazona do estudante de Coimbra, inspirando-se com as melancolicas reminiscencias que pairam sobre esta cidade celebrisada, e que nunca poderá olvidar a historia, desdobrou vãos mais altivos e mais sonoros, no descanso e paz do

advogado, na idade da razão, e na terra da patria; si bem que mais felizes e poeticas lhe pareciam as margens decantadas do Mondego, do que as ribas frondosas do Carmo, que banha os pés de Marianna, enthusiasáram todavia tambem as limpidas aguas d'este rio o espirito de Claudio Manuel da Costa.

E quem foi pela Providencia dotado com esse espirito celeste, que anima e engrandece a existencia, doura os sonhos da vida, e vaga continuamente por um mundo de fantasia, pode por ventura suster-lhe os vãos, agrilhoar-lhe as azas, e gritar-lhe que páre?

É a imaginação humana a imagem mais perfeita do Creador: felizes aquelles que a recebem! Toca em herança a poucos uma tão bella partilha; não é porém o escolhido domno da força que recebeu; devora-o e arrasta-o uma chamma ardente e irresistivel; não lhe é permittido guardar em si e só para si os sentimentos e imagens que lhe borbulham na mente. Ha quem diga que não ha no mundo talento superior sem um gráu de loucura; a ser assim, é sem duvida tal loucura a parte divina da razão humana.

O conde de Valladares, que succedêra em 1768 no governo da capitania a Luiz Diogo Lobo da Silva, foi substituido em 1775 por Dom Antonio de Noronha: estavam tão solidamente firmados a reputação e credito de Claudio Manuel da Costa, que era pelos governadores procurado e consultado nas mais espinhosas providencias da administração, e entrando para o governo em 1780 Dom Rodrigo José

de Meneses, chamou-o para o logar de segundo secretario d'estado, a fim de se coadjuvar com as suas luzes e com a sua influencia.

Foi durante a administração d'este capitão general que começou a tornar-se sensível a diminuição da extracção do oiro, e difficullosa para o governo e pesada para o povo a arrecadação do imposto da capitação : já estavam as terras lavradas ha muitos annos, e não podiam produzir a mesma quantidade deste metal; os novos descobrimentos que então se fizeram de algumas faisqueiras para as margens do rio do Peixe, e dos ribeirões dos Arripiados, Santa Anna, São Lourenço, Santo Antonio e Alvarenga, comquanto promettessem uma futura e abundante colheita, não podiam satisfazer de prompto a importancia do imposto annuo, e menos liquidar os computos atrasados, e que se iam accumulando.

Este estado de cousas, que produzia mais ou menos irritação nos animos, e causava muito serios temores, continuou e cresceu durante a administração de Luiz da Cunha e Meneses, que succedeu em 1783 a Dom José Rodrigo de Meneses. Collocado em posição de conhecer e apreciar a natureza das ordens que vinham do governo portuguez para o capitão general de Minas, acerca d'este imposto, com que tanto se affligiam os povos mineiros, e se abasteciam os cofres da metropole, julgou Claudio Manuel que devia deixar o logar de secretario do estado, logo que Luiz da Cunha e Meneses entregou em 1788 a admi-

nistração da capitania ao seu substituto o visconde de Barbacena. Percorreu então quasi toda a capitania de São Paulo e de Minas Geráes, e retirou-se por fim para o descanso da vida de advogado.

Foi-se no emtanto formando a tentativa de revolução, a cuja frente se collocára o alferes Joaquim José da Silva Xavier, e com a qual sympathisáram os espiritos mais elevados da capitania de Minas. Não podiam deixar de partilha-la Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, todos distinctos poetas, intelligencias superiores, e amigos intimos : uniram elles as suas aspirações ás dos seus compatriotas que anhelavam sacudir o pesado jugo que os mortificava tanto.

Denunciada e descoberta a conjuração, foram presos todos os seus auctores. Achava-se Claudio Manuel da Costa muito doente de um ataque rheumatismal, no momento em que o arrancáram os soldados do leito e o leváram para a cadeia de Villa-Rica.

Tocava a sessenta annos a sua idade; não era o seu corpo capaz de resistir mais ao peso dos ferros, á humidade da prisão, á ausencia do ar, e a todos os encommodos que acompanham o desgraçado réo do crime d'estado; não era a sua alma resignada, e nem o seu espirito paciente; foram tão graves e profundas as impressões que o assaltáram, logo que o lançáram na masmorra immunda, misturado com os assassinos, salteadores e renegados de Deus e da sociedade, que se acovardou inteiramente o seu espirito.

rito, e desapareceu para elle toda a esperança de salvação.

Homens ha, que nas criticas circumstancias da vida chamam em seu soccorro todas as suas forças, e se tornam tão corajosos, que é essa epocha a do seu maior brilho : engrandece-se a alma, eleva-se o espirito, alarga-se o coração; auxiliam-se com as gloriosas reminiscencias que lhes apparecem a todo o dia, a toda a noite, a toda a hora, e a todo o instante; vagueiando-lhes nos sonhos pela phantasia, como esperanças douradas; susurrando-lhes ao ouvido durante os dias, como anjos companheiros : tange a imaginação as cordas da harpa suave, que reveste de mil côres melancolicas todas as scenas que vão os olhos presenciando : o vento, que murmura pelos tectos da triste prisão, o gemido do moxo agoureiro, que esvoaça em torno; os quebrados raios do sol, que rompem as frestas das paredes ennegrecidas, e que vem como amigos saudar o desditoso; os mesmos insectos, que praticando as suas industrias, alli acoitam os seus ninhos, desenrolam os seus delicados fios, e ignaros da vida, passam-na tranquilamente na atmosphaera carregada e sombria que os rodeia; ao passo que entretem a vista e a imaginação que são os olhos do presente, do passado e do futuro, consolam aos prisioneiros estes objectos todos, e os amparam contra a desesperação.

Não pertencia porém Claudio Manuel á classe d'esses homens robustos e corajosos de espirito :

conhecedor da legislação do seu paiz, não achou remedio para os seus males : preferiu como Chatterton deixar por si mesmo o mundo a soffrer n'elle as dôres e os martyrios. Suicidou-se na sua prisão poucos dias depois de haver entrado para ella, cerrando o pescoço com uma liga, e comprimindo a communicação de ar para os pulmões.

Si vigorassem então os principios da legislação criminal, que são acceitos actualmente por todos os jurisconsultos, e codigos das nações modernas, estaria para elle findo o processo : não abraçava porém essas ideias a legislação portugueza, e no accordam de 18 de abril de 1792, assim se exprimam os desembargadores a seu respeito :

« Mostra-se quanto ao réo Claudio Manuel da Costa, que supposto não assistisse nem figurasse nos conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e em casa do réo Domingos de Abreu, comtudo soube, e teve individual noticia e certeza, que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se um motim e levante, e estabelecer-se uma republica independente n'aquella capitania de Minas; proferindo o seu voto n'esta materia, nas torpes e execrandas conferencias que teve com o réo Alvarenga e o padre Carlos Correia de Toledo, tanto na sua propria casa, como na do réo Thomaz Antonio Gonzaga; consta do appenso n° 5° a fl. 7 da devassa d'esta cidade, e o confessou o réo no appenso n° 4° da devassa de Minas; em

cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, como consta do appenso n° 4° a fl. 11, e do appenso n° 5° a fl. 7; constituindo - se pelas ditas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes destinavam a factura das leis para a nova republica, consta a fl. 2 do appenso n° 23, e testemunhas de fl. 98 da devassa de Minas; e tão bem se reconheceu este réo criminoso de lesa magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo, que merecia pela qualidade do delicto, logo depois das primeiras perguntas, que lhe foram feitas, foi achado morto affogado no carcere com uma liga; consta do appenso n° 4°.

» Ao réo Claudio Manuel da Costa pois que se matou no carcere, declararam infame a sua memoria, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens por confiscados para o fisco e Camara Real. »

III.

Parece Claudio Manuel da Costa em grande parte das suas composições mais poeta da escola italiana do que vate brasileiro ou portuguez : nos seus sonetos que se ornão com uma dicção primorosa, bellissima rima e pensamentos poeticos, ha intimas inspirações e alguns rasgos altivos de Francisco Pe-

trarca; nas suas cançonetas voluptuosas, e nos seus idyllios delicados, como que se espraia o estro aperfeiçoado de João Baptista Guarini, ou a doçura phantastica do abbade Pedro Metastasio: nas suas lyras de amor, e nas eglogas pastoris, dir-se-ia que apparece o vôo harmonioso de Luiz Ariosto, e a elegancia sonora de João Boccacio.

Verdade é que elle folgava de manifestar o enthusiasmo que sentia pela litteratura italiana, e pela sua deliciosa lingua, cujos escriptores muito estudava, apreciava e citava; verdade é tambem, que a litteratura italiana faz erupção de quando em quando nas lettras portuguezas, e tem mais ou menos logrado os foros de influir sobre ellas, e influir poderosamente. Quasi que não ha poeta bucolico da lingua portugueza, a quem não tenham sido muito familiares os escriptos dos auctores italianos.

Em sonetos, n'estas rapidas e curtas composições de quatorze versos heroicos, que todo o mundo compõe e escreve na nossa lingua, pelos quães porém logram muito poucos a fortuna de deixar nomeada; em sonetos, que, por sua mesma facilidade de construcção, são difficultosos mais que nem-um outro genero de versificação para conseguir a perfeição desejada; em sonetos emfim nem-um poeta excedeu a Claudio Manuel da Costa. Não se arreceariam de certo Manuel Maria Barbosa de Bocage, Francisco Petrarca, Boscan e Garcilaso de la Vega, de que lhes fossem attribuidos os sonetos de Clau-

dio Manuel, tanto n'elles se liga e harmonisa tudo : é o pensamento verdadeiramente poetico; são as imagens pittorescas e appropriadas; as phrases cadentes, sonoras, e encadeiadas com toda a perfeição; é a rima harmoniosa, pura, limpida e tão completa, que acaba natural e suavemente o verso, e forma como que uma musica doce e sentimental, cuja toada deixa o espirito commovido, arrebatado o coração, e a alma curvada sob a impressão duradoura das suas melodias.

São só as linguas portugueza, castelhana e italiana, que descendendo directamente da lingua latina, conhecem o rhythmo musical do verso, e as palavras sonoras e caprichosas, como os sons melodiosos da orchestra : apprimora e brilha a lingua franceza pela clareza e limpidez da expressão, e pela simplicidade da palavra; são porém forçados o metro e a rima; não tem cadencia, e nem harmonia; como que é o verso prosa seguida, apenas terminando por uma consoante, e consoante sem matiz, sem fulgor, e sem melodia : é totalmente prosaica a lingua franceza, embora tenha a França produzido muitos poetas da primeira ordem, e do engenho mais subido : não podem por isso conhecer os Francezes a belleza de um soneto, ou de qualquer d'essas composições, em que a rima, a consonancia e a musica se dão braços para áperfeioa-las : tentáram varios poetas francezes antigos. e modernos acclimatar em França a poesia dos

sonetos; a lingua, porém, pelo avesso da musica e da harmonia, lhes faltou á inspiração e bons desejos, e não pode ir avante a tentativa: na lingua allemãe, e ainda menos na ingleza, não tem sido tambem possivel admittir-se este genero; n'aquella, porque tornam-se as palavras longas pela sua composição e organização, e destróe a collocação dos termos a consonancia e o desenvolvimento da poesia do soneto; n'esta, porque, e si bem que a habilidade de Lord Byron, e o engenho de Thomaz Moore apuráram a sua melodia, e lhe déram visos de poetica, no *Corsario*, em *Giaour*, em *Childe-Harold*, em *Parisina*, no *Prisioneiro de Chillon*, e em *Lalla Rookh*, não é compativel comtudo a especialidade do soneto com a existencia de notas barbarisadas, que difficultam a pronunciação e enfeiam a linguagem.

Não pode ser sublime a poesia do soneto; mas pode ser deliciosa e melancolica, como o ruido da cascata; doce, branda e agradavel como a aura da madrugada; triste e sombria como o aspecto do cypreste: para se conseguir porém esse resultado, releva que ao genero se appropriate a lingua, a musica das palavras o acompanhe, a consonancia do verso o ampare, e a rima da ultima syllaba o aperfeioe: é de facil composição, e por essa mesma razão, de perfeição difficultosa.

Consequio Claudio Manuel da Costa aperfeioar o soneto portuguez, de modo a si não exceder,

rivalisar ao menos com os de Francisco Petrarca. É Bocage talvez mais harmonioso na phrase, menos completo porém na poesia e no sentimento.

Leiam-se os sonetos de Claudio Manuel da Costa, e julgue-se do seu merecimento com justiça e imparcialidade.

Nize, Nize, aonde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! si ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suavé, que respira!
Nize, cuido que diz... mas é mentira!
Nize, cuidei que ouvia... e tal não era?

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura!
Nem ao menos o echo me responde!
Ah! como é certo a minha desventura!
Nize, Nize, onde estás? Aonde, aonde?

Onde estou? Este sitio desconheço:
Quem fez tão differente aquelle prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contempla-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve: eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado:
Alli em valle o monte está mudado:
Quanto pode dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes!

Eu me engano : a região esta não era :
 Mas que venho a estranhar , si estão presentes
 Meus males , com que tudo degenera!

Apressa-se a tocar o caminhante
 O pouso , que lhe marca a luz do dia ;
 E da sua esperança se confia ,
 Que chegue a entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
 Na longa , duvidosa e incerta via ;
 Nem este atravessando a região fria ,
 Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado ,
 Um se verá sobre a segura areia ,
 Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só , tendo de penas a alma cheia ,
 Não tenho que esperar ; que o meu cuidado
 Faz que gire sem norte a minha ideia.

Este é o rio , a montanha é esta ,
 Estes os troncos , estes os rochedos ;
 São estes inda os mesmos arvoredos ;
 Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta ,
 Rio , montanha , troncos e penedos ;
 Que de amor nos suavissimos enredos
 Foi scena alegre , e urna é já funesta.

Oh ! quão lembrado estou de haver subido
 Aquelle monte , e as vèzes que baixando
 Deixei do pranto o valle humedecido !

Tudo me está a memoria retratando ;
 Que da mesma saudade o infame ruido
 Vem as mortas especies despertando.

Aquelle, que enfermou de desgraçado,
 Não espere encontrar ventura alguma :
 Que o Céu ninguém consente que presume,
 Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gire o espirito cansado
 Atraz de algum prazer, por mais em summa,
 Que porfie, trabalhe e se consuma,
 Mudança não verá do triste estado,
 Não basta algum valor, arte ou engenho,
 A suspender o ardor com que se move
 A infausta roda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças prove,
 Que ha de fazer o temerario empenho,
 Onde o raio é do Céu, a mão de Jove?

Breves horas, Amor, ha que eu gozava
 A gloria, que minha alma apetezia ;
 E sem desconfiar da alevosia ,
 Teu ligeiro obsequio acreditava.

Eu só á minha dita me egualava ;
 Pois assim avultava, assim crescia,
 Que nas scenas, que então me offerecia,
 O maior gosto e o maior bem gozava.

Fugio, faltou-me o bem ; já descomposta
 Da vaidade a brilhante architectura,
 Vê-se a ruina ao desengano exposta :

Que ligeira acabou ! Que mal segura !
 Mas que venho a estranhar, si estava posta
 Minha esperança em mãos da formosura !

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia
 Na muda solidão d'este arvoredado,
 Communicuei comvosco o meu segredo,
 E apenas brando o Zephyro me ouvia.

Com lagrimas meu peito enternecia
A dureza fatal d'este rochedo,
E sobre ella uma tarde triste quedo,
A causa do meu mal eu escrevia.

Agora torno a ver si a pedra dura
Conserva ainda intacta essa memoria
Que debuxou então minha sculptura.

Que vejo! Esta é a cifra : triste gloria!
Para ser mais cruel a desventura,
Se fará immortal a minha historia.

Polir na guerra o barbaro gentio,
Que as leis quasi ignorou da natureza;
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a gloria, o esforço, o brio,
Do russo heroe, esta a grandeza,
Que egualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceu as desgraças de Dario :

Mas si a lei do heroismo se procura,
Si da virtude o espirito se attende,
Outra ideia, outra maxima o segura :

Lá vive onde no ferro não se accende,
Vive na paz dos povos, na brandura :
Vós a ensináes, ó rei! em vós se apprende.

D'estes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci : ó quem cuidára
Que entre penhas tão duras se criára
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empreza
Tomou logo render-me ; elle declára
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o damno ,
 A que dava occasião minha brandura ,
 Nunca pude fugir ao cego enganò :

Vós, que ostentáes a condição mais dura ,
 Temei, penhas, temei; que amor tyrano ,
 Onde ha mais resistencia mais se apura.

Campos, que ao respirar meu triste peito
 Murcha e secca tornaes vossa verdura ,
 Não vos assuste a pallida figura ,
 Cosa que meu rosto vedes tão desfeito.

Vós me vistes um dia o doce effeito
 Cantar do Deos de amor e de ventura ;
 Isso já se acabou : nada já dura :
 Que tudo á vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda emfim : nada ha que seja
 De tão nobre, tão firme segurança ,
 Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Esta ordem natural a tudo alcança ;
 E si alguém um prodigio ver deseja ,
 Veja-meu mal, que só não tem mudança.

Quando cheios de gosto e de alegria
 Estes campos diviso florescentes ,
 Então me vem as lagrimas ardentes
 Com mais ancia , mais dôr, mais agonia.

Aquelle mesmo objecto, que desvia
 Do humano peito as magoas inclementes ,
 Esse mesmo em imagens differentes
 Toda a minha tristeza desafia.

Si das flores a bella contextura
 Esmalta o campo na melhor fragrancia ,
 Para dar uma ideia da ventura ,

Como, ó Céos! para os ver terei constancia,
Si cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia?

Nas canções ou cantatas que escreveu Claudio Manuel da Costa agrada ainda mais e mais electriza o leitor; algumas d'ellas podem rivalisar com as mais melodiosas de Pedro Metastasio e com a celebrisada *Dido* de Pedro Antonio Correia Garção: Nize é sempre a sombra que fagueira e bella o inspira e enthusiasma: é Nize a divindade que creou a sua poetica phantasia, para dedicar-lhe os seus sonhos d'ouro e os seus suspiros de amor; é Nise a sua nympha, que de noite á cabeceira lhe exalta a imaginação, e que de dia como anjo puro o ampara e sustenta na vida, o chama ao trabalho, e o arrasta á poesia: convêm dizer que são muitas d'estas cantatas exageradas na expressão, excessivas no desenvolvimento, e açucaradas na linguagem; são porém outras o que tem produzido a imaginação humana de mais perfeito e animado em semelhante genero.

CANTATA.

Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No cristal d'essa fonte. Ella te engana;
Pois retrata o suave
E encobre o rigoroso: os olhos bellos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito,
Gemer um coração; verás uma alma

Anciosa suspirar; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.

Observa bem, contempla

Toda a misera estampa : retratada

Em uma copia viva

Verás distincta e pura,

Nize cruel, a tua formosura.

ARIA.

Não te engane, ó bella Nize,

O cristal da fonte amena;

Que essa fonte é mui serena,

É mui brando esse cristal.

Si assim como vês teu rosto,

Viras, Nize, os seus effeitos,

Pode ser que em nossos peitos

O tormento fosse igual!

O que contém as composições de Guarini, as cançonetas de Metastasio, as poesias de Sannazaro, de Boscan e de Garcilaso, de mais bello e de mais original? Confundem-se e brilham todos os generos n'esta linda canção; os vôos lyricos de Petrarca ou Gonzaga, a simplicidade bucolica de Reis Quita, Diogo Bernardes ou Rodrigues Lobo, a harmonia do *Pastor fido*, a melodia de Metastasio, os suspiros melancolicos da *Aminta*, e a delicadeza elegante e phantastica do Ariosto : si em uma ou em outra das suas canções exaggerou a eschola de Luiz Gongora a expressão dos sentimentos e a verdade da natureza, pode-se affoitamente dizer que n'essa, que acabamos de citar, e em varias outras,

é bello tudo, bem appropriado, e acabado artisticamente.

Nas eglogas propriamente ditas não foi tão feliz Claudio Manuel da Costa; não que lhe faltassem engenho, ou aprimoradas descripções; mas por que são ellas puras imitações das eglogas de Virgilio, sem que á copia assista o merito do poeta de Mantua; desgraça é que em Portugal se tenha tanto usado d'este genero de poesia, que não passa de publica forma da poesia latina; poucas, muito poucas eglogas modernas encerram bellezas que lhes dêem vida e immortalidade: exceptuem-se algumas eglogas de Bernardim Ribeiro, de Luiz de Camões e de Diogo Bernardes, e nas linguas estrangeiras, de Gessner, de Sannazaro e de Garcilaso, e conhecer-se-ha o acerto da nossa opinião: é um verdadeiro genero bastardo, em que a imaginação se desespera e perde a poesia o seu halito perfumado e o seu roseo colorido: pastores e pastoras, que em continuado dialogo recitam versos, ora galantes e enamorados, e ora cheios de pensamentos avessos a seus costumes, superiores á sua condição, fóra da verdade, e fóra da natureza: desde as personagens que nas eglogas figuram, até os sentimentos e ideias que n'ellas se encerram, é ficticio tudo, é tudo anomalo.

Felizmente que para se desferrar, nos apresenta Claudio Manuel da Costa uma collecção de cantatas lyricas, nas quaes se eleva e purifica o seu talento,

brilhando com muito fulgor o engenho poetico e primoroso com que o brindára a natureza.

Em uma cantata exprime admiravelmente o seu desprezo pela lyra, que fôra os seus amores de outra idade; tinha-lhe sido ingrata a lyra, elle a abandona e quebra; perdeu o cantico toda a sua harmonia; como que um adeus lhe escapa dos labios para o objecto de seu desprezo; em seguimento a esta cantata, escreveu o poeta outra, em que acaba os versos pelas mesmas palavras, mas em sentido inteiramente opposto, e pintando o arrependimento do seu acto, implora perdão á lyra, e exclama:

Vem, adorada lyra,
 Inspira-me o teu canto;
 Só tu, a impulso tanto,
 Todo o prazer me dás.
 Já a alma não suspira;
 Pois chega a escutar-te;
 De todo, ou já em parte
 Vai-se ausentando o mal.

Não cuides que te nego
 Tributos de outra idade:
 A tua suavidade
 Eu sei inda adorar;
 D'esse perdido emprego
 Eu busco o encanto amado;
 Amando o meu cuidado,
 Jamais te hei de deixar.

Vê de meu fogo ardente
 Qual é o activo imperio;
 Que em todo este hemispherio
 Se attende respirar.

O coração , que sente
 Aquelle incendio antigo ,
 No mesmo mal , que sigo ,
 Todo o favor me dá.

Si tanto bem confesso ,
 Ou seja noite , ou dia ,
 Jamais tua harmonia
 Espero abandonar.

Não ha de a tanto excesso ,
 Não ha de , não ; minha alma ,
 D'esta amorosa calma
 Meus olhos serenar.

Ah ! quantas ancias , quantas
 Agora despertando ,
 A teu impulso brando ,
 Eu venho a temperar !

No gosto que me encantas ,
 Suavissimo instrumento ,
 Em ti só busco alento ,
 Que eterno me serás.

Contigo partir quero
 As magoas de meu peito ,
 Quanto diverso effeito
 Do que provaste já !

Não me cuides tu ingrato ,
 Por que já eu quiz quebrar-te ;
 No meu delirio em parte
 Desculpa tem meu mal.

Si tu só de minha alma
 O caro amor sabias ,
 Contigo só meus dias
 Eterno hei de alentar.

Bem que ameace a calma ,
 Fatal tormenta escura ,
 Na minha desventura
 Jamais naufragarás.

Clamar, a cada instante,
 O nome que me ouvia,
 Ou seja noite, ou dia,
 O bosque me ouvirá.
 Bem que a meu culto amante
 Resista o desengano,
 O voto soberano
 Te espero tributar.

Não temas, que deixada
 Te occupe este arvoredo,
 Onde o meu triste enredo
 O fado tecerá;
 Conhece, ó lyra amada,
 O affecto que me inspiras;
 Na mesma paz, que tiras,
 Me dás a melhor paz.

Na cantata dos adeuses, sustenta o poeta a sua força e pureza; ha em quasi todas as composições de Claudio Manuel da Costa um colorido melancolico e saudoso que agrada e encanta: desenham-se langorosamente os seus adeuses, e dentro d'alma imprime a consonancia do verso uma doce e profunda emoção:

Adeus, idolo amado,
 Adeus; que o meu destino
 Me leva peregrino
 A não te ver já mais.
 Sei, que é tormento ingrato
 Deixar teu fino trato;
 Mas quando é, que tu viste
 Um triste
 Respirar?
 Tu ficas; eu me ausento;
 E n'esta despedida

Si não se acaba a vida,

É só por mais penar.

De tanto mal, e tanto,

Alivio é só o pranto :

Mas quando é, que tu viste

Um triste

Respirar?

Quantas memorias, quantas,

Agora despertando,

Me vem acompanhando

Por mais me atormentar!

Faria o esquecimento

Menor o meu tormento :

Mas quando é, que tu viste

Um triste

Respirar !

Girando esta montanha,

Os sitios estou vendo,

Aonde amor tecendo

Seu doce enredo está.

Aqui me occorre a fonte,

Alli me lembra o monte :

Mas quando é, que tu viste

Um triste

Respirar?

Tem tambem Claudio Manuel da Costa algumas odes, que lhe dão avantajado logar entre os poetas; a que dirige ás cinzas de Alexandre parece-nos a mais altiva e sonora; os epicedios ao amigo que morreu, e ao conde de Bobadella, distinguem-se no seu genero, e honram o nome do poeta.

Si bem que prime pelas admiraveis descripções que appresenta, e pelas noções historicas que offerece acerca da capitania de Minas; si bem que con-

tenha verdadeiras bellezas da versificação, não merece todavia o poema de *Villa-Rica* as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portugueza, em que brilham o *Cerco do Diu*, o *Caramurú*, o *Naufragio de Sepulveda*, *Malacca conquistada*, o *Uruguay*, *Affonso Africano*, a *Elegiada*, *Ulissea*, *Camões* e *Donna Branca*. Nota-se ainda n'elle uma falta de colorido local, que dôe no fundo d'alma, e de invenção, que demonstra que não era o espirito do poeta para este genero de poesia.

Mais linda e perfeita é então a sua allegoria do *Ribeirão do Carmo*, cheia toda de imagens delicadas, faceira e fermosa como uma fada; é o genio brasileiro que obrigou o poeta a abandonar as inspirações da litteratura italiana, e as saudades das margens do Tejo, do Mondego e do Lima, applicando os seus pinceis e as suas doiradas tintas aos paineis riquissimos que offerece por toda a parte a magestade do Brazil. Rivalisa n'esta allegoria com Antonio Diniz da Cruz e Silva, que tendo vindo ao Brazil para ser juiz, tendo sido um dos desembargadores que condemnáram a sua memoria, e conservando-se no Rio de Janeiro chanceler da Relação, inspirou-se tambem de tantas, tão bellas e tão variadas scenas da natureza, e escreveu diversas fabulas, com o titulo de *Metamorphoses brazileiras*, que, e mais o seu poema do *Hyssope*, constituem os florões mais bellos da sua corôa poetica.

A alegoria do *Ribeirão do Carmo* precede um soneto admiravel.

Leia a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio :
Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um alamo copado ;
Não vês nympha cantar, pastar o gado,
Na tarde clara do caloroso estio?
Turvo banhando as palidas areias
Nas porções do riquissimo thesoiro,
O vasto campo da ambição recreias :
Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quando em chammas fecunda, brota em oiro.

Descreve depois o poeta o nascimento do Ribeirão, sua alegre infancia, e os seus risos juvenis; passa á historia de seus amores desgraçados pela ingrata Eulina, que lhe roubára Apollo; pinta a desesperação, que o arrasta a amaldiçoar o deus, que em vingança insinua os homens a romper-lhe as entranhas, e a procurar dentro do seu seio o oiro delicado, e as pedras preciosas que tanto ambicionam; e as dôres que soffre o rio, que mistura com sangue as suas aguas, despeja-as pelas verdes planicies das proximidades da cidade de Marianna, e por fim, enlouquecido, despenha-se da altura immensuravel, e morre precipitado nos rochedos: embora uma ou outra veste ou imagem da mythologia grega substitua a expressão candida, singela e pura da lingua-

gem portugueza, é esta allegoria um bello e verdadeiro ramalhete de poesia.

Escreveu Claudio Manuel da Costa tantas composições poeticas, que tornar-se-ia fastidiosa e sem interesse a analyse de cada uma; pelas que acabamos de examinar, podemos firmar opinião dos meritos do poeta, e admirar sua imaginação brilhante, e phantasia doirada: é sem duvida um dos primeiros vates da poesia portugueza aquelle que á sua lyra suave e sonora dedicou estes admiraveis e ultimos versos:

Aqui d'este salgueiro
 Pendente ficarás, o lyra minha!
 Tu, que foste primeiro,
 Emquanto amor convinha,
 Alivio de meus males,
 Ferindo os montes, abalando os vales,
 De todo já deixada,

Nem siquer nas imagens da memoria
 Viverás retratada;
 De tanta antiga gloria
 Si consultada fores,
 As delicias aponta nos horrores.

Será lingua eloquente
 A mesma face macilenta: o rosto
 Do meu mal inclemente,
 Pela voz do desgosto,
 Com a muda harmonia
 Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro
 Em ti as debeis linhas estendendo,
 Cubra teu centro impuro,

Que accorde respondendo
Do verso as consonancias,
Tantas vêzes ouviu as minhas ancias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza;
De ti não se retire
A funebre aspereza
D'aquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino.

São contestes todos os escriptores que escreveram a respeito da litteratura portugueza acerca do merecimento das poesias de Claudio Manuel da Costa. Estrangeiros, como Bouterweck, Balbi, Fernando Denis e Sismondi, o citam e exaltam. Portuguezes, como Almeida-Garrett, e Costa e Sá, tecem-lhe os maiores elogios. Recommenda-o como classico a Academia real de sciencias de Lisboa. É indubitavelmente um dos poetas mais illustres que produzio o solo americano.



O livro de Mangel de Costa, publicado em 1911, é um dos poucos que se destacam no campo da literatura portuguesa escrita do norte. O autor, nascido em 1874, em Vila Rica, Pernambuco, é um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa do século XIX. O livro, intitulado "O Livro de Mangel de Costa", é uma obra de grande importância para a história da literatura portuguesa. O autor, nascido em 1874, em Vila Rica, Pernambuco, é um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa do século XIX. O livro, intitulado "O Livro de Mangel de Costa", é uma obra de grande importância para a história da literatura portuguesa.

O livro de Mangel de Costa, publicado em 1911, é um dos poucos que se destacam no campo da literatura portuguesa escrita do norte. O autor, nascido em 1874, em Vila Rica, Pernambuco, é um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa do século XIX. O livro, intitulado "O Livro de Mangel de Costa", é uma obra de grande importância para a história da literatura portuguesa. O autor, nascido em 1874, em Vila Rica, Pernambuco, é um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa do século XIX. O livro, intitulado "O Livro de Mangel de Costa", é uma obra de grande importância para a história da literatura portuguesa.

VII.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

I.

Era Thomaz Antonio Gonzaga de estatura pequena, e cheio de corpo : tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues, vivos e penetrantes; encantava com a sua conversação alegre, jovial e engraçada; attrahiam-lhe todos os corações as suas maneiras delicadas e polidas.

Aonde nasceu? Foi esta questão suscitada, e debatida com toda a força, e esteve indecisa até agora entre os litteratos. É uma das suas glorias, que, depois de sua morte, tanto o Brazil como Portugal disputáram e pleiteiáram a honra de haver sido seu berço; invidáram suas forças os sabios de ambos os paizes, procurando revendicar para sua nação o nascimento de Gonzaga.

Verificamos porém que nascêra Thomaz Antonio Gonzaga em agosto de 1744, na cidade de Porto, e fôra ahi baptisado em 2 de septeembro, na freguezia de São Pedro (4).

Era seu pai João Bernardo Gonzaga, natural do

Rio de Janeiro, e casado com Dona Thomasia Isabel Gonzaga; exercêra logares de juiz de fóra em Angola, Cabo Verde, e em Pernambuco; fôra provido no anno de 1745 no emprego de ouvidor na cidade de Porto; foi despachado em 1759 desembargador da Relação da Bahia. É certo que a infancia de Thomaz Antonio Gonzaga passou-se na Bahia, porque elle mesmo em seus versos o declara :

Pintam que os mares sulco da Bahia,

Aonde passei a flor da minha idade :

Que descubro as palmeiras, e em dous bairros

Partida a grão cidade.

Seria por tanto no tempo em que n'esta cidade seguia seu pai a carreira da magistratura. Estão comprovados todos estes factos tanto por um documento que possuímos escripto de seu proprio punho, em Moçambique (2), como pela declaração do livro dos matriculas da universidade de Coimbra (3).

Apenas chegou Thomaz Antonio Gonzaga á idade de seguir os estudos universitarios, deixou o Brazil, dirigiu-se para Coimbra, formou-se em leis ao anno de 1763, e conseguindo reputação de talentoso, obteve, depois de exercer por alguns annos logares de juiz de fóra na cidade de Beja, e outros termos de Portugal, o despacho de ouvidor para Villa-Rica, para onde se passou, e aonde residu sempre até o momento em que foi preso, como indiciado na tentativa de revolução de que era cabeça Joaquim José da Silva Xavier.

Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? Participa tambem o Brazil da sua gloria, porque foi o Brazil a terra de seu pai; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga a sua infancia, e quasi toda a sua vida; e porque pelo Brazil padeceu e penou quando se ligou com outros Brasileiros anciosos de libertar a sua patria do jugo portuguez, e declara-la independente.

Não nasceram os dous Chénier em Constantinopla, e a França se não gloria com seus nomes, por que fôra seu pai Francez? — Não deixou Benjamin Constant o seu berço na Suissa, e não entra no Pantheon dos escriptores e publicistas francezes? Não é natural de Turim o duque de Palmela, diplomata e estadista reputado de Portugal?

Como ouvidor de Villa-Rica, gozou Thomaz Antonio Gonzaga de reputação illibada; eram os seus talentos apreciados geralmente, e reconhecida a sua instrução; por todos os governadores, com quem serviu, costumava ser consultado nos mais espinhosos e complicados negocios da administração publica.

Seus collegas e antigos companheiros de estudos, quando tratáram de o julgar, sacrificáram ao dever e ao medo os sentimentos da amizade; o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, predilecto como elle das musas, não vacillou no voto contra o seu amigo da universidade e o seu irmão em poesia: confessou Thomaz Antonio Gonzaga ter sciencia da premeditada revolução, mas que a considerára hy-

pothetica; negou porém ter aconselhado ao intendente que lançasse a derrama do oiro, e cobrasse as dividas atrasadas, de accordo com os conjurados, e para o fim de excitar descontentamento no povo contra a administração; declarou mesmo, que não concordára, e menos fôra cúmplice dos planos dos descontentes.

Perdeu porém a Gonzaga a sua grande reputação de talentos e luzes, e a amizade que o prendia a Ignacio José de Alvarenga Peixoto e a Claudio Manuel da Costa, dous dos principaes revolucionarios: não foram acceitas suas declarações, apesar mesmo de roboradas por depoimentos contestes de alguns conjurados: preferiram os juizes dar valor aos indicios que se levantavam contra elle.

Eis, a seu respeito, as proprias palavras do accordam da Relação lavrado no processo:

« Quanto ao réo Thomaz Antonio Gonzaga, que por todos os mais réos conteúdos n'estas devassas era geralmente reputado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigi-la, e de encarregar-se do estabelecimento da nova republica; e supposto que esta voz geral que corria entre os conjurados nascesse principalmente das asseverações dos réos Carlos Correia de Toledo e do alferes Tiradentes, e ambos negassem nos appensos n.ºs 4.º e 5.º que o réo entrasse na conjuração, ou assistisse a algum dos conventiculos que se fizeram em casa dos réos Francisco de Paula e Domingos de Abreu, accres-

centando o padre Correia que dizia aos socios da conjuração, que este réo entrava n'ella, para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talentos, capaz de os dirigir, e o réo Tiradentes que não negaria o que soubesse para o inhibir da culpa, sendo seu inimigo por causa de uma queixa, que d'elle fez ao governador Luiz da Cunha Menezes, e egual retractação fizesse o réo Alvarenga na acareação do appenso n.º 7.º, pois tendo declarado no appenso n.º 4.º que este réo estivera em um dos conventiculos, que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e que n'elle o encarregára da factura das leis para a nova republica, na dita acareação não sustentou o que tinha declarado, dizendo que bem podia enganar-se; e todos os mais réos sustentem com firmeza, que nunca este réo assistira, nem entrára em algum dos ditos abominaveis conventiculos, comtudo não pode o réo considerar-se livre de culpa pelos fortes indicios que contra elle resultam; por quanto, 1.º mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os réos o lançamento da derrama, pelo descontentamentó que suppunham que causaria no povo, este réo foi acerrimo perseguidor do intendente procurador da fazenda para que requeresse o dita derrama, e parecendo-lhe talvez que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de um anno, instava com o mesmo intendente para que requeresse

por toda a divida, porque então seria evidente que ella não poderia pagar-se, e a junta da fazenda daria contas a dita senhora, como diz no appenso n° 7°; comtudo d'esta mesma razão se conhece a cavilação do animo d'este réo, pois para se saber que a divida toda era tão avultada, que o povo não podia paga-la, e dar a junta da fazenda conta á dita senhora, não era necessario que o intendente requeresse a derrama, porém do requerimento do mesmo intendente é que verosimilmente esperavam os réos, que principiasse a inquietação logo no povo, e pelo menos os conjurados reputavam as instancias que o réo fazia, para ter logar a rebellião, como jura a testemunha de fl. 29 da devassa de Minas;—2° mostra-se mais dos appensos n°s 4° e 8°, que jantando o réo um dia em casa do réo Claudio Manuel da Costa com o conego Luiz Vieira, o intendente e o réo Alvarenga, foram todos ao depois de jantar para uma varanda, excepto o intendente, que ficou passeando em uma sala immediata, e principiando na dita varanda entre os réos a pratica sobre a rebellião, advertiu o réo Alvarenga, que se não continuasse a fallar na materia, porque poderia perceber o dito intendente; mas não houve duvida em principiar a pratica, nem tambem a havia na presença d'este réo, signal evidente de que estavam os réos certos que a pratica não era nova para o réo, nem temiam que elle os denunciasse, assim como se

temeram e acauteláram do intendente, tendo o mesmo réo já dado a mesma prova de que sabia o que estava ajustado entre os conjurados, quando em sua propria casa, estando presente o réo Alvarenga, perguntou o conego Luiz Vieira pelo levante, e o réo lhe respondeu, que a occasião se tinha perdido pela suspensão do lançamento da derrama, não lhe fazendo novidade que houvesse ideia de se fazer levante, e que elle estava ajustado para a occasião em que se lançasse a derrama : e ultimamente 3º mostra-se pelo appenso nº 4º das perguntas feitas ao réo Claudio Manuel da Costa, ainda que n'estas houve defeito de se lhe não dar o juramento pelo que respeita a terceiro, que muitas vêzes fallavam com o réo sobre o levante, o que o réo não se atreveu a negar nas perguntas que se lhe fizeram no appenso nº 7º, confessando depois, que algumas vêzes fallara e ouvira fallar a alguns dos réos hypotheticamente sobre o levante, sendo incrível que um homem letrado e de instrucção deixasse de advertir que o animo, com que se proferem as palavras, é occulto aos homens, que semelhante pratica não podia deixar de ser criminosa, especialmente na occasião em que o réo suppunha que o povo se desgostaria com a derrama; e que ainda quando o réo fallasse hypotheticamente, o que é inaveriguavel, esse seria um dos modos de aconselhar aos conjurados; porque dos embaraços, ou meios que o réo hypothetica-

mente ponderasse para o levante, podiam resultar luzes para que elle se executasse por quem tivesse esse animo, que o réo sabia, que não faltaria em muitos se lançasse a derrama. »

Foi condemnado Thomaz Antonio Gonzaga pelo accordam de 18 de abril de 1792 a degredo perpetuo para as Pedras de Angoche; modificou-se depois a sentença por outro accordam de 2 de maio, que reduziu a dez annos o tempo do degredo, e trocou as Pedras de Angoche por Moçambique.

Empresa impossivel seria descrever as dôres e os tormentos que soffreu Gonzaga na sua prisão: o homem que occupava emprego elevado, e posição honrosa na sociedade; que acabava de ser despachado desembargador para a Bahia, preso de repente, carregado de ferros, confundido com toda a casta de criminosos, arrancado a Villa-Rica, aonde, segundo revelam os seus versos, tinha uns amores que não escondia (4), e que o occupavam á tanto tempo, e lhe haviam inspirado canções tão bellas e tão maviosas; amores que se tornáram tão celebrisados, como os de Hero e Leandro, de Heloisa e Abeilard, de Laura e Petrarca, e de Beatriz e Dante; amores que o acompanháram á cadeia do Rio de Janeiro, ahí animáram ainda o seu pensamento poetico, e lhe arrancáram versos de belleza incomparavel, e do rhythmo mais melodioso...

Quando se lhe leu a sentença de degredo; quando soube que baqueiára a sua causa, e que era preciso

deixar a terra amada, e abandonar a adorada Marília; não tiveram limites as dôres do seu coração e a desesperação da sua alma : vagava-lhe até então no pensamento a esperança ainda de salvação, que felizmente ampara o homem nas mais arriscadas crises da sua existencia; da sua escura masmorra pedia Gonzaga ao seu sonoro passarinho, que atravessasse as serras da Estrella, e fosse levar a Villa-Rica as suas saudades a

N'uma palavra, a que vires

Entre todas mais fermosa :

Chega então ao seu ouvido,

Dize que sou quem te mando,

Que vivo n'esta masmorra,

Mas sem allivio penando...

Seccou-lhe a fatal sentença a esperança que ainda o alimentava : deslizáram-se os ultimos canticos no seu adeus; foi a voz do cysne no termo da agonia : amarga desesperação o inspirou, e lhe revolveu todo o pensamento.

Leu-se-me enfim a sentença

Pela desgraça firmada :

Adeus, Marília adorada!

Vil desterro vou soffrer.

Ausente de ti, Marília,

Que farei? Irei morrer.

Que va para longes terras

Intimarem-me eu ouvi :

E a pena que então senti

Justos céos! não sei dizer.

Ausente de ti, Marília,

Que farei? Irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me está dizendo a desgraça
Que nunca mais te hei de ver.

Ausente de ti, Marilia,
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.

Ausente de ti, Marilia,
Que farei? Irei morrer.

Viveu quinze annos em Moçambique, mas não passou esse viver de uma vegetação animal : jazeu sempre engolfado o seu pensamento em uma negra melancolia ; trouxeram-lhe ao principio os ares do exilio uma grave enfermidade ; esteve decidido e desenganado de que se lhe acabava a vida!...

Melhor fôra talvez isso! — Quando o corpo reganhou forças, desamparou-o o espirito : nem Marilia, nem o Brazil, e nem a poesia lhe correram mais á lembrança : casou-se com Dona Julianna de Sousa Mascarenhas, e esta nova existencia o não trouxe á vida real, e ao pleno e perfeito gozo d'ella : de quando em quando, com a mudança das estações, cahia em accessos de furia, chorava, gritava, maltratava-se, e feria-se com as unhas e com os dentes... Estava louco.

No anno de 1809 expirou, e foi enterrado na sé de Moçambique.

II.

Como a vida de Thomaz Antonio Gonzaga, tem duas phases bem diversas e bem definidas as suas poesias : explica-se, desenha-se, e manifesta-se qual-quer d'ellas nas suas lyras admiraveis. A primeira epocha de sua vida chega a sua prisão em 1789; é toda de prazeres, de risos, de divertimentos, de alegrias e de amores; espelha-se em uns versos faceis e languidos, limpidos e faceiros; reflecte-se, como em fonte cristallina, n'essas lyras suaves e melodiosas, em que, transformado em pastor, passa os dias tecendo grinaldas e ornando corôas para offerer a sua bella Marilia, saudando o seu casal, solfejando as suas delicias, e admirando as suas brancas ovelhinhas, extasiado todo com a sua sorte ditosa.

Assemelhava-se aos menestreis da idade media, para quem se cifrava a vida no descantar de amores, sem que uma nuvem de tristeza lhes embargasse a menor alegria, e a quem pouco importava o mundo com as suas transmutações, a existencia com as suas scenas variadas, e o futuro, ainda que ennegrecido e ameaçador; são anacreonticas, bucolicas, amorosas, joviâes e pastoris quasi todas as poesias que escreveu Gonzaga n'esta epocha.

Irás á divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve somno em teu regaço.

Em quanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora
Sem deixar uma rez o nedio gado;
Já d'estes bens, Marilia, não preciso;
Não me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta,
Que os olhos movas, e me dês um riso!

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Mas tendo tantos dotes de ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado,
Vale mais que um rebanho, e mais que um throno!

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Ha n'essas pequenas lyras, que elle denominou de Dirceu a Marilia, tanta cousa linda e encantadora, que rivalisam sem duvida com as canções mais puras e delicadas de Francisco Petrarca.

Verdade é que muita semelhança existe na vida e nas obras d'estes dous poetas; cantava os seus alegres amores Francisco Petrarca nos braços da sua

Laura bella, pelos prados de Avinhão, e nas torrentes solitarias de Vauclusa; quando Laura o inspirava, era Laura para elle o mundo; cifrava-se, e resumia-se tudo n'ella; solfejava Thomaz Antonio Gonzaga as suas melodias deliciosas em honra de sua Marilia, nos amenos valles de Villa-Rica; eram repassadas todas pela linguagem mais pura da paixão, e levavam ao objecto do seu amor os mais doces e ternos suspiros. Quantos retratos faziam um e outro continuamente! Quantas divinas descripções mereceu a fermosa Laura! Quantas pinturas sublimes obteve a bella Marilia!

I.

A pintar as negras transas,
 Peço que mais te desvelles
 Pinta chusmas de amorinhos,
 Pelos seus fios trepando;
 Uns tecendo cordas d'elles,
 Outros com elles brincando.

Para pintares ao vivo
 As suas faces mimosas,
 A discreta natureza
 Que providencia não teve!
 Creou no jardim as rosas,
 Fez o lirio, e fez a neve!

Para pintares, Glauceste,
 Os seus beijos preciosos,
 Entre as flores tens o cravo,
 Entre as pedras a granada,
 E para os olhos fermosos,
 A estrella da madrugada.

II.

Os seus cumpridos cabellos ,
 Que sobre as costas ondeiam ,
 São que os d'Apollo mais bellos ;
 Mas de loura côr não são.
 Tem a côr da negra noite ;
 E com o branco do rosto
 Fazem , meu bem , um composto
 Da mais fermosa união.

Tem redonda e lisa a testa ,
 Arqueadas sobranceilhas ;
 A voz meiga , a vista honesta ,
 E seus olhos são uns sóes.
 Aqui vence amor no Céu ,
 Que no dia luminoso
 O Céu tem um sol fermoso ,
 E o travesso amor dous sóes.

Na sua face mimosa ,
 Meu bem , estão misturadas
 Purpureas folhas de rosa ,
 Brancas folhas de jasmim.
 Dos rubins mais preciosos ,
 Os seus beiços são formados ;
 Os seus dentes delicados
 São pedaços de marfim.

III.

O vento , quando parte em largas fitas
 As folhas , que meneia com brandura ;
 A fonte cristallina
 Que sobre a pedra cahe d'immensa altura ;
 Não forma um som tão doce , como forma
 A tua voz divina.

As abelhas nas azas suspendidas
 Tirão , Marilia , os succos saborosos

Das orvalhadas flores :
 Pendentes dos teus beijos graciosos
 O mel não chupam , chupam ambrosias
 Nunca fartos amores.

Em torno dos teus peitos , que palpitam ,
 Exhalam mil suspiros desvelados
 Enxames de desejos ;
 Si encontram os teus olhos descuidados ,
 Por mais que se atropellem , voam , chegam ,
 E dão furtivos beijos.

O cysne , quando corta o manso lago ,
 Erguendo as brancas azas e o pescoço ;
 A náu , que ao longe passa ,
 Quando o vento lhe infuma o pano grosso ,
 O teu garbo não tem , minha Marilia ,
 Não tem a tua graça.

IV.

A minha bella Marilia
 Tem de seu um bom thesouro ;
 Não é , doce Alceo , formado
 Do buscado
 Metal louro.

É feito de uns alvos dentes ,
 É feito de uns olhos bellos ,
 De umas faces graciosas ,
 De crespos , finos cabellos ,
 E de outras graças maiores ,
 Que a natureza lhe deu :
 Bens que valem sobre a terra ,
 E que tem valor no Céu.

Eu posso romper os montes ,
 Dar ás correntes desvios ,
 Por cercados espaçosos
 Nos caudosos
 Turvos rios.

Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza;
Mas, ah! caro Alceo, quem pode
Ganhar uma só belleza
Das bellezas que Marilia
No seu thesouro metteu?
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no céo?

Si perdeu Petrarca a sua Laura, que batteu como o anjo as suas brancas azas, e deixou este mundo desgraçado, foi ainda Gonzaga mais infeliz, que o arrastáram grilhões para longe da sua Marilia. Na sua dôr se inspiráram ambos tão admiravelmente, como nos seus prazeres; nas canções amorosas e no sentimento das saudades podem-se dizer riváes; é porém Petrarca superior a Gonzaga, porque das inspirações enamoradas soube elevar as vêzes os sons de sua lyra a objectos magestosos e grandiloquos, e cantar a patria com admiravel e sublime poesia. Não rebaixa porém esta circumstancia o talento de Gonzaga, porque Gonzaga não tinha patria, e tanto que procurou crear uma, separando o Brazil de Portugal. No seculo de Petrarca, ainda que retalhada e dividida, estava a Italia animada do patriotismo mais fervoroso; o Brazil, que Gonzaga chamava sua patria, era colonia, a quem não se permittia o pensar e o fallar, porque o pensamento e a falla leváram ao cadafalso, e aos presidios d' Africa, os Brasileiros mais animosos.

Cumpre todavia dizer que no meio das canções amorosas da primeira epocha de Gonzaga apparecem admiravelmente tratados alguns assumptos de importancia superior : o que se pode apresentar de mais perfeito do que estes versos descriptivos ?

Tu não verás, Marilia, cem captivos

Tirarem o cascalho e a rica terra,

Ou dos cercos dos rios caudalosos,

Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro

Do pesado esmeril a grossa areia,

E já brilharem os granetes d'ouro

No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens mattos,

Queimar as capoeiras ainda novas,

Servir de adubo á terra a fertil cinza,

Lançar os grãos nas covas ;

Não verás enrolar negros pacotes

Das seccas folhas do cheiroso fumo ;

Nem espremer entre as dentadas rodas

Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza

Altos volumes de enredados feitos ;

Ver-me has folheiar os grandes livros,

E decidir os pleitos.

E estoutros :

Não praguejes, Marilia, não praguejes

A justiceira mão que lança os ferros :

Não traz de balde a vingadora espada :

Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem,

As mãos se déram, e em seu peito moram ;

Manda prender o réo, austera a boca,

Porém seus olhos choram.

Si á innocencia denigre a vil calumnia,
 Que culpa aquelle tem que applica a pena?
 Não é o julgador, é o processo,
 É a lei que condemna.

E a lyra admiravel, que assim começa :

Arde o velho barril, arde a cabeça
 Em honra de João, na larga rua :
 O credulo mortal agora indaga
 Qual seja a morte sua.

Eu não tenho alcahofra, que á luz chegue,
 E n'ella orvalhe o céo de madrugada,
 Para ver si rebentam novas folhas
 Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo que despeje
 Dentro de um copo d'agua, e possa n'ella
 Fingir palacios grandes, altas torres
 É uma náu á vella.

Não ousaria o proprio Horacio repudiar a paternidade d'estas poesias, tão bem collocadas são as palavras, tão insinuante o verso, tão lindamente sotopostas as phrases, e tão brilhantes e elevados os seus pensamentos poeticos.

Merece Gonzaga o nome de poeta musical; excede na harmonia do rhythmio, na doçura da palavra, e na cadencia do verso; e esse mesmo rhythmio, essa cadencia de expressões, e essa magia do verso, ganháram-lhe popularidade estrondosa, e o fizeram um dos poetas mais queridos e lidos de Portugal e do Brazil; verdade é que muitas vêzes nos seus versos a belleza do pensamento, e a originalidade e sublimidade da ideia, são sacrificadas á

consonancia sonora, doce e musical do verso, e que a inspiração brilhante do poeta curva-se, sujeita-se, e succumbe enfim sob a escolha apurada da palavra, e sob a harmonia da dicção; é um defeito em que cahem todos os poetas, que se impregnam de um excessivo amor da arte e versificação: folga porém em geral o povo de ouvir e ler versos maviolos e doces, porque lhes comprehende logo o pensamento; e é por isso maior ordinariamente a popularidade dos poetas artistas.

Quem em Portugal ou no Brazil não sabe de cór, e não repete a todos os instantes estes versos de Gonzaga:

Acaso são estes
Os sitios fermosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; — mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Um rio corria;
Ao som do susurro,
Que vèzes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas

As pedras quebradas ;

Parece que o rio

O curso voltou !

São estes os sitios?

São estes ; — mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera, que eu vou.

Meus versos alegre

Aqui repetia ;

O echo as palavras

Tres vèzes dizia.

Si chamo por elle

Já não me responde ;

Parece se esconde

Cansado de dar-me

Os ais que lhe dou.

São estes os sitios?

São estes ; — mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera, que eu vou.

Aqui um regato

Corria sereno

Por margens cobertas

De flores e feno :

A esquerda se erguia

Um bosque feixado

E o tempo apressado

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sitios?

São estes ; — mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera, que eu vou.

Marília, teus olhos
São réos e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.

Marília, escuta
Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marília, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.

Marília, escuta
Um triste pastor.

Marília, de que te queixas?
De que te roubou Dirceu
O sincero coração?
Não te deu também o seu?
E tu, Marília, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam; só Marília
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,
Não rulam ternos pombinhos?
E rulam, Marília, em vão?
Não se afagam co' os biquinhos?

E ás provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amam; só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção?

III.

Foram os versos alegres e faceiros, fluidos e harmoniosos da primeira epocha da vida de Thomaz Antonio Gonzaga, que lhe conseguiram maior fama; temos porém para nós que são o seu mais bello florão de gloria os canticos que lhe arrancáram os tormentos da dura prisão que soffreu, as saudades de seus passados e felizes annos, e a ausencia do objecto adorado, a quem dedicava toda a sua poesia, e toda a sua existencia; são emfim as lyras da segunda parte da sua vida, e que foram escriptas por elle quando carregado de ferros, de mistura com os criminosos, no seio de perseguições, e na ausencia de todos os elementos de inspiração; usando da ponta de uma laranja em lugar de penna, servindo-se do suor da parede ao fogo e fumaça da candeia, para substituir a tinta, e de quaesquer pedaços rotos de papel que encontrava, e as vêzes da mesma parede, aonde imprimia os seus versos, para lhes confiar os fructos da sua imaginação, e as dôres da sua alma.

Assim se exprime em uma lyra :

Já não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras canções o deus me inspira;

Ah! que nem me resta

Uma já quebrada

Mal sonora lyra!

A fumaça, Marilia, da candeia,

Que a molhada parede ou suja ou pinta,

Bem que tosca e feia,

Agora me pode ministrar a tinta.

Os mais preparos o discurso apronta;

Elle me diz que faça' do pé de uma

Má laranja ponta,

E d'elle me sirva

Em lugar de pluma.

E confirma logo depois todos estes factos com os seguintes versos :

Do azeite e da fumaça

Uma nova tinta ageito :

Tomo o páu que penna finge,

Vou as lyras copiar.

É nos cantos amargurados que desprendendo sublimado vôo ergue-se o vate harmonioso a uma altura descomunal, e não encontra superioridade em poeta algum moderno ou antigo.

Já me vai, Marilia, branquejando

Louro cabello que circula a testa,

Este mesmo, que alveja, vai cahindo,

E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,

E vão-se sobre os ossos enrugando,

Vai fugindo a viveza de meus olhos;

Tudo se vai mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam :

As forças dos meus membros já se gastam :

Vou a dar pela casa uns curtos passos,

Pesam-me os pés, e arrastam.

Si algum dia me vires d'esta sorte
 Vê que assim me não poz a mão dos annos.
 Os trabalhos, Marília, os sentimentos
 Fazem os mesmos damnos.

Succede, Marília bella,
 A medonha noite o dia:
 A estação chuvosa e fria
 A quente secca estação:
 Muda-se a sorte dos tempos,
 Só a minha sorte não.

Os troncos nas primaveras
 Brotam em flores viçosos;
 Nos invernos escabrosos
 Largam as folhas no chão.
 Muda-se a sorte dos tempos,
 Só a minha sorte não.

Aos brutos, Marília, cortam
 Armadas redes os passos,
 Rompem depois os seus lassos,
 Fogem da dura prisão.
 Muda-se a sorte dos brutos,
 Só a minha sorte não.

Nem-um dos homens conserva
 Alegre sempre o seu rosto;
 Depois das penas vêm gosto,
 Depois do gosto afflicção.
 Muda-se a sorte dos homens,
 Só a minha sorte não.

Que diversas que são, Marília, as horas,
 Que passo na masmorra immunda e feia,
 D'essas horas felices, já passadas
 Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste (5),
 E, á sombra d'alto cedro na campina,
 Eu versos te compunha, e elle os compunha
 A sua cára Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
 De exceder um ao outro qualquer trata:
 O echo agora diz: Marilia terna;
 E logo: Eulina ingrata.

A noite te escrevia na cabana
 Os versos, que de tarde havia feito,
 Mal f'os dava, e os lias, os guardavas
 No casto e branco peito.

Por morto, Marilia,
 Aqui me reputo:
 Mil vèzes escuto
 O som do arrastado
 E duro grilhão!
 Mas ah! que não treme,
 Não treme de susto
 O meu coração!

A chave lá sóa
 Na porta segura:
 Abre-se a escura,
 Infame masmorra
 Da minha prisão.

Mas ah! que não treme,
 Não treme de medo
 O meu coração!

Minha Marilia,
 O passarinho,
 A quem roubáram
 Ovos e ninho,
 Mil vèzes pouosa
 No seu raminho;

Piando finge
 Que anda a chorar.
 Mas logo vóá
 Pela espessura,
 Nem mais procura
 Este logar.

O voraz tempo,
 Que o ferro come,
 Que aos mesmos reinos
 Devora o nome,
 Tambem, Marilia,
 Tambem consome
 Dentro do peito
 Qualquer pesar.
 Ah! que não pode
 Ao meu tormento
 Por um momento
 Allivio dar.

Não é a doce melancolia de Job, com a sua resignação piedosa, que tudo desculpa e attribue ás ordens e vistas bondadosas e justiceiras de Deus : não é a dôr aristocratica de Lamartine, que perdendo a sua querida Julia, parece todavia e sempre lembrar-se de que fica na terra, e se conservará n'ella ; não é a tristeza de Petrarca, a quem, morta Laura, sobra a patria e sobra a sciencia para companheiras ; não são os arrufos sarcasticos de Byron, exclamando :

Não me afflige a saudade dos passados
 Prazeres, ou perigos, que alegravam ;
 Punge-me a dôr de nada ter deixado
 Que uma lagrima merecer-me deva (6).

Nada d'isto se assemelha á desesperação de Gon-

zaga, que tira origem de desgraças fatáes, que lhe envenenáram para sempre a existencia. É Young facticio, monotono, e mais lugubre que melancolico; tem origem a dôr de Tibullo no character do poeta, e não nos seus infortunios: nunca gozou Gilbert de existencia serena e tranquilla, e de vida de delicias e prazeres; não soffria saudades, e saudades, que curtem o coração, e ferem as ultimas fibras d'alma; é por isso sceptico Gilbert e amaldiçoa os homens, como causáes de suas infelicidades. Foragido da Italia, arrancado das honras para a miseria, é Ugo Foscolo o poeta unico cuja dôr se parece com a de Gonzaga, e cujos versos procedem da mesma origem; a differença está em que perde a patria Ugo Foscolo, mas salva a vida: apenas de longe desdobra pela patria hymnos saudosos de amor; em quanto que acha-se Gonzaga encarcerado, assustado do futuro, e lembrado do passado, e o que é mais, do passado cheio todo dos seus amores e prazeres!

Que dôr, que profundo sentimento não causa no coração a leitura d'estes versos?

Morri, ó minha bella;

Não foi a Parca impia,

Que na tremenda roca,

Sem ter descanso, fia:

Não foi, digo, não foi a morte feia,

Quem o ferro moveu, e abriu no peito

A palpitante veia.

Eu, Marilia, respiro:

Mas o mal que supporto,

É tão tyranno e forte,
 Que já me dou por morto :
 A insolente calunnia depravada
 Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
 A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
 Cadafalso enluctado,
 Nem de torpe verdugo
 Braço de ferro armado ;
 Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
 E d'elle só me mostra a estreita fresta
 O quando é noite ou dia.

Olhos baços e sumidos,
 Macilento e descarnado,
 Barba crescida e hirsuta,
 Cabello desgrenhado ;
 Ah! que imagem tão digna de piedade!
 Mas é, minha Marilia, como vive
 Um réo de magestade !

Venha o processo, venha ;
 Na innocencia me fundo ;
 Mas não morreram outros,
 Que davam honra ao mundo ?
 O tormento, minha alma, não recuses ;
 A quem sabio cumprio as leis sagradas
 Servem de solio as cruces.

São riquissimas de sentimento, admiraveis de poesia, e maviosas de metrificacão todas as lyras que escreveu na sua prisão : arranca-o ás vêzes a desesperacão ás suas saudades e aos seus gemidos, e o faz exclamar :

As furias infernaes, rangendo os dentes,
 Com a mão escarnada, não me applicam

As raivosas serpentes ;
Mas cercam-me outros monstros mais irados :
Mordem-me sem cessar ás bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto , Marília , a vida toda ,
Em lançar o penedo da montanha ,
Ou em mover a roda ;
Mas tenho ainda mais cruel tormento ;
Por causas , que me affligem , roda e gira
Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
As tepidas entranhas não me come
Um abutre esfaimado ;
Mas sinto de outro monstro a crueldade :
Devora o coração , que mal palpita
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos , nem as aguas vejo
Que de mim se retiram , quando busco
Fartar o meu desejo ;
Mas quer , Marília , o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa , estando vendo
N'esta alma o teu retrato.

Detem-te , vil humano ;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno :
O sumo que ellas dão é pouco forte.
Procura outras bebidas
Que apressem mais a morte.

Desce ao reino profundo ,
Ajunta ahí os venenos ,
Que nunca visse o mundo ;
Traze o negro licor que tem nos dentes ,
Nos dentes retorcidos ,
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
 Que poz a natureza
 Dentro no mar salgado,
 Não se abala no meio da tormenta;
 Bem que uma onda e outra onda
 Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
 As robustas raizes,
 Buscando o centro, aferra,
 Não teme o furação mais violento;
 E menos si se deixa
 Vergar do riço vento.

Sou tronco, e rocha, ó bella,
 Que açoita o Sul, que brama,
 E o mar, que se encapella;
 Não temas, que do rosto a côr se mude;
 Vence as rochas e os troncos
 A solida virtude.

A maior desventura
 É sempre a que nos lança
 No horror da sepultura;
 O covarde a morrer tambem caminha;
 Com que males não pode
 Uma alma como a minha?

Não has de ter horror, minha Marilia,
 De tocar pulso que soffreu os ferros?
 Infames impostores mos lançáram,
 E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
 Ah! não foi uma véz, não foi só uma,
 Que em defesa dos bens que são do estado
 Moveu a sabia pluma.

Embora contra mim raivoso esgrima
 Da vil calunnia a cortadora espada;

Uma alma, qual eu tenho,

Não se receia a nada.

Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolencia,

Pisar-lhe o negro cólo, abrir-lhe o peito,

Co' as armas invenciveis da innocencia.

Não se expande a alma de Sapho com mais encantos, com mais ternura, com mais paixão e com mais melancolia, do que a Gonzaga, quando se lhe aviva o hymno da saudade :

A estas horas

Eu procurava

Os meus amores :

Tinham-me inveja

Os mais pastores.

A porta abria,

Inda esfregando

Os olhos bellos,

Sem flor, nem fita

Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo

Sem compostura

É mais fermosa

Que a estrella d'alva,

Que a fresca rosa!

Mal eu a via,

Um ar mais leve,

Que doce effeito!

Já respirava

Meu terno peito.

Do cerco apenas

Soltava o gado,

Que lhe amimava

Aquella ovelha,

Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

Ah! quantas vèzes,
No chão pentado,
Eu lhe lavrava
As finas roccas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sesta
D'ella defronte
Eu me entretinha,
Movendo o ferro
Da sanfoninha!

Assim vivia!!...
Hoje em suspiros,
O canto mudo!
Assim, Marilia,
Se acaba tudo!

Dirceu te deixa, ó bella,
De padecer cansado ;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado ;
O sangue já não gira pela veia ;
Seus pulsos já não battem,
E a clara luz dos olhos se baceia ;

A lagrima sentida já lhe corre :

Já pára a convulsão, suspira e morre.

Entretanto o mesmo engenho, que produzira tão bellas canções, perdeu as inspirações durante o seu exilio de Moçambique. Algumas vêzes, lembrando-se da sua gloria, pretendeu afinar as cordas da lyra, e tentou tange-la! Eram poucos porém os lucidos intervallos, e mirrados fructos produziram elles; não parece sahido do seu estro divino um poemetto que se lhe attribue acerca do naufragio da náu portugueza *Marialva*; um cantico que dedicou á Conceição de Nossa Senhora contém um ou outro verso, ou pensamento elevado e poetico; revela porém a desordem do seu espirito e o enfranquecimento de sua intelligencia.

Si é verdadeiro o pensamento de Frederico Schiller, quando descreve o poeta como uma alma pura e leal, que passa e canta no meio do mundo, titubeando ás vêzes por entre as phases do passado, os paroxismos do presente, e os arcanos do futuro, e perdido outras vêzes, como a harpa do deserto, nas solidãs profundas da natureza, ninguem com mais razão do que Thomaz Antonio Gonzaga merece o titulo de poeta.

Pode-se dizer que a sua poesia é a flor d'alma, como são as flores a poesia da terra: prende, encanta, captiva e arrasta, ao som de uma melodia que se não pode definir; nosso pensamento acompanha a inspiração do poeta, ignorando aonde vai,

satisfeito porém de segui-lo, porque é o seu canto terno como o gorgêo do sabiá canoro, arrebatador como a torrente do deserto, melancolico como a musica de Bellini e as flores do chorão, sublime como a grandeza do Oceano e a voz de Deus (7)!



Si a verdade e pensamento do Focherico Sèp-
 lor, quando descreve o poeta como uma alma pura
 e leal, que passa e canta no meio do mundo, não
 hebda ás vezes por entre as nuvens do passado,
 paroxismos do presente, e os ardores do futuro,
 perdido outras vezes, como a harpa do deserto, nas
 solidas profundas da natureza, ninguém com mais
 razão do que Thomaz Antonio Gonzaga merece o
 titulo de poeta.

Pode-se dizer que a sua poesia é a flor d'alma,
 como são as flores a poesia de Dante Alighieri, cu-
 cantu, captiva e arrebatada, do seu de uma melodia
 que se não pode delimitar; nesse pensamento exten-
 sões a inspiração do poeta, sempre em estado de

NOTAS.

(1) « Antonio Joaquim Teixeira Caneca, escrivão do juizo ecclesiastico desta cidade e bispado do Porto, e interinamente encarregado do expediente do cartorio dos livros findos do mesmo, pelo excellentissimo e reverendissimo senhor bispo d'esta diocese, etc.

» Certifico em como examinando um dos livros da freguezia de São Petro de Miragaia d'esta cidade, nelle a folhas quatro se acha o assento do teor seguinte: Thomaz, filho legitimo do licenciado João Bernardo Gonzaga, e de Dona Thomasia Isabel Gonzaga, moradores na rua dos Cobertos d'esta freguezia: nasceo a... de agosto de 1744, e foi por mim baptisado a dous de setembro do mesmo anno; sendo padrinho o reverendo Domingos Ferreira de Abreu, assistente na cidade de Lisboa, tocou por elle com procuração o reverendo licenciado Antonio de Deos Campos, conego magestral da sé d'esta cidade, e tocou tambem o menino o doutor desembargador d'esta relação João Barrozo Pereira, assistente na rua dos Ferradores da freguezia de Santo Ildefonso, suburbio d'esta cidade, foram testemunhas as abaixo comigo assignadas, d'esta mesma freguezia; e por verdade eu fiz este assento que assignei, era *ut supra* o abbade Manuel da Cruz, o padre Raimundo Darque, Antonio Gomez de Castro, Cota, Averbado no fim d'este, Averbção. A requerimento do doutor Thomaz Antonio Gonzaga, e sua irmãe, se passou e averbou certidão do assento referido em dezeseis de agosto de 1783.

» E não se continha mais em o dito assento e averbção, ao qual me reporto. *E declaro que vai em pontos o que se acha viciado.* Porto, 2 de novembro de 1850. E eu Antonio Joaquim Teixeira Caneca, subscrevi, e assignei.

» ANTONIO JOAQUIM TEIXEIRA CANECA. »

(2) « Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1793, aos nove dias do mez de maio, n'esta capital de Moçambique, na igreja

da sé matriz, sendo presente o muito reverendo provisor vigario geral e juiz dos casamentos, Francisco Ferreira de Souza commigo, o padre Luiz Francisco Rodrigues, escrivão do juizo e auditorio ecclesiastico, foram inquiridos os contrahentes Thomaz Antonio Gonzaga e Dona Julianna de Souza Mascarenhas perante o mesmo juiz: em fé do que fizeste termo eu ditto escrivão, que o escrevi.

Depoimento do contrahente.

« No ditto dia mez e era supra appareceu o ditto Thomaz Antonio Gonzaga, a quem o ditto reverendo juiz fez prestar o juramento dos sanctos Evangelhos, em que pôz a sua mão direita, para debaixo d'elle dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado.

» E sendo perguntado pelo seu nome, de quem era filho, terra, logares e freguezia, aonde tem residido, e por quanto tempo, idade, estado e officio, que tem; si tem feito voto de religião ou castidade, ou si tem algum impedimento para contrahir o matrimonio que pretende, respondeu que se chamava Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do desembargador João Bernardo Gonzaga e de sua mulher Dona Thomasia Isabel Gonzaga já fallecida, natural da cidade do Porto, baptisado na freguezia de São Pedro do reino de Portugal; que tinha de idade quarenta e oito annos, que era solteiro, e nunca fôra casado: que residira na mesma cidade do Porto, na cidade de Beja, na de Lisboa, Coimbra, Villa-Rica, e actualmente em Moçambique, passante a existencia nas dittas cidades demais de seis mezes: que nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com Dona Julianna de Sousa Mascarenhas, a quem conhecia pela ter visto de presente, com quem queria ser casado de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma, e mais não disse, e se assingnou com o ditto reverendo juiz, e eu ditto escrivão, que o escrevi.

» SOUSA, doutor THOMAS ANTONIO GONZAGA. »

Depoimento da contrahente.

« No ditto dia era mez retro appareceu a contrahente Dona Juliana de Sousa Mascarenhas, que jurou aos sanctos Evangelhos, em que pôz a sua mão direita, para dizer a verdade do que soubesse.

» E sendo perguntada pelos interrogatorios atraz feitos ao contrahente, respondeu que se chamava Dona Julianna de Souza Mascarenhas,

filha legitima de Alexandre Roberto Mascarenhas, e de sua mulher Dona Anna Maria, natural da freguezia da cabaceira grande, e n'ella baptisada: que tinha de idade dezanove annos, que era solteira, e nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou religião, e nem tinha outro impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com Thomaz Antonio Gonzaga, á quem conhecia pelo ter visto de presente, e com quem queria ser casada de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma; e mais não disse, e se assignou com o ditto reverendo juiz, e eu ditto escrivão que o escrevi. SOUSA. Signal † de Dona Julianna de Sousa Mascarenhas.

» Certifico eu escrivão abaixo assignado estavam os depoimentos dos contrahentes, o doutor Thomaz Antonio Gonzaga e dona Julianna de Sousa Mascarenhas conforme ao que elles depozeram, de que porto minha fé. Moçambique, 9 de maio de 1793.

» P. LUIS FRANCISCO RODRIGUES. »

(3) Certidão extrahida do livro das matriculas da universidade de Coimbra do anno lectivo de 1763, f. 201.

(4) Dona Maria Joaquina Dorotheia Seixas Brandão, com quem o poeta se devia casar, quando foi preso e desterrado. Falleceu em 1854 na cidade do Ouro Preto.

(5) Claudio Manuel da Costa.

(6) For pleasures past I do not grieve,
 Nor perils gathering near;
 My greatest grief is that I leave
 No thing, that claims a tear. BYRON.

(7) Temos visto diversas traducções das Lyras de Gonzaga em linguas estrangeiras; entre ellas a de M. de Monglave, em francez, do senhor Ruscala em italiano, e de Iffland em allemão; infelizmente para estas traducções não passou a maviosidade original dos seus canticos.

the value of the function $f(x)$ at the point x is denoted by $f(x)$. The value of the function $f(x)$ at the point $x + \Delta x$ is denoted by $f(x + \Delta x)$. The difference between the two values is denoted by Δf . The ratio of the difference Δf to the difference Δx is denoted by $\frac{\Delta f}{\Delta x}$. The limit of this ratio as Δx approaches zero is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$. The derivative of a function $f(x)$ at a point x is denoted by $f'(x)$.

VIII.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

I.

Com o titulo de governador e capitão general, administrava o general Gomes Freire de Andrade as capitánias do Rio de Janeiro e do sul do Brazil, e as duas novas de Goyaz e de Matto-Grosso e Cuyabá, que, pela provisào de 9 de maio de 1748, haviam sido creadas, desmembrando-se para isso territorio da capitania de São Paulo, quando quasi ao acabar do anno de 1748 nasceu Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na cidade do Rio de Janeiro, procedente de uma das melhores familias da terra.

Encetou os seus estudos no collegio dos Jesuitas, como quasi toda a mocidade sua contemporanea; tomou no Rio de Janeiro o gráu de mestre em artes, que davam elles aos seus alumnos examinados e approvados em todos os ramos que constituem actualmente os estudos secundarios ou preparatorios da instrucção superior: dirigiu-se depois para Coimbra, e cursou as aulas da faculdade de Canones.

Foi seu amigo e protector um jesuita celebre,

o padre Manuel de Macedo, que, com a desnaturalisação da Companhia, se passára para a congregação de São Felipe Neri, de Lisboa; deve-lhe Ignacio José de Alvarenga Peixoto lições uteis, coadjuvação leal, e sincera e particular amizade.

Bacharel formado em canones, obteve immediatamente, pelo empenho do seu protector e compatriota, que o marquez de Pombal, que então governava o reino, o despachasse para o lugar de juiz de fóra de Cintra, aonde servio pelo espaço de tres annos, conforme era a lei e o estylo de então para o predicado da magistratura : desejando regressar para a sua patria, aonde deixára familia, parentes e amigos, que tanto afeiçoava, recebeu do mesmo marquez a nomeação de ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas Geráes.

Deixára em Portugal um nome honroso e conhecido por algumas ligeiras composições poeticas que lhe mereceram as honras de entrada na Arcadia, com o titulo de Eureste Phenicio, e a amizade de muitas pessoas notaveis da metropole.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1776; administrava o Brazil o vice-rei marquez do Lavradio, com o qual se travou de amizade, e que tanto venerou, que lhe offereceu uma traducção da tragedia *Merope* de Scipião Maffei, que tanta fama lograva então em toda a Italia : folgou o vice-rei, que era apaixonado de poesia, de achar tanto engenho em Alvarenga

Peixoto; appreciou a sua bella traducção, e animou-o a desenvolver o seu talento em composições originâes e novas.

Pouco tempo porém demorou-se elle no Rio de Janeiro, apesar das boas graças do marquez de Lavradio, que foi de certo um dos melhoes vice-reis do Brazil tanto pela protecção que dava ás lettras, ás artes, e á agricultura e commercio, tratando de todos os objectos que podiam augmentar'o desenvolvimento e riqueza do paiz, como pelos serviços que prestou, nas obras de fortificação, que mandou executar para defenza e segurança do porto.

Preferio Alvarenga Peixoto seguir para sua comarca; foi lá magistrado integro e illustrado; a justiça não tinha para elle duas faces; não se prestava a lei a diversas interpretações; ao pobre, ao rico, ao poderoso, e ao infeliz encarcerado, ouvia, e deferia com equal rectidão, e nem para com um mais do que para com outro prescindia do rigor da legislação; nos momentos em que repoisava de suas obrigações, entregava-se á poesia, e passava alegremente os dias da existencia: é a poesia um balsamo consolador, que doira a vida, mitiga as dôres, e rodeia o pensamento de um sem-numero de illusões, que o arrancam da realidade: de São João d'ElRei enviava constantemente ao seu amigo, marquez do Lavradio, composições poeticas, e até um drama em verso, original, e muito gabado pelos litteratos da epocha, com o titulo de *Eneas*

no *Lacio*, o qual foi desgraçadamente perdido.

Teve Minas encantos para Alvarenga Peixoto; findou o seu tempo de ouvidor da comarca, renunciou á carreira da magistratura, e conservou-se em São João d'ElRei : casou-se por fim, e se dedicou todo á paz dos prazeres domesticos, retirando-se para uma fazenda, e lavras que lhe couberam em dote, e occupando-se exclusivamente com os trabalhos da mineração.

Valeram-lhe a sua reputação e as suas riquezas o posto de coronel de cavalleria de milicias da campanha do Rio Verde, e como lhe não roubava este emprego o tempo dos seus affazeres particulares, aceitou-o, e exerceu-o dignamente. Entretinha relações com os homens notaveis da capitania, e era conhecido e respeitado o seu nome por toda a parte.

Foi em 1786, durante o governo de Luiz da Cunha e Meneses, successor do conde de Cavalleiros, que appareceram as *Cartas chilenas*, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, si de Thomaz Antonio Gonzaga, si de Claudio Manuel da Costa, si de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ou de todos tres, em liga e combinação.

Mas a tranquillidade e a alegria da vida de Alvarenga Peixoto deviam desaparecer : é o mundo theatro de scenas variadas; e tem o espectador de passar infallivelmente pelas suas diversas mutações; quando Joaquim José da Silva Xavier, José Alves

Maciel, Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Vidal Barboza, e o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, combinaram separar a capitania de Minas do governo portuguez, formar d'ella uma republica independente, e proclamar a liberdade, não duvidou acquiescer aos seus intentos, ligados como estavam todos pelos laços da mais estreita amizade; tornou-se assim um dos seus principaes chefes, e participou de todos os planos para levar a effeito a revolução premeditada.

Quando preso com os seus amigos, primeiramente recolhido á cadeia de Villa-Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, ninguém mais do que elle devia lamentar o seu destino fatal, e as grandes perdas que soffrêra.

Era excellente consorte, pai carinhoso; e abandonava esposa e quatro filhinhos, innocentes todos, e na mais tenra idade; e de seus braços queridos se via arrebatado para respirar o habito empestado dos carceres, e para povoar, com os malfeitores e assassinos, o malfadado logar, receptaculo dos crimes.

Assim se exprimio a seu respeito o accordam da Relação em alçada de 18 de abril de 1792:

« Mostra-se quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, coronel do 1º regimento auxiliar da campanha do Rio Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistente em todos os conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos

quães insistia que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da campanha do Rio Verde, como consta da devassa de Minas, e confessa o réo a fl. 10 do appenso n° 4, que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que apromptasse gente da campanha, elle recommendava aos mais socios fossem bons cavalleiros. Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manuel da Costa sobre a forma da bandeira e armas que devia ter a nova republica, expoz seu voto em um conventiculo, dizendo que devia ser um genio quebrando as cadeias, e a lettra *libertas quæ sero tamen*, como consta do appenso n° 1°, e o confessa o réo a fl. 11 do appenso n° 4°, dizendo que elle e todos os que se achavam presentes acháram a lettra muito bonita; sendo este réo um dos que mostravam mais empenho e interesse em que tivesse effeito a rebelião, resolvendo as duvidas que se propunham, como fez a José Alves Maciel e ao conego Luiz Vieira, que dizia que havia pouca gente para a defesa da nova republica, e o réo respondeu-lhes que bastava metter-se em Minas polvora, sal e ferro para dous annos, animando assim o réo aos conjurados. E condemnam o réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada

em posto alto no lugar mais publico da villa de São João d'ElRei, até que o tempo a consuma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real.»

Demorou-lhe felizmente ainda o termo da vida o segundo accordam de 2 de maio de 1792, commutando-lhe a pena de morte pela de degredo perpetuo para o presidio de Ambáca, nos sertões de Angola.

Tinha então Ignacio José de Alvarenga Peixoto quarenta e quatro annos de idade: e era-lhe preciso deixar em abandono a esposa e a prole innocente, e curvados sob o peso de infames, pelo accordam fatal que se devia executar! De que lhe servira salvar a vida, si perde-la-ia tanto no cada-falso, como nos torridos areaes e nas selvas pestilentas para onde o remettiam, e para onde não podia levar nem mulher, e nem os miseros e innocentes filhos! — Melhor fôra para elle morrer, como morreu Joaquim José da Silva Xavier!

Recebeu-o o presidio de Ambáca, não o mesmo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na força varonil, de presença alegre, de rosto sereno e bello, de olhos vivos e perspicazes; mas um velho carregado de cãs, curvado de dôres e soffrimentos, e mais proprio do sepulchro do que da vida; como a Ludovico Sforza de Milão, a Maria Antonietta, rainha de França, e a Guarino de Verona, em uma só

noite, n'aquella que se seguiu ao dia da sentença cruel, mudáram-se-lhe os cabellos de côr, e de castanhos, que eram, tornáram-se brancos repentinamente; metamorphoseiáram as grandes dôres o seu semblante, cabellos, e intelligencia; e não de susto, que animoso era elle e tudo declarou perante os seus juizes, sem declinar a responsabilidade dos seus actos; mas do sentimento forte, profundo e intimo, que lhe acabrunhou corpo, alma e entendimento!

E não bastava ainda o seu misero estado no presidio; apesar de lançado nos sertões agrestes, e nos desertos immensuraveis, temeu-se ainda d'elle o governador de Angola, e as dôres que já soffria, e as perseguições, de que foi rodeiado de novo, lhe foram desatando os laços da existencia, quebrando-lhe as prisões da terra, e levando-o á mansão celeste dos justos.... Poucos mezes supportou de degredo; terminou-o a morte, quando raiava o anno de 1793!

II.

Escreveu Alvarenga Peixoto muitas odes, sonetos e poesias; não são as suas odes altanadas e atrevidas como o vôo d'aguia, ou grandiloquas e soberbas como as inspirações de Souza Caldas; não tem os seus sonetos o pensamento delicado e o matiz primoroso dos sonetos de Claudio Manuel da Costa; não correm musicalmente as suas poesias ligeiras, como

a harmonia suave e tocante dos versos de Thomaz Antonio Gonzaga; mas nas suas poesias ligeiras, nos seus sonetos, e nas suas odes ressumbra o estro modesto de uma ditosa e candida imaginação; revelam-se as qualidades de um vate de vida tranquilla, e de inspirações melodiosas; apparece uma rima facil, corrente e sonora; não se assemelha com o saudoso Bernardim Ribeiro, e menos com o doce Diogo Bernardes; mas tem parecências de irmão com Antonio Ferreira, e com Antonio Ribeiro dos Santos.

Entre as suas odes primam a que dirigiu á rainha Dona Maria I, a que dedicou ao marquez de Pombal, e a que compoz em honra e gloria da universidade de Coimbra, aonde bebêra instrucção, e á qual pagava o seu tributo de agradecimento : contém qualquer d'ellas linguagem pura, corrente e facil; metrificacção feliz e perfeita; pensamentos dignos e elevados, e ideias copiosas de inspiração verdadeira e poetica.

Assim se dirige o poeta a Dona Maria I :

Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os céos erguidos,
Não offuscam do sol os resplendores.

Os padrões erigidos
A fé real nos peitos lusitanos
São do primeiro Affonso conhecidos.

A nós, Americanos,
Toca levar, pela razão mais justa,
Do throno a fé aos derradeiros annos.

Fidelissima augusta,

Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta ;
Si o Tejo ao Minho, e ao Douro,
Lhe aponta um rei em bronze eternisado,
Mostre-lhe a filha eternisada em ouro.

Do throno os resplendores
Façam a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de vistosas côres.

Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.

Sirva á real grandeza
A prata, o oiro, a fina pedraria,
Que esconde d'estas serras a riqueza.

Ah! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.

Real! real primeira!
Só esta voz na America se escute;
Veja-se tremular sua bandeira!

Rompa o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galeões pesados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desçam nações confusas, diferentes.

Si o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro!

Pode a tartarea grega
A luz gozar da russiana aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, real senhora!

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,

Sem ser sentido do invejoso Tejo ;
 Aos pés augustos vóa,
 Chora, e faze que a mãe compadecida
 Dos saudosos filhos se condóa.

O principe sagrado
 Do pão de pedra, que domina a barra,
 Em colossal estatua levantado ;
 Veja a triforme garra
 Quebrar-lhe aos pés Néptuno furioso,
 Que o irritado sudoeste esbarra :

E veja glorioso
 Vastissima extensão de immensos mares,
 Que cerca o seu imperio magestoso ;
 Honrando nos altares
 A mão, que o faz ver de tanta altura
 Ambos os mundos seus, ambos os mares :
 E a fé mais sancta e pura
 Espalhada nos barbaros desertos,
 Conservada por vós firme e segura !

Sombra illustre e famosa
 Do grande fundador do luso imperio,
 Eterna paz eternamente goza.

N'um e n'outro hemispherio
 Tu vês os teus augustos descendentes
 Dar as leis pela voz do ministerio :

E os povos differentes,
 Que é impossivel quasi enumera-los,
 Que vem a tributar-lhes obedientes ;

A gloria de manda-los
 Pede ao neto glorioso teu ;
 Que adoram rei para servir vassallos.

O Indio o pé bateu,
 Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
 E de repente desapareceu.

De certo que encerra esta ode algumas bellezas,
 quer de dicção, quer de pensamento, e que o hom

gosto deve apreciar e guardar a memoria. Não lhe é inferior a outra ode que Ignacio José de Alvarenga Peixoto dirigiu ao marquez de Pombal : depois de pintar a fama dos guerreiros que avassallam os povos, incendiam as cidades, acabam com as nações poderosas, e por onde passam deixam só estragos, destroços, sangue e cadaveres, exclama o poeta para o marquez de Pombal :

Grande marquez, os satyros saltando

Por entre as verdes parras,

Defendidas por ti de estranhas garras;

Os trigos ondeiando

Nas fecundas seáras;

Os incensos fumando sobre as aras;

A nascente cidade;

Mostram a verdadeira heroicidade.

Os altos cedros, os copados pinhos,

Vão romper pelo mar novos caminhos :

E em vez de sustos, mortes e desmaios,

Damnos da natureza,

Vão produzir e transportar riqueza.

O curvo arado rasga os campos nossos,

Sem turbar o descanso eterno aos ossos :

Fructos do teu suor, do teu trabalho,

São todas as empresas;

Unicamente á sombra de Carvalho

Descansam hoje as quinas portuguezas.

Que importam os exercitos armados,

Si sendo por mão dextra manejada

Vence mais a politica que a espada?

Que importam tribunaes e magistrados

Asylos da innocencia,

Si podessem temer-se, declarados

Patronos da insolencia?

De que serviram tantas

Tão saudaveis leis, sabias e sanctas,

Si em vez de executadas
 Forem por mãos sacrilegas frustradas?
 Mas vives tu, que para o bem do mundo
 Sobre tudo vigias,
 Cansando o teu espirito profundo

As noites e os dias :
 Ah! quantas vèzes, sem descanso uma hora,
 Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
 Em quanto volves, com cansado estudo,
 As leis, e a guerra, e o negocio, e tudo!
 Vale mais do que um reino um tal vassallo!
 Graças ao grande rei que soube acha-lo!

Escreveu tambem Alvarenga Peixoto varias poesias eroticas que são exquisitas e delicadas. As odes que analysámos bastariam para guardar o seu nome e firmar sua reputação de poeta; mas outros generos cultivou com egual esmero, cuidado e felicidade: não obteve unicamente fructos saborosos de arvores copadas; colheu tambem nos jardins ramos de flores perfumadas e multicôres. Quanto é lindo o retrato que pintou de Anarda, que chama sua adorada! Quasi que tem as graças da Marilia de Gonzaga, os olhos da Laura de Petrarca, os ademans gentis da Angelica de Ariosto, e o porte esbelto e faceiro da Nice de Metastasio: quasi que tem o colorido de Raphael d'Urbino, o sentimentalismo de Corregio, e alguma cousa de candido e puro, como as composições de Murillo e de Paulo Veronezo, ou de alegre e doce como a Psyché de Canova.

A minha Anarda
 Vou retratar,

Si a tanto a arte

Fuder chegar.

Trazei-me, Amores,

Quanto vos peço,

Tudo careço,

Para a pintar.

Nos longos fios

Dos seus cabellos

Ternos disvelos

Vão-se enredar.

Trazei-me, Amores,

Das minas d'oiro

Rico thesouro

Para o pintar.

No rosto a idade

Da primavera,

Na sua esfera,

Se vê brilhar.

Trazei-me, Amores,

As mais viçosas

Flores vistosas

Para o pintar.

Quem ha que a testa

Não ame e tema,

De um diadema

Digno logar?

Trazei-me, Amores,

Da selva Idalia

Jasmins d'Italia

Para a pintar.

A frente adornam

Arcos perfeitos,

Que de mil peitos

Soem triumphar.

Trazei-me, Amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis
Para a pintar.

A um doce aceno
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se vêem voar.

Trazei-me, Amores,
Do sol os raios,
Fieis ensaios,
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.

Trazei-me, Amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas,
Nas lindas covas,
Vão-se ajuntar.

Trazei-me, Amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves,
Para os pintar.

Vagos desejos
Da boca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.

Trazei-me, Amores,
Coráes subidos,
Rubins polidos
Para a pintar.

Entre alvos dentes
 Postos em ala
 Suave fala
 Perfuma o ar.

Trazei-me, Amores,
 Nas conchas claras
 Perolas raras
 Para os pintar.

O collo, Atlante,
 De táes assombros
 Airosos hombros
 Corre a formar.

Trazei-me, Amores,
 Jaspe a mãos cheias,
 De finas veias
 Para o pintar.

Do peito as ondas
 São tempestades,
 Onde as vontades
 Vão naufragar.

Trazei-me, Amores,
 Globos gelados,
 Limões nevados,
 Para o pintar.

Mãos crystallinas,
 Roliços braços,
 Que doces laços
 Promettem dar!

Trazei-me, Amores,
 As assucenas,
 Das mais pequenas
 Para as pintar.

A delicada,
 Gentil cintura,
 Toda se apura
 Em se estreitar.

Trazei-me, Amores ,
 Ancias , que fervem ,
 Só ellas servem
 Para a pintar.

Diversas outras poesias compoz tambem Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tão gentis e enamoradas, tão bellas e cheias de ternura como a que extensamente citamos; é o seu talento modesto, delicado, limpido e faceiro; revelam os seus versos o fundo de sua alma candida, pura e amorosa; são os seus sentimentos de homem de bem, e as suas composições de homem de engenho.

Trabalho, a vida,
A vida, o trabalho,
De onde vem
Tudo o que há

Diversas outras coisas sempre sempre sempre
Luz de Alvaros Pereira, do qual é o primeiro
tão belas e cheias de ternura como a que estivesse
meus olhos; é o seu talento modesto, delicado,
simples e fácil; revela os seus segredos e tudo de
uma alma candida, pura e sincera; são os seus sen-
timentos de homem de bem, e as suas composições
de homem de engenho.

Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira

Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira
Luz de Alvaros Pereira

IX.

D. JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO.

I.

Possuiam Sebastião da Cunha Rangel Coutinho e sua mulher Dona Isabel Sebastianna Rosa de Moraes, oriunda da importante familia dos Pessanhas, grandes engenhos de assucar na parochia de Santa Ritta, do termo de Campos dos Goytacases, e provincia do Rio de Janeiro. Foi o primogenito dos seus filhos José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nascido a 8 de setembro de 1742.

Pelo foral e carta d'ElRei Dom João III fôra Pedro de Góes o donatario da capitania da Parahyba, incluída entre o rio Itabapuanha e o cabo de São Thomé. Era povoada ella por uma nação de indigenas audaz, feroz, guerreira e de costumes severos, denominada em sua lingua Goytacazes, e pelos Portuguezes Coroados. Estabeleceu-se o donatario nas margens do rio Parahyba, no correr do anno de 1540; encontrou porém tão forte resistencia dos indigenas, que teve de se retirar em 1547, depois de grandes e aturadas luctas, e immensos prejuizos.

Com novos e dobrados reforços voltou em 1553 para a sua capitania ; pela segunda vèz foi derrotado e vencido ; salvou-se no Espirito Santo, capitania contigua, pertencente a Vasco Fernandes Coutinho, a qual n'esse tempo bastante florescia.

Irritados os Goytacazes com a hospitalidade que os seus inimigos receberam dos Portuguezes do Espirito Santo, ousáram tomar a offensiva e atacar a estes nos seus proprios estabelecimentos ; e de feito destruíram e incendiáram as povoações europeas, matáram-lhes o seu cabo de guerra Dom Jorge de Menezes e muitos soldados, e leváram-nos de fugida para além das margens do rio Cricaré, appellidado presentemente rio de São Matheos. Chegando porém em 1559 soccorros do governador Mem de Sá foram os Goytacazes derrotados, e tiveram de regressar para os seus escondrijos.

Nem Pedro de Góes, nem seu irmão Luiz de Góes, e nem seu filho Gil de Góes conseguiram povoar as terras de sua capitania. Poderam apenas contractar em 1627 o seu aforamento com alguns empresarios. Ainda assim no anno só de 1648 teve principio sua regular colonisação, collocando-se a frente de uma sociedade instituida para este fim o governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benavides. Data de então a fundação do primeiro templo, que foi dedicado a São Salvador, e dos primeiros estabelecimentos ruráes que se fundáram n'aquelle logar. Foi em 1673 elevada a povoação

a villa, tendo-lhe a fertilidade das terras e a excellencia dos climas attrahido grande copia de colonos.

Com a falta de descendencia de Gil de Góes, volveu a capitania para a corôa, e teve d'ella então mercê o primeiro visconde d'Asseca, Martim Correia de Sá, filho de Salvador Correia de Sá e Benavides. Teve por vêzes o povo que sustentar luctas contra os agentes e procuradores dos novos donatarios, que os opprimiam com tributos pesados sobre os generos de lavoura, os quâes consistiam em algodões, assucares, aguardentes e cereaés; por vêzes tambem entre os antigos gentios e os novos habitadores se traváram sanguinarias e demoradas pelejas, que felizmente terminavam ou com o afugentar dos indigenas para o interior das terras, ou com a sua reduçãõ á vida civil e religiosa, catechizados pelos jesuitas, e aldeiados em São Pedro de Cabo Frio, Santo Antonio de Padua, e São Fidelis de Campos.

Elevado a comarca em 1744 foi annexado á capitania do Espirito Santo o districto de Campos; desâpropriuou a corôa portugueza em 1752 aquelles donatarios, em attenção aos multiplicados queixumes e sublevações continuadas que contra elles commettiam os povos. Passou o territorio de Campos a fazer parte em 1829 da provincia do Rio de Janeiro, á qual actualmente se acha incorporado ainda.

No anno de 1748, em que teve logar um dos mais serios movimentos populares causados pelas

vexações praticadas pelos procuradores dos donatarios, não tomando parte em favor do povo, e nem podendo approvar as medidas dos donatarios, aproveitou-se Sebastião da Cunha Rangel Coutinho daquella occurrencia, e passou-se com a sua familia para a cidade do Rio de Janeiro.

Foi portanto no Rio de Janeiro que seguiu José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, e com muito adiantamento e proveito os seus estudos primarios e secundarios; mostrou aptidão, perspicacia e engenho elevado. Chegando á idade de vinte annos, o mandou seu pai viajar pelas capitancias de Minas Geráes e São Paulo, na intenção de melhora-lo de saude, por que era de compleição fragil e morbida.

Falleceu Sebastião da Cunha Rangel Coutinho em 1768; esta perda, e a de sua mãe que a antecederá, déram causa á que José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho deixasse o Brazil e mudasse seu domicilio para Portugal.

Tratava-se então da reforma da universidade de Coimbra. Regia-a como seu reitor o conde de Arganil, bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos de Faria de Azeredo Coutinho, cujo parente era. Levado dos conselhos d'elle, e do seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, deliberou-se José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a cursar as aulas da universidade.

Para effectuar a sua resolução abraçou a carreira ecclesiastica, e cedeu em favor de seu irmão

Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho o morgadio dos Azeredos, que existia na sua familia.

Tão vasta nomeada de talentos adquiriu, e reputação de vida tão exemplar, que, apenas formado bacharel em direito canonico no anno de 1775, foi apresentado na cadeira de arcediogo da cathedral do Rio de Janeiro, e, mezes logo depois, no momento em que estava a seguir para o seu destino, recebeu despacho para o logar de deputado do Santo Officio de Lisboa.

Para exercer este ultimo emprego convinha ou continuar na universidade o tempo preciso ainda para doutorar-se, ou obter uma dispensa do governo.

Preferio o primeiro meio; voltou para a universidade, passou ainda um anno nas suas aulas, entregando-se tambem ás sciencias phisicas e naturaes, e robustecendo assim o seu espirito com estudos mais geraes e profundos.

Apenas recebeu o diploma de doutor, entrou no exercicio do seu novo cargo, e deu n'elle provas constantes de aptidão, zelo e moderação, que lhe conseguiram um geral conceito.

Applicando tambem o seu tempo á leitura das sciencias moraes, economicas e politicas, começou á escrever uma serie de memorias acerca das mais arduas difficeis e espinhosas questões a fim de esclarecer os seus compatriotas em ramo tão importante dos conhecimentos humanos; e como teve entrada na Academia real das Sciencias de Lisboa,

na qualidade de socio effectivo, dedicava-lhe essas memorias, e movida a Academia, como era, pelo zelo das sciencias e desejo de propagação das luzes, ordenava a sua publicação e as espalhava por entre o povo.

Ao duque de Lafões devia a Academia a sua fundação em 1779. A Academia da Historia portugueza creada em 1720 por ElRei Dom João V nem já vestigios apresentava da sua existencia, quando o duque de Lafões julgou conveniente chamar os sabios portuguezes a trabalhar no progresso das sciencias e illustração do paiz, reunindo-se n'aquella associação, cujos estatutos conseguira fazer approvar pelo governo da rainha Dona Maria I por aviso de 24 de dezembro.

Dividia-se em tres classes a Academia, sciencias naturaes, sciencias exactas e litteratura, contendo cada uma oito socios effectivos e doze correspondentes.

Os nomes dos homens mais notaveis de Portugal foram incluídos na primeira organização do fundador, como socios effectivos ou correspondentes. Antonio das Neves Pereira, Sebastião Francisco Mendo Trigoso, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, Joaquim José Ferreira Gordo, Manuel de Arrú da Camara, José Monteiro da Rocha, Felis de Avellar Brotero, Nicolau Tolentino, Antonio Pereira de Figueredo, Antonio Ribeiro dos Santos, Francisco

Simões Malgiochi, o bispo de Coimbra, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, José Correia da Serra, Antonio Caetano do Amaral, Paschoal José de Mello Freire, Francisco de Mello Franco, Alexandre Rodrigues Ferreira, João Pedro Ribeiro, João de Souza, João Antonio dalla Bella, Francisco de Borja Garção Stockler, Francisco Vilella Barbosa, Francisco Dias Gomes, José Bonifacio de Andrada e Silva, Frei Gaspar da Madre de Deus, Antonio Nola, e muitos outros sabios ali se reuniram : publicou a Academia obras antigas importantes, que jaziam no esquecimento, e memorias de valor subido, já sobre a historia, a chronologia e litteratura, já sobre as sciencias phisicas, politicas, naturaes e mathematicas.

Elegeu em 1794 a José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho bispo de Pernambuco o principe Dom João, regente de Portugal. Partiu para a sua diocese, accrescentando a este logar as nomeações de director geral dos estudos, de governador interino da capitania de Pernambuco, e de presidente da junta da fazenda. Distinguiu-se não só como prelado de saber e virtudes, senão tambem como governador habil e zeloso : encetou muitas obras publicas, em prol do engrandecimento material da capitania, quer para a segurança das suas costas contra inimigos externos, quer para communicação do interior, a fim de dar facilidade á conducção dos produc-

tos da lavoura : instituiu um seminario de estudos secundarios e ecclesiasticos no antigo collegio dos Jesuitas, cujo edificio obteve a custo da rainha para esse fim : abriu n'elle varias aulas das linguas franceza, latina e grega, philosophia, rhetorica, poetica, geographia, historia universal, natural, sagrada, ecclesiastica, chorographia, desenho, mathematicas puras, e theologia moral e dogmatica; reorganizou a instrucção primaria, tornando-a mais uniforme e methodica, e sujeita a disciplina e direcção superior : creou um corpo de artilharia para a defesa da praça; melhorou as finanças da capitania, reduzindo as despesas publicas e fiscalizando a receita, que se não cobrava devidamente pelo deleixo e incuria : fundou um recolhimento de meninas pobres, aproveitando um legado que instituiria e deixára o deão da cathedral.

A imparcialidade e rigorosa justiça que empregava em todos os importantes cargos que exercia levantáram contra elle muitos individuos, que nos empregos mais elevados da colonia se haviam acostumado a vexar o publico, e a tirar proveitos pessoais em detrimento alheio e prejuizo da fazenda. O ouvidor da comarca a pretexto de uma tentativa de sublevação do povo, por occasião de trasladar-se o Santissimo Sacramento da igreja matriz para a que fôra dos Jesuitas, unindo-se a outras autoridades, representou ao governo de Lisboa contra o bispo e governador de Pernambuco.

Todavia da opposição que encontrou o bispo, e que entretanto conseguira vencer, lhe vieram desgostos intimos, que lhe déram desejos de trocar o bispado de Pernambuco por outra qualquer diocese; sabendo-o o principe regente, aproveitou a vaga que em 1802 deixára por desistencia o bispo de Miranda e Bragança; e chamando a Lisboa Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, por uma carta muito honrosa do seu proprio punho, elegeu-o para aquella diocese, que era muito mais importante e rendosa.

Não pode infelizmente tomar posse d'ella, por que reclamou o bispo de Bragança e Miranda a sua desistencia.

Não quiz porém voltar Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho para Pernambuco; conservou-se em Lisboa, até que vagando o bispado de Elvas, lhe foi no anno de 1806 conferida esta mitra pelo principe regente, e estabeleceu-se na sua nova diocese.

Estava em Elvas quando foi em 1807 invadido Portugal pelos exercitos francezes, commandados pelo general Junot. Não desanimou Dom José Joaquim de Azeredo Coutinho como o fizeram outros Portuguezes, e nem uniu-se aos inimigos do seu paiz; foi um dos poucos bispos que nas suas dioceses não recommendáram ás suas ovelhas obediencia ao general francez. Jamais abandonou o bispo d'Elvas os seus compatriotas; animou a reac-

ção do paiz contra os seus invasores, e concorreu para que os Portuguezes sacudissem corajosamente o jugo estranho. Quer durante a primeira invasão franceza de 1807, quer durante a segunda e a terceira invasões, prestou ao seu paiz serviços os mais importantes. Salvou da morte o tenente-coronel da artilharia Domingos Franco, condemnado pelo general francez Loison, conseguindo dar-lhe fuga; livrou Elvas do cerco que lhe preparou Dòm José Galuzzo, poupando-lhe os horrores que soffreram Evora, Leiria e Beja; e no meio dessa lucta infesta, com as suas pastoráes eloquentes abrasava os corações no amor e defesa da patria, e applicando as suas virtudes evangelicas, restituia á religião o seu character e a sua innocencia. Que exhortações piedosas e patrioticas echoavam os seus labios pelas abobadas dos templos! Que coragem espalhava por entre o povo para o fim de resistir aos seus oppressores!

Foram publicadas nas gazetas da epocha as grandes acções que elle havia praticado; quando se viram livres dos invasores que contra elles enviára Napoleão, reconheceram todos os Portuguezes os seus serviços, e de uma a outra extremidade de Portugal foi cercado o seu nome de uma nomeada gloriosa: espalháram-se em seu louvor e como agradecimento publico versos innumerados e muitas descripções pomposas.

Coube o throno portuguez em 1816 a ElRei Dom João VI, por fallecimento de sua mãe a rainha Dona

Maria I. Logo que teve noticia de haver vagado a diocese de Beja, uma das mais pingues e rendosas de Portugal, apreciando o novo monarcha as virtudes, serviços e illustração de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, despachou-o para este bispado, superior em tudo áquelle de cuja posse estava o digno prelado. Recusou porém elle aceitar a nomeação, realisada por carta de 22 de janeiro de 1818. Era-lhe cara a sua diocese, merecia-lhe estima o seu povo, e não quiz abandonar o bispo d'Elvas nem o seu povo, e nem a sua diocese.

Nomeou-o então ElRei Dom João VI, em 13 de maio de 1818, para os cargos de inquisidor geral do reino, e presidente da junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens religiosas.

A mesma superior intelligencia, o mesmo zelo dedicado e as mesmas virtudes apostolicas, empregou Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho n'estes novos empregos que lhe confiára ElRei. A mesma respeitosa reputação, e a mesma universal estima, recebeu e conservou durante todo o tempo em que nelles servira.

Manifestou-se em Portugal a tendencia do seculo; si bem que recebe dos seus antecessores factos, idéas e influencia, tem todavia cada uma epocha as suas tendencias speciães e necessidades proprias. São em todos os paizes democraticas as tendencias do seculo XIX; é mister harmonisar e conciliar estas

tendencias com as boas tradições do passado, e conservar umas com o auxilio das outras. Parece ser o systema representativo o eclectismo admiravel, que, ao passo que satisfaz as aspirações do seculo, retém e aproveita o que ha de bom nas velhas instituições.

Appareceu em Portugal a repercussão d'estas novas ideias que começavam á grassar no mundo. Teve lugar em 1820 a proclamação do regimen constitucional.

Si assustada na primeira invasão dos Francezes teve de retirar-se de Lisboa a còrte portugueza, e de recolher-se ao Rio de Janeiro, não lhe valeu a distancia para salvar-se da obrigação de aceitar a nova ordem de cousas que principiava em Portugal.

Aceitou esta situação ElRei Dom João VI, e no palacio do Rio de Janeiro expedio em 1821 um decreto, pelo qual accedia sem reserva á futura constituição que fizessem as còrtes portuguezas, e ordenava que se procedessem em todos os seus dominios ás respectivas eleições para deputados.

Havia bastantes annos que Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho deixára a sua patria, e longe, bem longe della, se estabelecêra e adquirira renome. Lembrou-se d'elle, e com razão, a patria, por que o renome e a gloria que o cercavam pertenciam-lhe tambem, pois que fôra sua mãe, e como mãe carinhosa que era folgava de jubilo com os triumphos do filho. Foi Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo

Coutinho o primeiro deputado que elegeu a provincia do Rio de Janeiro para as côrtes portuguezas.

Tomou assento no dia 40 de setembro de 1821. Não lhe era dado porém conseguir triumphos e nem gloria na carreira nova que se lhe abria. Desappareceu-lhe repentinamente a vida no dia 42 de setembro de 1824.

Foi sepultado no capitulo dos Padres de São Domingos de Lisboa.

II.

São immensas as memorias e escriptos de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho; foram publicados quasi todos pela Academia real de sciencias de Lisboa : referem-se algumas memorias juridicas a questões que se suscitáram ácerca da competencia das dignidades, egrejas e beneficios dos bispados ultramarinos, e do direito do padroado da corôa e do padroado da ordem militar de Christo; e são relativas varias outras ás obrigações espirituáes dos parochos, e muitos louvores receberam do S. papa Pio VII : publicou tambem differentes pastoráes sobre assumptos diversos, e especialmente a respeito da defesa do rei e da patria, que incumbia a todos os Portuguezes nas epochas calamitosas da invasão franceza.

Escreveu ainda, sob o titulo de *Informação* (4), um trabalho excellente, que comprehende os mais per-

feitos esclarecimentos do estado politico, commercial, financeiro e litterario da capitania de Pernambuco, que administrára por tantos annos, quer no posto de governador interino, quer no exercicio do bispado; e sob diversos titulos (2), varios trabalhos de não menor valor, historiando os differentes methodos do ensino primario e secundario, e estabelecendo as bases de um systema mais applicavel, desenvolvido e completo, do que os systemas de instrucção usados na sua epocha, os quâes mandára cumprir no seminario episcopal de Nossa Senhora da Graça de Pernambuco e nas escholas da capitania.

São quatro porém as producções que lhe déram a maior nomeada.

É a primeira uma memoria relativa ao fabrico, commercio e preço de assucar (3). É um trabalho precioso e importantissimo. Descreve o auctor todo o processo, despesas e difficuldades d'aquelle fabrico; mostra a necessidade do seu commercio livre, e pede a exoneração dos seus direitos alfandegaes. Encerra esta memoria os principios mais luminosos de economia politica, e que tanto mais demonstram a instrucção, e os seus talentos elevados, quanto escreveu-a Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho em 1790, epocha em que estava ainda no maior atraso a sciencia da economia politica, lutando entre os systemas oppostos de Turgot, Colbert, Quesnay e Steward, e não tendo ainda regras fixas e doutrinas certas, apesar do apparecimento

em 1786 da importante obra de Adão Smith, intitulada *Riqueza das nações*, a qual se pode considerar como a creadora das sciencias economicas. Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho publicou a memoria de que fallamos no intuito louvavel de esclarecer o governo portuguez, que tendia a monopolisar o commercio do assucar colonial, estabelecendo preço certo, ou taxa de venda, e prohibindo o livre transporte d'elle; realisáram-se os seus intentos generosos, porque attendeu-o o governo, revogando as deliberações perniciosas, que havia mandado que se cumprissem nos seus dominios. Considerou-o ainda o governo em relação á questão do sal, fazendo abolir o monopolio, contra o qual clamára tambem o bispo d'Elvas.

Foi a sua segunda producção importante um discurso recitado na Academia real de sciencias de Lisboa (4), pintando o estado das minas do Brazil. Previo o auctor os males immensos que do empregar-se exclusivamente á mineração as forças do paiz, e mais ainda do pessimo systema n'ella admitido, deviam resultar para o Brazil. Era para elle a mineração uma fonte de riqueza publica; não constituia porém toda a riqueza nacional; firmava a agricultura mais os alicerces de futuros engrandecimentos, e para a agricultura convinha mais vantajosamente attrahir as forças do paiz. Este discurso publicado no anno de 1804 no *Investigador portuguez* de Londres, provocou em Inglaterra mui-

tos elogios da parte dos homens mais entendidos em assumptos semelhantes.

Obteve duas edições a sua terceira producção, e foi traduzida nas linguas ingleza e franceza. É a que trata do commercio de escravos e sua abolição. Tomando assento no parlamento britannico, começou Wilberforce a prégar a necessidade da abolição da escravatura; estas doutrinas novas, que na Grã-Bretanha conseguiram converter-se em lei, passáram os mares e perturbáram de sobra todos os paizes que, possuindo estabelecimentos coloniães, estavam no uso de agricultura-los por meio de braços escravos.

Ligavam-se na Grã-Bretanha a philosophia e a politica para acabar com o trafico cruel de escravos; possuia a Grã-Bretanha uma marinha que crescia quotidianamente, immensas colonias na India, que começavam a produzir generos identicos aos que se cultivavam nos estabelecimentos da America; ao passo que causava o decrescimento da producção americana, que, precisando de braços para rasgar as suas terras, via-se obrigada a pedi-los a Africa, e dava assim enxanças a consumo mais extenso e proveitoso dos generos coloniães britannicos, encerrava tambem a abolição do trafico como consequencia immediata o direito de visita e detenção dos navios mercantes, e facultava por este meio pretextos á Grã-Bretanha para, sob a pretensão de perseguir o trafico, perturbar e atacar impunemente todas as

marinhas estranhas. Sob as vestes da philanthropia encobriam-se na Grã-Bretanha pretensões exclusivas e ameaçadoras de todas as demais nações europeas.

Escreveu Dom Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a sua memoria acerca da abolição do trafico em 1791 (5). Discriminou perfeitamente a questão religiosa e moral da questão politica. Era aquella susceptivel ainda de duvidas e opiniões diversas, visto como tinha existido a escravatura desde o principio do mundo, e atravêz de todas as religiões. Equivaleria então esta para o reino de Portugal á destruição e ruina total de todo o seu florescente estado de riqueza presente e futura. Onde encontraria os necessarios braços para não substituir sómente nas suas colonias os braços escravos que existiam, como para augmentar ainda a sua lavoura, e fazê-la progredir, com a applicação de forças ascendentes? Decidida como devia ser a questão religiosa e moral segundo as theorias dos inimigos do trafico, continha todavia a questão politica elementos tão graves, que tornava-se unica e vital para as nações, que não quizessem suicidar-se n'aquella epocha.

Escripta em estylo severo e nobre, e caracterisada por uma logica cerrada e conhecimentos vastos e profundos, causou esta memoria impressão bastante na Europa, e mereceu ser traduzida e publicada em Londres e Pariz: lida na actualidade agrada ainda e convence mesmo (6) em relação a aquella epocha que

muito differia da actual, e não via partir como de quasi todas as nações da Europa parte hoje uma emigração de homens e trabalhadores livres, que exclue os escravos, melhora e aperfeiçoa a agricultura, e dá á industria fructos mais vantajosos!

A obra porém prima de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, aquella que revela com mais clareza os talentos subidos que o ornavam, e a instrucção regular e solida que elle possuia, é o *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias* (7), que não só mereceu uma traducção franceza (8), senão tambem que se occupassem com ella os homens mais eminentes e illustrados da nação portuguesa, e as gazetas principaes e escriptos de quasi toda a Europa (9).

Abraça no seu prefacio o elemento monarchico, e repelle todo o contacto das doutrinas democraticas. Apresenta no desenvolvimento da obra os principios os mais sãos de economia publica, mostrando-se a par das ideas contemporaneas. Contém ella ainda as mais importantes noções historicas, estatisticas, politicas e commerciaes de Portugal, e seus dominios do Brazil especificadamente.

É dividida em tres partes: tratam-se na primeira os interesses que do Brazil pode tirar a metropole; discutem-se na segunda aquelles que lhe podem tambem provir das outras colonias que possui na Asia e na Africa; e na terceira contras-

tam-se as conveniencias que podem-se mutuamente conceder Portugal e as demais nações europeas.

É para o Brazil a primeira parte interessantissima. Descreve o auctor a sua historia na occasião do descobrimento de Pedro Alvares Cabral, a sua topographia e hydrographia, a fertilidade e riquezas do seu solo e dos seus mares, e a sua industria e população. É um dos quadros mais bem desenhados, já pelas ideas illustradas que n'elle se espalham, e já pelo estylo severo e ao mesmo tempo eloquente de que se acha revestido.

« Ali, diz o auctor, § 3º, o Indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura nem industria, debaixo de um clima agradavel, e que o não incommoda, soberbo e altivo com a força e robustez do seu braço, sem mais vestidos do que aquelle que lhe deu a natureza, vive e dorme descansado, sem jamais se lembrar d'onde lhe ha de vir o sustento para o outro dia. O arco e a frécha é toda a sua riqueza, é toda a sua industria. Assim vivem milhares e milhares de homens sem trabalharem para comer, que parece nascerem só para gozar. »

Passa depois a enumerar todos os productos do solo, e aquelles que fabrica a industria; manifestando espantosa erudição de tudo o que encerra o seu paiz, desde os reconditos sães que guardam os rios Sangrador, Freixos Grandes e Pirapitanga, na estrada que segue para o Matto Grosso entre os rios Cuyabá e Paraguay, e que facilmente se pode-

riam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal marinho, desde a propriedade de todas as arvores, e a descripção de todos os mineráes, até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria, continúa o auctor, os fructos da terra não terão valor; e si a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

» Um grande commercio pede uma grande navegação; e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura e das manufacturas, segue-se que a navegação é um dobrado augmento de forças reaes e relativas de um corpo politico. Tudo quanto uma nação ganha de uma parte diminue a potencia real e relativa das suas riváes, e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

» A politica distingue tres objectos differentes na navegação: 1º a occupação que dá ás gentes do mar que fazem o trabalho d'ella; 2º a construcção dos navios, que se deve considerar como fabrica; e 3º a utilidade que procura ao commercio

pelo transporte das produções e das manufacturas.

» Um povo que deixa fazer por outros uma navegação que elle poderia fazer, diminue outro tanto as suas forças reaes e relativas em favor das nações suas riváes. »

Estas ideas admiraveis desenvolve Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e com exemplos da Grã-Bretanha.

Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possui portos de mar é uma das suas principaes necessidades.

» A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vêzes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de setembro de 1660, ao qual os Inglezes ainda hoje respeitam como seu palladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pode bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

Manifestam as citações que acabamos de apresentar a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, e animar muito a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade

de animar-se as pescarias, a fim de formar-se uma eschola de marinheiros, pois que foi sempre a pescaria o primeiro berço em que se tem criado a marinhagem.

« De pouco ou nada serviria ter rios navegaveis e bons portos, si se estivesse desprovido de marinheiros e de gentes do mar. O ser marinheiro é um officio, e um officio penoso de aprender; é necessario mocidade, força e robustez. Podem-se fazer recrutas de homens para soldados, mas não para marinheiros. Uma nação que não tem grandes pescarias não pode ter grande marinha, nem mesmo um grande commercio. »

Acredita o auctor que formam no Brazil as pescarias o meio mais proprio para civilisar os gentios que habitam junto ás margens dos grandes rios e dos mares; e que é esta a verdadeira doutrina da sua civilisação, e não a que se tem posto em pratica de principiar em relação com elles por onde acabam as demais nações.

« A arte de governar, diz elle, é a mais sublime de quantas os homens tem inventado. A arte de pôr em acção a machina de cada individuo consiste em pesquisar qual é a sua paixão mais forte e dominante. Achada ella, pode-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento. O Indio é naturalmente inclinado á pesca por necessidade e por gosto. Esta é a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu

movimento; é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua machina em beneficio commum d'elle e de toda a sociedade. »

Cita a respeito opiniões de Lery, de Hans Stadt, Burlæus, Simão de Vasconcellos, Berredo, Rafael de Jesus, e de outros escriptores, e os costumes dos Goytacazes e Tamoyos, que tanto navegavam em enormes canoas pelos mares territoriães do Rio de Janeiro. Acostumados os indigenas ás pescarias regulares, passarão com facilidade a servir nas marinhas mercantes e de guerra; combate com força e criterio o que dizem Montesquieu e os sectarios do systema dos climas, provando o quanto são valentes, energicos e animosos os indigenas do Brazil, segundo os testemunhos unisonos dos viajantes e escriptores.

Analysando os possessões portuguezas, e a natureza da sua producção, mostra como poderia levantar-se Portugal do estado de abatimento em que se acha prostrado, si um governo energico e illustrado tentasse abrir-lhe os vôos, promovendo e desenvolvendo os grandes elementos de grandeza que possúe ainda.

« Basta lançar os olhos (diz elle) sobre toda a riqueza dos fundos que Portugal possúe, e sobre os grandes principios do commercio, para se conhecer que Portugal pode fazer uma segunda revolução no commercio da Europa; talvez mais feliz do que aquella que elle causou em outro tempo, pela

intelligencia e pelo atrevimento da sua navegação nas costas d'Africa e nos mares da India dobrando o cabo da Boa Esperança.

» Para isso deve Portugal conhecer que quanto mais dever ás suas colonias, tanto será mais rico; e quanto mais credoras forem as colonias de Portugal, tanto lhe serão mais ligadas e mais dependentes.

» Só teme quem tem que perder; quem mais tem que perder, mais teme : quem mais teme, mais obedece : é pois necessario que os interesses da metropole sejam ligados com as das colonias, e que estas sejam tratadas sem rivalidade. Quanto os vassallos são mais ricos, tanto o soberano é muito mais.»

Pelo que temos analysado, conhece-se a importancia e a elevação politica d'esta obra. Estabelecendo principios firmes e incontestaveis, esforça-se o auctor de levar Portugal e o Brazil á maior prosperidade e grandeza, ensinando-lhes os meios por que podem e devem conseguir uma grande marinha, um vasto commercio, a agricultura mais vantajosa e a industria mais activa, encerrando em si, como encerram, todos os elementos para occuparem os logares mais subidos nas escalas das nações, e se qualificarem no numero das mais ricas e poderosas.

Ah! si tivessem sido ouvidas estas vozes! si tivessem sido praticados estes principios!

Ainda mesmo que se não aceitem na actualidade algumas das opiniões emitidas no *Ensaio economico* de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, valor bastante conserva esta obra, que é digna a todos os respeitos de ser lida, estudada e conservada nas livrarias dos litteratos e politicos.

Existem n'ella os elementos que asseguram duração a qualquer obra humana; erudição vasta, raciocinio forte, ideas elevadas, principios novos e luminosos, methodo claro, vistas patrioticas, assumpto da maior importancia, e não da sua epocha só, mas tambem das epochas subsequentes, e um estylo severo, breve, agradavel e eloquente ao mesmo tempo.

NOTAS.

- (1) *Informação dada ao ministro d'estado dos negocios da fazenda Dom Rodrigo de Souza Coutinho*. Lisboa, 1808.
- (2) *Estatutos do seminario episcopal de Nossa Senhora da Graça da cidade de Olinda. — Regulamentos de instrucção primaria. - Varias pastoraes*. Lisboa, 1808.
- (3) Foi publicada em Lisboa em 1791.
- (4) Foi publicado em Lisboa em 1804.
- (5) *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da costa d'Africa*. 1ª edição, Lisboa, 1791; 2ª edição, 1808.
- (6) No congresso de Verona, em 1822, quando se tratou da abolição do trafico, foi apresentada esta memoria pelos adversarios da Inglaterra, e os seus argumentos oppostos aos pretextos dos plenipotenciarios britannicos. — Chateaubriand, *Extrait des Mémoires d'outre-tombe*.
- (7) A primeira edição é de 1802, e a segunda de 1816.
- (8) Pariz, 1816.
- (9) *Décade philosophique, littéraire et politique*, nº 22, 1807. — *Monthly Review*, agosto de 1803. — *Wiener Zeitung* de 1808. — *Courrier* de 1817, London. — Ferdinand Denis, *Histoire de la littérature portugaise*. — Adrien Balbi, *Statistique de Portugal*. — Além d'estes auctores pode-se citar uma memoria escripta em francez pelo abbade Correia da Serra, a respeito do estado litterario de Portugal, a qual foi publicada no primeiro tomo dos *Archives littéraires de l'Europe*.

X.

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO.

I.

É a cidade do Rio de Janeiro patria de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo; nasceu em 12 de outubro de 1753, sendo seus progenitores o coronel Luiz Manuel de Azevedo Carneiro da Cunha e Dona Maria Josepha Pizarro e Araujo.

Fôra o coronel Carneiro da Cunha tão estimado pelo primeiro vice-rei, o conde da Cunha, como pelo seu substituto, o conde de Azambuja. Coursou seu filho as melhores escholas do Rio de Janeiro, e principiando a denunciar, desde os annos mais verdes, talentos os mais subidos, julgou seu pai que devia aproveitar as suas relações com as principaes auctoridades do Rio de Janeiro, para recommenda-lo efficaçmente em Portugal a protectores valiosos, que lhe facilitassem os meios de adquirir uma instrucção mais larga, e desenvolver a sua intelligencia.

Tantos são os cuidados e sollicitudes do amor paterno! Estremecia de prazer o coronel Carneiro da

Cunha sempre que notava o zelo laborioso do filho, a sua prematura dedicação aos livros, e a sua curiosidade insaciavel de conhecer todos os factos que se succediam ao pé e em torno d'elle : anciava de ver o desenvolvimento de qualidades que prometiam tanto. Custou-lhe muito separação. Dir-se-ia que lhe presagiava o coração que, partido o filho, não o veriam mais os seus olhos, e nem o apertariam mais os seus braços !

Forçoso foi comtudo que José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo deixasse a patria e a familia, e procurasse em distantes terras conseguir a sciencia, cuja nobre ambição o movia desde o desabrochar do pensamento.

Passou em Coimbra seis annos da sua vida, desde 1770 até 1776. Seguiu os cursos da universidade, tomou o gráu de bacharel em canones, e preparava-se para voltar para a sua patria e rever os seus pais, quando a noticia do fallecimento d'elles enluctou os seus dias, e levou-o a abandonar todo o futuro que lhe augurava a intelligencia na vida civil, para se entregar a Deus, tomar ordens, e converter-se em ministro do altar.

Modificáram-se desde esse tempo os seus habitos e os seus sentimentos. Conservou-se em Portugal até o anno de 1781, regressando então para o Rio de Janeiro, a fim de occupar o canonicato da antiga sé, em que fôra apresentado por carta regia de 20 de outubro de 1780.

Durante todo o tempo que durára a administração do terceiro vice-rei o marquez de Lavradio, successor do conde de Azambuja, esteve ausente José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. Si por um lado lhe renovára as dôres do coração a falta de seu pai, falta insupprível para um filho estremo, que logra a ventura de rever e tocar terras da patria e respirar os seus ares beneficos, por outro lado não pode deixar de extasiar-se observando tantos beneficos que adquirira o Rio de Janeiro com o governo do marquez de Lavradio, já em progressos materiães, e ja mesmo em illustração, ousando até alguns sujeitos doutos da colonia organizar academias, e promover seriamente o adiantamento das luzes e o gosto das letras.

Sucedeu-lhe na posse do governo o quarto vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza. Os melhoramentos que se encetáram durante a administração do seu antecessor, progrediram com igual energia. As letras, que começavam a resplandecer, brilháram com fulgor novo. A Academia scientifica do Rio de Janeiro, que fôra apenas um ensaio no genero das associações litterarias, e que como ensaio não tinha podido medrar, transformou-se ou antes ressuscitou na Arcadia. Dirigiram-se viagens para os sertões do Brazil, a fim de explorar-se os terrenos e os rios que constituem o seu brilho e a sua riqueza : eram progressos tudo no paiz, que parecia encetar emfim a carreira para que o destinára a natureza.

Esforçou-se tambem José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo em associar o seu nome aos nomes d'aquelles que abrilhantáram essa quadra ditosa. Entrou para a Arcadia, sobre a qual tratamos largamente nas vidas de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga e de José Basilio da Gama. Si bem que do numero d'aquelles que não foram presos durante o vice-reinado do conde de Rezende, já pelo seu estado e emprego ecclesiasticos, já pelo seu animo inoffensivo, timorato e recolhido, fortuna que não coube a Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, a Marianno José Pereira da Fonseca, e a varios outros sujeitos distinctos, soffreu comtudo perseguições miseraveis e mesquinhas, com que mais se avilta, do que prova o poder a sua robustez e força.

Procurou José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo salvar-se d'essas perseguições, aproveitando-se de uma autorisação que lhe deu o bispo, para visitar as egrejas e comarcas do bispado, deixando assim o Rio de Janeiro, e conservando-se por alguns annos em viagens interiores.

Foram para elle de muito proveito estas viagens. Ambicionava á muitos annos escrever uma chronica do bispado do Rio de Janeiro. Na visita que fez ás egrejas e camaras do bispado, encontrou materiães immensos, documentos curiosos, e que lhe ministraram esclarecimentos importantes.

A trabalho nem-um se poupou o seu genio curioso e indagador para conseguir a somma maior de

materiaes valiosos. E a proporção que os ia descobrindo, alargava-se-lhe a ambição de estender a sua chronica a todos os bispados do Brazil, comprehendendo a historia fiel e verdadeira dos seus acontecimentos, fundada em provas documentaes e irrecusaveis.

Quando considerou serenada a tempestade, e já soltos aquelles de seus companheiros da Arcadia que haviam soffrido maiores perseguições, regressou para o Rio de Janeiro, e entregou-se de novo aos seus trabalhos ecclesiasticos e a sua tranquillidade de espirito.

Desejou em 1801 rever a metropole; deixou o Rio de Janeiro: chegado apenas a Lisboa obteve do principe regente a nomeação de conego da igreja patriarchal.

N'este novo emprego conservou-se até que a invasão dos Francezes obrigando a cõrte portugueza a abandonar Portugal, e a passar-se para o Rio de Janeiro, voltou com ella para a sua patria, e residio ahi até o fim da sua existencia.

Estabelecida a cõrte no Rio de Janeiro, creou o principe regente Dom João os tribunaes e estabelecimentos precisos para o desenvolvimento da acção livre do governo e a plena distribuição da justiça. Pelo alvará de 22 de abril 1808 instituiu o tribunal superior do desembargo do paço e mesa de consciencia e ordens. Lembrou-se de Azevedo Pizarro para o emprego de procurador geral das

tres ordens militares, e despachou-o para elle.

Foi tambem nomeado pouco tempo depois presbytero com o titulo de thesoureiro mór e arcipreste da real capella do Rio de Janeiro; obteve conjunctamente o titulo do conselho de Sua Magestade, e o logar de deputado da mesa de consciencia e ordens, deixando o emprego de procurador geral das tres ordens.

Apesar do peso de tantos e tão penosos trabalhos, continuou na sua tarefa de historiar os acontecimentos dos bispados do Brazil desde o seu descobrimento até a quadra sua contemporanea. Conservou o mesmo zelo de instruir-se, e a mesma ambição de esclarecer-se a respeito de todos os factos succedidos; aproveitou-se da posição mais elevada que occupava então na sociedade, para conseguir os esclarecimentos que desejava, e as informações de que carecia mais para a obra em que se occupava.

Seguia no entanto o Brazil phases imprevistas e inopinadas. De colonia passára inesperadamente a reino-unido. Elevou-se de reino-unido a imperio independente. Não tomou monsenhor Azevedo Pizarro parte activa nos acontecimentos politicos. Sua idade, seus trabalhos e seu character repugnavam com as tempestades da epocha. Continuou tranquilamente no exercicio dos seus empregos e nos seus trabalhos litterarios.

Publicou de 1820 a 1822 os nove volumes de

que se compõem as suas *Memorias historicas da capitania do Rio de Janeiro, e das demais capitánias do Brazil*. Firmou-se a sua reputação com este importante escripto, fructo dos trabalhos mais difficoltozos e da investigação mais perseverante.

Foi Dom Pedro I proclamado imperador do Brazil, e pouco tempo depois, com a dissolução da Assembléa constituinte, outorgou elle a constituição politica de 1825, que vigora ainda hoje. Teve o paiz que proceder ás eleições de deputados e senadores que o representassem nas duas camaras do parlamento. Ainda que affastado da vida publica, foi monsenhor Azevedo Pizarro nomeado deputado á Assembléa geral, e na camara a que pertencia aclamado e escolhido presidente.

Não pode porém sustentar as fadigas da vida politica. Obtendo em 1828 a sua aposentadoria no logar de conselheiro do supremo tribunal de justiça, e dispensa do exercicio da capella imperial, retirou-se para fóra da cidade, e entregou-se ao repouso do corpo e do espirito.

Passeando pelo jardim botanico da Lagôa de Rodrigo de Freitas em 14 de maio de 1830, foi atacado de uma apoplexia fulminante, que o mattou instantaneamente.

II.

Tem todas as nações uma grande familia de chronistas. São uns considerados pela belleza e perfeição do estylo e das formulas exteriores. Merecem encomios outros pelos encantos da imaginação, e os rasgos da poesia. Brilham emfim alguns pelo lado só da verdade dos factos, e fidelidade das observações.

Universal estima merece toda esta familia de litteratos. São como os monumentos toscos que transmittem todavia aos seculos vindouros os feitos e a gloria dos passados. De ingenho modesto não procuram renome para si; pretendem unicamente salvar do olvido aquellas acções que lhes parecem dignas de memoria e lembrança perpetua. É o historiador como a aguia que de alto paira e se revolve na sua grandeza e magnificencia. É o chronista a ave de vôo rasteiro, que descanta os seus amores á vista de todos, n'essa linguagem de todos, e sem a menor pretensão de elevar-se e engrandecer-se.

Anda catando o chronista os factos, e sempre que os encontra, procura despi-los da alliagem dos elementos que os escurecem e transformam, e reconta-los ao mundo na forma singular em que se passaram, e com a singeleza propria dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das epochas contem-

poraneas. Do meio d'esses acontecimentos, que pinta o chronista, arranca o historiador aquelles que sobresaem de per si, e devem de influir sobre os outros, e elevando-os ao gráu de importancia e grandeza em que os considera, os publica ao mundo de toda a altura do seu throno, como os prophetas do antigo Testamento ou os sacerdotes do Egypto.

É mais difficil e mais elevada de certo a missão do historiador; quão poucos apparecem! São porém os chronistas em numero estirado, e succedem-se uns aos outros com mais ou menos talentos, com mais ou menos boas qualidades.

Não se desprezem no emtanto os chronistas. Não se pode conhecer a historia de paiz nem-um sem ler-se os seus escriptos. Da combinação e conferencia d'elles resulta o esclarecimento da razão. São os chronistas como os archotes nos subterraneos profundos, o raio da luz no seio das florestas emmaranhadas, e o crepitar do relampago durante a negridão da tempestade. Apprendem-se por elles muitas cousas, conservam-se muitos feitos, e perpetuam-se muitas acções.

Judicioso e digno de louvor era sem a menor duvida o comportamento dos antigos reis de Portugal. Tinha cada um reinado o seu chronista, isto é, o escriptor e relator de todos os feitos da sua epocha e dos tempos anteriores. Um emprego importante occupava o chronista, o de guarda mór do archivo real e cartorios do reino. Era-lhe concedida

e paga uma pensão do estado em indemnisação dos seus trabalhos e occupação aturada. Eram-lhe franqueadas as secretarias, as repartições publicas, e assim os cartorios e archivos. Lograva inteira confiança para examinar todos os documentos por mais secretos e mysteriosos, e considerava-se importante e honrado o emprego que occupava.

Chronistas houve, como Fernão Lopes, contemporaneo de Dom Duarte, que subiram á altura de historiadores. Outros que são como o deposito de tudo quanto hã de conhecimentos historicos de seu tempo, indispensaveis para todo o genero de estudos, como Ruy de Pina, Gomes Eannes de Azurára, Antonio Brandão, Bernardo de Brito, Francisco Brandão e Francisco de Andrade.

Tinham seus chronistas os Jesuitas para a historia da Companhia. Quanto se lhes não deve? Os principios da historia do Brazil são colhidos dos trabalhos d'elles : a historia de todos os descobrimentos praticados pelos Europeos na Asia, Africa e America, apparece miudamente narrada nas chronicas dos Jesuitas. Possuia a Companhia na França, na Hespanha, em Portugal, na Italia, e nas colonias, historiographos empregados unicamente na honrosa missão de conservar os feitos d'ella.

Gloriavam-se outras ordens tambem como a dos Benedictinos francezes, e a dos Carmelitas portuguezes, italianos e hespanhões, de contar em seu

seio chronistas de merecimento. Não se pode desconhecer o merito de Dom Bouquet e Dom Mabilion. Como olvidar a frei Luiz de Souza, frei Antonio Caetano de Souza, frei José Pereira de Santa Anna, o padre Thomaz Serrano, Simão de Vasconcellos, Balthasar Telles, o padre Jaboatão, João de Lucena, e Simão Pereira de Sá?

Foram procurados, encontrados e depurados por elles os materiães historicos mais importantes; publicáram-se por seu cuidado os documentos mais preciosos, occultos até então sob o pó dos archivovos: muitos serviços devem as lettras a esses varões laboriosos que viveram e envelheceram no estudo dos pergaminhos despedaçados e dos papeis velhos. Guardam indelevel a sua memoria os homens todos que são intelligentes e instruidos.

Nas epochas calamitosas unicamente, quando se acham confundidas e anarchisadas todas as ideias de moral e de verdadeiro patriotismo, quando encobre as luzes o cháos da barbarie, que produz a desordem material e o desarranjo dos espiritos, é que se pode ouvir a um Condorcet exclamar em plena Assembléa como o fez na sessão de 42 de junho de 1792: « Vestigios existem da vaidade das raças guardados nas secretarias e bibliothecas publicas; cumpre destrui-los. Não ha de ser á custa da nação que continuará a sua guarda; tão ridiculos documentos podem offender a egualdade. Proponho pois que em todos os departamentos se

queimem os documentos, titulos e cartas que estiverem guardados nos seus archivos.»

N'esses tempos nebulosos é que unicamente se observa o selvagem espectáculo que deu a França de queimar em Pariz no dia 22 de fevereiro de 1793 cento e quarenta e seis caixas de manuscriptos!

Como é varia e caprichosa a intelligencia humana! como se apodera a exaltação politica dos espiritos os mais brilhantes e illustrados, e os arrasta a pensar tão extravagantemente!

É para o Brazil monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo um dos seus chronistas mais preciosos. Não tem estylo a sua obra; não encanta a leitura d'ella; não se recommenda por nem-uma d'essas qualidades que constituem um escriptor. E não falta-lhe sómente a grande qualidade de estylo, como pecca sobretudo a organização das *Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do estado do Brazil* pela obscuridade de plano que seguio, pela desconnexão dos factos que narra, e pela má collocação das datas. São porém um thesouro inesgotavel de sciencia historica; um archivo completo de todos os acontecimentos que se succederam no paiz; e um monumento para o Brazil do mais subido valor historico, chronologico e geographico.

Não tem elle imaginação brilhante, e nem pensamentos elevados; não é escriptor para se comparar com Fernão Lopes, com Diogo do Couto,

com Froissard, com Luiz de Souza, com Rocha Pitta, com Villani ou com Joinville. Mas tem tanto ou maior merecimento ainda do que elles, porque muito poucos escriptores existem que mais se apoiem em documentos; que nem-um factó narrem, que não o provem immediatâmente; e que manifestem zelo maior, curiosidade mais minuciosa, e desejo mais ennobrecido de instruir-se.

E no Brazil, aonde necessariamente deviam de faltar os materiâes historicos, realçam muito mais o merito da obra aquelle zelo da sciencia, e actividade tão escrupulosa e incansavel que elle patenteia, em presença das proprias difficuldades da empresa, que espanta a primeira vista pela sua immensidade.

Não teve systema na organização da sua obra; escreveu-a como a foi pensando, compô-la como a foi sabendo. Nem-uma affectação, e nem outra ambição teve afóra a de publicar o que estudára e aprendêra, porque era a historia do seu paiz.

Contém as *Memorias historicas* nove volumes, divididos pela chronica de cada uma das provincias do Brazil, estudada ou isoladamente, ou conjunctamente com as outras. As primeiras conquistas, as guerras com os gentios, e os estabelecimentos que se foram fundando, é recontado tudo simples, mas fielmente; são com toda a minuciosidade depurados e depois descriptos, os factos que se succederam. Não se attendem as consequencias que d'elles resultaram, e menos á sua importancia. O que monse-

nhor Azevedo Pizarro pretendeu foi publicar unicamente os acontecimentos como os denunciam os documentos e memorias contemporaneas, deixando ao publico a sua apreciação livre e inteira.

Nas *Memorias historicas do Rio de Janeiro* não se vê o philosopho extrahindo lições para esclarecer o povo; descobre-se unicamente o homem que indagou todos os acontecimentos por mais pequenos, que estudou-os em toda a sua nudez e fidelidade, e que os manifesta ao mundo ingenua e modestamente e com a consciencia mais escrupulosa.

Ganháram espantosamente com a sua apparição a chronologia, a biographia e a geographia : são ellas, e mais a *Corographia brazilica* de Manuel Ayres do Casal, os dous monumentos historicos mais preciosos que tem-se escripto acerca do Brazil.

Consultou monsenhor Azevedo Pizarro registos de camaras, assentos de parochias, archivos publicos, memorias particulares, bibliothecás, secretarias, cartorios de conventos e ordens monasticas; aproveitou todos os dados, os esclarecimentos mais pequenos, e as memorias mais insignificantes.

« Persuadido, diz o prefacio, de ser util á historia, e precisando muitas vêzes narrar certas miudezas de factos, receei menos o fastio do leitor, cuja censura devo suppôr que seja modificada : e confio na benignidade do publico haja de desculpar o atrevimento d'esta empresa, certo de que cuidadoso de lhe dirigir o fructo das minhas applicações,

não me desvelei na arte, na pureza e na graça do dizer (circumstancias menos precisas do que a verdade, idolo principal da historia), occupando-me mais em colligir os subsidios que devem servir de base a quem, com penna culta, habil e judiciosa, convier a composição de uma historia do continente braziliense, e muito particularmente dos que serviram de assumpto para se formalisarem as presentes memorias. »

Eis ahi o homem sabio, mas modesto; instruido, mas timido; n'estas palavras singelas disse o chronista o seu pensamento todo, e declarou a estensão dos seus trabalhos.

São as *Memorias historicas* de monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo o deposito de documentos importantes que tem de ser collidos e aproveitados pelo futuro historiador do Brazil. Poderão então perder o interesse da leitura; será apreciado porém o seu merito, e commemorado eternamente o nome do seu auctor.

do não me desviei da arte, na pintura e na grav. do
 dizer (circunstantes meos puzas do que a ver-
 dade, sendo principal da historia, occupando-lhe
 mais em colligir os subsdios que devem servir de
 base a quem, com pouca cultura, ha de julgar,
 com a compozico de uma historia do conti-
 nente braziliense, e muito particularmente dos que
 se tinham de estabelecer para se formalisarem as pre-
 sentes memorias.

Essa foi o homem sabio, mais modesto, instruido,
 mais timido; e estas palavras singelas disse a con-
 vista o seu pensamento todo, e declarou a effecção
 dos seus trabalhos.

Seo as memorias historicas de menção, José de
 Souza Azevedo diz que é Araujo o deposito de
 documentos importantes que tem de ser colligidos
 e aproveitados pelo futuro historico do Brazil.
 Poderão entao perder o interesse da historia; esta
 epochada porém o seu merito, e commendando
 eternamente o nome do seu auctor.

Seo os documentos de menção, José de Souza Azevedo diz que é Araujo o deposito de documentos importantes que tem de ser colligidos e aproveitados pelo futuro historico do Brazil. Poderão entao perder o interesse da historia; esta epochada porém o seu merito, e commendando eternamente o nome do seu auctor.

XI.

JOSÉ DA SILVA LISBOA.

I.

Foi venturoso o anno de 1640 tanto para Portugal como para o Brazil. Coube a Portugal a fortuna de reivindicar a sua independencia e liberdade. Gozou o Brazil do direito de ser governado por um vice-rei. Dividido em capitancias até ali, regendo-se cada uma pelo seu capitão general e governador, sem nexos, e nem concordia, marchava o Brazil como que só pelos seus esforços proprios e isolados, que tinham pouca força e alcance curto. Não podia demais contar com os auxilios da metropole : desprezava-o a Hespanha, como desprezára as conquistas portuguezas da India, que se perderam quasi todas durante os malfadados sessenta annos do jugo dos Felipes. Apoderáram-se os Inglezes e Hollandezes das que lhes convieram mais, e que nem forças tinham para resistir-lhes.

Era entretanto de tão elevada importancia a colonia do Brazil, que já voltavam os Europeos os seus olhos da India para este solo do occidente, e reco-

nheciam que mais aqui do que nos paizes asiaticos se pleiteava a causa da civilisação, e encontravam-se os elementos necessarios do seu desenvolvimento e da successão europea.

Foi Dom Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, o primeiro que, com patente de vice-rei, governou o estado do Brazil, estabelecendo a séde da administração na cidade da Bahia.

Deixava-se muitas vêzes arrastar infelizmente o governo portuguez por prejuizos erroneos, receios imaginarios, e pela desgraçada e fatal rotina dos tempos passados. Padeciam com isso os interesses do Brazil, e soffria Portugal tambem muito.

Ao marquez de Montalvão succederam cinco governadores, não já na qualidade de vice-reis, apenas com patentes de capitães generaes, restituindo-se a administração ao antigo estado, quando carecia de ser a marcha natural das cousas acompanhada de melhoramentos consentaneos da ordem politica.

E substituiam-se esses mesmos governadores tão rapidamente, que não havia tempo para que podessem estudar e conhecer a administração publica.

Um segundo vice-rei, Dom Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos, governou até 13 de junho de 1667, deixando por successor não outro vice-rei, mas Alexandre de Souza Freire, na qualidade ainda de capitão general; e a Alexandre de Souza Freire se seguiram onze capitães generaes.

Pareceria, que o não era entretanto, plano concertado e desenvolvido. Não se succediam os vice-reis. Entre um e outro vice-rei se intercalava uma interinidade no governo, e ás vêzes com distancia grande:

Foi o terceiro Dom Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa-Verde e marquez de Anjeja, que tomou posse da administração que se lhe confiára em 13 de julho de 1714.

D'aqui por diante apparece mais regularidade nas substituições: diminuem as interinidades. Passa o governo de uns para outros vice-reis, como auctori-dades superiores. A Vasco Fernandes Cesar de Menezes succede o conde das Galveas, que tem por substituto Dom Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e Atayde. Tomou posse em 1755 Dom Marcos de Noronha, conde dos Arcos, que governára a capitania de Pernambuco desde 1746 até 1749, e fôra o primeiro capitão general da nova capitania de Goyaz.

Durante a administração illustrada do conde dos Arcos nasceu na Bahia, em 16 de julho de 1756, Jose da Silva Lisboa, filho legitimo do architecto Henrique da Silva Lisboa e de Dona Helena Nunes de Jesus.

Estava n'esse tempo a cidade de Bahia curvada sob o peso de tributos enormes que deliberára o senado da camara lançar sobre o povo, no desejo de corresponder á carta assignada pela mão d'El-

Rei Dom José I, e que lhe fôra dirigida, communicando-lhe o extraordinario e desastroso terremoto que no dia 1º de novembro de 1755 destruiu Lisboa e alguns outros pontos de Portugal. Appellára El-Rei para o amor e zelo dos seus vassallos, e rogáralhes o concurso que podessem prestar-lhe para reedificar-se a capital do reino.

Reunido a 7 de abril de 1756, sob a presidencia do conde dos Arcos, decidio o senado da camara da cidade da Bahia que concorresse a capitania, que representava, com tres milhões de cruzados, que se retirariam do augmento dos impostos, *ficando aos membros da junta (A) summo pesar de nao poderem converter o sangue das proprias veias em abundantes cabedães, para todos offerecerem espontaneamente a S. M. em signal da grande fidelidade, amor e zelo de seus vassallos.*

Teve logar assim em uma epocha notavel o nascimento de José da Silva Lisboa; passou-se tambem a sua infancia no meio de occurrencias importantes e de acontecimentos inesperados.

Participou o ministro Sebastião José de Carvalho e Mello ao conde dos Arcos em 1758, que pela opposição que haviam feito ao tratado de limites de 16 de janeiro de 1750, estipulado entre as corôas portugueza e hespanhola, tinham sido por ElRei privados os Jesuitas dos confissionarios e de entrada no paço, e que obtivera S. M. um breve da curia romana, pelo qual nomeára o cardeal Saldanha para refor-

mador geral da Companhia de Jesus em todos os domínios portuguezes.

Teria decorrido um anno apenas, quando pela lei de 7 de setembro de 1759, mandada cumprir e executar em todo o reino e suas colonias, foram os Jesuitas declarados rebeldes e traidores, proscriptos e desnaturalizados.

Representou-se então uma scena que cubrio a uns de lucto, e causou a outros grande alegria. Consideravam os primeiros aos Jesuitas como os protectores dos pobres, miseraveis e desvalidos; os medicos do corpo e da alma; os sacerdotes desinteressados que faziam o bem, sem que nutrissem outra esperanza afóra a confiança em Deus, e na sua missão gloriosa; e eram ainda recommendaveis os Jesuitas pelos grandes feitos que havia praticado a Companhia no Brazil, e pelos serviços importantes de José de Anchieta, de Manuel da Nobrega, de João de Aspicuelta Navarro, e de tantos outros illustres sujeitos que adquiriram renome e gloria, e se tornáram credores do respeito e gratidão dos povos. Não passavam os Jesuitas para os segundos de uma sociedade de homens ambiciosos, que pretextando intenções religiosas, cuidavam unicamente do engrandecimento da sua companhia, do dominio exclusivo da sociedade civil, e da centralisação em suas mãos de todo o poder e influencia mundana.

Sentiam uns que fossem os Jesuitas persegui-

dos, e davam-lhes as honras do martyrio; enthusiamavam-se outros com a execução da lei, e a consideravam medida vital para o paiz.

Foram presos os Jesuitas; atravessáram as ruas da Bahia no meio de escoltas numerosas, e pela frente de uma multidão extraordinaria de povo; foram embarcados nas náus *Nossa Senhora da Ajuda* e *Nossa Senhora do Carmo*, e remettidos para Lisboa em 18 de abril de 1760, cento e dezasete socios da Companhia de Jesus.

Ao conde dos Arcos substituiu na administração o conde de Avintes, ultimo vice-rei do Brazil, que domiciliou na Bahia. Foi transferida a capital do estado para o Rio de Janeiro. Governáram d'ahi por diante a Bahia como capitães generaes o conde de Azambuja e os demais seus successores.

Seguiu José da Silva Lisboa os seus estudos primarios e alguns secundarios na cidade da Bahia. Em Lisboa, para onde se passou em 1772, terminou os secundarios que lhe faltavam, e que completavam os preparatorios para a instrução superior. Matriculou-se na universidade de Coimbra, e tomou o gráu de bacharel formado em direito canonico, luzindo desde logo a sua primorosa intelligencia, quando em concurso e antes de formar-se, foi nomeado substituto das cadeiras das linguas hebraica e grega.

Conservou-se pouco tempo em Portugal. Obteve provimento na cadeira de philosophia da cidade

da Bahia, e regressou para a sua patria, preferindo exercer este emprego n'ella a occupar outro posto mais importante em paes extranhos.

Tinha José da Silva Lisboa um animo propenso para todos os ramos dos conhecimentos humanos que necessitassem trabalho aturado, estudos profundos e raciocinio elevado. Sorria-lhe a jurisprudencia ao pensamento com todas as suas emaranhadas difficuldades. Com o estudo da jurisprudencia tomou gosto pelas sciencias moraes, philosophicas e politicas. Desejando dedicar-se a ellas inteira e livremente, dirigio-se de novamente para Lisboa em 1797, conseguiu a sua jubilação, e voltou pouco tempo depois para Bahia, incumbido do cargo importante de deputado e secretario da mesa da inspecção.

Era nova para a cidade da Bahia a mesa da inspecção; considerou o governo portuguez que tiraria com o seu estabelecimento vantagens eguaes ás que colhia das mesas da inspecção de Lisboa e do Porto. Teve occasião José da Silva Lisboa de prestar n'este emprego tão importante os mais valiosos serviços ao commercio e á agricultura da Bahia.

Aproveitava os momentos do repouso que lhe dava o emprego, para se consagrar aos estudos; era vasta a sua erudição em todas as divisões e subdivisões do direito. Sabia perfeitamente o direito civil, o canonico e o commercial; annexava a estes

estudos a aquisição da economia politica, sciencia que se popularisava depois dos trabalhos de Adão Smith, de Alexandre Verri e de Cesar Beccaria; conhecia além d'isso a historia e a litteratura de todos os povos.

Publicou em 1801 a primeira edição do seu tratado de Direito mercantil.

Deu á luz em 1804 os seus Principios de economia politica.

Obrigado o principe regente Dom João a abandonar as suas terras de Portugal, e a procurar abrigo no Brazil contra as invasões de Napoleão, imperador dos Francezes, chegou á Bahia, e foi enthuasiasticamente saudado pelos seus subditos n'este primeiro porto da colonia em que aportára. Demorou-se porém pouco tempo ahi a côrte. Foi todavia bastante esse curto espaço de tempo para que dando o principe audiencia a José da Silva Lisboa, e ouvindo-o por vêzes, accedêsse a uma medida por elle lembrada, que era a de abrir a todas as nações da Europa, amigas de Portugal, os vastos portos da colonia, que só com os da metropole tinham até então communicação.

É a José da Silva Lisboa que se deve a carta regia de 24 de janeiro de 1808, que forma o primeiro e o mais importante passo que deu o Brazil para a sua independencia politica.

Ideias erradas, interesses adquiridos e usos inveterados, combateram as novas doutrinas e pra-

tica que fundava a carta regia de 24 de janeiro de 1808. Aparecia o Brazil á Europa como um mundo novo que attrahia as vistas e a attenção geral pela magnificencia do seu solo, e riqueza das suas producções. Era o Brazil ignorado; nem-umas as relações commerciaes entretinha afóra com Porto e Lisboa; e repentinamente vio o Brazil diante de si Hamburgo e Londres, Havre e Liverpool, Trieste e Amsterdam, Cork e Marselha, Genova e Barcelona, Swanzae e Boston, New-York e Antuerpia. Reganhava o cego a vista, e a saúde e a força o invalido.

Seguiu a côrte para o Rio de Janeiro, e com ella, a convite do principe regente, José da Silva Lisboa, que á sua chegada foi nomeado professor de economia politica, creando-se especialmente para elle uma cadeira d'esta sciencia.

Conhecendo que avisados não andavam todos os espiritos acerca da utilidade e efficacia da providencia que tomára o principe, tratou de esclarecê-los, publicando uma defesa da carta regia de 24 de janeiro de 1808, e varias observações em favor do commercio franco, que, lidas avidamente, começáram a educação do povo na senda dos progressos mais vitáes, e dos interesses mais palpitantes do paiz.

Elevado á categoria de reino-unido, teve o Brazil os precisos tribunáes, e uma junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação; as necessidades do paiz tão especiaes e variadas poderiam unica-

mente ser satisfeitas com remedios que existissem no proprio seio. Ao passo que creou novos interesses e novas precisões, concorreu poderosamente a residencia da cõrte portugueza no Rio de Janeiro para o engrandecimento material e a civilisação do Brazil todo.

Foi José da Silva Lisboa nomeado posteriormente deputado da junta do commercio e agricultura; recebeu commissões importantes, quer scientificas, quer fiscáes, que lhe confiava o governo, ou para organizar regulamentos commerciáes, ou para inspeccionar os estabelecimentos litterarios, e as obras que se destinavam ao prélo.

Com a retirada do principe regente para Lisboa, com os graves acontecimentos que se realisáram no Brazil, e que déram em resultado a sua independencia politica e a sua liberdade, teve de accender-se em José da Silva Lisboa, homem até então de gabinete, o desejo de atirar-se na arena dos combatentes, e de entrar para a vida tumultuosa e agitada das occurrencias politicas, vida que devora os mais brilhantes talentos, e deteriora as intelligencias as mais elevadas.

É a vida publica o iman que attrahe as ambições do espirito e do pensamento; quantos desgostos e amargores são porém d'ella consequencia infallivel? E não ha forças humanas que arranquem do seu turbilhão aquelles que uma vêz lhe saboreáram o veneno subtil, e deixáram enlaçar-se pelos abraços

enganadores, e caricias fallazes com que ella illude, prende e arrasta.

Entrou elle para a phalange dos Brazileiros que desejavam a independencia do seu paiz. Era sua paixão escrever; a sua natureza physica e o seu character lhe não proporcionavam outros recursos para servir á causa que abraçára. Publicou diversas folhas periodicas no intuito de dirigir e encaminhar o espirito publico em favor da causa da independencia do Brazil.

Numeraremos entre outras as seguintes folhas periodicas e avulsas que publicou : *Conciliador do Reino-Unido* em 1821; *Reclamações do Brazil*; *A causa do Brazil*; *o Imperio do Brazil* e *o Roteiro do Brazil*, em 1822; e *a Atalaia* em 1823.

Conseguida a independencia do Brazil, fez parte do primeiro parlamento brazileiro, conhecido pelo nome de Assembléa constituinte.

Pertenceu como deputado ao partido adverso ao ministerio de José Bonifacio de Andrada e Silva. Representava este a parte liberal, e José da Silva Lisboa o principio retrogrado. Foi do numero dos oradores que se tornáram notaveis, pela erudição que appresentava, pelo vigor da phrase que empregava, e pelo calor e convicção que desenvolvia na defesa das suas doutrinas.

Dissolvida a Constituinte, e outorgada por Dom Pedro I a constituição politica de 1825, entrou José da Silva Lisboa para o senado, tendo sido apresen-

tado em lista triplice pela sua provincia, e pelo imperador escolhido justamente.

Foi José da Silva Lisboa amigo particular de Dom Pedro I, e um brilhante ornamento da camara a que pertencia, pela independencia e boa fé das suas ideias, pelas suas luzes e talentos, e pelos seus discursos oratorios, si bem que ás vêzes muito violentos.

Pertenceu toda a sua vida como politico ao partido monarchista, que anhelava o vigor e a força do governo antes do que a liberdade do povo. Não tinha para elle a liberdade aquelles encantos exquisitos e seducções extremas que causam tantos enthusiasmos em todos os paizes. Nem mesmo considerava ligavel a liberdade com a ordem, sendo por esta limitada e moderada; tinha medo da demagogia, que lhe parecia significar o terror nas praças publicas, e no meio de vociferações, e a anarchia em todos os espiritos. Era o governo a seus olhos quem mais garantias offerecia á sociedade, e por isso o queira forte e energico e dispensava por isso qualquer contacto de liberdade.

Senador do imperio, vivendo sob um regimen liberal, respeitava-o, cumpria-o, defendia-o, si bem pensasse que era elle por demais liberal; como porém os caracteres convencidos, firmes e mesmo estoicos, como era o de José da Silva Lisboa, temem sempre as mudanças, e preferem uma conservação e tranquillidade presente a eventualidades ainda que es-

perançosas, todo o seu apoio prestava ao governo do primeiro imperador.

Na historia dos partidos politicos em que se retalhou o Brazil depois da outorga da constituição de 1825, lê-se o nome de José da Silva Lisboa, occupando um dos primeiros postos á frente dos que combattiam o principio liberal e as doutrinas democraticas.

E foi de uma actividade espantosa o seu espirito; não faltava como senador á sua camara; tomava parte como orador em todas as discussões importantes. Instrucção publica, finanças, theorias politicas, jurisprudencia, analysava tudo, e patenteava em tudo uma instrucção e talentos da primeira plana. Como escriptor não tinha repouso de gabinete: publicava sempre memorias importantes acerca de muitos e variados objectos, já politicos, já philosophicos, já litterarios, e já mesmo emfim religiosos.

Apontaremos entre elles o *Discurso sobre a franqueza do commercio de Buenos-Ayres*; as *Observações sobre a franqueza da industria e fabricas no Brazil*, no anno de 1810; *A propriedade do Brazil pelos principios liberáes da nova legislação*; o *Ensaio sobre o estabelecimento dos bancos*; a *Memoria sobre o monopolio da companhia dos vinhos do Alto Douro*, no anno de 1811; *Extractos de Edmundo Burke*, em 1812; *Memoria da vida politica de lord Wellington*, em 1815; *Memoria dos beneficios politicos d'ElRei Dom João VI, com a synopse da sua legislação*, em 1818; *Estudos do bem commum e economia politica*; *Selecta de pensamentos*

do padre Antonio Vieira, em 1820; Constituição moral ou Deveres do cidadão, em 1823; Eschola brasileira, em 1826; Leituras de economia politica, em 1827; Causa da religião e disciplina ecclesiastica do celibato clerical, em 1828; Historia dos principios e successos politicos do Brazil, em 1829; e Cartilha da eschola brasileira, em 1831.

Concedeu-lhe Dom Pedro I o titulo de visconde de Cayrú, deu-lhe commendas de diversas ordens do imperio, aposentou-o no supremo tribunal de justiça, e manifestava-lhe em toda a parte e em todas as occasiões a maior consideração e amizade.

Queria José da Silva Lisboa servir ao imperador antes que agradar-lhe. Censurava-o por vèzes e com toda a franqueza. Combatia os actos de seus ministros, que lhe pareciam concessão aos liberáes, e o praticava com uma franqueza que se tornava ás vèzes offensiva e que manifestava o seu character irascivel.

Pretendendo em 1830 o partido liberal que fosse obrigatoria a fusão das duas camaras legislativas, quando o exigir qualquer d'ellas, estremeceu o imperador diante das ameaças do partido revolucionario, e considerou que seria a concessão conveniente. Pedio elle proprio aos senadores seus amigos que cedessem ás exigencias da camara dos deputados. Unico recusou-se José da Silva Lisboa ao pedido do monarcha, porque pensava que da condescendencia timorata do senado resultaria a perda da força moral que lhe era necessaria para sustentar a monarchia.

Teve erros Dom Pedro I. Era um príncipe dotado de animo excellente, e das melhores qualidades. Deve-lhe o Brazil em maxima parte a sua independencia. Mas não soube elle desapegar-se dos cortesãos que o enganavam. Apareceu muito á frente das luctas politicas; folgava de passar como director dos seus ministerios; queria que se soubesse que d'elle dependia tudo desde a nomeação do mais pequeno empregado publico até a decisão do negocio mais importante. Nos paizes que se regem pelo systema representativo, perdem os monarchas em expôr-se aos odios e desaffeições que geram os actos administrativos: devem convencer-se de que tudo se sabe, e que salta a responsabilidade facilmente de cima do ministro para a cabeça do soberano.

Verdade é que não logra o amor proprio o prazer da inspiração e da deliberação; lucraram porém a segurança do throno e o conceito do monarcha que precisa tornar-se superior a todos os seus subditos, e conservar-se na esphera sublime de neutralizador e imparcial.

Pensou Dom Pedro I que mostrando desaffeição aos homens do partido liberal aniquilava a este, e desmoralisava aquelles. Erro foi e grande que commetteu; converteram-se em seus inimigos muitos dos seus subditos, que preparáram e desenvolveram os elementos revolucionarios que fizeram explosão no dia 7 de abril de 1831, e faltou coragem então ao imperador para resistir-lhes.

Sentio profundamente José da Silva Lisboa a revolução de 7 de abril de 1834. Não perdeu porém o animo. Unio-se aos homens liberáes moderados que tentáram reter a revolução. Resistio e oppoz valente barreira a todas as tendencias democraticas, que queriam dominar o paiz : não temia fallar como senador; sustentava com denodo e energia a causa do paiz ameaçado pela lava popular. Com seus escriptos, que quotidianamente publicava (2), instrua o povo sobre os seus verdadeiros interesses, concentrava a sua força, e mostrava-lhe o remedio da salvação.

Não resiste porém a tão duros e prolongados combates a natureza humana. Mata muito a tribuna aos homens politicos; é a tribuna o seu throno, o seu capitolio e a sua gloria. Almejam-a e ambicionam-a como o bem o mais apetecivel e precioso. No campo serrado do nosso forum politico são todavia os oradores dedicados á sorte dos companheiros de Leonidas. As avenidas da tribuna nacional tornam-se para elles as Thermopylas do systema representativo.

Falleceu José da Silva Lisboa no Rio de Janeiro em 20 de agosto de 1835.

II.

Deve José da Silva Lisboa seus titulos mais recommendaveis de gloria ás obras que escreveu acerca do direito mercantil, e da economia politica. Para podermos avaliar em seu justo preço o merecimento d'estes importantes escriptos, convém-nos

estudar as sciencias não sómente no estado em que se acham na actualidade, senão também conhece-las no estado em que se achavam na epocha contemporanea de José da Silva Lisboa.

Pode-se considerar modernas qualquer d'estas duas sciencias.

Sumia-se entre os Romanos no direito civil o direito mercantil; as regras, as noções e os principios porque se regulavam as transacções commerciaes, não eram excepçionaes, por assim dizer, como nos tempos presentes, derivadas dos principios, noções e regras de direito, e das usanças, costumes e estylos do proprio commercio. Os meios para se conseguir a sancção legal eram os meios ordinarios do direito civil, sem que houvesse isempções peculiares de privilegios, tribunaes, acções e processo, como convém, e são na actualidade adoptadas, segundo as necessidades modernas do commercio. Era a razão que nos tempos antigos o commercio, si bem que fizesse a fortuna dos Phenicios, Carthagineses, Rhodios e de outros povos, não merecia a consideração dos estados guerreiros, que eram os unicos que adquiriam e espalhavam a gloria.

Dava-se equal razão para que se não tornasse a economia politica a base da estudo e consideração particular, e não formasse uma sciencia, como a forma na actualidade.

Eleváram-se pelo commercio na idade media Genova, Veneza, Pizza, Barcelona, Bruges e Mar-

selha; abria-lhes o Oriente os seus thesouros, communicando-lhos pelo Egypto e pelos portos da Asia Menor. Com o descobrimento da America, e as viagens para a Asia pelo cabo da Boa Esperança, roubáram-lhes os Portuguezes e os Hespanhães as grandes riquezas que monopolisavam; aos Hespanhães e Portuguezes succederam no sceptro do commercio os Inglezes e Hollandezes.

Nem nos tempos antigos, e nem durante a edade media, eram como sciencias especiães conhecidas o direito mercantil e a economia politica. Noções dispersas, sem nexo e nem regularidade, não formam um corpo de doutrinas, como necessita uma sciencia. Pode-se dizer que o direito mercantil e a economia politica nascêram nos tempos modernos, irmãas na edade, irmãas no destino, e irmãas na necessidade que tem d'ellas todos os povos actualmente contemporaneos.

O augmento das publicas riquezas, o desenvolvimento do commercio, a marcha progressiva da navegação, as multiplicadas transacções que de uma a outra parte do mundo se estenderam e se ligáram, leváram os governos e os povos a applicar-se a estudos profundos de materias tão importantes, os quães déram em resultado o nascimento das duas sciencias, que fazem progressos de dia em dia, e cuja lição torna-se cada vez mais necessaria a todas as classes da sociedade.

Deixando de parte os demais escriptos de José da

Silva Lisboa, com os quães conseguiu entretanto nomeada extensa dos seus contemporaneos, trataremos unicamente de louvar as suas duas obras capitães de *Direito mercantil* e de *Economia politica*.

Seria actualmente mais facil a composição de um bom livro acerca do direito mercantil ou de economia politica, do que o era no tempo em que escreveu José da Silva Lisboa.

Começava o seculo XIX. Não tinham ainda apparecido Sismonde de Sismondi, João Baptista Say, Ricardo, Mac Culloch, Rossi, Florez Estrada, Theodoro Fix, Melchior Gioia, Ganilh, Storch, Lotz, Zachariæ, Boulay-Paty, Mill, Ferreira Borges, Pardessus, Wollgrang, Heeren, Bender, Eduardo Chity, Kent e Moritz, que tanto tem concorrião com seus escriptos para o adiantamento de ambas as sciencias.

Tem o direito commercial character e natureza peculiares; é cosmopolita como as necessidades do commercio que o creáram. Não considera os homens em um só povo, como o fazem o direito civil, o direito criminal e o direito administrativo; considera-os a todos e em todos os paizes e nações. O Européo, o Americano, o Asiatico e o Africano, eguães lhe parecem todos, porque trata o direito commercial de dirigir as relações commerciães que entre si ligam os differentes povos da terra. Não pode chegar a sua perfeição a sciencia do direito commercial, emquanto não houver universalidade e unidade em todas as

nações do mundo, porque tende a legislação commercial pelo sua natureza a ser geral e universal.

Sendo a economia politica a sciencia, que não sómente comprehende a formação, desenvolvimento e accrescimento das riquezas publicas e particulares, senão tambem a administração e gestão dos negocios do estado, na sua accepção mais ampla, com os progressos da civilisação, com o derramamento das luzes em todos os paizes, com a perfeição das industrias, e com a extensão das transacções mercantis, crescerá e desenvolver-se-ha com o tempo, não podendo ser ainda considerada a perfeita sciencia.

Na epocha porém em que escreveu José da Silva Lisboa, nem a economia politica, e nem o direito commercial, tinham conseguido o desenvolvimento que possuem actualmente.

Era ainda a economia politica o infante que balbuciava as primeiras palavras. Senão fora o seu creador, fôra ao menos Adão Smith o escriptor que prestou-lhe serviços mais importantes, formando um corpo claro e bem desenvolvido de doutrinas que permaneceu e permanece ainda como a base de sciencia. Haviam apenas tratado das algumas de suas especialidades, e antes que elle, Filangieri e Beccaria, Quesnay e Turgot, Law e Verri, Colbert e Neker. Nem-um d'elles porém creára a sciencia.

Começava tambem o direito commercial a receber o seu character de especialidade e universalidade, que o distingue como sciencia tão peculiar.

Varios assumptos d'elle encontravam-se dispersos nos estatutos e costumes das cidades maritimas (3), nas *Leis de Oleron* (4), no *Consulado do mar* (5), na *Guia do mar* (6), no *Codigo mercante* (7), no *Codigo da marinha* (8), nas *Ordenações de Bilbao* (9), nas *Ordenações de Wisbuy* (10), nas da Liga ansea-tica (11), e emfim em diversos actos do parlamento britannico (12). Haviam deixado escriptos importantes acerca de diversas questões do direito commercial, Valin, Allan Park, Azuni, Emerigon, Fergusson, Grocio, Alberico Gentil, Bynkershoek, Oleirac, João Millar, Wesketh, Baldasseroni, Blackstone, Balthasar Ayala, Stracha, Hevin, Heineccio, Pothier e Targa. Não tinha porém ainda um corpo de doutrinas que o fizesse reconhecer como uma sciencia especial, e que discriminasse e fundasse os seus principios peculiares e fundamentos proprios.

Como economista não pode José da Silva Lisboa, em presença dos progressos que tem feito a sciencia, merecer a leitura da epocha actual; ha-de porém ser lembrado o seu nome, como os de varios outros economistas que figuram na historia entre os que concorreram mais para o estudo e o desenvolvimento da economia politica e social. É a sorte de muitos sabios, cujos escriptos e descobrimentos servem para a primeira geração dos seus successores, mas que passada ella, são postos de parte, porque os mais modernos aperfeçoaram a sciencia, e guarda-se apenas respeito á memoria

d'aquelles. Quem lê hoje o que escreveram sobre economia politica Beccaria, Filangieri, Turgot, Verri, Campomanes ou Genuense? Entretanto conservam-se os seus nomes na historia da sciencia, como se conserva o de José da Silva Lisboa.

Discutio tambem em escriptos especiaes varios pontos d'esta sciencia, e deu-lhes desenvolvimento luminoso; fez conhecer especialmente a theoria dos bancos, que não estava aperfeiçoada então como na actualidade, e a theoria do commercio franco, que tão disputada fôra no tempo de Grocio e Selden (13), quando procurava-se saber si eram livres e geráes os mares, ou propriedade de alguns povos (14). Apresentam-nos semelhantes escriptos o estado em que se achavam no seu tempo as sciencias, podendo-se pela leitura d'elles notar a differença e progresso que tem ellas feito.

Não se pode dizer que illustrou a sciencia da economia politica com novos dados ou descobrimentos; mas certo é que estudou e comprehendeu tudo o que antes d'elle se escrevera sobre ella, e que soube desenvolver as luminosas ideias que recebera, com ordem, regularidade e clareza, organisando-as como anneis de uma cadeia que se ligam, e conseguindo chamar para ella a attenção do povo, e derrama-la por todas as classes da sociedade.

Acerca porém do direito mercantil, é de certo maior a gloria de José da Silva Lisboa. Cabe-lhe indubitavelmente o direito de haver sido o seu fun-

dador em Portugal e no Brazil. Foi o tratado que elle escreveu o primeiro que se publicou na lingua portugueza.

Formulou com elle um systema desenvolvido e completo da sciencia. Não existiam ainda as grandes codificações europeas que são o resultado pratico das theorias : conservavam-se em algumas nações os regimens das ordenanças antigas, de decretos governativos, e de deliberações parciâes, sobre que haviam os escriptores estabelecido os seus commentarios. De todas as ordenanças, deliberações, decretos, escriptos e commentarios conhecidos colheu José da Silva Lisboa os dados e bases sobre que assentou o edificio da sua obra.

Haviam sido affamados jurisconsultos Antonio Gouveia, João das Regras, Pascoal José de Mello e Freyre, Manuel de Almeida Lobão e João Pedro Ribeiro; é porém o direito mercantil uma sciencia moderna que não haviam conhecido devidamente, afóra nos diversos principios que tinham similitude com o direito civil. Foi José da Silva Lisboa o creador do direito mercantil em Portugal, e levou tão longe a sua obra, que é actualmente, e será no futuro consultada ainda por todos os sujeitos que se dedicarem a esta sciencia, porque ha partes d'ella tratadas excellentemente, e perfeitamente desenvolvidas.

E quanto avançado não está no entretanto o estudo do direito mercantil? Como não tem-se desenvol-

vido todas as questões que dizem respeito quer ás negociações, transacções, direitos, deveres, onus, obrigações do mar, quer aos direitos, deveres e transacções de terra? Ligado com o direito das gentes por vinculos estreitos, dando braços ao direito civil e ao direito criminal, e relacionado com o direito publico, forma actualmente o direito mercantil parte dos estudos necessarios para todas as classes de cidadãos, para os militares de diversas armas, para os commerciantes, para os legisladores, para os ministros, para os diplomatas, para os reis e para todos os seus subditos.

Depois da publicação da obra de José da Silva Lisboa appareceram varios tratados de direito mercantil em algumas linguas europeas, especialmente na ingleza e na franceza; formuláram-se os diversos codigos commerciaes europeos, o codigo francez publicado em 1807, o codigo hespanhol em 1829, o codigo hollandez em 1832, o codigo portuguez em 1833, e o codigo sardo em 1843, e uma necessidade immensa sentem todas as nações de systematisar e codificar as suas legislações commerciaes. Procuram-se todas as nações no nosso seculo, approximam-se e tendem a aproveitar-se umas e outras dos trabalhos, descobrimentos e experiencias mutuas. Deve de produzir influencia sobre as sciencias e as lettras este movimento imprimido por toda a parte: necessitam todas de uma identica legislação commercial e maritima, para melhor conseguirem de

suas relações mercantis os resultados vantajosos e benéficos, que com o andar do tempo, com a conservação da paz, com o progresso das indústrias, e com o augmento das riquezas publicas e individúaes, tem de crescer espantosamente.

Como que se transforma o mundo; galopam os melhoramentos materiáes; espantam os progressos da industria, e marcha o commercio com tão agigantados passos, que é hoje o commercio a vida e a alma das nações. Sem commercio não ha nação hoje que subsista. É a Inglaterra a maior das nações do mundo, porque é a mais commerciante.

Concorreu muito José da Silva Lisboa para que o Brazil e Portugal conhecessem os seus interesses e necessidades, e tratassem de satisfaze-los. Não tinham outro fim os seus escriptos senão illustrar o povo e guia-lo na obtenção da maior somma de bens. Assentava no commercio o engrandecimento da patria, e todo o seu futuro, e com razão, porque pode unicamente o commercio elevar o Brazil e Portugal, nações que possuem costas tão vastas e portos tão apropriados, á grandeza e prosperidade a que tem indisputavel direito, e mesmo dever rigoroso.

Comprehendeu elle a marcha do seculo : era possível nos tempos passados que uma nação adquirisse nome e gloria pelas armas ou lettras. Battia-se nos campos, illustrava-se nas guerras, enriquecia-se nas conquistas, e no fim das victorias, terrenos, exercitos, povos, armadas dos vencidos constituíam

parte dos seus triumphos, como despojos opimos. Ou então enchia o mundo com os seus poetas, os seus litteratos, os seus philosophos e os seus sabios, e lograva como a Italia ou a Grecia a reputação que ambicionava. No seculo que corre porém presentemente, outra é a situação; invadio tudo o commercio; são as riquezas a ambição geral das nações e dos particulares; para obter-se riquezas não ha outro meio senão a paz, porque com ella unicamente germinam e crescem as transacções, e com ella unicamente podem-se manter e conservar as relações mercantis.

Dividio a sua obra em tratados especiaes. Descreve o primeiro a theoria e a pratica dos seguros marítimos, na sua formação, dissolução e execução, contracto de que nem-uma ideia tiveram as antigas nações da Europa, aquellas mesmas que mais se empregavam no commercio (45), e cuja invenção e mais a das lettras de cambio se attribue geralmente aos judeos, quando em 1182 foram banidos da França, e espalháram-se pelas diversas nações da Europa, e cuja perfeição se deve aos commerciantes de Veneza, Pizza, Marselha, Genova e varias outras cidades maritimas da Italia.

Nada deixa a desejar a parte da obra que trata da theoria e pratica dos seguros.

É relativo o segundo tratado ás lettras de risco ou cambio marítimo. Acerca do primeiro encontrou ainda algumas deliberações do governo portuguez,

como o alvará de regimento de 1796, o de declaração e ampliação de 9 de maio de 1797, assignados por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, e varias decisões de outros ministros. Pouco, muito pouco encontrou porém de legislação portugueza para fundamentar a parte que tratava das letras de risco. Usou porém do direito que garantiram a lei de 18 de agosto de 1769, e o alvará de 2 de dezembro de 1774, que mandam que se sigam as leis, usos e costumes das nações civilisadas, nos casos omissos das leis portuguezas. Forneceram-lhe os melhores materiães as ordenanças francezas, e de Bilbáo, e o codigo maritimo da Russia publicado em 1786 por Catharina II.

Encerram as mais claras noções e o desenvolvimento plenario da materia o segundo e o terceiro tratados, que fallam da theoria das avárias, que é parte connexa dos seguros; o quarto que se refere as letras de cambio, e o quinto que discute e demonstra todos os demais contractos mercantis.

É baseiado o sexto tratado na policia dos portos e alfandegas, contendo as principaes regras de direito maritimo, em tudo o que toca a navios, seus proprietarios, carregadores e interessados, e a gentes do mar. É a parte menos desenvolvida da obra, e que deve de sujeitar-se á revisão e correcção. Tem a sciencia feito de então para cá progressos táes, e especialmente nas questões maritimas, para cuja solução é tão necessario o conhecimento do direito

das gèntes, que si haveria hoje pouco que accrescentar ás cinco primeiras partes da obra, no que diz respeito a alfandegas e policia de portos porém uma grande reforma teria certamente de executar-se.

Referem-se os ultimos dous tratados da obra ao processo das causas commerciaes e tribunaes do commercio. Compreendeu o auctor a necessidade que tinha o commercio de um processo summarissimo e de tribunaes especiaes. Sem summariedade nas discussões e julgamentos das causas, sem juizes proprios e privativos, perde o direito commerciael o seu character peculiar, e confunde-se com o direito civil. Estabelecendo esta theoria abraçada por todos actualmente, avança José da Silva Lisboa a respeito da pratica opiniões que necessariamente teria abandonado, si na epocha presente tivesse de rever a sua obra. Não haviam em Portugal nem processos e nem tribunaes que podessem ser chamados especiaes do commercio. Nas demais nações da Europa appareciam anomalias que não offereciam nem-uns esclarecimentos. Tudo se tinha a crear, e eram assim novas quasi todas as opiniões.

Tem tambem uma grande e notavel falta o Direito mercantil de José da Silva Lisboa. É indubitavel que constituem actualmente uma das suas partes mais interessantes as questões de quebras e bancarotas. Nada fallou todavia a respeito d'ellas, talvez porque entendesse que existindo em Portugal a legislação criminal do livro 5º das Ordenações philippinas, não

convinha especialisar tanto o direito mercantil, comprehendendo tambem as infracções culposas de seus contractos, e a penalidade que lhes era applicavel pelas leis. Está reconhecido entretanto na actualidade que pela sua natureza e character privativo, exige o direito mercantil principios speciães, e processo peculiar para todas as suas partes, incluindo mesmo a parte criminal e sanção penal relativa aos actos exclusivamente commerciaes.

Boas são em maxima parte as qualidades d'esta obra tão importante de José da Silva Lisboa. Sob o seu crescido numero desaparecem por diminutas os defeitos ou faltas. É um deposito de todos os principios e noções de direito mercantil, principios e noções que conservam na actualidade o mesmo interesse que lográra na epocha de sua publicação; é uma obra que será sempre nova, e sempre necessaria para a consulta e para o estudo de todos os que procuram instruir-se na sciencia do direito mercantil. É um monumento extraordinario de erudição juridica e philosophica, que inscreveu o nome do seu auctor no livro de ouro destinado á immortalidade.



NOTAS.

(1) São próprias palavras da redacção da acta que lavraram e assignaram todos os membros da junta sobredita, e que foi levada a presença d'ElRei. Vejam-se *Memorias historicas* de monsenhor Pizarro, e as *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia*, por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

(2) São d'esta epocha os artigos inseridos no *Diario do Rio de Janeiro*, e *Manual da politica orthodoxa*, publicado em 1832, e *a Arte de reinar*, impressa em 1823.

(3) As cidades marifimas do Mediterraneo na edade media tinham nos seculos XIII e XIV sua compilação de usos e costumes commerciaes, escriptos pela maior parte em latim, lingua que apesar de familiar aos sabios e jurisconsultos, parecia já morta, succedendo-lhe os diversos dialectos de que resultaram as linguas modernas. Barcelona, Valença, Pizza, Veneza, Genova, Marselha, possuiam estas collecções de costumes locaes, de onde emanaram os dous primeiros monumentos de jurisprudencia maritima europeá, o *Consulado do mar*, e as *Leis de Oleron*. Pütter, *Beitrag zur Völkerrechts-Geschichte und Wissenschaft*, §§ 149, 153. — Hallam, *Middle Ages*, vol. II, pag. 2. — Ducange, *Collection des diplômes*. Martens, *Prises et reprises*. — Muratori, *Dissertations*.

(4) Bordeos, cidade de França, situada sobre o rio Garonna, tinha vasto commercio com os mares do Norte e com a Hespanha; era o porto para a reunião dos navios a ilha do Oleron, na fóz da Gironda. Ali no anno de 1266 se estabeleceu uma collecção de costumes e usos mercantis, conhecida pelo titulo de *Leis de Oleron* (*Rooles d'Oleron*), que tiveram força executiva em muitas partes da Europa; e especialmente no commercio d'ali, não por ordens de governos ou auctoridade, mas em virtude do poder e necessidades do commercio.

(5) A collecção de usos e costumes intitulada *Consulado do mar* que appareceu nas cidades maritimas da Italia, França e Hespanha, no principio do seculo XIII, e cuja paternidade os escriptores francezes avocam injustamente para Marselha, é uma das mais importantes e curiosas collecções de leis maritimas que estabeleceu principios emanados dos usos, praxes e costumes commerciaes, dos quaes muitos vigoram ainda hoje, e que regeram quasi todo o commercio do Mediterraneo e do Oriente.

A guerra maritima na idade media confundia-se com a pirataria na pratica barbara, que nem-uma selecção fazia de amigos e inimigos. O *Consulado do mar* fixou as operações da guerra maritima. Pardessus (*Collection des lois maritimes*) e Henrique Heaton (*Right of nations*) sustentam que o *Consulado do mar* foi redigido em Barcelona na lingua romana, dialecto semelhante ao das provincias de Catalunha. O *Consulado do mar* é o monumento mais antigo de jurisprudencia maritima.

(6) A *Guia do mar*, apellidada por Henrique Heaton (*Histoire du droit des gens*), *Guidon de la mer*, é uma collecção de leis posterior de alguns seculos do *Consulado do mar* e das *Leis de Oleron*. Pardessus assegura que é a sua redacção do seculo XVI, e que foi composta por jurisconsulto, cujo nome se perdeu. — *Collections des lois maritimes antérieures au XVIII^e siècle*, I, II. — As ordenanças de Luiz XIV são pela mór parte extrahidas da *Guia do mar*. — Muratori, *Antiquitates italicæ mediæ ævi*, tomo IV.

(7) É uma ordenança franceza de março de 1763, que contém principios luminosos, muitos dos quaes são colhidos nas leis de Oleron.

(8) Publicado em 1781 em França, como complemento da ordenança de 1763, que tinha o titulo de *Codigo mercante*.

(9) Collecções de decisões hespanholas sobre o commercio maritimo muito conhecidas e reputadas, extrahidas das leis de Barcelona de 1484, dos estatutos de Florença de 1528, e das outras leis que regiam então o commercio europeu; ainda actualmente as *Ordenações de Bilbao* se cumprem no Mexico e nos estados americanos hespanhães.

(10) As *Ordenações de Wisbuy* regeram todas as nações do norte da Europa, e foram a base das ordenanças das cidades da liga anseatica, Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia: são do seculo XIII para o seculo XIV.

(11) As ordenanças da liga anseatica que comprehendia Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia, são extrahidas das ordenações celebres de Wisbuy.

(12) São tantos os diversos actos do parlamento britannico publicados para o fim de promover o commercio, desde que a Grãa-Bretanha começou a tornar-se nação commerciante e maritima, que não ha espaço para numera-los. O mais celebre é o acto da navegação de 27 de setembro de 1660, que os Inglezes intitulam o seu palladio.

(13) Hugo Grocio escrevendo em 1634 a sua obra *Mare liberum*, teve por competidor Selden, que em 1635 respondeu-lhe com outra intitulada *Mare clausum*. Anteriormente á estes já tâes questões haviam sido bem debatidas entre Francisco Victoria, *Prelectiones theologicae*, Francisco Suarez, *De legibus ac Deo legislatore*, e Conrado Brunus, *De legationibus*. Vide Hallam, *Introduction to the literature of Europe in middle ages*, vol. II. Pütter, *ausserordentlicher Professor der Rechtswissenschaft an der Königl. Univ. zu Greifswald, Beitrag zur Völkerrechts-Geschichte*.

(14) Grotius, *De jure belli*, lib. 2, cap. 2. — Bynkershoek, *Questiones de jure publico*, lib. 1, cap. 21.

XII.

FRANCISCO DE MELLO FRANCO.

I.

Descobrio no anno de 1744 o guarda-mór José Rodrigues Froes, audaz sertanejo, que vivia de procurar terrenos auriferos e diamantinos na capitania de Minas Gerães e Goyaz, umas riquissimas faisqueiras de ouro nas margens dos rios Paracatú Abaeté e São Francisco : em obediencia ás ordens do governo, appressou-se em manifesta-los a Gomes Freire de Andrade, que administrava aquellas localidades.

Como era o costume, correram immediatamente os povos de Minas para essas paragens, e estabeleceram-se no novo paiz, si bem que muito affastado das povoações conhecidas, e internado no meio de florestas immensas, e de desertos reconditos.

Creou-se logo um arraial, que desenvolveu-se com a rapidez do raio, tomando o titulo de Paracatú : nasceu ahi no anno de 1757, e em 7 de setembro, Francisco de Mello Franco, descendente de familia pobre, e que nas emigrações causadas

pela cobiça de enriquecer-se trocára a residencia do Sabará pela do novo territorio que as incitava.

Seguiu os seus estudos primarios no seminario de São Joaquim, fundado na cidade do Rio de Janeiro, e aos quinze annos de idade foi enviado pela sua familia para a metropole, a fim de aperfeiçoar a sua instrucção.

Era a universidade de Coimbra o centro dos estudos superiores de Portugal. Matriculou-se Mello Franco nas faculdades de medicina e philosophia. Ao passo que cursava as aulas, amenisava as horas do trabalho compondo poesias eroticas e satyricas, que lhe déram nomeada entre os condiscipulos e os lentes. Figura entre ellas o poema do *Reino da estupidez*, que grangeou-lhe admiradores e ao mesmo tempo desaffectedos e inimigos, nos que suspeitáram, ou encontráram realmente offensas pessoais nos improvisos imprudentes do joven estudante.

Não lhe resultariam d'este poema consequencias mais graves, si o tribunal do Santo Officio não julgasse que ressumbráram n'elle vestigios de irreli-gião e immoralidade.

Não lhe valeu a idade, e nem a qualidade de estudante. Era inexorável a inquisição, quando suppunha que se pervertia qualquer indole. Abriam-se facilmente os seus carceres para ambos os sexos e para todas as edades. Pensava abaffar o espirito de irreli-gião, a procedencia da raça, e as aspirações

da independencia, por meio dos tormentos e dos martyrios que applicava ás suas victimas.

Terrivel tribunal, que perseguio tão grande numero de sujeitos notaveis e de homens sem importancia! Quantos se fináram nas suas masmorras, e nos seus sacrificios, que denominava piamente autos de fé! Sangue tão nobre extinguiu-se nos seus carceres, tantas victimas acabáram nas suas fogueiras, que illustravam as lettras e a patria! E quantos infelizes emigráram para escapar á sua furia e aos seus horrores?

Escreveu nos seus livros negros o proprio Brazil, que ainda era colonia, os nomes de bastantes celebridades que produzira, acompanhando n'esta desgraça a sorte da metropole. Como Francisco Manuel do Nascimento, que só no exilio achou o refugio, e que foi a intelligencia mais bella e a organização poetica mais regular que nasceu em Portugal, salváram-se nos paizes extranhos Bartholomeu Lourenço de Gusmão e Hipolito José Soares da Costa, filhos predilectos da terra de Santa Cruz!

Quatro annos jazeu nos carceres da inquisição o infeliz Francisco de Mello Franco, na idade e viço ainda da juventude.

Faz-lhe honra um facto. Uma senhora, sua conhecida, e que se não prestou a depôr contra elle, foi pelo tribunal condemnada á reclusão pelo espaço de um anno nos seus proprios carceres.

Logo que foi restituído á liberdade, procurou-a Mello Franco, e recebeu-a em matrimonio.

Não parou com os seus estudos; continuou a cursar as aulas da universidade, e tomou o gráu de doutor em medicina. Não tendo meios pecuniários para passar-se para o seu paiz natal, estabeleceu-se na cidade de Lisboa, entregando-se ao exercicio da profissão que adoptára.

Foi feliz então. Adquirio em poucos annos uma estensa clinica. Os seus talentos, o seu tino medico, e a sua dedicação, abriram-lhe as casas mais abastadas, attrahiram-lhe a freguezia das familias mais importantes de Lisboa, trouxeram-lhe rendas, que satisfaziam á sua ambição, e déram-lhe relações de pessoas notaveis, entre as quâes se não podem olvidar Thomaz Antonio de Villanova Portugal, Antonio Ribeiro dos Santos, e o abbade José Correia da Serra.

Foram estes amigos que o appresentáram na Academia real de Sciencias de Lisboa, e fizeram adoptar como socio effectivo de uma corporação tão importante e tão illustrada.

Escreveu e offereceu-lhe varias memorias. Primam entre ellas o Tratado da educação physica, o livro da Hygiene, e o Ensaio sobre a identidade do sistema muscular na economia animal, que se publicáram na collecção preciosa dos documentos da Academia.

Tinha gosto em frequentar as suas sessões interessantes. Chegou a occupar n'ella o lugar de

vice-presidente. O relatório dos seus trabalhos do anno de 1814 foi redigido por Mendo Trigo; o de 1815 por José Bonifacio de Andrada e Silva; e o de 1816 por Francisco de Mello Franco.

Vida folgada, alegre e tranquilla passava assim na capital do reino, no seio de uma sociedade selecta e de amigos esclarecidos, e no gozo de uma reputação estensa e de uma nomeada brilhante. Foi um dos fundadores da Academia de geographia, que se instituiu em 1799, no intuito de espalhar-se e desenvolver-se os conhecimentos geographicos, que andavam bastante atrasados no reino. Chamou-o o principe real Dom João para medico honorario da sua camara, e distinguio-o em diferentes occasiões.

Conservou-se quieto durante as invasões francezas em Portugal. Aproveitou-se da posição de medico para não manifestar opinião ou aspirações. Deixou correr a tempestade sem dar o menor indicio de percebê-la.

Vio em torno de si um povo subjugado por tres vêzes pelas baionnetas estrangeiras, e por tres vêzes erguendo-se patrioticamente contra os seus oppressores, e conseguindo derrota-los, e expelli-los para fóra do seu territorio. Parecia elle entretanto indifferente, egoista, sem alma, nem coração, e nem espirito; era a razão, que lhe sussurravam constantemente aos ouvidos os quatro annos que passára nas prisões do Santo Officio, e fé não tinha

de conseguir correr mansamente a existencia optando por este ou aquelle partido, opinando por esta ou aquella forma, oppondo-se á invasão dos Francezes, cujo poder temia, ou ligando-se ás armas de Napoleão contra a independencia do seu paiz.

Nem o exemplo dos seus amigos brazileiros José Bonifacio, o bispo d'Elvas, e Luiz Paulino Pinto da França, com os quaes entretinha relações estreitas de amizade, e que tomáram parte activa na lucta contra os Francezes, moveu-o a enunciar-se em prol do triumpho do movimento que creava e incitava o patriotismo irritado dos povos de Portugal. Conservou a mesma impassibilidade durante todo o tempo tormentoso da guerra da invasão franceza.

Chegou-lhe ás mãos em 1817 uma carta escripta pelo proprio punho d'ElRei Dom João VI, em que ordenava-lhe que deixasse Lisboa, se dirigisse para a Italia, e se reunisse ás pessoas que tinham de formar o acompanhamento da archiduqueza d'Austria Dona Maria Leopoldina, futura esposa do principe real Dom Pedro, a qual deveria seguir viagem de Liorne para o Rio de Janeiro.

Si bem gostasse Mello Franco da vida de Lisboa, deliberou-se abandonar a Europa, e seguindo para a sua patria como medico da augusta princeza que foi posteriormente a primeira imperatriz do Brazil, a estabelecer-se n'ella, e acabar os seus ultimos dias. Vendeu os bens que possuia em Portugal, des-

pedio-se de todos os seus amigos, e partio para a honrosa commissão que lhe fôra incumbida.

Chegado ao Rio de Janeiro entregou-se á clinica medica, e aos estudos scientificos, que tanto prezava na metropole. Escreveu um ensaio acerca das febres intermittentes do Rio de Janeiro, que offereceu ainda á sua querida academia de Lisboa, e que ella publicou benevolmente com outras memorias dos seus consocios.

Pouco tempo lhe durou a ventura. O que não fizera em Portugal durante a invasão franceza praticou-o na sua patria, provando assim que por ella mais interesse tomava, e mais fortemente batia-lhe o coração.

Creando novo aspecto e novo futuro para as instituições politicas, e incitando pelo enthusiasmo as aspirações livres, agradavam as ideias de liberdade que grassavam então pelo mundo, e que haviam produzido as revoluções de Napoles, da Sardenha e da Hespanha, e feito a sua erupção em Portugal, que esforçára-se de acompanhar o movimento d'ellas, proclamando em 1820 a sua regeneração.

Declarou-se francamente Mello Franco pelas ideias de progresso e emancipação, manifestando por toda a parte o enthusiasmo de que se deixára possuir.

Bem descontente já ficára ElRei com o seu comportamento durante as invasões francezas nos seus

domínios da Europa : fôra essa a razão talvez por que lhe ordenou deixasse Lisboa, e se dirigisse para o Rio de Janeiro, aparentando todavia a necessidade de acompanhar a augusta archidueza da Austria. Subio então de ponto o desgosto do soberano, que o dispensou do serviço que lhe cabia de medico da sua camara, e prohibio-lhe mesmo a entrada no paço.

Muito magôou-se Mello Franco com este acto do monarcha. E para cumulo de infelicidades, causáram acontecimentos inesperados a fallencia de um negociante seu amigo, á quem confiára todos os seus haveres e fortuna. No ultimo quartel da vida, já quasi inhabilitado para o trabalho que exige a profissão do medico, achou-se reduzido a pobreza extrema.

Assoberbáram-no as dôres moraes : uma grave molestia o precipitou no leito, que por pouco o arrastou á sepultura.

Logo que começou a convalescença, abandonou o Rio de Janeiro, e seguiu viagem para São Paulo, pensando reganhar forças e saúde com os ares benéficos d'essa cidade, que se avantajava pela melhora do seu clima a todas as cidades do Brazil.

Não lhe foi porém favoravel a excursão. Mais de um anno se demorou em São Paulo : continuava porém a enfermidade de modo que assustava. Resolveu-se a voltar para o Rio de Janeiro.

Não podendo por terra executar a viagem, diri-

gio-se para Santos na intenção de faze-la por mar. Embarcou-se em uma canoa para Ubatuba. D'ahi não pode passar. Em 22 de julho de 1823 trocou a vida mundana pela do descanso eterno.

Dizem os contemporaneos que tinha maneiras affaveis, semblante alegre, presença jovial; que folgava de conversar e dizer cousas espirituosas, de contar aneddotas e repetir epigramas. Desde porém que soffreu o golpe da desgraça, tornou-se tristonho e irritavel; fugia dos amigos, procurava a solidão, e nunca mais pairou-lhe nos labios o sorriso ameno que constantemente resplandecia n'elles.

II.

É incontestavel o merecimento de Mello Franco como medico. A theoria acompanhava a pratica: seguia sempre o tino ao talento; e não era a instrucção inferior á perspicacia.

Como homem scientifico poucos se lhe avantajáram no seu tempo. Evidenciam os seus escriptos que estava a par do progresso, e coadjuvava o movimento e a marcha das sciencias naturaes e phisicas.

Obteve diversas edições o seu tratado de hygiene. Era uma novidade na lingua portugueza, a que applaudiram todos pela sua immensa utilidade e valor precioso.

Segundo a reforma do marquez de Pombal seis

cadeiras continha a faculdade de medicina na universidade de Coimbra : primeira e segunda de pratica ; uma de aphorismos medicos ; uma de instrucções medico-cirurgicas ; uma de materia medica ; outra emfim de anatomia, operações cirurgicas e arte obstetricia. Comprehendia a faculdade de philosophia sete, que eram de chimica, physica experimental, metallurgia, zoologia, mineralogia, botanica e agricultura.

Não eram incluídos nos estudos das duas faculdades nem a hygiene, nem physiologia, e nem outros ramos mais das sciencias, que se ligam á medicina, e a desenvolvem e esclarecem.

É conquista da civilisação moderna uma maior amplidão nos estudos : tornáram-se com razão mais geraes e encyclopedicos, porque as sciencias tem entre si uma tal connexão e liga, que necessitam de auxilios mutuos para produzirem fructos mais saborosos e sazoados. Satisfizessem porém os cursos especiaes d'agora como nos tempos passados succedia. Infelizmente procuram mais os nossos coevos a elegancia e a forma do que a consistencia e a duração.

Baseiava-se o principal cuidado dos nossos antecessores na segurança e profundidade dos alicerces, na robustez, travado e apumado do muro. São infelizmente pela maior parte superficiães e mal seguros os alicerces modernos pela vastidão encyclopedica. Erro era de nossos pais deixar de ornar e es-

clarecer os estudos com o maior desenvolvimento que lhes traria a conexão de partes que os interessam e alargam; é de certo também máu o excesso nas generalidades, com abandono da profundidade e solidez nas partes especiaes; torna-se consequencia immediata que as nossas architecturas são ás vêzes primeiro ruinas que cheguem a ser edificios.

Tinha um duplo merecimento o tratado de hygiene: instrucção especial, e profunda, e novidade da obra: pode ser lido ainda hoje com interesse, por que as ideias que desenvolve tem o cunho do estudo e da experiencia, e não estão em longo atrasamento das que vogam actualmente.

Mereceu também e com razão reiterados applausos o ensaio sobre a educação physica. Não se contenta o medico illustrado com a curativo das enfermidades que aggravam a triste humanidade; esforça-se em preveni-las, descortinando as causas que costumam produzi-las, e lembrando os remedios com que cumpre remove-las.

Tinham o mesmo fundo de utilidade os seus outros escriptos. Era o seu gosto espalhar e desenvolver os conhecimentos scientificos que davam vantagens praticas e melhoramentos reaes. Serviços importantissimos prestava a Academia real de sciencias ás sciencias, ás lettras, á civilisação, e á instrucção e moralisação do povo, publicando as memorias e estudos tão profundos e proveitosos, que lhe offereciam os seus consocios, e cuja leitura tem um

interesse e um sabor ainda, que lhe dão physionomia de quasi novidade.

Não ficou Mello Franco como litterato aquém de sua reputação de medico e de sabio. Folheando-se os volumes de escriptos litterarios publicados pela Academia real de Sciencias de Lisboa, desde 1790 até 1814, notam-se trabalhos importantes d'elle a par das memorias de João Pedro Ribeiro, de Ribeiro dos Santos, de Mendo Trigoso, de José Bonifacio, de Aragão Morato, e do abbade Correia da Serra.

Teve tambem como poeta alguns titulos que lhe devem salvar a memoria. Seguindo as pisadas do *Hyssope* de Antonio Diniz, é-lhe com tudo inferior o poema do *Reino da estupidez*. Contém todavia muito espirito, versos excellentes, descripções pittorescas, e uma pintura viva e original de caracteres e costumes, que agradam necessariamente.

É uma composição da juventude, d'essa primeira idade do homem, em que não está maduro ainda o espirito, e vai apenas acordando a intelligencia. Não deixa porém de manifestar grande engenho poetico em quem a concebeu e executou.

Ressumbra n'ella maledicencia de mais, e por vêzes imperdoavel. Notam-se rasgos burlescos que desdouram a obra. Desenvolvem-se algumas scenas que chegam a enfastiar. Não é aquella gravidade graciosa; aquelle sainete fino e sempre igual; aquelle espirito selecto e elevado, que ornou o *Hyssope* de Antonio Diniz, o *Roubo da madeixa* de

Pope, e o *Lutrin* de Boileau. Prima antes a desenvoltura do estudante travesso, mordaz, folgazão e petulante, que joga com as armas próprias da sua idade, e falho é ainda de circumspecção e criterio.

O que constitúe porém a verdadeira corôa poetica de Mello Franco não é o poema de que temos fallado; são os admiraveis canticos que intitidou *Noites sem somno*, e que parece que foram compostos durante os quatro annos que passou nos carcerees do Santo Officio.

Formam a sua base a dôr, o gemido e a desesperação; chora e mortifica-se o poeta; sonha e assusta-se; joven ainda teme que lhe escape o futuro a que aspirava, e não a vida, que não apprendeu ainda a prezar. Não possúe a melancolia resignada do christão, e nem a paciencia elegiaca do homem prudente. Si dorme, delira loucamente; si véla, irrita-se e grita; si reflecte, cáhe na prostração e no abatimento.

Mas são pintados todos estes sentimentos com côres appropriadas, originâes e brilhantes; transborda a poesia, por que é effeito natural dos soffrimentos que supportava o poeta; sahiam-lhe do coração espontanea e ardentemente, como do volcão escapa a labareda. Creou-os a propria dôr, e são os gemidos que ella solta quando desesperada.

Rivalisam com o pensamento a maviosidade da expressão e a cadencia do verso. O proprio Manuel Maria Barbosa do Bocage, poeta da lingua portu-

gueza, melodioso por excellencia e tão difficil na apreciação da toada musical applicada á organização das phrases, e á construeção do verso, teceu-lhe insuspeitos elogios por estes canticos, que são no seu pensar admiraveis pela dicção e suavidade, e excellentes pela ideia e pensamentó.

Pena foi que tão pouco produzisse um engenho poetico que dotára a natureza com dotes tão selectos e primorosos.

XIII.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

I.

Ao general castelhano Dom Pedro Cevallos rendeu-se em 29 de outubro de 1762 a importante colonia do Sacramento, sita na margem esquerda do Rio da Prata, fronteira ao immenso e magestoso lago, que formam as agoas dos rios Paraná e Uruguay, precipitando-se dos virgens e ferteis territorios das provincias interiores do Brazil.

Para maior consternação e perda publica, tanto se apaixonou por este revez o capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, a cujos talentos e zelo administrativo devia o Brazil beneficios innumerados, que não pode resistir-lhe, e falleceu logo depois da sua noticia.

Tomou conta da administração publica uma comissão composta do bispo Dom Antonio do Desterro, do brigadeiro José Bernardes Pinto Alpoim, e do chanceller da relação João Alberto Castello-Branco.

Occupava o throno de Portugal Dom José I, que succedêra no anno de 1750 a seu pai, Dom João V. Leváram-no novas tão infaustas a modificar o sistema governativo de todo o estado do Brazil; elevou

a capital do estado a cidade do Rio de Janeiro, como o ponto que lhe pareceu mais importante, e mais proximo do theatro dos grandes acontecimentos que interessavam a sua monarchia : para o cargo de vice-rei nomeou ao conde da Cunha, fidalgo illustre e reputado, que fôra capitão general em Angola e Mazagão : revestiu-o de plena autoridade, como representante immediato da sua pessoa em todo o territorio brasileiro.

No meio d'estes graves acontecimentos nasceu Antonio Pereira de Souza Caldas, no Rio de Janeiro, aos 24 de novembro de 1762.

Descendia seu pai, Luiz Pereira de Souza, de familia portugueza; era oriunda sua mãe Donna Anna Maria de Souza de honestos colonos açorianos : Luiz Pereira de Souza negociava, e gozava de excellente reputação.

Deu a natureza a Antonio Pereira de Souza Caldas compleição fraca e debil; estava ainda na infancia, e já o perseguiram e atormentavam as enfermidades. Considerou seu pai que lhe faria bem a mudança de clima, e enviou-o, na tenra idade de oito annos, para a cidade de Lisboa, aonde conservava varios parentes, a cujos cuidados confiava o filho.

Raconta elle proprio esta circumstancia nos seguintes versos :

Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar abandonando

A vida, em fragil lenho, e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.

Encetou em Lisboa a sua educação litteraria; logo que chegou aos dezeseis annos de idade, partiu para Coimbra, a fim de applicar-se ao estudo da jurisprudencia.

Finava-se por esse tempo Dom José I; era exilado o marquez de Pombal, e adoptava a nova rainha Dona Maria I um systema de politica e de administração diverso do que até ali vigorára.

Fôra caracterizado o nascimento de Souza Caldas pela perda da colonia do Sacramento, que para sempre ficou annexada á corôa hespanhola; foi contemporanea a sua entrada na universidade de não menor infortunio, a morte de Dom José I, e com ella a ruina da direcção illustrada e energica, que havia logrado fazer respeitar o governo portuguez de nacionaes e de estrangeiros, e que esforçara-se de desenvolver no Brazil o commercio, as artes e a industria.

Que presagios melancolicos o acompanháram desde o berço! Como não deveria o seu espirito pensador guardar impressões duradouras! Como não deveriam estes acontecimentos abalar as fibras da sua alma pura e elevada! Nascido em epocha infausta; ameaçado a todo o instante da morte, que parecia descobrir na sua constituição corporal uma victima prematura; arrancado, na infancia ainda, aos lares e carinhos paternos; levado para outros cli-

mas, para outras terras, climas tão diversos, terras tão distantes; e, quando dizia-lhe o pensamento que era tempo de conhecer-se; quando foi-lhe abrindo a razão os thesouros da intelligencia, e pouco e pouco manifestando-os a seus desejos ardentes, ei-lo que, em derredor de si, vê estalar fatal e lugubre fado, que sobre a campá do rei que expirava inscreve o agouro atterrador da decadencia de um reino, *etc.*, com quanto pequeno em territorio, praticára todavia proezas tão extraordinarias; que tem sido poucos os livros, e os marmores, e os pinceis para celebra-las dignamente.

Resultou d'estas impressões uma grande metamorphose do seu espirito: de coração generoso, de alma suave e perfeita, de intelligencia superior, de engenho primoroso, e de tractar ameno e jovial, tornou-se melancolico, de aspecto frio e maneiras reservadas.

Desde então a tristeza começava

O tenro peito a ir acostumando.

Assim se exprimio sobre si proprio: felizmente que, como o anjo de sua guarda, o veiu a poesia amparar na solidão do seu coração; deu-se-lhe logo a conhecer o seu estro elevado; uma inspiração celeste, de voz altiva, de côres doiradas, e de pensamentos sublimes, vecejava-lhe na mente, transbordava-lhe o espirito, perpassava-lhe os poros; ora escrevia a sua cantata admiravel do *Homem selvagem*, enthu-

siasmado pela lembrança dos gentios, que sem lei, sem religião, sem superior, e sem relações, conhecêra no meio das tribus nomades e errantes do Brazil; ora levando-se de amor pela natureza, arrancava das suas scenas, e das suas creações, as bellissimas *Noites philosophicas*, dedicadas ás *Aves*, e que rivalisam sem duvida com as melhores composições de Thomaz Gray, de Saint-Lambert, de Thompson, do abbade Delille ou de Theocrito : ora, aprofundando o estudo da litteratura e da poesia da Grecia e Roma, e admirando os esplendores da sua mythologia, solfejava o cantico mavioso de Pygmalião, em que a dicção, a consonancia, e a melodia do verso luctam de armas e forças eguáes com a elevação de ideias e a magestade do pensamento : e ora, mergulhando-se na tristeza, e nas reminiscencias do seu passado, improvisava canções melancolicas, em que suspiravam melodiosamente as saudades de seus pais e a memoria da sua terra.

Passava Souza Caldas os annos da universidade entre os estudos da jurisprudencia e as inspirações da poesia, quando a nomeada que lhe ganháram os seus talentos, e a admiração que causavam os seus versos, chamáram a attenção da suspeitosa policia de Dona Maria I, que o mandou prender, e julgar pelo tribunal do Santo Officio : em attenção todavia á sua idade, pouco tempo foi conservado preso, sendo pelas ordens do governo condemnado

a fazer exercicios por seis mezes na congregação dos Padres Cathequistas de Rilhafoles.

Entregou-se ahi á solidão e á leitura dos livros sagrados; captou pelas suas maneiras modestas, e seus talentos elevados, a benevolencia dos padres da congregação, que, intercedendo para com o governo em seu favor, obtiveram o seu perdão, e licença de voltar para os seus estudos.

Apenas terminou-os, e recebeu os gráus academicos, começou o exercicio da advocacia, e preferio conservar-se n'ella ao despacho de juiz de fóra para uma das comarcas do Brazil, que lhe tinham diligenciado alguns dos seus amigos: a noticia da morte de seu pai, que elle prezava tanto, magoando-o profundamente, arrancou-o a seus trabalhos, e levou-o por fim á deliberação de deixar Portugal, e viajar pelos outros paizes da Europa.

Começou pela França, porque era a França o paiz da sua paixão, e nos livros francezes bebêra as suas primeiras inspirações.

Nessa epocha, e anno de 1785, era ainda a França monarchia: corria porém, e já, a passos dobrados, para os grandes acontecimentos que tão profundamente abaláram todos os seus alicerces e fundamentos: mostrava já a audaciosa e sanguinolenta revolução os seus terriveis começos. Com o soccorro da França se haviam emancipado da metropole britannica os Estados-Unidos da America septentrional, constituindo uma republica inde-

pendente. Lavrou em França um enthusiasmo excessivo pelo feliz successo das armas americanas; augmentou-se com o desenvolvimento das doutrinas exageradas de liberdade que transportáram-se da America.

Appellidava-se Luiz XVI rei e magestade ainda; que magestade e rei era porém o soberano impotente e mais infeliz do que o minimo dos seus subditos? Abandonado pela sua nobreza, via escapar-lhe das mãos uma por uma das suas attribuições, que no meio das praças, e ao som de applausos, folgava de arrancar-lhe a populaça.

Succediam-se todos os dias, e a todos os momentos, scenas tão diversas, variadas e ameaçadoras; acontecimentos tão improvistos e repentinos, e ao mesmo tempo rapidos como o raio, resvalavam de cada palavra de improvisado tribuno, que começou a collocar-se á frente dos grupos desordeiros; ninguem se entendia, e concorriam todos para a dissolução da monarchia de Henrique IV, ignaros uns do futuro, atterrorisados outros do presente, e suspeitosos alguns tambem do passado que já fôra. Os despotismos populares, os furores da demagogia frenetica, as influencias de homens sem importancia, sem luzes e sem garantias, e a desmoralisação, que da nobreza e do clero descêra á plebe, perpassava tudo e tudo geralmente dominava, e esses espectaculos terriveis de grupos de homens descalços e cobertos de andrajos, que davam a lei na praça e eram obedecidos;

tudo isto horrorisou profundamente a Souza Caldas, que os presenciou por algum tempo.

As ideas que dominavam não eram as que ambicionava; os factos a que assistia não eram os que procurava; fôra completa a sua illusão; apaixonára-se pela litteratura franceza, que dominava do Neva ao Tejo; bebera pelos olhos e pelos ouvidos as inspirações dos escriptores que pintavam quadros tão bellos e tão arrebatadores; chegára á patria de Voltaire, Bossuet, Racine, Montesquieu e Corneille, engenhos que admirava tanto, e tanto o enthusiasmavam; soffreu de certo decepção terrivel.

Abriu-lhe então a Italia os seus thesouros de marmore, e as suas riquezas de reminiscencias: fallou-lhe a Italia ao coração e á mente; ao coração, porque lhe communicava os sentimentos do bello, os quaes não morrem; e á mente, porque era ella ambiciosa de conhecimentos e illustração. Desde a patria de Virgilio até a poetica Calabria, viu tudo, examinou tudo, e tudo estudou. Veneza com os seus canaes, as suas gondolas, o seu leão de São Marcos, o seu Bucentauro, e os seus palacios de marmore; Verona com o seu circo romano, e os seus tumulos dos Montechis e Capulettis; Milão com a sua sé admiravel, que, como o pensamento humano, sobe até a mansão siderea de Deus; Florença com os seus sumptuosos museos e jardins encantadores; Bolonha com a sua sciencia e o seu cemiterio; Pizza com a sua torre inclinada; Roma com a magestade das

suas reminiscencias poderosas, com os restos quebrados, mas sublimes do seu antigo poderio, e com os novos edificios que immortalisáram Miguel Angelo e Raphael d'Urbino; Genova com o seu porto e os seus palacios multicôres; Napoles com os seus risos e flores, o seu golfo de amores e o seu Vesuvio pittoresco; tudo emfim d'essa terra doirada e encantadora arrebatou e enthusiasinou o vate brasileiro que por ella peregrinava.

E não foi unicamente a historia dos feitos antigos que exaltára a imaginação do poeta: aviváram-lhe e poetisáram-lhe a phantasia a pompa da religião catholica, o esplendor dos templos, e a geração extraordinaria de engenhos superiores, que ainda modernamente produzira uma terra tão rica, empapada de immortalidade, velha como a historia, e sempre fresca e viçosa como uma ficção de fadas: de cada resto abandonado d'essas ruinas famosas viu levantar-se um suspiro, ou cantico sonoro, melodioso, melancolico, e mais doce ao coração do que o fremito das vagas do Oceano, ou o soido vagaroso e funebre do vento por entre os galhos levantados das esbeltas cassuerinas e dos pinheiros bravios.

Amou Roma, como sôe amar um coração entusiasta; foi estimado pelo pontifice Pio VI; adquirio relações com as mais importantes pessoas, e os sabios de maior celebridade; mudáram de direcção as suas ideas; modificou-se o seu pensamento; luzio-lhe no firmamento uma nova estrella, e apóz ella seguiu-

lhe o coração : decidiram-se a sua sorte e a sua vida ; largou pelo Evangelho o livro da lei, tomou ordens sacras e entregou-se ao altar.

Desde esse tempo dirigio o seu estro para a religião , e o seu amor para Deus. Perdeu-o a terra, mas o céo adquirio-o.

Produzio então as odes admiraveis da *Immortalidade d'alma*, da *Creação*, da *Existencia de Deus*, da *Virtude da religião christãe*, e da *Necessidade da revelação*.

Deteve-o Roma por alguns annos : quando lhe foi necessario regressar para Portugal , que de saudades o acompanháram ? Offeceram-lhe em Lisboa a abbadia de Lobrigos, importante em rendimentos, e a mitra episcopal do Rio de Janeiro, resplandecente de gloria; recusou o bispado e a abbadia, preferindo ás pompas e riquezas humanas o viver pobre, mas independente e socegado.

Durante quatro annos que residiu em Portugal ainda, entregou-se ao exercicio da predica sagrada : na fermosa egreja do Coração de Jesus, e na de São Vicente de Fóra, em Lisboa, estabeleceu o seu pulpito, e rodeado sempre de uma multidão curiosa de povo, que folgava de admirar os seus talentos, soltava de cima d'elle a eloquencia maviosa da sua palavra encantadora, e extasiava os seus ouvintes com erudição profunda e engenho portentoso.

A reminiscencia da sua patria, e a lembrança da sua mãe querida, que existia ainda, trouxe-

ram-lhe ideias de voltar para o Rio de Janeiro.

Que diversos e variados acontecimentos tinham-se porém realizado, desde que elle, na idade de oito annos, deixára a sua patria, até que regressára para ella em 1801? Que immensidade de factos se não intercalára entre estas epochas tão distantes? Ao conde da Cunha succedêra no vice-reinado o conde de Azambuja, e a este o marquez de Lavradio; seguiram-se Luiz de Vasconcellos e Souza, e o conde de Rezende; e estava em exercicio da autoridade Dom Fernando José de Portugal.

Estremecia ainda o Rio de Janeiro sob o peso da impressão dos acordãos que havia lavrado a Relação em alçada contra os réos que tentáram separar em 1789 a capitania de Minas Geráes do dominio da corôa portugueza; tinham sido rigorosas as penas : os homens mais intelligentes que possuia então o Brazil, rojáram grillhões pesados pelos presidios de Angoche, Ambaca e Maximba : apoderava-se o terror de todos os animos, e em pé estava ainda o cadafalso a que subira o chefe da tentativa da revolta para castigo exemplar dos espiritos pensadores.

Tencionou Souza Caldas reorganisar sociedades litterarias, crear incentivos ao genio brasileiro, e abrir campo em que tivessem livre desenvolvimento os dotes do espirito.

Baldados esforços! Academias litterarias já tinham existido, e haviam sido dissolvidas pelo medo

e terror. Julgou prudente voltar para Portugal em 1805; começou então a traducção dos Psalmos, que é um dos seus mais bellos titulos de gloria.

Caminhavam no entretanto os acontecimentos da Europa de uma maneira extraordinaria; como as ondas do mar, que, em occasião de tempestade, umas ás outras se succedem mais rapidas e mais altanadas, assim progrediam elles: apóz as scenas de sangue, os espectaculos da guilhotina, e a influencia mortifera da republica franceza, que passára pela Europa assemelhando a lava do Vesuvio, quando espalha as suas linguas de fogo, e arrasa e queima tudo; tinha vindo a epocha brilhante e cavalheirosa do imperio de Napoleão, com as suas festas e victorias, mandando a toda a parte os seus exercitos vencedores e as suas aguias gloriosas: ainda que pequeno, e no canto mais retirado da Europa, não podia escapar Portugal á ambição illimitada do conquistador moderno, que sonhava com só triumphos e dominios novos; pisou de novo as terras de Portugal em 1807 um exercito francez, e julgou o principe regente Dom João, que estava governando durante a grave enfermidade de sua mãe Dona Maria I, que preferivel era abandonar o seu reino da Europa, e estabelecer provisoriamente no Brazil a séde da monarchia portugueza, a arriscar-se á sorte de Carlos IV, rei da Hespanha, que pagára bem caro na prisão de Bayona o preço de sua confiança demasiada.

Embarcáram-se a rainha, o principe regente, toda a côrte, e a maior parte da nobreza; com os fugitivos monarchas veio tambem para o Rio de Janeiro o padre Souza Caldas, desejoso de descançar os seus dias derradeiros no solo patrio, e de terminar ahi a sua existencia mundana na tranquillidade e solidão; os mesmos ares, que lhe bafejáram as faces, quando tocou o limiar da vida, anciava de respirar no momento em que tivesse de largar o sopro ultimo d'ella : a mesma terra, que o vira nascer, queria que recebesse os seus ossos, como filho amoroso e querido : foi longa a viagem; sómente nos primeiros dias de março de 1808 pode entrar a frota pela bahia do Rio de Janeiro, e dar fim á sua derrota trabalhosa.

Havia sido o conde dos Arcos o substituto de Dom Fernando José de Portugal no governo do Brazil; feixou o circulo dos vice-reis, entregando o governo ao principe regente. Tornou-se o Rio de Janeiro a capital da monarchia lusitana, a nova metropole, e a séde de toda a côrte.

Naõ passavam então de quarenta e seis os annos de Souza Caldas; abattia-o e flagellava-o porém a constituição fragil e delicada que teve desde o principio da vida; mesmo assim, e apesar de ter o corpo cançado, não abandonou o pulpito; como era forte e reforçado de animo e de espirito, folgava sempre que fazia echoar a sua voz eloquente e poderosa no meio dos seus compatriotas, e que conseguia trium-

phos, convencendo-os com o accento magico e mavioso da sua crença profunda e religiosa; mereceu-lhe a igreja de Santa Rita as honras de preferencia para n'ella prégar todos os domingos, por ter sido aquella em que recebêra a graça baptismal; concorria ali constantemente copia immensa de povo, que exaltava-se com o zelo apostolico do prégador, e sabia comprehender e admirar o seu talento subido, e os seus thesouros de sciencia.

Terminou no Rio de Janeiro o sua traducção dos Psalmos, e escreveu ainda uma collecção de cartas politicas e philosophicas a respeito da cõrte procurando imitar as *Cartas persianas* de Montesquieu, e as do *Cidadão do mundo* de Goldsmith.

Foi admiravel a sua vida; collocou-o o seu engenho na primeira linha dos poetas lyricos da lingua portugueza; acreditou-o a sua instrucção como um dos litteratos, philosophos e prégadores de maior fama, e das qualidades mais perfeitas do seu tempo; as repetidas obras de caridade que praticava, os soccorros que prestava continuamente aos necessitados e aos afflictos, a moral que o inspirava em todas as suas acções, e a honradez, lisura e desinteresse com que portava-se nos mais pequenos negocios, cercáram-no de uma aureola gloriosa de respeito, consideração e estima universal.

Foi geralmente sentida a sua morte, que teve lugar no dia 2 de março de 1814.

Está o seu tumulo na casa do capitulo do con-

vento de Santo Antonio, e recolheram-se seus ossos em uma urna, na qual escreveu José Eloy Ostoni os seguintes versos latinos :

Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonabat,
Fulmen erat servo, verbaque fulmen erant.

Do Brazil esplendor, da patria gloria,
Discorrendo, ou fallando, trovejava;
O discurso, a dicção, a essencia, a forma,
Tão veloz como o raio se enflammava.

II.

Escreveu Antonio Pereira de Souza Caldas sobre quasi todos os ramos da litteratura; compoz tragedias, hymnos, cantatas, sermões, e obras de critica, de philosophia e de religião, que conheceram os seus contemporaneos, e cuja maior parte não chegou ao nosso tempo : perderam-se algumas por mãos de quem lhes não sabia dar o apreço; andam por ahi outras manuscriptas em poder dos seus parentes, que se não resolvem a publica-las; foram por elle mesmo lançadas muitas ás chammas devoradoras do fogo, nos momentos em que o seu zelo apostolico e fervor religioso incitavam-lhe desejos de que nada lhe sobrevivesse afóra as suas composições sagradas.

Possuimos apenas uma collecção de poesias sagradas e profanas, com a traducção dos Psalmos, a qual foi publicada em Pariz, em 1821, pelos cuidados de um sobrinho seu, curioso e illustrado, e

enriquecida com commentarios importantes do litterato portuguez Francisco de Borja Garção Stockler.

Os dous volumes d'esta collecção, pequenos e escassos no formato, são todavia grandes e ricos pelas composições que encerram; formam verdadeiros monumentos de gloria para o padre Souza Caldas.

Tem a poesia lyrica portugueza duas escholas distinctas : maviosa, terna, doce e musical uma; torna-se o metro cadente e sonoro; é a rima languida, egual e angelica; tão appropriada a palavra, como a nota de uma cavatina : abandona a outra eschola a forma, e as vestes exteriores; desampara a lindeza do verso, e procura só pensamentos altivos, elevados e grandiloquos. Da primeira eschola é o chefe Luiz de Camões, cuja vida de dôres e prazeres, de tormentos e amores, forma um verdadeiro poema, e poema melancolico; são os seus mais brilhantes satellites Antonio Ferreira, Thomaz Antonio Gonzaga, Manuel Maria Barbosa de Bocage, e Pedro Antonio Correia Garção : esta familia de poetas, que dão á linguagem o privilegio de harmonia, que collocam o gosto no estylo, o som na palavra, a doçura na phrase, a cadencia no verso, e a perfeição na rima, conseguem dos seus compatriotas um renome superior, e são intraduziveis para os estranhos; é a descendencia de Virgilio, aprimorada por Luiz de Camões, Lord Byron, Torquato Tasso, Frederico Schiller, Francisco Petrarca e João Racine.

Foi illustrada a segunda escola por Francisco Manuel do Nascimento, Antonio Pereira de Souza Caldas, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e João Baptista de Almeida-Garrett: é mais livre o pensamento, procura o ar a ideia para desenvolver-se; são sacrificados á inspiração do vate a cadencia do verso e o som musical das palavras; como Pindaro, Homero, Klopstock, Gœthe, ou Dante Alighieri, quebra a aguia as suas cadeias, ganha a liberdade, e esvoáça de altura elevada; pertencem a todos os tempos e a todos os paizes as bellezas do pensamento; não lo-gram a mesma sorte as bellezas do estylo, que tem por assim dizer uma terra, um sol, e um céu natal.

Nunca appresentou a poesia portugueza d'esta segunda escola vãos tão atrevidos e arrojados, como nas odes de Antonio Pereira de Souza Caldas: si dando-se a assumptos historicos, levantou Francisco Manuel do Nascimento monumentos perduraveis de gloria a Affonso de Albuquerque, aos Portuguezes, e a Vasco da Gama, subio mais alto o padre Souza Caldas, porque foi buscar a sua inspiração nos mysterios do christianismo, elevou o seu pensamento até Deus, e com materiães tão fecundos como esses, que fallam directamente á alma do homen, quanto se não ergueria?

Abram-se os versos da sua ode admiravel da *Existencia de Deus*.

A luz se faça; e subito creada

A luz, resplandecendo

A voz ouvia, que aviventa o nada :
 D'entre as trevas se foi desenvolvendo
 O cháos, que estendendo
 A horrenda face, tudo confundia,
 A terra, e o mar, e o céu, e a noite, e o dia.

.

Inda o sceptro chimerico empunhava
 O nada, avassallando
 Informe reino, e vão, que dominava
 A seu lado o silencio venerando ;
 E tudo, repoisando
 No seio incerto e immenso do possível,
 D'existir era apenas susceptível.

 Sómente a eternidade
 Concentrada em si mesma, em si confida,
 Em si gozando interminavel vida,
 Perenne mocidade,
 Com infinitas perfeições brilhando,
 Sotopunha os futuros a seu mando.

Ao som de sua voz omnipotente
 O possível se atterra ;
 O nada se fecunda ; e de repente
 Atonitos produzem céos e terra,
 E o espaço, que os encerra :

Começa então o tempo pressuroso
 A curva foice a manejar iroso :
 A agitadas ondas se separam
 Da terra, que cobriam,
 E no vasto oceano se abrigaram :

As fructíferas arvores nasciam :
 De pennas se vestiam
 As animadas aves ; e de vida
 Animáes de grandeza desmedida.

 O homem apparece,
 Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
 Da mulher o semblante lindo e amado,
 Por quem morrer parece :

De raios e de luz se rodeava
 O sol, que almo calor a tudo dava.

.....
 O verme, que no campo resvalando,

Ergue a movel cabeça;

A aguia sobre as nuvens remontando,

E do ar retalhando a massa espessa;

A garganta travessa

Do leve rouxinol; e o peito forte

Do leão, que esbraveja e insulta a morte;

O mar embravecido;

A terra de mil fructos, que a guarnecem,

Toldava, com que as forças reverdecem

Do homem atrevido;

Tudo aponta a Suprema Intelligencia,

Adoravel auctora da existencia.

.....

Em nem-um paiz, e em nem-uma lingua, appareceu ainda uma poesia mais rica e mais ornada de pensamentos magestosos e gigantescos. Descrevendo na sua primeira metamorphose o cháos e a criação, não reúne Ovidio um complexo tão perfeito de imagens altanadas: produz a religião a dissimilhança, por que a religião de Ovidio era o polytheismo material e descarnado, e abraçava Souza Caldas a religião de Christo, que purifica e adoça tanto o coração, religião coroada com o mysticismo catholico, cercada das nuvens de incenso, e da pompa da cerimonia do templo sagrado, aonde entre o homem e a divindade, para provar a distancia que separa o peccador do Juiz Supremo, appareceu o sacerdote, não figurando um homem como os outros homens; re-

vestido e parecendo porém separado da terra; religião d'alma, da vida eterna, da consciencia, sublime toda e toda mysteriosa.

É eminentemente religiosa a poesia de Souza Caldas, parece que descende da litteratura hebraica; ha n'elle o quer que seja da inspiração superior que bafejou a Salomão, a David, a Moysés, a Asaph, a Job, o Coreo, a Samuel e a Ezechiel : consiste a differença no tempo e no logar; descantava-se a poesia hebraica no meio de uma civilização infantil, com os usos e costumes dos homens pastores, sobre os montes Sinai, ás ribas do mar Vermelho ou dos rios da Babylonia; é decerto uma poesia sublime, celestial, divina, mas doce, melancolica e appropriada ao povo de Israel; e de permeio os canticos altivos e gigantescos de David erguem-se magestosos como os cedros do Libano; de quando em quando fere o coração um ou outro gemido de Job, como o som da harpa do deserto : são todavia modestas, candidas e simples as vestes; mas assoberbam os pensamentos, tornam-se audaces e magestosos; sobe sempre a inspiração á origem mais pura e mais elevada.

Viveu Souza Caldas porém em epocha diversa, no meio de uma civilização mais refinada, e entre povos de costumes muito differentes : demais, o christianismo, e, apóz elle, o catholicismo, modificáram ainda os usos das eras antigas e primarias : ainda que bebendo assim elle a sua inspiração primorosa na poesia hebraica, apaixonando-se pelos

vãos soberbos de David, desenvolveu-se no emtanto com apparato magestoso, mas muito differente, por que accommodára-se a seu tempo; não é descendente tambem da poesia hebraica Ossian, ou, para melhor dizer, Macpherson, e não desdobra todavia os seus canticos lugubres e sonoros de modo differente, e por feitio diverso? Não receberam Milton e Klopstock da Biblia os seus suspiros melodosos, e não se alimentáram com o nectar que d'ella corre? Qualquer que seja a maior ou menor divergencia das vestes exteriores, é a poesia de Souza Caldas uma faisca de fogo escapada da poesia hebraica, e que leva a luz mais penetrante ao coração e á alma do homem. Todas as vèzes que não pode explicar humanamente as suas inspirações, não o domina a ambição de discuti-las philosophicamente, como Hegel, Vico, Kant ou Fichte; prefere descansar como Bossuet na convicção de Deus, e attribuir tudo á sua força e poder, porque é Deus em sua consciencia o pensamento superior que resume tudo, porque tirou tudo do nada, e creou tudo, na phrase do philosopho Malebranche.

A cantata da *Creação* desenvolvendo mais ainda o pensamento elevado que deu nascimento á ode da *Existencia de Deus*, encerra pintura tão variada, e exposição tão colorida, que commove, arrasta, e depois ainda de terminada a leitura, deixa a alma suspensa, e o espirito encantado, como desliza-se ainda após a carreira da náu, e por algum tempo

se conserva a longa esteira, que abrira o seu caminho : finalisa com um hymno soberbo, cujas bellezas se não offuscam perante as mais admiraveis poesias da Biblia :

Os Céos entoam
 Minha grandeza ,
 Os seres todos
 Juntos pregoam ,
 Por varios modos ,
 Do eterno ser
 O incomparavel ,
 Grande , ineffavel ,
 Alto poder !
 A minha gloria ,
 Homem , respeita ;
 Rendido aceita
 Meu mandamento .
 Traze á memoria
 Que o firmamento
 Por ti criei :
 Que o mar e a terra ,
 E o que ella encerra ,
 Tudo te dei .

Não ha que admirar em Souza Caldas uma imaginação vasta, brilhante e illimitada unicamente; uma superabundancia de magestosos e magnificos pensamentos; e um como que excesso, ou exageração mesmo da faculdade de inventar e de produzir, que possuia em gráo subido, agglomerando por essas odes sacras, e em circulo tão pequeno, tantas ideias, e tão differentes e variadas, e ao mesmo tempo tão grandiosas; fôra dotado com essa força immensa e preciosa, e raro privilegio,

que intitula-se genio, e que comprehende o gosto e a invenção : o gosto, que é o poder de sentir e conhecer o que é bello, e a invenção, que é o talento de imaginar e produzir. Não contenta-se o verdadeiro genio com ver e admirar; é arrastado por uma vontade ardente, e uma força irresistivel de exprimir o que sente. Si não é a linguagem de Caldas maviosa e musical, como sóe compô-la a eschola artistica de Camões e de Virgilio, tem comtudo o merito da clareza, da propriedade e da energia : desenha e pinta perfeitamente o quadro pomposo que imagina o entusiasmo do poeta; e que expressão mais elevada pode se exigir do que a das ultimas strophes da ode sobre a *Virtude da religião christãe*?

O musa, que me inspiras animosa,
Novas côres ajunta ao nobre quadro

Que soberbo desenhás :

Ouve o guerreiro estrepito que atrôa

Os deplorados muros

Da misera Sion; vê como a cinge

Romana bellicosa soldadesca.

Já batem os arietes horrendos

Com medonho fragor as suas torres;

A descorada fome,

O odio, o horror, por toda a parte a investem,

E o venenoso vulto

Ergue a peste lethal, medonha e fera,

Mortâes frexas em torno arremessando.

Que scena, ó Deus, avisto!

Lá rasga mãe cruel o tenro peito

Do misero filhinho!

Já sobre ardentes brasas

Lacerado o arroja, e deshumana
Ceva a fome na carne, que gerára !

Jerusalém rebelde, vê alçando
O horrido semblante no teu seio

O crime furibundo :

Já freme a crepitante labareda
Em torno do teu templo :
Em vão forcejas apaga-la, e irado
Um deus a chamma abrasadora acende.

Tuas culpadas ruas estremezem :
Por toda a parte a morte te rodeia :

Cabida em terra jazes,
De lividos cadaveres juncada :

Nunca mais o teu templo

Se erguerá; e o teu povo vagabundo
Será de opprobrio e dôr fatal objecto !

Quando, descrevendo a paixão de Jesus Christo,
exclama com o mais fervoroso entusiasmo :

Quem fará em meu seio

De lagrimas brotar inexgotavel
Compassiva torrente, e noite, e dia,

De Judá sobre o crime

Derramar inconsolavel pranto?

Esconde-te, Israel; mirrados corpos

Surgem das frias campas ;

Treme o orbe de horror, fendem-se as pedras ;

Do templo o véo se rasga :

Em geral lucto envolta a natureza,

Que fizeste, Israel? Te está bradando.

Dir-se-ia que roubára uma inspiração sublime ao genio ardente e robusto de Milton, quando no canto nono do seu poema admiravel, appresentando Eva a Adão o fructo prohibido, e levando-o a prova-lo, pinta o poeta o terror de que apossou-se a

terra, e cobrio-se o céo, cahindo até da mansão etherea lagrimas amargas e tristes, que desenham perfeitamente a desesperação do primeiro homem no instante em que conhece o seu crime, e o castigo devido que logo apóz lhe infligiu o Creador.

Tratando da morte do Salvador do mundo, como rivalisa o seu estro com o estro de Klopstock! Que magestade quando diz :

De sangue está banhado

O justo, em afrontosa cruz pendente :

O senhor do universo traspassado

De dôr acerba, ingente :

Tyranno povo as vestes lhe sorteiam ;

A traição o vendeu, horrenda e feia.

Os macerados olhos lhe circumda

Piedosa ternura ,

No coração ajunta a dôr profunda

Os doces sentimentos, em que abunda ,

E do pai só procura

O perdão dos algozes, que o craváram,

E no seu sangue as impias mãos banháram.

.

O Filha de Sion, no pó te assenta,

Cobre de humilde cinza o teu culpado

E fementido rosto :

Como ainda existís, ó sol? ó terra?

Um dos titulos mais gloriosos de Souza Caldas, e pelo qual a litteratura portugueza deve-lhe os maiores louvores, é o abandono que, primeiro que todos os seus poetas, fez elle da technologia grega, adoptando uma linguagem clara, precisa e eloquente; apoderavam-se até então de todos os espiritos a lit-

teratura grega e a romana; não tinham o bello e o sublime veredas diversas para serem attingidos; não podia ser outra a inspiração do poeta afóra a que partisse do Helicon e do Parnaso; não podia haver outra phraseologia que não fosse a da cansada mythologia : devia revestir-se a poesia portugueza de mantos hellenicos , e revelar o seu pensamento por meio de symbolos ajustados , e de imagens reconhecidas e aceitas.

E ninguem ousára antes de Souza Caldas passar as raias do circulo de ferro que subjugava e cortava os vôos ao poeta; era latina ou grega a educação; descendiam d'essa origem as ideias, e confundiam-se com ella; cantando heróes modernos, e bravuras dos nossos tempos, tornava-os o proprio Francisco Manuel do Nascimento heróes romanos ou gregos, dava-lhes as armas dos combattentes antigos, e encobria as suas acções com as imagens do polytheismo; o grande Luiz de Camões, com tanta justiça appellidado o principe dos poetas das Hespanhas, no seu poema memoravel, a par de bellezas, que nem - um vate antigo ou moderno excedeu ainda, chama em seu auxilio as divindades de Platão, de Hesiodo e de Homero, e mistura o mais sublime e pathetico com repetições enfadonhas, e pinturas desnaturáes e desappropriadas : nada ha de mais extravagante do que ver guerreiros portuguezes elevar preces aos deuses do Olympo, em vèz de recitar os canticos da Egreja

catholica; nada ha de mais extravagante do que, no meio das vagas irritadas do oceano, em procura de novos mundos, para enriquecer a sua patria, não saudarem os navegantes lusitanos a Christo, não adorarem a imagem da Virgem purissima, e dedicarem-se entretanto ao serviço da Venus luxuriosa, da sabia Minerva, ou da Juno soberba.

Rasgou Souza Caldas o véo de semelhantes phantasmagorias; pretendeu que a poesia trajasse vestes proprias e nacionaes; seguisse a origem da sua inspiração; e perdesse-se nos seus braços: não tinham para elle o bello e o sublime um caracter unico, immutavel, e eterno, cujos traços são de ante-mão delineados; nascia da liberdade e da religião a inspiração verdadeira, subita e espontanea.

Chame-se romantica esta poesia, como a appellidam alguns, ou dê-lhe-se outro nome qualquer, é certo que interpreta fielmente ella os mysterios do coração humano, e exprime com perfeição as paixões, crenças e sentimentos da creatura; cada formula tem a sua epocha; foi bellissima a poesia grega; degenerou um pouco a sua filha de Roma, si bem que obtivesse ainda gloria immensa; já passou-lhes porém o seu tempo, por que é a poesia a representação fiel da religião e da sociedade; quando mudam estas, vaga a poesia, sem força e sem vida, até que desaparece com ellas; foi transformado o mundo pelo christianismo e catholicismo, que trouxeram nova poesia, a qual existirá emquanto existirem a

religião e a sociedade que gerou-a e alimenta-a. Pode-se dizer affoitamente que é Antonio Pereira de Souza Caldas o chefe da nova escola da poesia portugueza.

III.

Ha tantas traducções poeticas dos Psalmos! A França, a Allemanha, a Italia, a Inglaterra, a Hespanha, possuem muitas e differentes. Nem-uma conhecemos porém, por mais bella e perfeita, que possa exceder em merito litterario a que terminou Antonio Pereira de Souza Caldas; estudou a poesia hebraica, e traduziu-a na lingua portugueza, como estudou Phidias a Homero, e traduziu-o com seu cinzel, ou como Miguel Angelo estudou o poema de Dante, e traduziu-o na capella Sixtina do Vaticano; passando-se da lingua hebraica para a portugueza, não perdeu a harpa do rei de Israel nem-uma de suas harmonias; não servio-se Caldas da elegancia graciosa e elegiaca que empregou Luiz de Camões na traducção de dous psalmos; não usou da rima musical e voluptuosa de André Chenier; e menos ainda da versificação polida, languida e triste de Gonzaga, Racine, Lamartine, Garção, Schiller, ou de Petrarca; mas conhecendo perfeitamente todas as suas bellezas, e possuindo alma ferosa e convencida, e espirito enthusiastico, conseguiu achar a propriedade dos

termos, e a magestade da expressão, e escreveu na lingua portugueza, como escreveria o proprio rei David.

« Foi no tempo de David, diz Herder na sua historia da poesia hebraica, que a flor selvagem dos campos, trazida por elle para a soberba Sion, brilhou com todo o esplendor de flor real : fôra sempre musical e poetico o espirito de David; no meio dos campos e prados correram os seus primeiros annos, e colheu n'elles o joven pastor as flores lyricas com que ornou os seus psalmos heroicos, e mais os seus psalmos penitentes. É a verdade a base fundamental do seu character, porque é a sua poesia o espelho fiel da sua vida, das suas sensações e da sua epocha; é um jardim rico de flores graciosas e fructos saborosos, mas que estraga ás vêzes a tempestade : é a pintura do seu coração terno, e da sua alma sensivel; soffreu todas as dôres, e gozou de todos os prazeres, e por isso ha cousas nos psalmos que se não podem exprimir nas linguas modernas : tomam as suas lagrimas uma resignação filial; colloca toda a sua confiança no Deus, que de pastor elevou-o a rei, e que amparou-o em todos os transees e calamidades. »

Eram os Psalmos escriptos e compostos como os hymnos, que precisam de acompanhamento de musica; recitava-os o povo judeu, e cantava-os nos templos, e nas festas publicas; eram irmãos e andavam junctamente a poesia e a musica; uma e

outra sanctificou o rei David; e para o serviço divino, para as ceremonias do cantico e da musica, reuniu quatro mil levitas, divididos em classes diversas e chóros differentes.

É esta poesia que trasladou Souza Caldas para a lingua portugueza!

Verdade é que appropriavam-se admiravelmente á obra as qualidades lyricas do traductor; possuia não só elle a grande sciencia da comprehensão, que é o estudo profundo, serio e acertado dos canticos hebraicos; e imaginação energica e brilhante, capaz de transpôr a obra, como si fôra original; como tambem ornava-se o seu genio com uma qualidade rara e peculiar, que era necessaria para com poucas palavras acompanhar toda a expressão da poesia dos Psalmos, que desenvolve-se em termos diminutos, e com uma brevidade espantosa: com quanto approxime-se dos canticos simples de Moysés, é todavia energica a linguagem dos Psalmos: consiste tanto a sua magestade no elevado do pensamento, como na palavra curta e apropriada; é a lingua portugueza rica e abundante; para conservar as imagens deliciosas, e ao mesmo tempo a expressão fogosa dos versos de David, convinha um talento excepcional, que fosse tambem dotado de uma grande inspiração lyrica: mais proprio do que Souza Caldas nem-um outro apparecia.

Que mais fiel traducção do que a do bello psalmo seguinte?

Feliz aquelle, que os ouvidos cerra
 A malvados conselhos,
 E não caminha pela estrada iniqua
 Do peccador infame;
 Nem se encosta orgulhoso na cadeira
 Pelo vicio empestada;
 Mas na lei do Senhor fitando os olhos,
 A revolve e medita,
 Na tenebrosa noite e claro dia.
 A fortuna e a desgraça
 Tudo parece a seu sabor moldar-se:
 Elle é qual tenro arbusto,
 Plantado a margem de um ribeiro ameno,
 Que de virentes folhas
 A erguida frente, bem depressa, ornando,
 Na razão opportuna,
 Dos fructos curva os succulentos ramos.
 Não sois assim, ó impios!
 Mas qual o leve pó o vento assopra,
 Aos ares alevanta,
 E abatte, e espalha, e com furor dissipa.

.....

É a collecção dos Psalmos um poema admiravel,
 que pinta as scenas todas do coração humano;
 passa da alegria á dôr, do entusiasmo ao abati-
 mento, da furia á piedade, e da audacia á resigna-
 ção: foi escrevendo o rei David as suas sensações
 ao passo que iam-lhe ellas apparecendo, e nunca
 eloquencia mais sublime poderam conseguir as
 paixões diversas do homem.

É possível, Senhor, que te não dôa
 Ver o teu servo sem cessar pisado
 Aos pés dos impios, que crueis o affligem,
 Que feros o attribulam?

Desde que nasce o sol, té que se occulta

No vermelho horizonte, se revezam,

Insultando-me audaces, procurando

Soberbos humilhar-me.

Foi João Baptista Rousseau o traductor francez dos Psalmos; ou fosse porém que se não prestasse a lingua franceza á expressão magestosa e sublime dos canticos hebraicos, ou porque, e o que é mais presumivel, faltassem imaginação e genio ao traductor, que, apesar da nomeada, que grangeou, de primeiro poeta lyrico da França, parece-nos muito inferior a seus proprios compatriotas Lebrun, Lamartine e Victor Hugo, certo é que ficou a traducção franceza muito áquem das traducções dos Psalmos que possuem as demais nações da Europa, e das quaes uma das mais aperfeiçoadas é indubitavelmente a de Antonio Pereira de Souza Caldas.

Não foi elle o unico que para a lingua portugueza trasladou os Psalmos, e exprimiu-os em versos. Ousáram anteriormente executa-lo Achilles Estaço da Vidigueira e Bernardo da Fonseca que empregáram infructiferos esforços! Traduziu dous psalmos Luiz de Camões, mas n'aquella linguagem terna e doçorosa, tocante e melancolica, que cabia tão perfeitamente ao seu character, e ao seu viver; mas que não é a linguagem dos Psalmos, grave, solemne, magestosa, energica e altanada, como folgava de escrever o rei de Israel. Mais que nem-um

outro poeta aprofundou Saverio Maffei o estudo da litteratura hebraica, conheceu todas as suas bellezas, e interpretou fielmente os textos que encerram uma poesia tão rica e divina, que ha de ser eternamente a delicia dos litteratos e a inspiração dos poetas; na traducção porém, que effectuou d'elles para a lingua italiana, ou porque faltasse-lhe o engenho poetico, ou porque não soubesse manejar perfeitamente a sua lingua vernacula, é certo que, com quanto fiel e mais genuina, foi desgraçado o traductor no seu trabalho.

Como comprehendeu e exprimiu Souza Caldas o psalmo de David fugindo á vista de seu filho Absalão! Como disse a sua resignação evangelica, a sua fé convicta, e a sua esperança robusta! Como apoderou-se da inspiração dolorosa e altiva ao mesmo tempo d'aquelle grande monarcha!

Ah! Senhor! Que crescendo meus imigos,
Apinham-se, e me encaram furiosos!

Quantos me estão bradando!

Debalde espera que o seu Deus o salve!

Mas tu es, ó Senhor, o meu esteio

E minha doce gloria;

O rosto entre os perigos tu me exaltas!

A Deus clamei, e sobre o monte sancto

Minhas vozes soáram;

Pesado somno me cerrou os olhos;

Dormi, e alegre despertei nos braços

De Deus, que a si tomou-me.

Cerque-me embora numeroso exercito:

Sem susto o arrosto; mas é tempo, accode-me,

Ergue-te, ó Deus, e salva-me!

Já outras vèzes meus perseguidores

Tu desfizeste, e os dentes esmagaste

Dos ferozes malvados :

De ti pende, Senhor, o libertar-me ;

E da tua bençã'm goze esperançoso

O povo que escolheste.

Pòz Souza Caldas tanto cuidado na traducção dos Psalmos, que parece que era a sua obra de amor ; nem-um ha que lhe não merecesse as honras de trabalho castigado ; tiveram alguns duas versões, como entre outros aquelle, em que exaltando-se perante Deus e supplicando-lhe misericordia rompe assim o poeta o seu cantico entusiasmado :

O Deus immenso, todo o meu amparo !

Das mãos ferinas, que abatter-me intentam,

E a cada instante de furor redobram,

Vem libertar-me :

Antes que iradas, qual leão faminto ;

Me despedacem ; quando já não possa

Piedoso braço, em meu favor erguido,

Ser-me propicio !

Ganhou na traducção a poesia hebraica ; enriqueceu-se tambem com ella a poesia portugueza ; são os Psalmos pedras preciosas da litteratura dos Hebreus ; formam a sua corôa immortal ; traduzidos por Souza Caldas em portuguez, consolidam a sua reputação original e gloriosa, e constituem um monumento admiravel de poesia para a lingua que os recebeu.

IV.

Quanto não deve sentir a litteratura portugueza a perda de tantas e tão diversas composições de Souza Caldas, que se extraviáram? Para avaliar e apreciar a extensão do seu genio, e a sublimidade da sua imaginação, bastam as suas odes sacras, a sua traducção magnifica dos Psalmos, e algumas poucas obras sobre assumptos varios, que completam os dous volumes publicados. Que esperanças não promettia porém a cantata do *Homem selvagem*, revestida de côres delicadas, e semeada de pensamentos os mais altivos e vigorosos? Que força de intelligencia e gosto aperfeiçoado appresenta a cantata de *Pygmalião*, escripta segundo a phraseologia mythologica, e coberta de imagens frondosas?

Já da lucida Aurora scintillava

O tremulo fulgor, e a noite fria

Nas mais remotas praias do occidente,

Entre abysmos gelados, se escondia.

Amor impaciente

Dos filhos de Morpheu se acompanhava,

E de Pygmalião a altiva mente,

Com lisongeiros sonhos affagava.

Ora de Galathéa

A estatua airosa e bella,

Obra do seu cinzel, obra divina,

Se lhe avivava na amorosa idéa :

Ora cuidava vê-la

E a marmorea dureza transformar-se

Em suave, vital brandura, dina

D'aquella que em Cythera

Sobre os amores e o prazer domina.

Si não é na verdade o *rhythmo* tão harmonioso e musical como o da cantata de *Dido* de Garção, inferiores não são-lhe todavia as ideias, e talvez que no grandioso do pensamento lhe excedam, e muito; consiste a poesia de Garção mais na palavra que é sempre escolhida, maviosa sempre, e sempre terna; prima a de Souza Caldas pela elevação do pensamento : começa assim Garção :

Já no rouxo oriente branqueando
As prenhes velas da troyana frota
Entre as vagas azues do mar doirado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando ,
Co' os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Parece mais artista e mais melodioso na expressão; é da escola de Camões, e acompanha-o uma doce e melancolica elegia, como os gemidos do amante de Leonor, gemidos que podem-se sómente traduzir n'estes versos deliciosos :

Quando a rouxa manhã, doirada e bella,
Abre as portas ao sol, e cáe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomella :
D'esta arte me figura a phantasia
A vida, com quem morro, desterrado
Do bem, que em outro tempo possuia :
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Prefere Souza Caldas porém despegar ideias no-

vas e exaltadas, peripecias soberbas, e pensamentos grandiosos; parece que arde a sua alma em uma labareda, e que rebenta a poesia do seu cerebro espontanea, livre e pomposa : é esta a differença entre uma e a outra cantata, entre uma e a outra poesia.

Quanto enthusiasmo patriotico não encerrou tambem o coração de Souza Caldas? dominava-o a religião; levantava-lhe os seus altares; apparecia-lhe a gloria de Deus, tecia-lhe louvores magestosos; mas fallava-lhe tambem a patria; susurrava-lhe a patria de quando em quando aos ouvidos, e chamava-lhe a inspiração : no meio dos versos admiraveis de sua *Noite melancholica*, dedicada ás *Aves*, que escreveu quando estudante de Coimbra, e cuja composição fôra uma das causas por que soffrêra os amargores da prisão, e dos exercicios de Rilhafoles, escapam-lhe queixumes patrioticos, que lhe fazem honra : denunciavam esses queixumes o fogo sagrado, que vecejava-lhe n'alma; e manifestava esse fogo o patriotismo vivo e corajoso, por que exaltava-se o poeta, e que, mau grado dos perigos da epocha, folgava de arrancar do peito, traduzir em poesia admiravel, e atirar ao publico; que ousadia era a do estudante imprudente, que sob o governo de Dona Maria I, rainha de Portugal, não temia produzir e mostrar estes versos :

Nem tua crúa indole se abranda

Nos climas do Brazil, onde Amor vive

De exquisitos deleites, de finezas,

E de ternas meiguices rodeiado :
Paiz, aonde as Musas, que risonhas
Carinhosas o berço me emballáram,
Outra Hipocrêne rebentar fariam,
Out. o Parnaso excelso e sublimado,
Aos céos levantariam, si ao ruído
De pesados grilhões jamais podessem
As filhas da Memoria acostumar-se.
Ali a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao mundo inteiro.
Ali... ó dôr ! o minha patria amada !
A ignorancia firmou seu rude assento,
E com halito inerte tudo damna,
Os erros difundindo, e da verdade
O clarão offuscando luminoso.
Ali servil temor e abatimento
Os corações briosos amortece,
E enquanto a natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estúpida ambição com mão mesquinha
Transtornou seu magnifico projecto,
E só parece apparelhar abrigo
As aves, que do dia se arreceiam,
E procuram da noite a sombra triste.
Por isso, ó Nictimène, te acolheste
Do Brazil aos rochedos e ás florestas,
Aonde o Indio, em seu fallar singelo,
Jacurutú chamou-te, e te conhece
Não só pelas feições, que com na Europa
O bufo das mais aves se apartára ;
Mas pela varia côr de branco e fusco,
E de amarello, que te tinge as pennas.

São bellas as descripções, primorosas as côres, e
delicado o pensamento do poeta; superior porém ás

descripções, ás côres, ao pensamento, e á poesia do cantico das *Aves*, é a ideia do patriota, e a dôr do homem de bem, que pairam e assoberbam toda a composição, como sóe a aguia real pairar e assoberbar a terra; fallou a patria n'este cantico uma linguagem mais do coração do que a musa mais sublime: estas saudades da patria, e o carpir magoado pelo estado, em que a pinta, espraiaem-se tão docemente nos seus versos, e exprimem-se tão energicamente nas suas palavras, que não toma a imaginação o primeiro lugar, cede-o porém á alma pura e extremosa do patriota: como transpira entretanto em todas estas composições uma poesia rica e elevada e um enthusiasmo nobre e generoso!

Além de fama de poeta lyrico gozou Souza Caldas de reputação de litterato profundo, e de grande orador sagrado; conta a litteratura portugueza alguns prégadores excellentes. Prima em primeiro lugar o jesuita Antonio Vieira; seguem-se-lhe Antonio de Sá, Antonio Pereira de Souza Caldas, Frei Francisco de São Carlos, Diogo de Paiva de Andrade e Luiz de Granada; e como que querendo provar a magnificencia d'esta terra do Brazil, fez a natureza com que, visto como escapára-lhe a gloria de ser a patria do padre Antonio Vieira, fosse ao menos elle educado no Brazil, e passásse no Brazil a maior parte da sua vida.

Quem pode porém conhecer actualmente os escriptos philosophicos, litterarios e religiosos de Souza Caldas, que não viram a luz da publicidade?

Que é dos seus sermões admiraveis, tão reputados em Lisboa e no Rio de Janeiro? Que é d'essas emoções que recebia o povo na egreja, e que admiravam todos, e a todos commoviam? Foi fatalissima a sua perda; e como tão fóra do seu logar e do seu tempo poderemos nós pintar o orador com a sua eloquencia magica, com a maviosidade da sua palavra, e com a fluidez da sua dicção, que eram os encantos dos seus ouvintes?

Deparamos monumentos, que transmittirão aos seculos a grandeza do seu genio e a fertilidade da sua imaginação de poeta; consideramo-lo litterato distincto, porque revelam os seus proprios versos a sua instrucção rara e o seu gosto apurado; jurámos porém na tradicção, que collocou-o como orador sagrado na primeira linha dos prégadores, e que guarda uma lembrança indelevel da sua palavra sonora e maviosa.

XIV.

FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS.

I.

Descende Frei Francisco de São Carlos de uma familia excellente e honrada, que era estabelecida no Rio de Janeiro. Nascido a 13 de agosto de 1763, recebeu na sua mesma patria a educação necessaria e seguiu os seus estudos : entrou na idade de treze annos para a ordem seraphica da Immaculada Conceição; cursou as aulas que ella possuia, e que eram dirigidas pelos maiores talentos que existiam no seu seio : comquanto novamente creada cabia-lhe a gloria de haver já produzido alguns theologos importantes e prégadores excellentes, cuja fama repercutia em toda a parte, e cujos nomes as chronicas da ordem, e as diversas historias religiosas, salváram, e transmittiram aos seculos vindouros.

Honrava-se a ordem seraphica da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro com os nomes gloriosos de Frei Miguel de São Francisco, de Frei Antonio de Santa Maria, de Frei Christovam de Madre da Deus, de Frei Patricio de Santa Maria e de Frei Manuel do

Desterro, grandes talentos todos, e que ao passo que lograram uma nomeada extensa, estabeleceram e firmaram os credits do convento a que tinham pertencido.

Mostrou Frei São Carlos desde a sua infancia uma grande vocação para o isolamento e para o estudo solitario; estava tão estreitamente ligado com a sua existencia o espirito religioso, que pode-se predizer desde a puericia que não lograriam as tempestades do mundo abalar os seus fundamentos, e menos modificar as suas crenças profundas e sinceras: era o convento sitio apropriado para o seu genio e os seus desejos; recebeu-o de braços abertos o convento, parecendo advinhar a aureola de gloria que resultar-lhe-ia da aquisição do joven engenho que procurava-o tão espontaneamente.

Foram tães os seus estudos, que conhecêram logo os mestres a intelligencia copiosa que animava o discipulo: foi mandado na idade de dezanove annos para o convento de São Boaventura, que possuia a ordem seraphica na villa de Macacú: era n'essa epocha a villa mais importante da capitania do Rio de Janeiro; estava situada nas margens ferteis e pittorescas do rio que deu-lhe o nome; continha alguns edificios importantes, casas numerosas, commercio extenso, e povo em abundancia; desapareceu tudo d'ali com a epidemia febril que grassou por aquelles logares, e que reduziu a villa a um deserto arruinado, figurando a imagem d'essas cidades da Asia

sobre que passára a colera de Deus, ou parecendo uma necropolis do Egypto, cuja vista é tão dolorosa ao viajante !

Residiu São Carlos durante alguns annos no convento de Macacú devotado aos deveres da religião, e á leitura das obras litterarias antigas e modernas; aprofundou os conhecimentos de theologia e philosophia, e preparou n'essa solidão a sua voz e os seus talentos para o tempo em que fosse-lhe permitido desenvolvê-los : murmurava-lhe já o pensamento apontando-lhe o pulpito como o logar da sua gloria; folgueiava-lhe já a imaginação insinuando-lhe que era a poesia o anjo com quem devia abraçar-se como seu companheiro, amigo e fiel patrono : eram internas todas as suas alegrias, prazeres e esperanças : nasciam da intelligencia, da alma e do coração, que são fontes mais puras de delicias perennes, do que os objectos physicos e exteriores.

Folgava Frei São Carlos de ler e estudar não sómente as obras dos Padres da Egreja latina, grega e oriental, senão tambem os escriptos de Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles e Horacio; conversava com os auctores profanos dos tempos mythologicos, e com os prophetas do christianismo, e os escriptores do catholicismo : foram-lhe tão familiares os philosophos modernos, Malebranche e Descartes, e os poetas Dante Alighieri e Milton, como São João Chrysostomo e

Santo Agostinho, como a Biblia e os Novos Testamentos.

Regressando para o Rio de Janeiro, começou a prégar : ganhou logo o seu nome popularidade estensa ; encheu-se de orgulho o ordem seraphica assistindo ao desenvolvimento e gloria do seu filho ; correu á igreja o povo em multidão para ouvir a voz melodiosa e encantadora, os gestos perfeitos e nobres, a expressão limpida, corrente e risonha, como o sorriso da aurora, e a eloquencia nobre e apaixonada, que revelou a immensidade do seu genio, a extensão das suas luzes, e o sincero e religioso entusiasmo que animava e exaltava o novo prégador.

Era bella e vistosa a sua figura ; pela elegancia e expressão assemelhava-se a sua physionomia á de São Basilio, como no-lo pintam as gravuras antigas, e no-lo descrevem as velhas chronicas : os seus olhos grandes e negros patenteavam o fogo que ardia-lhe dentro d'alma ; a boca rasgada e fermosa deixava sahir uma voz como que musical, que deslizava de um organ perfectamente organizado.

Foi nomeado pela sua ordem em 1801 professor de eloquencia sagrada, confiando ella que das lições de um tão perfeito orador nasceriam outros engenhos, que far-lhe-iam honra e trariam gloria.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1808 a rainha, o principe regente, e toda a cõrte portugueza, fugindo a furia do vencedor de Austerlitz, e mudando-se assim a séde da monarchia lusitana, foi

escolhido Frei São Carlos para prégar em presença d'aquellas personagens augustas o sermão de graças por este successo faustoso, que saudava o Brazil com a expansão de todo o seu enthusiasmo, e que promettia á esta parte dos estados d'ElRei um futuro lisongeiro. Ficou por tal maneira encantado o principe regente Dom João com a sua éloquencia prodigiosa, que confessou não haver ouvido igual, e nomeou immediatamente a Frei São Carlos para prégador da sua capella real, como prova do apreço que sabia dar aos seus talentos selectos.

Não gostava porém São Carlos nem do mundo e nem da corte : muito poucas vêzes folgava de sahir do seu convento; tinham logar os seus passeios na propria cerca que occupa o morro, e que domina a cidade do Rio de Janeiro. Cifrava-se a sua alegria em descansar algumas horas do dia, debaixo das arvores frondosas, ouvindo o cantar dos passaros e o susurro da brisa. Quando conheceu que iam-lhe faltando as forças, parou nos seus exercicios do pulpito, encerrou-se na sua cella, e descançou na paz e na fé do Senhor os ultimos annos que lhe restavam da existencia terrestre.

Falleceu em 6 de maio de 1829, e foi sepultado na egreja do convento de Santo Antonio.

II.

Escreveu São Carlos muitas e variadas poesias; chegou porém apenas ao nosso tempo um poema dedicado á *Assumpção da Santissima Virgem*, e que foi a unica coisa que elle imprimio, e mais como uma expressão da sua alma, e signal da sua gratidão, do que com o fim de ganhar reputação e nome.

Foram o enthusiasmo, o amor e a adoração da Santissima Virgem os creadores d'este poema admiravel, que é uma das obras mais originâes e religiosas que tem produzido o espirito humano. Citamos as proprias palavras que servem-lhe de prologo.

« A ligeira producção que enceto não é mais que um brinco da minha phantasia sobre a maior solemnidade da Santa Virgem, á qual solemnidade, desde os primeiros annos, consagrei especial affecto. Porém, para mais espaçar, e lisongear melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo, ou sombra de poema epico, admittindo invocação, narração e episodios. »

Parece á primeira vista muito arido o objecto que pretende cantar, quando existem já tantas obras escriptas em louvor e gloria da Santissima Virgem : percorra-se porém o poema posto que ligeiramente, e transformar-se-ha o terreno que se affigurava seco e arido em um jardim matizado das flores mais encantadoras e dos fructos mais

saborosos : descobrir-se-hão sobre esse oceano, que parecia immovel, ondas de poesia magestosa e sublime, digna do objecto elevado por quem tangeo o vate as cordas da sua lyra : ligam-se á imaginação de São Carlos a fé, a consciencia e o enthusiasmo; revolvem-lhe ellas as fibras delicadas; desprendem-lhe os vôos sublimados; e como a aguia, que fere os ares, e paira soberba sobre a nuvem gigantesca, além, muito além do espaço que alcança a vista do homem, descanta hymnos o poeta, que não tem muitos riváes em brilho e magnificencia.

Divide-se em oito cantos o poema : abre o primeiro a invocação, que dirige á Virgem, a cuja presença aneia e supplica o poeta elevar os seus versos.

Oh! tu, grande signal, raro portento
 Dos sec'los, e do ethereo firmamento,
 Nova ideia brilhante, a mais perfeita
 Do archetypo exemplar; e tão aceita,
 Que chegaste a ser d'elle, ó maravilha!
 Boa mãe, linda esposa e cara filha :
 Aspira os votos meus, e que meu canto
 Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
 Aspira, ó Virgem, por que cante e diga
 Quanto a verdade e a devoção me obriga!
 Pulchros celicultores, que os assentos
 Occupaes dos sidereos aposentos;
 Rubins, d'onde refracta a fermosura,
 Desde o berço da luz, da luz mais pura :
 Vós, que, mil vêzes, n'esta sancta empresa
 Medistes-vos co' a barbara feresa
 Do cháos; e de seus monstros e tyrannos
 Frustrastes as traições e negros planos :

Si por mim celebrada se sublima
 Vossa augusta princesa, em doce rima;
 Dai tambem novo ardor ao canto nosso
 Que sendo por quem é, tambem é vosso!
 E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
 Musa do céo d'estrellas coroada;
 N'esta via escabrosa, e tão confusa,
 Ah! digna-te de seres minha musa!

Descreve a partida da Virgem de Epheso para o céo, e o recebimento que por ordem do Eterno fazem-lhe os apóstolos, sahindo-lhe ao encontro, e saudando-a com hymnos de amor e de alegria: é admiravel a pintura da Virgem collocada no carro do triumpho e cercada de emblemas sagrados.

Sobre um globo de estranha architectura

Ia a unica Phenix, Virgem pura:

Lêda no gosto, angelica, serena,

E da celeste unção tão rica e plena,

Que bem mostrava ser mimosa filha

D'aquelle Pai que é todo maravilha.

Dos olhos columbinos, onde a graça

Thesouros ajuntára em nada escaça,

Mil reverbéros vivos reflectiam,

Que do seu doce culto o orbe enchiam.

O Zephyro, que alguma véz alçava

O véo aváro e rico, que occultava

Da annelada madeixa os fios d'oiro,

Ria de gosto a expôr tanto thesoiro!

.

.

Eis d'oiro um cherubim mostrava alçada

Na dextra vingadora flammea espada,

Ameaçando os colossos aggressores

De vir colher no vacuo Eden as flores.

.

Tambem se via a angelica pombinha,
 Emblema do alto espirito, que tinha
 No bico d'oiro um raio, que tocava
 Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava,
 Sem que a prole do céo, não vista empreza,
 Desbote a flor da virginal pureza.

.

 Nunca o prisma ante os olhos applicado
 Em lindas côres foi tão variado :
 Nunca do velho Cháos a longa edade
 Viu formosura tal, tal magestade;
 Nem o trino poder a produzira,
 Quando do nada as aguas extraíra.

Tenta, no segundo canto, o Principe das trévas arrastado pela inveja da gloria e do triumpho da Virgem, emquanto vão os anjos levando-a para o paraíso, armar uma conjuração terrível no conciliabulo infernal : é porém vencido pelo archanjo São Miguel, que corre a destruir-lhe as ciladas. Esboça o terceiro canto o quadro do paraíso : no emprego das côres mais fermosas e delicadas, e no desenho das scenas mais brilhantes e pittorescas, revela-se a inspiração de um poeta dos tropicos, lançado no meio d'este jardim do mundo que chama-se Brazil, aonde nada são as obras do homem, e é a natureza tudo : não enfeitam-se os versos com as ficções do Pindo e do Parnaso; manifesta-se um talento original em cada phrase e em cada palavra; apparece a imagem do Brazil descripta e copiada nos quadros que esboça; e que paiz poder-lhe-ia manifestar melhor a ideia do paraíso, do que esse, em

que nascera , aonde viveu , e vio como o primeiro
exhalar-se tambem o ultimo suspiro da existencia?

Ha no seio do immenso uma paragem
Escondida aos mortâes , do céo imagem ;
Logar sancto , ditoso , sem pezares ,
Onde os prazeres giram a milhares ;
Habitação da paz , solar do riso ,
E com razão chamado Paraiso.

Acolá se entrelaça com a hera
Co' o rico outono a olente primavera ,
Frescos sempre os matizes da campanha

De perenne verdôr , de graça estranha ,

Não adulam a vista n'estes prados

Arvoredos por ordem alinhados ;

Nem marmoreas columnas soberanas

De varias ordens gregas ou toscanas ;

Nem machinas hydraulicas , que as puras

Aguas deitam por varias mil figuras.

Só reina a natural simplicidade ,

Que excede a arte sempre em magestade.

.
A doce manga , e em cheiro soberana ,

Que imita o coração , e no galho ufana ,

De um lado a crocêa côr e fulvêa exalta

Do luzente metal.

.
De outro lado porém retrata aquella

Que o pudor chama ás faces da donzella.

Pendendo estão dos ramos verdejantes

Os cajús , á saúde tão prestantes ;

Uns amarellos , e outros encarnados ,

Das gostosas castanhas coroados :

Do limão virginal , da aurea laranja ,

Pomos d'oiro , talvez , que em vossa granja

Hesperides zelaveis.

Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo,
Mas que tens por corôa alto penaixo,
E vestido de escamas: qual guerreiro,
Um halito bafejas lisongeiro.

Narra a Virgem nos cantos quarto e quinto a prégação gloriosa dos apóstolos, e a perseguição que dos hereges soffreu a Igreja nos seus tempos primitivos. Uma alma pura, que enthusiasma-se pelos grandes feitos, e exalta-se pelas acções heroicas dos primeiros esteios da christandade; e uma erudição selecta da historia dos seculos que acompanharam a religião santificada pelo sangue martyr e divino de Jesus Christo, denunciam-se e brilham n'esses dous cantos.

Ha episodios, que podem repouisar a attenção do leitor, e despertar-lhe ao mesmo tempo a curiosidade: primam os da vida sublime e morte dolorosa de Nosso Senhor Jesus Christo, que contem um pathetico admiravel e um sentimento sincero de dôr; é bello tambem o episodio da descripção da cidade do Rio de Janeiro, convertida em um dos emblemas que doiram o quadro magistoso, e que attrahem os olhos e o pensamento.

A cidade que ali vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.
Será, pelo seu porto desmarcado,
A feira do oiro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio; pois profundo
Pode as frotas conter de todo o mundo.

Será de um povo excelso germe airoso,
 Lá de Lysia o logar mais venturoso;
 Pois dos Lusos-Brazilicos um dia
 O centro deve ser da monarchia.
 Alçárão outras no porvir da idade
 Os tropheos, que tiverem por vaidade;
 Umás nas artes levárão a palma
 De aos marmores dar vida, aos bronzes alma:
 Outras irão beber sua nobreza
 Nos tratos mercantis: tal que se presa
 De ver nas suas scenas e tribunas
 Maior brazão, mais inclitas columnas;
 Aquellas dos Timantes o extremoso
 Pincel com estro imitará fogoso.
 Muitas serão mais dextas no compasso.
 Que as linhas méde do celeste espaço:
 Mas cuidar do seu rei, ser sua côrte,
 Dar ás outras a lei, eis d'esta a sorte.

· · · · ·
 · · · · ·
 Vêdes na fóz aquelle, que apparece,
 Ponti-agudo e escarpado? Pois parece
 Que deu-lhe a providente natureza,
 Além das obras d'arte, por defeza
 Na derrocada penha transformado
 Nubigêna membrudo, sempre armado,
 De face negra e torva; e mais si o c'roa
 Neve, e trovões, e raios com que atrôa:
 Que co' a fronte no céu, ao mar os rastros
 Atrevido ameaça o pégo e os astros;
 Si os delirios da vã mythologia
 Na terra inda vagassem, dir-se-ia
 Que era um d'esses Alcides gigante,
 Que intentou escalar o céu brilhante;
 Que das Deusas do Olympo enamorado,
 Foi no mar por audaz precipitado:
 E as Deusas por acinte lá de cima
 Lhe enxovalham de neve a catadura.

Do seio pois das nuvens, onde a fronte
 Esconde, vendo o mar té o horizonte,
 Mal que espreita surgir lenho inimigo,
 Prompto avisa, e previne-se o perigo.

É descripta no setimo canto uma segunda sublevação dos espiritos infernaes; segunda victoria alcança São Miguel, á frente dos anjos e dos apóstolos; perdem-se para sempre os máus espiritos, e abrem-se para devora-los os negros abysmos.

O oitavo e ultimo canto appresenta victoriosa a Santissima Virgem entrando pela cidade de Deus, e sendo recebida pelos divinos braços do seu filho; resoam por todas as abobadas hymnos e canticos de alegria; as constellações, o mar, e a terra, curva-se, e prostra-se tudo aos pés da Virgem purissima, para reconhecerem o seu poderio.

Si bem que peque o plano do poema pela monotonia e simplicidade da concepção, e appareçam alguns defeitos de linguagem e metrificacão, devidos á necessidade imperiosa da rima, que foi desgraçadamente a formula adoptada pelo auctor, é todavia este poema um verdadeiro trophéo de gloria levantado á litteratura e á patria : não foi sempre igual e sempre altanado o pensamento geral; scenas ha porém que não duvidariam de aceitar como suas nem Milton, e nem Klopstock, e que nem recusaria admirar o proprio Dante Alighieri. Quando desenhem-se as alegrias dos anjos; quando forma-se a descripção fiel, energica e terrivel do cháos, ou

deixa-se ir o poeta pela melodia suave da sua musa, pintando com palheta engraçada e multicôr os risos prazenteiros, e espargindo flores poeticas nos campos amenos e fermosos, aonde são tudo encantos e delicias tudo; dir-se-ia que cobre-se com as vestes do Florentino audaz, toma as armas do soldado de Cromwell, tinge os pinceis nos horrores de Miguel Angelo, ou invocando a tuba altanada de Klopstock, esboça quadros, que não podem ser excedidos em concepção nem em desenho, e nem em colorido.

N'uma horrivel prisão, que fez o Eterno

Na mais interna furna lá do inferno,

Onde em recto juiz sopra inflexivel

Contra os reprobos chamma inextinguivel,

Habita Lucifer: sentindo o peso

De Deus, que ali o supplanta em ira acceso.

É um monstro hediondo e tão disforme,

Na massa colossal do vulto enorme,

Que, si o doce repouso e a paz gozára,

Deitado duas geiras occupára,

De tão sombria e horrenda catadura,

Que faz pavor á mesma Estyge escura.

No reprobo semblante retratado

Vê-se todo o rancor de um condemnado;

Os olhos se affiguram dous cometas,

Que ardem entre duas nuvens pretas:

A boca era, si abria, internamente

Estuante fornalha. Quando ardente

Do peito o ar pestifero bafeja,

De vivas brazas turbilhões dardeja,

Assim do Etna o gigante, si respira,

Lavras de enxofre acceso a Jove attira;

Todo o monte convulso, si a outro lado

Revira o enorme corpo.

Não é tão feia, não, a noite umbrosa,
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fusis, raios frequentes,
Uivos de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular e incrível,
Quasi sem forma, quasi indefinível.

Ha sem duvida quem admire, e especialmente nos nossos tempos, que fossem empregadas uma poesia tão bella e uma imaginação tão brilhante em um poema puramente religioso: predomina actualmente em assumptos religiosos a indifferença mais odiosa; estão mortos todos os systemás de philosophia moral: triumphá por toda a parte um materialismo desesperado; não ha fé e nem enthusiasmo por Deus, ou pela patria; é universal a descrença; custa assim a comprehender a inspiração sublime e mystica de um poeta que exalta-se pelas cousas sagradas, espirituaes e mysteriosas; é difficil acreditar-se no extase puro de uma alma candida e elevada, que arroba-se de enthusiasmo, e embebe-se toda nos dogmas do catholicismo.

Fallam e triumpham os factos felizmente.

III.

Muitos oradores sagrados enumera o Brazil entre os seus naturaes: aponta a *Bibliotheca lusitana* do abbade Diogo Barboza Machado os nomes de muitos sujeitos nascidos no Brazil, e que em Portugal, na Hespanha, e na propria Italia, lograram triumphos

extraordinarios do pulpito. Citam-se tambem nas chronicas das diversas ordens monasticas de Portugal varios Brasileiros celebrisados pela eloquencia : era a carreira a que podiam os grandes talentos então dedicar-se livremente; no numero dos prégadores portuguezes dos seculos XVII e XVIII entra o Brazil com pouco menos da metade, que figuram entre os primeiros engenhos. Apóz o celebre jesuita Antonio Vieira, que, comquanto nascido em Lisboa, respirou infante e moço os ares abençoados do Brazil, inspirou-se no Brazil em muitos dos seus melhores sermões, e no Brazil morreu, e sepultou-se; apóz o padre Antonio Vieira, que é sem contestação o primeiro prégador da lingua portugueza, o Bossuet dos sacerdotes lusitanos, primou outro jesuita seu contemporaneo, o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro, e appellidado em Portugal o principe da oratoria ecclesiastica, com tanta razão mais quanto costumava dizer o proprio padre Vieira que não era sensível a sua ausencia quando prégava Antonio de Sá : são estes os dous mais celebres oradores sagrados que honram a lingua portugueza; oradores que Roma admirou e applaudiu a Italia.

A tradição dos tempos mais proximos aponta o padre Souza Caldas como um prodigio no pulpito; não logrou porém a fortuna de legar á posteridade um só dos seus sermões, porque escrevia-os e prégava, e depois abandonava-os. Igual

destino deu Frei São Carlos a muitos dos seus sermões que improvisava no pulpito, e não podia reduzir a escripto, porque desappareciam as emoções com as palavras; outros todavia imprimiram-se felizmente, e chegaram assim a nosso tempo, e são na realidade dignos de uma analyse, e da fama que lograva o prégador por entre os seus ouvintes.

Quão diversos porém devem parecer agora estes sermões! Que differença nos tempos! É a mesma linguagem, o mesmo pensamento e as mesmas ideias; mas que é do pulpito que resoava com a sua voz harmoniosa, que os contemporaneos appellidavam de sereia? Que é d'essas abobadas das egrejas, que repercutiam o som dos seus arrebatamentos magicos e eloquentes? Como pintar os gestos e as vozes que traduziam os accentos de puro enthusiasmo e fervor religioso que escapavam-lhe tão espontaneamente? Como descrever essa passagem das ideias do prégador para a intelligencia do povo, as emoções que extasiavam os ouvintes, e os effeitos maravilhosos que sómente consegue a eloquencia verdadeira, que é a eloquencia convencida?

O mais infeliz dos homens de genio é de certo o orador; morre com elle a melhor parte do seu talento; o que lhe sobrevive é uma pallida copia, que não dá perfeita ideia da sua grandeza; para ser bem apreciado, necessita elle da illusão da scena, do movimento do povo, e das impressões do momento, como do incenso, que sobe do thuribulo para o céu!

Dotado de uma inspiração sincera, de uma fé robusta, de crenças verdadeiras e de conhecimentos vastos, improvisava facilmente Frei São Carlos. E como dar ideia de sermões improvisados? A multidão que cercava-o, e anciava ouvi-lo; a presença das imagens; os sons compassados e eternos do organo; as decorações que ornavam a igreja; as luzes que, como as vozes do peccador, parecem pedir perdão, erguendo-se respeitosa e modestamente; todo este espectáculo enfim, que apresenta um templo quando celebra a gloria de Deus, bastava para inspirar-lhe os pensamentos mais bellos, as imagens mais vivas, e a eloquencia mais vibradora e pathetica. Não abandonava-o a palavra; não faltavam-lhe as expressões; natural e abundante corria a sua pratica, e o som agradável e limpido que lhe escapava dos labios electrificava a multidão; unia e ligava perfeitamente a espontaneidade do genio com as exigencias da arte; levava ás vèzes detida e enfrejada a sua inspiração, e moderado, pacifico e elegante, agradava e extasiava; deixava-lhe outras vèzes o vôo, dava-lhe liberdade; e combinava o brilhantismo da expressão com o pathetico elevado do pensamento, e curvava-se o auditorio perante o prégador, acompanhava-o a seu aceno, chorava si elle mandava-o chorar, e manifestava assim a sua commoção e arrebatamento.

Não ha um canto do seu espirito, uma particula da sua alma, que não possua e não transborde a

eloquencia; não ha uma fibra do seu coração, que ella não vibre. Parece innata n'elle a eloquencia; existe no seu sangue, mescla-se com a sua substancia, penetra-o, inunda-o todo; são eloquentes as suas paixões, as suas crenças e as suas ideias: ou estigmatise os vicios dos homens, cante a gloria de Deus, ou descreva as vidas dos sanctos da Igreja, admirava-o em extase o povo.

Pode-se apreciar ainda hoje, si bem que fóra do seu theatro natural e necessario, a immensidade do engenho oratorio de que fóra dotado São Carlos, lendo-se um dos seus sermões impressos, que é a oração funebre que prégou na capella real do Rio de Janeiro pelas exequias da rainha Dona Maria I. Não são mais patheticos Massillon e São Gregorio; não são mais sublimes Bossuet, Vieira e São Basilio; não exaltam mais o seu auditorio Santo Athanasio e São Jeronimo.

É admiravel este sermão; reúnem-se e combinam em proporções eguáes os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das ideias e a vivacidade do estylo; expande-se maravilhosamente a alma do prégador; falla em todas as palavras o seu coração; apparece em todas as expressões uma subtil e cultivada intelligencia.

É completo o exordio, a narração poetica, e cobre-se a peroração de um aspecto de melancolia, que não é a melancolia sem allivio e sem esperanza, negra e horrivel como o somno do mo-

ribundo. Não proclama-se ao peccador, que treme, ancia, e curva-se, como exclamava o poeta florentino :

Lasciate ogni speranza voi chi entrate.

Deposita-se porém dentro de sua alma como que um balsamo de consolação succulenta; ha um sentimento inexprimivel de pathetico, que arranca lagrimas dos olhos, mas que deixa-as correr largamente, sem seccar-lhes a fonte. Ha esperança em Deus, fé na sua justiça e misericordia, e convicção intima do prégador : o que se pode encontrar de superior a esta exclamação final?

« Agora que organisados os nossos exercitos, os Portuguezes despertavam do seu lethargo, e começavam a mostrar que não tinham degenerado dos Albuquerque e dos Castros, nem d'aquelles atrevidos argonautas, que arrancavam das mãos do gigante das tormentas as chaves com que fechavam as portas da aurora, e que o vestido de gloria, que os trajava no seculo XVI, ainda se não tinha rompido no seculo XIX; agora que não tendo mais com quem combater dentro do reino, leváram sobre seus hombros a imagem da victoria em soccorro dos alliados visinhos; agora que marchando até as portas do usurpador, derribáram seu throno regicida, e lhe dictáram lei na sua mesma capital; parece que assim como foi necessario que todo o mundo se apaziguasse para nascer o seu redemptor

para a terra, foi tambem necessario que se apaziguasse toda a Europa para ella nascer para o céo. Ella viu formar-se a revolução no seu reinado, sempre intacta no sagrado de sua pessoa; assim como a sancta Igreja vê nascer e morrer em seu seio as heresias, sempre a mesma, e illesa nos seus dogmas. Assim viviamos, quando.... E direi eu, Portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como ave de máu agoiro?... Aquella voz surda, que sahia pela boca do povo, e que dizia, como em segredo: Nossa rainha está mal; nossa rainha perece, morre! Oxalá que não fôra! Verificou-se! Morreu! Aqui a tendes morta! Morta? Eu me reporto, não, viva, porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas: era necessario que olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella fermosura sempre antiga, e sempre nova, como diz Santo Agostinho. Bate pois as azas, ó pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoaram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado: mas que sceptro? Uma vara arrancada de uma arvore, despojada de suas folhas, privada

de fazer sombra, a quem o artista dando-lhe um verniz de oiro, não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. É este sceptro da virtude de Deus, que o Senhor envia de Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino, em que teu Deus te mette de posse : mas que reino? O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança dos extranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o dono? Não; é este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis*. Recolhe emfim a corôa que te é reservada pelo justo juiz. Que corôa? D'isto que se chama oiro, a quem um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e, para dizer tudo, terra e mais terra? Não : a recompensa e a corôa é o mesmo Deus recompensador! »

Eis-aqui a eloquencia verdadeira! Eis-aqui os pensamentos dignos dos padres primitivos e mais celebrisados da Igreja christã! Eis-aqui as ideias, que se não perdem como o sopro, e não fogem como a palavra, que germinam porém, dão fructos, e transmittem-se de seculos a seculos.

XV.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

I.

Do seu matrimonio com Dona Maria Barbara da Silva teve muitos filhos o coronel Bonifacio José de Andrada, domiciliado na villa de Santos, da actual provincia de São Paulo. Entre todos os seus irmãos (4) primou José Bonifacio de Andrada e Silva, nascido no dia 43 de junho de 1765.

Foram dirigidos os seus primeiros estudos pelo bispo Dom Manuel de Resurreição, que estimava-o e protegia-o: manifestou desde os seus mais verdes annos uma intelligencia superior: correu-lhe rapida a instrucção secundaria; patenteava extrema aptidão pelas linguas estranhas; folgava de saber a historia, de ler os poetas, e de estudar os philosophos. Tentou o bispo inspirar-lhe tendencias para o estado ecclesiastico assegurando-lhe que promettia um futuro mais brilhante que qualquer outra carreira que seguisse: chegou mesmo a redigir um requerimento em seu nome, pedindo as ordens da Igreja. Outros eram porém os designios da Providencia.

Não conseguiu o clero conta-lo no seu seio; foi por seu pai mandado José Bonifacio em 1780 para a cidade do Rio de Janeiro, e poucos mezes depois para Lisboa.

Dirigia-se para Coimbra. Acabava a sua universidade de lograr a reforma de seus estudos. Tinha deliberado seu pai que cursasse as aulas da faculdade de direito, e recebesse n'ella o gráu universitario.

Passou em Coimbra a sua mocidade entre os trabalhos e fadigas do estudo, e os folguedos e brincos d'aquella idade venturosa. Tomou no fim de seis annos o gráu de bacharel formado tanto em direito civil como em philosophia natural.

Retirou-se então para Lisboa, levando recommendações para o duque de Lafões. Foram os seus talentos apreciados por este fidalgo, que tratou de proporcionar-lhe os meios de desenvolvê-los mais proveitosamente. Fê-lo eleger socio da Academia real de Sciencias, e sob proposta d'ella foi nomeado pelo governo portuguez para ir viajar a Europa como naturalista, na qualidade de pensionista do estado, conjunctamente com Manuel Ferreira de Araujo Camara e Joaquim Pedro Fragoso da Siqueira.

Pagou com usura á Academia a sua proposta honrosa. Antes de começar a peregrinação que fôra-lhe destinada, escreveu José Bonifacio algumas memorias acerca da utilidade da pescaria da baleia, e de uma viagem minerographica pela provincia de

Estremadura, que offereceu á Academia real de Sciencias, e que ella aceitou benevolmente, elogiou, e mandou que fosse publicada na collecção de seus trabalhos.

Começou a sua peregrinação em 1790. Seguiram juntos os tres companheiros. França, Inglaterra, Escocia, Allemanha, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega, Dinamarca, Bohemia, Hungria, Turquia e Italia, percorreram tudo. Ouviram em Pariz as lições de Lavoisier, de Chaptal, de Fourcroy, de Lourenço Jussieu e do abbade Haüy; estudáram em Freyberg com Abrahão Werner, o fundador de geognosia; entretiveram relações scientificas com o conde Burgsdorf, monteiro mór das marcas de Brandenburgo, e naturalista distincto; seguiram em Pavia os cursos scientificos de Alexandre Volta; em Hackney os de Priestley, em Londres os de Nicholson, em Copenhagen os de Abilgaerdg, em Upsal os de Bergmann, e em Turim os de Saluccio de Menusiglio.

Ganháram os tres viajantes celebridade merecida; eram estudiosos todos, e dignos da commissão que fôra-lhes incumbida.

Em quanto estremecia a Europa sob o peso dos acontecimentos politicos que tão cruelmente magoáram os ultimos annos do seculo XVIII; enquanto tomava o mundo uma face nova, como que regenerando-se, parecia José Bonifacio de Andrada e Silva ter unicamente olhos e pensamento para o estudo das sciencias; applicava exclusivamente

para elle os seus cuidados, e a sua ambição!

Deixava uma prova dos seus talentos em todos os logares que percorria. Imprimio nos *Annâes de chimica* de Fourcroy duas memorias interessantes, sobre a historia e as qualidades dos diamantes do Brazil uma, e acerca do fluido electrico a outra. Publicou nas gazetas allemães de Dresde uma carta dirigida ao engenheiro Beyer, inspector das minas de Schneiberg, descrevendo os caracteres distinctivos dos minerâes *Akanthikon*, *Spodumena*, *Sahlita*, *Ichthyophthalma*, *Cocoleta*, *Aphrisita*, *Alochroyta*, *Indicolita*, *Wernerita*, *Petalita*, *Chsiolita* e *Schapolita*, que havia descoberto e analysado. Estampou na *Revista scientifica* de Genebra um esboço sobre as minas da Suecia, e com especialidade sobre as minas de Uto, nas quaes descobrira a substancia mineral *petalita*, que contém segundo as opiniões de Berzelius e Arfwidson o alcali appellidado na technologia chimica *lithina*. Enriqueceu o jornal de Freyberg com uma descripção minuciosa das minas da Salha, que foi immediatamente trasladada para as linguas ingleza e franceza.

Grangeava assim uma bella nomeada pelos paizes que visitava : abria relações com os sabios ; chamava a attenção dos governos ; e lograva entrada nas academias scientificas. Pertenceu ás sociedades reaes de sciencias de Stockholmo, de Turim e de Copenhagen ; á mineralogica e á linneanna de Iena, á geologica de Londres, á werneriana de Edimburgo,

á philomatica e dos naturalistas de Pariz, á dos investigadores de natureza de Berlim, e á de physica de Genebra.

Durou dez annos a sua peregrinação sciencia. Foram dez annos criticos da Europa! Dez annos, em que todas as nações levantavam-se para lutar; em que desde o Neva até o Guadalquivir; desde o Dee até o golfo de Tarento, eram tudo levas de soldados, retinir de armas, fogo de combates, e ribombo de artilharia!

Atravessou o viajante incolume em busca da sciencia, sem que fossem-lhe obstaculos as guerras, os combates, as policias e os governos. Nada tinha que julgar como estrangeiro que era no meio de dissensões politicas de povos estranhos. Nada importavam-lhe os acontecimentos que como a tempestade soavam em torno d'elle ás vêzes, e por baixo mesmo de seus passos.

Regressou para Portugal em 1800. Estava fundada a sua reputação de naturalista distincto. De fôra, dos logares por onde viajára, das nações estrangeiras, voára o seu nome para a sua patria, rodeiado de uma aureola brilhante.

Era ministro de estado dos negocios da marinha e ultramar Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, varão de grande illustração litteraria e scientifica, e estadista distincto. Recebeu a José Bonifacio e aos seus dous companheiros com a maior affabilidade : tratou immediatamente de aproveitar

os seus estudos : empregou a todos, tocando a José Bonifacio a cadeira de geognosia, annexa á faculdade de philosophia natural da universidade de Coimbra, e o cargo de intendente geral das minas do reino, que lograva as honras de desembargador em umas das relações existentes.

Datam d'esta epocha os serviços importantes que prestou José Bonifacio a Portugal. Afóra os seus trabalhos do professorado, que cumpria religiosamente, entregou-se a algumas commissões, em que costumava occupa-lo o governo portuguez. Encarregado da obra difficil do encanamento do rio Mondego, deu d'ella uma conta tal, que mereceu elogios unanimes. Incumbido de dirigir as sementeiras e plantações nos areaes das costas de Portugal, começou pelas do Couto de Lavos, cujas terras de lavoura corriam perigo constante de ser alagadas e submergidas pelas areias do mar. Concluiu-se esta sementeira no 4º de janeiro de 1805; teve porém de cessar o trabalho das outras, pois que pela primeira invasão dos Francezes foram arrancados os Portuguezes das empresas pacificas para se atirarem no campo da guerra. Fôra tão sabiamente plantada a sementeira do Couto de Lavos, que prosperou e vingou unica das muitas que executára o governo portuguez em Vieira, Aveiro e Ovar.

Existiam em Portugal minas immensas de chumbo, de ferro e de carvão de pedra, exploradas antigamente pelos Romanos, e entretanto despre-

zadas inteiramente pelo povo, e desconsideradas pelo governo. Chamou José Bonifacio a atenção do governo e do povo para um meio tão importante e tão necessario de engrandecimento e de riqueza do paiz : percorreu-as uma por uma e analysou-as. Descreveu em uma interessante memoria, que offereceu em 1809 á Academia real de Sciencias de Lisboa, e que publicou-se posteriormente em 1813, as minas de carvão de pedra existentes em Portugal, e com particularidade as do Porto e Buarcos. Lêu em sessão publica da mesma academia outro trabalho de não menor importancia sobre a nova mina de ouro do Tejo, chamada Principe Regente, o qual imprimio-se sómente em 1818. Apresentou-lhe ainda duas memorias, uma acerca do terreno metallifero comprehendido entre os rios Zezere e Alva, e relativa a outra aos veios importantes de chumbo que encontram-se em diversos pontos da provincia de Tras-os-Montes. Foram ambas estampadas na collecção publicada em 1815.

No meio d'estes trabalhos interessantes veio encontra-lo a invasão franceza commandada pelo marechal Junot. Ambicionava Napoleão o dominio do mundo, e servia de apoio este canto de Portugal ao seu maior inimigo, que era a Inglaterra; convinha-lhe arranca-lh'o. Marcháram os seus exercitos, e foi da victoria o primeiro impeto, como soe ser continuamente o dos Francezes. Fugiram para o Brazil a rainha, o principe regente e toda a còrte.

Ficou Portugal abandonado aos proprios esforços do povo. Teve desde logo de curvar-se ao governo do marechal Junot.

Não sujeitou-se José Bonifacio ao jugo francez. Unio-se a muitos Portuguezes illustres, que resistiam. Apenas raiou no horizonte uma occasião oportuna de levantar-se e de expellir os invasores do seu paiz, correram todos a seu posto. Em Thomar, aonde estava, reunio José Bonifacio a mocidade portugueza, marchou com ella para Coimbra, annexou a si os estudantes da universidade, e coadjuvou os esforços da tropa aguerrida com o auxilio de um batalhão de moços que organisára, e que commandava na qualidade de chefe.

Derrotados os Francezes e assignada a capitulação de Cintra, recebeu José Bonifacio a nomeação de intendente da policia da cidade do Porto. Era emprego de confiança, e de importancia. Cumpria unir as necessidades da politica com as exigencias da clemencia; não admittir a perseguição como meio de governo; reunir e conciliar as diversas fracções em que dividira-se Portugal com a invasão dos Francezes, e chama-las todas para um centro commum, proveitoso e necessario ao paiz. Logrou conseguir na sua administração estes resultados benéficos.

Acabadas as luctas contra os Francezes, deixou José Bonifacio a cidade do Porto e regressou para Coimbra. Arrendára uma quinta perto d'esta cidade,

fazia aonde ensaios botânicos, e lograva as doçuras de uma vida tranquilla.

Foi eleito secretario da Academia real de sciencias de Lisboa em 1812, succedendo ao sabio abbade José Correia da Serra.

Continuou com os seus estudos e as suas memorias. Publicou em 1812 as excursões geognosticas aos montes Euganeos no territorio de Padua, obra que merece a consideração dos naturalistas, porque apresenta muitos factos novos e observações finissimas acerca da natureza e producção d'aquelles terrenos. Escreveu durante os annos de 1815, 1816 e 1817 algumas memorias differentes; sobre a metallurgia uma; e outra acerca do melhoramento dos paúes para seu aproveitamento e cultura. Publicou tambem uma introdução aos elementos de metallurgia, e uma descripção dos processos e manipulação das minas d'oiro, trabalhos estes que sufficientemente demonstram a sua erudição vasta e os seus profundos conhecimentos scientificos. Ficáram por imprimir um compendio de montanistica, geometria subterranea, e docimasia metallurgica, e um testamento metallurgico, por que pensou o tribunal da censura previa encontrar n'elle opiniões theologicas que não eram orthodoxas.

Havia adquirido já um nome notavel na historia das sciencias; dobrou-o com uma memoria que foi muito apreciada e que escreveu acerca da necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em

Portugal, particularmente de pinhães de beiramar, e do seu methodo de sementeira, costeamento e administração. Apenas publicada foi traduzida logo para diversas linguas estranhas.

Obrigava-o tambem a funcções litterarias o seu emprego de secretario da academia. Escreveu por isso algumas memorias historicas, com o titulo de *Ensaio da historia contemporanea*, e *Elogios dos reis de Portugal*, e varias analyses criticas a respeito dos escriptores que sujeitavam as suas obras ao juizo da Academia.

Viveu José Bonifacio de Andrada e Silva em Portugal até o anno de 1819. Haviam sido sua unica paixão as sciencias e as lettras; dedicára sua vida ás lettras e ás sciencias. Era o seu nome tão illustre e tão glorioso, que Adriano Balbi, escrevendo em 1820 o seu Ensaio estatistico acerca de Portugal, qualifica-o uma das maiores notabilidades scientificas e litterarias do reino.

Aviváram-se-lhe porém as saudades do Brazil, e da sua patria que abandonára na idade de dezoito annos. Requereu e obteve licença para deixar Portugal e dirigir-se para o Brazil, conservando todas as suas honras.

II.

Fixando José Bonifacio o seu domicilio no Brazil, enceta segunda phase a sua existencia : não

já de repouso e de descanso, como soem ser as occupações scientificas e litterarias; de actividade porém, e de paixões e enthusiasmo.

Occupou-se no primeiro anno de sua residencia na provincia de São Paulo ainda com pesquisas metalliferas. Não apparecia ainda o patriota no naturalista. Descobriu diversos novos mineráes, e varias qualidades de ferro magnetico, vermelho, micassio, brunio, octaedrico, hematitico, e especular. Escreveu em francez e em allemão descripções minuciosas d'elles, que remetteu para as academias de Pariz e de Berlim, e que nos jornáes da epocha foram publicadas (2).

Foi-lhe porém necessario abandonar de todo a vida do philosopho. Tomáram character tão grave os acontecimentos do seu paiz, que nem-um Brasileiro podia esquivar-se á lucta que começava, e nem fugir do posto que pertencia a cada um d'elles.

Organisára-se em Portugal o regimen representativo, correspondendo sympathicamente o paiz com a revolução de 1820 ás ideias liberáes, que começaram a dominar a epocha. Reuniram-se em Lisboa as côrtes constituintes nomeadas pelo povo para a feitura de uma constituição por que fosse governada a nação portugueza. Estava no Brazil a côrte; pretendeu a antiga metropole que voltasse ella para o seu seio, visto como haviam desaparecido as causas que transferiram a séde da monarchia para as suas colonias.

Era Dom João VI homem timorato. Achava além d'isso que gozára no Brazil de mais socego e tranquillidade. Pretendeu e deliberou enviar para Portugal seu filho mais velho, o principe Dom Pedro, herdeiro legitimo do throno. Tantas diligencias porém empregáram os seus conselheiros, que não achando ElRei appoio senão no voto de José Silvestre Pimheiro, resignou-se a partir para Lisboa, deixando no Brazil em seu logar o principe real, na qualidade de regente.

« Pedro, disse ElRei a seu filho na vespera de embarcar-se para a antiga metropole, si o Brazil se ha-de separar, antes seja para ti, que me has-de respeitar do que para algum aventureiro. »

Previra ElRei com a sua sagacidade que ficaria consummada a independencia do Brazil. Talvêz que fosse ossivel retarda-la, si os Portuguezes da Europa apreciássem os acontecimentos como homens prudentes, e não se deixassem arrastar por paixões e prejuizos infundados.

Representavam porém as côrtes portuguezas o entusiasmo do povo, que concorrêra para a sua eleição. Entendiam que poderia ser o Brazil governado pela Europa como o fôra antes de 1808. Não levavam em conta a modificação, ou antes a metamorphose, que havia na antiga colonia operado a residencia da côrte durante mais de doze annos.

Sem esperar que tomassem assento nas côrtes

todos os deputados que para ellas tinha de enviar o Brazil, ao passo que a pretexto de constituintes, concentráram em si todos os poderes do estado, e exerceram uma plena dictatura, deliberáram ellas, pelos decretos de 29 de septembro de 1821, que ficassem extinctos os tribunaes de chancellaria, thesouro, junta do commercio, e outras repartições centrâes, que estabelecêra ElRei quando em 1815 elevára o Brazil á categoria de reino; que desaparecesse a unidade politica e administrativa, que na antiga colonia se fundára, recebendo cada uma provincia o seu governador especial, directamente nomeado pelo governo de Lisboa, e que com elle directamente se correspondesse; e que regressasse emfim para Portugal o principe regente, depois de viajar incognito pela Europa, a fim de aprimorar a sua educação.

Foi geral o descontentamento dos povos do Brazil. Não era possivel que se conservasse José Bonifacio dedicado exclusivamente aos trabalhos scientificos. Chamava-o a patria, e não devia deixar de acudir ao seu reclamo. Deixou pela politica as lettras e as sciencias. Collocou-se na sua provincia á frente do movimento de resistencia ás côrtes de Portugal. Fazia parte da junta provincial; era o seu vicepresidente. Apenas em 24 de dezembro lhe chegaram do Rio de Janeiro as noticias das providencias que haviam tomado as côrtes para que voltasse o Brazil ao jugo colonial, reunio em sua casa os seus

collegas membros da junta, pelas onze horas da noite, e convidou-os a auxilia-lo na empresa de salvar o seu paiz.

Concordáram que convinha dirigir-se ao principe regente, rogando-lhe que não dêsse execução aos decretos das côrtes. Encarregou-se José Bonifacio de redigir esta representação; escreveu-a immediatamente; foi por todos assignada, e remettida para o Rio de Janeiro.

« Como agora esses deputados, dizia a representação, sem esperarem pelos do Brazil, ousam já legislar sobre os interesses mais sagrados de cada provincia, e de um reino inteiro? Como ousam desmembra-lo em porções desatadas, isoladas, sem lhes deixarem um centro commum de força e de união? Como ousam roubar a Vossa Alteza Real a lugartenencia que seu augusto pai, nosso rei, lhe concedêra? Como querem despojar o Brazil do desembargo do paço, e mesa da consciencia e ordens, conselho da fazenda, junta do commercio, casa da supplicação, e de tantos outros estabelecimentos novos, que já promettiam futuras prosperidades? Para onde recorrerão os povos desgraçados a bem dos seus interesses economicos e judiciães? Irão agora depois de acostumados a recursos promptos, a soffrer outra vêz, como vis colonos, as delongas e trapaças dos tribunaes de Lisboa, atravêz de duas mil leguas do Oceano, onde os suspiros dos veixados perdiam todo o alento e esperança? Quem o crerá, depois de tan-

tas palavras meigas, mas dolosas, da reciproca egualdade e das felicidades futuras?»

Assim praticára tambem a provincia de Minas, cuja população em massa se levantava contra as deliberações das côrtes.

Não deixou-se porém preceder nos actos de patriotismo o povo do Rio de Janeiro, que mais que nem-uma cidade do Brazil perdia si partisse o principe e fossem executados os decretos das côrtes. Juiz de fóra do termo, e n'esta qualidade presidente do senado da camara, appresentou-se José Clemente Pereira no dia 9 de janeiro de 1822 perante o regente, rogando-lhe em nome do paiz que não dêsse cumprimento ás ordens da metropole, e ficasse no Brazil *para bem de todos e felicidade geral da nação* (3).

Não era ainda a independencia que se proclamava. Corria antes a linguagem de todos favoravelmente á união do Brazil com Portugal.

« Dê-se ao Brazil, dizia José Clemente Pereira, um centro proximo de união e actividade; dê-se-lhe uma parte do corpo legislativo, e um ramo do poder executivo, com poderes amplos e liberâes, tão bem ordenados, que formando um só corpo legislativo, e um só poder executivo, só umas côrtes, e só um rei, possa Portugal e o Brazil fazer sempre uma familia irmãe, um só povo, uma só nação, e um só imperio.»

Ligavam-se os Portuguezes absolutistas com os naturâes do Brazil para o fim de opporem-se aos actos dos côrtes portuguezas. Entre os naturâes do

Brazil consistia unicamente a scissão nas aspirações da maior ou menor somma de liberdade.

Pretenderam as côrtes portuguezas impôr limites ao progresso e desenvolvimento do Brazil. Fôra elle por trezes annos a metropole da monarchia; guardou em seu seio por todo este tempo o soberano, a côrte, o governo e a administração geral. Não podia mais tornar a ser colonia, e sujeitar-se ao dominio caprichoso dos governadores que lhe mandasse a Europa. Em vêz de lograr assim os seus intentos, tão loucamente praticados, não conseguiram as côrtes portuguezas mais do que oppressar a independencia dos dous paizes, que mais tarde ou mais havia de realisar-se.

Com a abertura dos portos do Brazil ao commercio e á civilização do mundo, havia ElRei Dom João VI dado em 1808 o primeiro passo para esta independencia; existia ella de facto, esperando apenas do tempo a sancção do direito que irremissivelmente deveria chegar: que forças se lhe poderiam antepôr, que fossem não despedaçadas diante de seu curso natural e necessario?

Pretendia o principe obedecer ás côrtes; não pode porém recusar-se ás rogativas e representações do povo e camara do Rio de Janeiro, e das juntas provinciâes de Minas e São Paulo, e do senado da camara d'esta ultima cidade, presidido pelo ouvidor Costa Carvalho (4). Declarou que não compriria as ordens das côrtes, e como encontrasse resistencia

no pequeno numero de militares que instigados pelo general Avilez manifestáram o seu descontentamento, ordenou o seu embarque, e remetteu-o para Portugal. Si continuáram occupados varios pontos do Brazil pelas forças portuguezas, ficou d'elles desassombrado inteiramente o Rio de Janeiro; e os patriotas certos de conseguirem a realisação dos seus intentos.

Chegou no entretanto de São Paulo José Bonifacio de Andrada e Silva; como primeira prova de sua franca adhesão aos adversarios das côrtes, nomeou-o o principe regente ministro do reino e de estrangeiros, dando assim um passo que era a demonstração mais alta e mais evidente de que unia a sua causa á causa d'elles, a sua gloria á gloria d'elles, e a sua historia á historia do Brazil.

Eram difficeis as circumstancias; estava Portugal dominado pelas côrtes, que sujeitavam o proprio rei. Declarava o Brazil a sua resistencia ás côrtes, sem quebrar todavia ainda os laços que prendiam os dous povos da America e da Europa.

Estava o Brazil dividido em provincias: uniram-se e ligáram-se as do sul sob o governo de Dom Pedro; não tardou Pernambuco em reconhecer o principe regente, expellindo do seu territorio as tropas portuguezas que para ali tinha enviado a antiga metropole. Mas na cidade da Bahia sustentava-se o general Ignacio Pinto Madeira com uma força aguerrida, prestando obediencia ás côrtes de Lisboa; no

Maranhão e Pará dominavam tambem estas; na Banda oriental, annexa ao Brazil desde a incorporação decretada em 1821 pelo cabildo de Montevideu, adherio na campanha ás ordens de Dom Pedro, submettendo-se ao general Lecor, que se evadira da capital para a villa de São José; ficou porém de posse da cidade Dom Alvaro da Costa, eleito por seu commandante pelas tropas portuguezas, que reconheciam a soberania das côrtes. Conservavam-se timoratas e assustadas as demais provincias.

Consistia a primeira necessidade em centralisar as forças do paiz inteiro, e chama-lo a uma completa unidade, para dirigi-lo convenientemente.

Ordena o governo do principe que mande cada uma provincia ao Rio de Janeiro um representante para que se forme o seu conselho, e não sejam executadas as ordens das côrtes sem que tenham o seu cumpra-se. Apareceram unicamente representantes de São Paulo, Minas Gerães, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Provou n'estas circumstancias o principe regente uma actividade superior; visitou a provincia de Minas, e dissolveu o governo provisorio da capital, o qual recusára-se annuir á vontade popular, manifestada em todos os pontos do territorio. Regressando para o Rio de Janeiro, e sabendo que aos consules portuguezes nos portos estrangeiros déra ordem o governo de Lisboa, prohibindo a exportação de armas e munições para o Brazil, nem-uma hesitação

teve de acceder ás novas instancias do senado da Camara, annexando ao seu titulo o de defensor perpetuo do Brazil; e como os membros do conselho enviados pelas provincias que lhe obedeciam, não as representavam legitimamente, lavrou, em data de 3 de junho de 1822, um decreto convocando assembléa constituinte e legislativa do Brazil, composta de deputados das provincias. « Sem côrtes, dizia o principe a seu pai em carta de 21 de maio, o Brazil não pode ser feliz : leis feitas a tão grande distancia por homens que não são Brasileiros, e que não conhecem as necessidades do paiz, não podem ser boas. O Brazil está na adolescencia, e vai desenvolvendo maior vigor. »

Não souberam as côrtes portuguezas que difficulosissimo era, sinão impossivel, destruir factos consumados, quando já enraizados : consideráram que curvariam o Brazil aos seus decretos com as remessas de forças portuguezas. Tornou-se declarada a guerra; soube o principe sustentar o seu posto. Tem porém os acontecimentos politicos causas e resultados necessarios. Proclamou Dom Pedro aos povos do interior da provincia da Bahia, animando-os e incitando-os a continuar a lucta contra o general Madeira, e enviou em auxilio d'elles alguma força commandada pelo general Pedro Labatut; deu as ordens mais positivas a todos os commandantes e tropas portuguezas estacionadas no Brazil para que se retirassem; e publicou um manifesto, escripto por Joa-

quim Gonsalves Ledo, no qual mostrando o seu desejo de manter ainda a união do Brazil com Portugal, deprecava todavia aos Brazileiros que unissem-se e armassem-se para a defesa do paiz; e dirigio emfim aos governos estrangeiros uma circular, justificando o seu comportamento.

Apparecendo porém dissidencia na provincia de São Paulo, entendeu conveniente o principe dirigir-se para lá, a fim de acalma-la, e chamar á união todos os povos. Partio a 14 de agosto de 1822. Antes de chegar á capital da provincia, recebeu despachos de seu pai, communicando-lhe que não arripiariam as côrtes o seu caminho, e estavam tencionadas antes a lançar mão dos meios mais energeticos contra o Brazil e Dom Pedro.

Deliberou-se então o principe a proclamar a emancipação politica do Brazil. Ficava assim jogada a ultima carta, e abandonavam-se todas as ideias conciliadoras. Desapparecia a hypocrisia official, e era excusado pretextar mais intuitos a que ou se não propunham na realidade, ou mesmo, quando aceitos, não poderiam resistir ás circumstancias e acontecimentos que se precipitavam.

De reino unido tornou-se o Brazil reino independente. Foi dado pelo principe regente o grito da independencia nos campos de Ipiranga, á vista da cidade de São Paulo, e no dia 7 de setembro de 1822.

Regressou o principe para o Rio de Janeiro imperador já do Brazil. Foi acolhido com todo o enthu-

siasmo. Declarou o novo governo que reconheceria Brazileiros a todos os Portuguezes que adherissem á independencia, marcando prazos para a retirada d'aquelles que preferissem a sua patria europea.

Houve ainda por algum tempo guerra contra Portugal : da Bahia, do Maranhão, do Pará e de Montevideu expelliram-se por fim as tropas portuguezas. Corôou a victoria por toda a parte as armas do imperador, e reconheceu o paiz inteiro desde os limites do Pará, até a margem do Rio da Prata, o novo governo, e a nova capital do imperio.

Mantinha-se sempre José Bonifacio no seu posto de ministro. Encontrava n'elle Dom Pedro I um conselheiro illustrado, e devotado á causa do seu paiz, e de energia singular. Teve parte em todos os acontecimentos, dirigio com tino e acerto todas as deliberações, e collocou-se á frente do movimento, tomando o primeiro logar logo apóz a figura proeminente do imperador.

Procedeu-se em todo o imperio a eleições de deputados para a assembléa constituinte, que convocára o imperador quando ainda regente, e cuja missão seria a feitura de uma constituição politica destinada a reger o paiz : em paz e socego elegeram as provincias os seus mandatarios, seguindo o numero com que devia ser cada uma representada.

Reunio-se no dia 17 de abril de 1823 esta assembléa, contando cincoenta e tres deputados.

Eram as premicias do systema representativo.

Para o seu regimen passára o Brazil como que inopinadamente. Ao jogo colonial succedêra um como que governo patriarchal, em que influíam os condes de Linhares e da Barca. Pretenderam um impossivel as côrtes de Portugal, como era faze-lo regressar aos tempos coloniâes. Foi a independencia do paiz resultado de tão desarrazoada pretensão. E como corriam então o mundo, e seduziam os animos os principios representativos, anciava o Brazil de abraça-los proclamando a sua independencia. De accordo com o paiz andou Dom Pedro I, que vio fortalecida assim a sua nova realeza com o prestigio e força da representação do povo.

Erros porém, e bem fatâes alguns, deviam de ser as consequencias da falta de educação politica para a verdadeira comprehensão das novas instituições. Erros commetteram todos os homens e todos os partidos ao encetar no Brazil os trabalhos parlamentares.

Não consiste a difficuldade em politica em destruir um governo, e sim porém em constituir outro novo; são bellos por sem duvida os dias do triumpho; succedem-lhes porém depois os embaraços, e é menos difficultoso vencer do que manter-se e sustentar-se: é o successo pela mór parte das vêzes effeito da surpresa; constitúe a duração o que só é vida e o que só é força.

Dividem-se e subdividem-se os animos depois da victoria; pode ser identico o fim a que dirigem-se

todos; importam porém os meios para consegui-lo as diferenças e as opposições dos partidos.

Representava José Bonifacio a facção democratica do partido da independencia. Enquanto lutava-se pelo paiz contra o dominio das côrtes portuguezas, não haviam divisões, nem rivalidades, e nem opposições ao ministerio. Marchavam unidos os Brasileiros, almejando todos o mesmo resultado, e applicando cada um na orbita dos seus direitos os meios da resistencia e da força que eram necessarios ás circumstancias.

Conseguida a independencia e acabada a lucta, tornavam-se os meios do governo mais intellectuáes do que materiáes. Tratava-se de dotar o paiz com instituições novas. Não improvisa-se uma organização politica. Torna-se difficil e critico o dominio de um só em identicas circumstancias. É consequencia infallivel o nascimento de uma opposição que para existir e medrar levanta a bandeira de principios oppostos áquelles que abraçam os seus adversarios.

Abriu-se o parlamento brasileiro, e desenháram-se divisões e partidos com o entusiasmo fervoroso e proprio dos climas intertropicáes. O ministerio, a cuja frente se achava José Bonifacio, encontrou opposição decidida e robusta, si bem que representada pela minoria dos deputados.

Exigia esta opposição que na feitura da nova constituição fosse a monarchia forte e centralisada, e

accusava o ministerio de abraçar tendencias democraticas; fallou por vêzes José Bonifacio, e si bem o não dotára a natureza com talentos oratorios, tinha elocução facil, e uma logica serrada e decidida que attrahiam-lhe o respeito e consideração.

Era excessiva a energia do seu character; resentiam-se as medidas do governo d'esta qualidade, que tomando as feições da violencia produz ás vêzes effeitos contrarios aos que se intenta lograr. É uma verdade que prestou á independencia relevantes serviços, e na guerra e lucta d'ella á sua decisão e energia devem-se resultados importantes. Certo todavia é tambem que se não conteve diante dos adversarios internos com a moderação que caracteriza a um homen de estado. Empregando a populaça, conseguiu obrigar a Dom Pedro a deportar Joaquim Gonsalves Ledo, José Clemente Pereira e Januario da Cunha Barbosa, contra todas as leis, e sem que podesse apparentar uma justificação que o abonasse. Tornou-se a policia mais incommoda e perseguidora do que talvez nos tempos coloniães; fez-se pesar um despotismo cruel sobre todos os que não applaudiam os actos e medidas do governo, e quanto mais progredia José Bonifacio na marcha violenta que encetára no interior, mais augmentava, como é a natureza das cousas, o numero dos seus contrarios, e engrossávam-se-lhes as fileiras.

Foi animada a lucta. Descrimiram-se na assembléa constituinte as doutrinas de dous partidos.

Queriam ambos a monarchia ; pretendia um rodeiala de elementos democraticos, concedendo-se ao imperador o que sómente parecia-lhe ser devido : era o partido representado pelo ministerio, que collocava no povo a base de toda a soberania. O que ostentava-se em opposição, considerava preferivel para seguridade e garantia da vida da nação uma ponderação de elementos e poderes, de modo a existir monarchia centralisada, e com prerogativas proprias e indeclinaveis, limitada apenas em certos casos pela demonstração legal do paiz, sendo soberania tanto a corôa como o povo.

Cansou-se o imperador com as exigencias do ministerio, que quanto mais tropeços encontrava, mais fugia da moderação precisa : julgou prudente demitti-lo e organizar outro ministerio que pudesse conciliar os animos. Administradores energicos e excellentes haviam sido os homens que deixavam o poder ; passados porém os tempos da crise da independencia, julgava o imperador que conviria fazer-lhes succeder a calma e o repouso, e sanar, harmonisar e consolidar os espiritos, o que não poderiam facilmente conseguir aquelles que haviam-se envolvido nos mais graves acontecimentos : pensou que era chegada a epocha das tendencias medias, que dominariam mais facilmente o paiz no seu pacifico e regular desenvolvimento.

Demettido no dia 17 de julho de 1823, deixou-se José Bonifacio arrastar pelo despeito do amor pro-

prio, e apoiou com a sua influencia uma guerra desesperada e violenta, que contra o novo ministerio dirigio o seu partido immediatamente.

Reunio e absorveu esta opposição todas as fracções democraticas do paiz. A qualquer ligeiro acontecimento, ao mais pequeno acto do novo ministerio, abandonava-se a feitura da constituição, e convertia-se a assembléa em um campo desagradavel de combate e de lucta.

Persuadio-se Dom Pedro I que dissolvendo a assembléa constituinte, que mostrára-se inhabilitada para organizar a nova constituição, deportando para fóra do imperio os principaes oppositores do governo, e concedendo ao Brazil uma constituição politica sem o assenso ou audiencia de assembléas populares, acabaria com os partidos, e levaria o paiz ao engrandecimento e prosperidade que tanto anhelava.

Levou avante o seu plano. Foi com effeito dissolvida a constituinte no dia 12 de novembro de 1823; presos José Bonifacio de Andrada e Silva e seus irmãos e amigos, embarcados na charrua de guerra *Luconia*, e deportados para a França.

Conseguiu o imperador organizar uma constituição e outorga-la ao paiz, aceitando n'ella a influencia legitima dos elementos democraticos, que infiltravam-se por todos os poros da nação, e fazendo-a abraçar assim por todo o imperio.

Patenteára José Bonifacio durante a vida politica

qualidades grandes especialmente em occasião de crises arriscadas em que necessitava-se de vigor e energia; em que a sociedade devia mover-se com um só impulso; em tempos bonançosos porém, e desaparecidas as crises, não serviam de certo o seu vigor e energia; faltava-lhe a prudencia para, com o abandono das ideias extremas e exclusivas, aceitar a sociedade com todas as suas bellezas e defeitos, estabelecer um campo intermediario que servisse de refugio a todas as opiniões moderadas que deve aceitar um governo, e não entregar-se o poder todo a um partido extremo, que mais no seu interesse, do que no do paiz, pode abusar da força que é lhe confiada.

Devemos ser justos como historiador, e julgar os homens com imparcialidade. Si commetteu erros graves José Bonifacio, quer entregando-se na qualidade de ministro a um partido extremo, e extremo democratico, quer tornando-se chefe de opposição fóra do poder, combatendo o governo de modo a diluir-lhe os fundamentos e a tirar-lhe a força moral de que carece, e particularmente um governo que nascia de uma revolução, e que guarda portanto em seu seio vestigios de sua origem desorganizadora; commetteu tambem erros o imperador, empregando contra elle, na occasião de dissolver a constituinte, a arma da violencia, que presta apenas força momentanea, e estraga ás mais das vezes a propria mão que serve-se d'ella.

A dissolução da assembléa constituinte, e o exilio

e prisão de muitos dos seus membros, posto que reparados pela outorga da constituição, e pelo character benefico e cavalheiroso de Dom Pedro I, trouxeram-lhe comtudo dissabores e fatáes consequencias.

Atrasáram o paiz estes erros todos; guarda elle todavia memoria indelevel do seu primeiro monarcha, e dos seus primeiros homens politicos, porque reconhece que eram animados todos pela ambição de eleva-lo á maior prosperidade e grandeza.

Finda com o seu exilio a segunda phase da vida de José Bonifacio de Andrada e Silva; fôra a primeira dos prazeres e do descanso, das sciencias e do repouso; foi a segunda phase activa e tormentosa, de emoções e de desassocego.

Voltára para a sua patria na intenção de revê-la; voltára para a sua patria na intenção de respirar ainda o seu ar tão puro, e saudar o seu céo tão magestoso; queria viver os ultimos annos da existencia no meio dos seus, já que tantos dias e tantos annos havia residido em paizes estranhos e distantes.

Precisou porém a patria d'elle; deixou a existencia pacifica do sabio pelo viver desassocegado do politico; collocou-se á frente de uma revolução, e guio-a ao seu destino, logrando inscrever o seu nome nas paginas de ouro do seu paiz.

Havia sido na Europa uma das primeiras notabilidades scientificas; foi no seu paiz a primeira notabilidade politica.

III.

Escolheu para o seu exilio as visinhanças da cidade de Bordeos em França. Procurava os entretenimentos do espirito. Pretendera acabar no seio da patria os dias ultimos da sua vida; e repellindo-a a patria, vagava-lhe sempre o pensamento com as saudades d'ella.

Veio em seu soccorro a poesia encurtar-lhe as horas do tempo. Occupára-o a sciencia na mocidade, quando o viço e as forças o sustentavam. Entreteveo a poesia na velhice, quando cansado o corpo aspirava o repouso.

Nada ha como a proscipção para descobrir os mysterios do coração humano; basta que concentrese em si propria a intelligencia para que vibrem harmoniosas as cordas da harpa celeste que reside n'alma: apparece a poesia magestosa sempre e sempre sublime nas horas amarguradas e solemnes do exilio: é o anjo que esvoaça em torno, alimentando as saudades da patria com o balsamo suave e resignado da religião: é o cysne que solitario e bello, melancolico e amoroso, corta as aguas do lago, e como que prantêa a ausencia da companheira: a agua do rio que corre placidamente, o vento que susurra pelos galhos das arvores, o cantico que echoa a ave agreste das solidões, como echoou nos primeiros dias da vida, na edade infantil: é tudo poesia no exilio, porque perde-se e some-se a ima-

ginação no seio da eternidade, voa o pensamento, e não prende-se o homem á terra senão pelo vinculo da dôr saudosa dos prazeres passados.

Adquirio no exilio um titulo mais de gloria, que é o de poeta, e não poeta mediocre, e de vôos terrestres, poeta porém de estro subido, de imaginação brilhante e de visões doiradas : poeta de força e de riqueza de pensamentos, de doçura e elevação de ideias, e de facilidade e harmonia de metrificção.

Entregava-se ás vêzes aos accentos magicos e melancolicos do amor, e pintava-os na sua velhice como as reminiscencias do pensamento e as saudades do passado : todos os objectos que presenciavam os seus olhos, affiguravam-lhe tantas outras memorias ternas e melodiosas do que vira e sentira. Creava-lhe a imaginação um mundo, com o qual entretinha-se o seu pensamento esquecido da realidade que o cercava.

Vós me nutris os ternos pensamentos,
Quando á sombra das arvores copadas,

Sombrios vales frescos,

A redea inteira solto á phantasia!

De belleza em belleza divagando

Sofrega a mente se me vai nos olhos:

Depois meiga saudade

Manso e manso do peito se apodera...

Tudo o que vejo então me pinta Eulina!...

.

Vês aquella violetta, que goteja

Das folhas frio orvalho?...

Os olhinhos de Eulina maviosos

Cheios de mil amores, mil feitiços

Me pinta lagrimosos,

Quando ella dos meus brincos se agastava.

Os recentes jasmims vivos debuxam

Os dentinhos de Eulina, que sorria

Aos humildes meus rogos.

Então as vivas faces delicadas

Si com os beijos meus os seus tocava,

Sorrindo pudibunda

Ah! que eram duas rosas orvalhadas!

Desentrançadas as madeixas de oiro,

Que ondêam sobre o colo cristallino,

Meneando com graça o corpo airoso,

Inda mais bella que as Napeas bellas,

Quando as arestas do ondejante trigo

No folguedo nocturno

Em rapida carreira apenas tocam!

Parece que a estou vendo!

Qual zefirinho meigo

Que as espigas açoita levemente;

Assim lhe vai tremendo o eburneo colo,

Assim os lacteos pomos buliçosos,

Brincos dos cupidinhos,

Docemente vacillam,

Quando entre as flores nova flor passeia!

Dir-se-iam inspirações apaixonadas de Sapho, en-
deixas doçorosas de Bernardim Ribeiro, ou suspiros
melodicos de Thomaz Antonio Gonzaga : ha n'estes
versos tanta harmonia de pensamentos, uma sua-
vidade tão deliciosa de ideias, que expande-se o
coração do poeta como a flor, e manifesta-se como

o perfume da baunilha : e a travêz das vestes diaphanas do metro, por detraz do colorido poetico, deslumbra-se o carpir da saudade real e profunda, e o gemido doloroso do exilio, que traspassam-lhe cruelmente o peito.

Dirigia as vêzes as suas ideias para o epicureismo; deixava correr a sorte e voar o destino, e tomando vòs anacreonticos, exclamava indifferente :

Moço, bebamos : enche o copo, bebe.

Já novas rosas novo aroma espargem.

Eia, ligeiros, ao jardim desçamos,

De Nise asylo.

Outra vêz quero renovar amores,

A Philoméla acompanhando a lyra.

Que gema Nise, como aquella geme

Entre meus braços.

No canto escuro do rosal cheiroso

A Baccho brinde, como aqui lhe eu brindo;

Brinde aos amores, que co' as rosas voltam,

E com ellas brincam.

A vida acaba ; muda-se a fortuna,

Que bens e males sem juizo espalha;

Os que hoje existem, amanhã não vivem;

Amemos hoje.

Dedicava em outras occasiões odes á virtude e á amizade, como as unicas companheiras do seu exilio, e alivio de seus males. Acompanhava-o sempre a tristeza; por cima de seus versos como que esvoaçava uma nuvem melancolica e perpetua que escondia-lhe os pensamentos alegres : descobre-se continua-

mente a dôr que o opprime e suffoca! Como enganar-nos, quando diz :

O doce paz! sagrada liberdade!

Unicos bens do sabio!

Os idolos da terra

Não vos conhecem. Vós dormís tranquillos

No seio da amizade.

Si logo apóz accrescenta :

Emquanto na esquentada phantasia

Creando occos phantasmas

Freneticos humanos

Suspiram por privanças e chimeras,

Que os sustos envenenam :

Nos campos innocentes, onde brincas

Zephyro prazenteiro,

O sabio solitario

Ri d'esses doidos, ri do velho mundo

Com o discreto amigo.

Si sisuda tristeza lhe bafeja

Com halito empestado

Beijando a cara amada,

Em quem moram cupidos cento e cento,

Inveja faz aos deuses.

E lá quando do negro throno estende

O plumbeo sceptro a-noite,

Sobre o cansado globo,

Sentado com o amigo á parca mesa,

Conversa ledamente.

Umaz vêzes sondando altos mysterios,

Vedados á vil turba,

Deixando o peso inerte,

Nada no espaço immenso, os globos pesa,

Milhões de sóes encara.

Outras vêzes baixando á humilde terra,

Contempla a natureza;

As douradas espigas,

Que os prados vestem de fermosas coifas,
 Observa e enternece.

Si apparecem apenas n'estes canticos uma melodia sonora e um sopro de melancolia; si está n'elles como que preso o poeta, que esforça-se unicamente em achar lenitivo a seus males, com lembranças de um passado que acabára, e não devia voltar mais; outros canticos escreveu elle altivos e entusiasticos; correu-lhe livre o pensamento, livre e franca a musa, e livre e ousada a inspiração. Quanto é bella a sua ode ao poeta desterrado! Que riqueza de imaginação! que fogo de entusiasmo! que pureza de linguagem! que poesia maviosa e terna, elevada e sublime!

O lyra brazileira, que inspiravas,
 Com teus hymnos, no peito amor de glorias!
 Tu que o pranto da esposa suspendias,
 Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
 Já não accendes de Mavorte o fogo:
 Nem cantas os tropheos da patria amada
 Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
 De secco ramo; ou temperada agora
 Em tom mais brando, vai soar tristonha
 Em acanhado estylo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
 Si procurando lenitivo á magoa,
 Sob a copada rama solitario,
 Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto ,
 Que abandonado em terra estranha geme ,
 A qual recorrerá propicio nume ,
 Si não a Venus meiga ?

Ah ! não digas , ó Zoilo , mal do vate ,
 Si ainda se acolhe de Narcinda ao seio ;
 Pois no meio do sonho dos amores ,
 Também co' a patria sonha !

Para a moleza não nasceu o vate .
 Em ditosos dias chammejava
 Sua alma ardente , de heroismo cheia ,
 Quando uma patria tinha !

A corda , que secca docemente
 Sobre a doirada lyra malfadada ,
 Outr'ora ousou curvar arco guerreiro ,
 Vibrar rapida seta .

Os labios , que ora movem moles versos ,
 Já levantar souberam da vingança
 Grito tremendo , a despertar a patria
 Do somno amadornado

Mas de todo acabou da patria a gloria !
 Da liberdade o brado , que troava
 Pelo inteiro Brazil , hoje emmudece ,
 Entre grilhões e mortes .

Sobre suas ruinas gemem , choram ,
 Longe da patria os filhos foragidos :
 Accusa-os de traição , porque a amavam ,
 Servil infame bando .

Ah ! não digas , ó Zoilo , mal do vate ,
 Se aos lares seus não volta acicalado ;
 Subido ferro afogaria o grito
 Que pela patria erguesse .

Alli da santa liberdade os filhos,
 Esses poucos, que restam, fugidios
 Vivem inglorios, pois as honras dão-se
 A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vêdes
 Que o facho horrivel, que allumia a senda
 Das falsas honras, accendeis no fogo
 Que arda o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
 E calca aos pés o merito e virtude,
 Uma lagrima si-quer não vos arranca
 A terra em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
 A taça do prazer a vós vos saiba
 Como o mel venenoso das abelhas
 Da Cisplatina plaga.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
 Si á Paphia deusa algum consolo pede,
 Si a aguda dôr, que pela patria sente,
 Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
 Que um relampago só penetre as trevas
 Que o Brazil envolvem, n'esse instante
 Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado
 Da liberdade, deporá ligeiro
 A branda lyra, então com nova murta
 Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, si nutrido
 Entre perigos foi! Si denodado
 Da morte os brados retumbar ouvira
 Com não mudado rosto!

Que um Thrasybulo novo se levante
 C'um punhado de heróes, a tyrannia
 No ensanguentado throno já nutante
 Cahirá aos pés exangue.

Mas enquanto o Brazil adormecido
 Brilhantes dias renovar não sabe,
 Repita ao menos o seu nome amado
 A lyra dos amores.

Realçam egual merecimento e bellezas na ode que dedicou aos Gregos, quando luctavam contra os Turcos, para reivindicar a sua independencia e liberdade. Pensamentos os mais elevados, expressão a mais energica, entusiasmo o mais sagrado, dão-lhe direitos de considerar-se rival dos bellos canticos que escreveram n'aquella epocha pelo mesmo objecto Casimiro Delavigne e Victor Hugo, exaltados tambem pelo grandioso espectaculo que offereciam á Europa os companheiros de Botzaris, de Mavrocordato, de Capo d'Istria e de Byron, descendentes dignos de Themistocles e Lycurgo.

Outorgava ao Brazil no emtanto o primeiro imperador a constituição que promettera-lhe para fundar no paiz o systema representativo. Si não prevaleceu n'ella a ideia democratica de uma só camara legislativa, vigoráram comtudo os principios democraticos da composição eleitoral do senado, e do subsidio pecuniario aos representantes do paiz, que dão predominio em um systema social ao elemento popular, mas que eram então necessarios e que ca-

sáram-se praticamente com a justa ponderação dos elementos diversos, que devem conservar-se em equilibrio constante, e na mais perfeita egualdade.

Procedera-se ás eleições de senadores e deputados que tinham de formar as duas camaras legislativas. Não esqueceu-se a provincia da Bahia do nome illustre de José Bonifacio, si bem que exilado da patria e vivendo em terras distantes. Nomeou-o entre os seus deputados : pagou-lhe José Bonifacio uma eleição tão honrosa dedicando-lhe uma ode admiravel, que prima entre as suas composições.

Ha um defeito todavia n'esta ode tão ricca de poesia, de sentimento e de metrificacão : é o despeito do proscripto, que traduz-se em maldicão ; é uma dose demasiada de fel que transborda o vaso e descobre o coração amargurado, que vai sorvendo-o de trago em trago até que locuplete-se ; é um grito profundo de dôr e de desesperacão que parece levar a sonda á chaga que carcome-o e mata-o.

Altiua musa, ó tú, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo ;
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

Duas vèzes, Bahianos, me escolhestes
Para a voz levantar a pró da patria ,
Na assembléa geral ; nas duas vèzes
Foram baldados votos.

Cingida a fronte de sangrentos loiros,
Horror jamais inspirará meu nome;
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
 Nem seu pai ao infante.

.
.

Morrerei no desterro, em terra estranha...

.

Vales e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei, sonhei outr'ora
Poderia entre vós morrer contente...

.
.

Não verei mais a viração suave
Para o aerio vôo, e de mil flores
Roubar aromas, e brincar travessa
 Co' o tremulo raminho.

O paiz sem igual, paiz mimoso,
Si habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem
 Dos homens a existencia!

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ia formando a phantasia,
Projectos mil para vencer mil ocios,
 Para criar prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados,
 Um novo Eden fariam.

.
.

Doces visões! fugi, ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra!

Já vejo o genio da certa morte
Ir afindo a foice!

Gallicana donzella, lacrymosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca loisa
Só cobrirá de flores.

Ao mesmo tempo que mostra-se irritado contra a patria, chora por ella. Finge aborrecê-la como amante adorada, e morre por lançar-se-lhe aos braços. Que colorido engenhoso, e ao mesmo tempo que suavidade melancolica! Quanto sentimento! quanta poesia!

Viveu no exilio até o anno de 1829; foram sete annos de dôr e de magoa; sete annos que lhe pareceram seculos. Comprehenda-os quem tiver coração, e já conheceu o que é uma ausencia da patria!

IV.

Estavam gastas as forças de José Bonifacio, quando findou-se-lhe o exilio. Não quiz aceitar no seu regresso emprego publico, posto que manifestasse-lhe Dom Pedro I as maiores provas de amizade e consideração. Almejou o repouisar, e com esta intenção retirou-se para a ilha pequena e pittoresca do Paquetá, situada na parte interna da bahia do Rio de Janeiro.

Nos acontecimentos politicos que precederam a abdicção do primeiro imperador do Brazil, nem

uma parte teve; deixára de influir nos negocios publicos desde que fôra exilado.

Foram graves, e muito graves estes acontecimentos : passou o paiz por modificações inesperadas, imprevistas e repentinas.

Dividio-se depois da outorga da constituição em tres partidos de tendencias differentes : de principios republicanos um, considerando que mais quadravam elles a uma nação americana; o segundo de opiniões monarchicas mescladas de liberalismo, representando a grande eschola eclectica do seculo; e de ideias da antiga monarchia portugueza o terceiro, que deparava n'ellas a só garantia e estabilidade do throno. Subdividiam-se ainda estes partidos em grupos com maior ou menor desenvolvimento das suas tendencias, com maior ou menor exaggeração dos seus principios e ideias.

Si era o paiz inexperiente, e inexperientes os partidos, mostrou-se tambem o imperador inexperiente. Caracterisavam - no enthusiasmo, lealdade e generosidade. Consistiria em tão criticas circumstancias o verdadeiro systema de governo em alliar os homens mais moderados dos dous ultimos partidos com exclusão do republicano. Como que constituir-se-ia por este feitio um nucleo conservador com feições liberáes, conciliando a propriedade e a fortuna com a intelligencia e os serviços.

Devia porém este systema ser firmemente execu-

tado, e proseguido constantemente. Convinha aceitá-lo, regularisá-lo e desenvolve-lo.

Entregou-se Dom Pedro I aos homens que representavam as tradições da monarchia pura; nem procurou uma combinação dos homens moderados d'esse mesmo partido. Pensava que ministros por elle escolhidos, não formando ás vêzes solidariedade de vistas e pensamento administrativo, bastavam todavia para o regular andamento dos negocios: e quando vinham as difficuldades, fazia concessões ao partido republicano, que é, como partido extremo, insaciavel sempre.

Para maior infelicidade de Dom Pedro I, quando bastavam-lhe já os embaraços do seu governo, vieram complica-los a guerra com Buenos-Ayres e os acontecimentos de Portugal, cujo throno fôra usurpado pelo infante Dom Miguel, seu irmão. Tinha interesses em Portugal pela corôa de sua filha. Não podia abandona-los, dedicando-se ao Brazil unicamente. Poderia conciliar ainda as necessidades de ambos os paizes, si não fossem empregados os recursos do Brazil em gastos com a emigração portugueza e intrigas européas.

Aproveitou-se o partido republicano das concessões feitas e da despopularisação do monarcha, para o fim de organizar uma revolução no paiz. Tendo chegado o imperador de uma viagem á provincia de Minas Geráes, e sendo acolhido enthusiasticamente pelos Portuguezes domiciliados no Rio de Ja-

neiro, promoveram-se desordens que déram em resultado a união do partido liberal com o republicano, e as exigências populares para que demittisse o imperador o seu ministerio, e fizesse punir os Portuguezes. Conheceu então Dom Pedro a fraqueza do solo em que pisava : poderia, fazendo novas concessões, conservar o throno ainda : conseguiria porém firma-lo ? Lograria fundar a monarchia na America, e transmitti-la aos seus posteros ?

Julgou que melhor era e mais airoso salvar a monarchia do que a si proprio : provou assim, duas vêzes seguidas, o amor que consagrára ao Brazil, quando tornou do acto da independencia um facto monarchico, e quando encaminhou a revolução de 6 de abril de 1831 para a consolidação d'este mesmo facto. Si não ligára Dom Pedro I a sua sorte á sorte do Brazil, e não abraçára com elle a independencia, mais cedo ou mais tarde se faria ella ; predominariam porém de certo os principios republicanos, e as tendencias de separação das provincias. Em vêz de uma nação seria retalhado o Brazil em pequenas republicas, como as colonias hespanholas, e quiçá anarchisadas como estas, e atassalhadas por revoluções continuas. Si não tomasse o imperador a deliberação de abdicar em 1831, poderia sustentar-se ainda no throno por algum tempo, mas por fim venceriam as mesmas ideias, que haviam sido suffocadas na independencia, e que existem quasi sempre ameaçadoras e latentes nos paizes monarchicos modernos.

Preferio Dom Pedro I abdicar a corôa em seu filho, o principe imperial. Como era ainda menor de idade, e pertencia-lhe, como pai, dar-lhe um tutor, lembrou-se de José Bonifacio. Fôra o seu companheiro e amigo na independencia. Obrigáram-no as circumstancias a separar-se d'elle e a desterra-lo do seu paiz. Guardára porém viva lembrança dos seus serviços e dedicação, e considerou que, respeitado como era elle pelo partido democratico, o dominaria de modo que levasse-o a abraçar e sustentar a monarchia, salvando-a assim dos perigos revolucionarios. Entregando ao Brazil os seus filhos queridos, abandonou a terra de Santa Cruz, e foi sacrificar-se pelo paiz do seu nascimento, arrancando-o do despotismo que sobre elle pesava tão cruelmente.

Com a abdicção e retirada do primeiro imperador desapareceu no Brazil o partido da monarchia pura, que á sua pessoa ligára as tradições antigas.

Roubou o partido eclectico a revolução aos seus fautores, e guiou-a em proveito da monarchia ponderada : não tendo cooperado para ella directamente aceitou-a no dia em que vio-a cumprida como um factó consummado, e collocou-se á sua frente para dirigi-la.

- Em paiz nem-um logram os auctores das revoluções colher os fructos que d'ellas resultam. E posto que costumam os partidos politicos fundir-se no systema representativo, e dar ás suas proprias ideias vicissitudes innumeradas, com maiores ou menores

modificações seguiram os partidos que acabamos de descrever o curso posterior dos acontecimentos, e impregnáram-lhes mais ou menos a sua influencia.

Desamparou José Bonifacio o seu repouso e a sua ilha querida. Tomou conta dos principes confiados aos seus cuidados pela sollicitude paterna. Entregou-se de coração aos seus novos e importantes trabalhos.

Foram-se creando com a marcha dos acontecimentos novos interesses e modificando-se os partidos. A parte do partido eclectico, que tinha ideias conservadoras, recebeu grande reforço com a adjuncção de muitos homens importantes do antigo partido da monarchia pura. Conseguiu tambem a outra parte do partido eclectico absorver o partido republicano, com a ideia de federar o Brazil, e organisa-lo provincialmente, como é provincialmente organizada a republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

Pertenceu o poder a este derradeiro partido. Nos tempos criticos vence sempre o partido o mais audacioso, ainda que não constitua maioria real do paiz. Subordina-se e soffre a verdadeira maioria.

Com o peso dos annos, com a experiencia dos acontecimentos politicos, com o conhecimento dos homens, com o estudo enfim durante o seu exilio dos usos, pratica e estylos representativos das nações civilisadas, havia José Bonifacio modificado as suas ideias. Queria ainda a liberdade, identificada porém com a ideia de ordem, que era synonymo de monarchia : para que existissem ordem e liberdade,

cumpria que tivesse o throno prerogativas, e direitos o povo. Como casar estas ideias com usos exclusivamente republicanos? como no meio de uma monarchia plantar elementos tão populares, como são os federativos? como salvar-se as prerogativas da corôa dando expansão ás tendencias republicanas?

Persuadia-se no emtanto o partido federalista que podia co-existir monarchia e republica; aquella rodeiada de instituições d'esta, e o throno assentado como que ao nivel do povo; como delegante o povo, e como simples delegado o soberano, não tendo poderes que não fossem os conferidos pela nação, e que eram sujeitos á revogação, porque resumia-se no povo toda a soberania.

Compunha-se dos homens que consideravam realisavel o consorcio de ideias antipodas, e dos homens de tendencias republicanas, que aceitáram o acto da federação como concessão, e explicavam o passo como dado legalmente na via do systema que ambicionavam para o Brazil.

Procurou então José Bonifacio a alliança de todos os homens monarchistas, como meio unico de obstar aos resultados que deveriam produzir estas doutrinas antipodas e inconciliaveis com a existencia da monarchia. Errou porém quando consentio que se olhasse para o primeiro imperador como a salvação do Brazil; e fosse desejado o seu regresso como uma indispensavel necessidade.

Diminuiu as suas forças esta ideia apenas propalada.

Reunio os liberáes de todas as fracções. Si fossem contidos na orbita legal os seus partidistas, não seriam attenuadas as violencias que soffreram dos homens da situação.

Olham os verdadeiros estadistas e politicos tanto para os fins como para os meios porque conseguem-se estes. Deconceitua-se a causa mais sancta quando vence com o emprego de meios deshonorosos. Nunca foram meios de governo a perseguição e a violencia. São favoraveis aos seus auctores os resultados mais proximos; faltam-lhes porém as consequencias ultimas.

Plantam-se e germinam os principios e as ideias com o raciocinio e com a illustração; medram com o tempo, e fructificam com a convicção.

Podem os homens violentos ser victoriados na occasião em que servem aos interesses do momento; representam a parte do algoz ao pé do patibulo; nunca porém merecerão na historia os nomes de estadistas e politicos.

Era um nome historico e glorioso o de José Bonifacio, e tributam todos os povos respeito aos seus nomes historicos e gloriosos. Posto que ligado então a elle e partilhando as mesmas politicas ideias, não patenteava todavia o visconde de Cayrú equal actividade, e nem gozava de influencia tão decidida: constituia o outro nome historico e glorioso que honrava o paiz. Em derredor d'elles appareciam alguns homens de serviços antigos e de merecimento incontestavel.

Julgou o ministerio que ferindo de frente a José Bonifacio, ousando derribar a figura mais promimente do partido que começava a intitular-se restaurador, conseguia amedronta-lo, e ficava-lhe livre o campo então para livrar-se dos perigos inherentes ao regresso de Dom Pedro I, e para realisar a federação do paiz, como entendia-a conveniente e conforme exigiam as circumstancias da epocha para salvar-se a monarchia.

O grande erro do ministerio consistio em não olhar para os meios que o levassem ao fim que desejava. Um decreto do governo, de dezembro de 1833, demittio a José Bonifacio do emprego de tutor de S. M. e de suas augustas irmãs, ordenando-lhe que sahisse do paço imperial; e foi outra pessoa nomeada pelo governo para substitui-lo n'aquelle emprego.

Não quiz obedecer José Bonifacio a violação tão manifesta e flagrante dos seus direitos; empregou o ministerio a força para dar cumprimento ao decreto.

Foi então arrancado pela força publica dos paços imperiaes: teve que supportar a formação de um processo criminal; pronunciado, teve que responder a um tribunal de jurados; absolvido, teve que residir na sua antiga illra do Paquetá, sem que fosse-lhe permittido rever mais os caros e augustos penhores que havia-lhe confiado o primeiro imperador do Brazil!

No hymno das dôres humanas poucas devem de ser as escalas em que seja mais intenso o soffrimento. Não pode José Bonifacio de Andrada e Silva

cumprir e levar ao cabo a grande missão de que fôra incumbido por aquelle que tinha só direito para concede-la.

No anno de 1834 deixou de existir o primeiro imperador, no momento em que acabava de cobrir-se de glorias, combatendo pelo bem do paiz em que nascêra; infiltrou-se na constituição brasileira no mesmo anno o elemento democratico de federação. Esta concessão foi uma necessidade, que ficou assim satisfeita, e que salvou o elemento monarchico, abalado n'aquella epocha pela exaltação das ideias democraticas.

Chegou porém a reacção. Reorganizou-se o partido monarchico, que sustentando as instituições existentes, chamou em prol da monarchia as forças da sociedade, fundou o regimen da ordem, e creou uma epocha notavel no dia 19 de setembro de 1837.

Saudou José Bonifacio a nova aurora que affugentava as trevas e augurava futuro de paz e de engrandecimento para o seu paiz.

Retirado na ilha que o abrigára durante a tormenta, esperou a morte como o philosopho grego com toda a tranquillidade de espirito e liberdade perfeita de animo.

No principio do anno de 1838 sentio que estava proximo o seu dia derradeiro; dirigio-se para Nichtheroy, e terminou ahi no dia 6 de abril a sua carreira mundana, no meio das lagrimas da sua familia e dos seus amigos.



NOTAS.

(1) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada foram oradores parlamentares de importancia, e ministros de estado no Brazil; illustraram-se tambem pelos seus serviços em prol da independencia. Dous outros irmãos, Patricio e Bonifacio, não passaram á mesma celebridade.

(2) *Journal des mines*, Paris, 1821; *Naturalische Annalen*, Berlin, 1821.

(3) Proprias palavras da resposta do principe regente.

(4) José da Costa Carvalho, hoje marquez de Montalegre, senador do imperio e conselheiro de estado.

SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.

SECVLO XVI.

SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.

DENVO ARXIVA DIZIO BISCUI DO PORTUGAL
em 1646. Foi poeta distincto, e escriptor de varias
Encontram-se na Phoenice varias poesias
dos, sonetos, elegias e cantatas pastoras de algum
intercambio. Compoz um poema intitulado Pro-
prietar, de que falla o abbade Diogo Barbosa Ma-
chado com humm elogio na sua Bibliotheca Lusitana,
e que foi dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho,
seu compatriota e amigo, hea como o titulo do
manuscripto que he anno de 1663 soffreu a analise
he de Pernambuco para Lisboa, a bordo de um
Soc. Antiga. Foi publicada esta relacao em 1811,
e achase na Bibliotheca publica de Lisboa. He de
permanencia hea distincta sobre a gravata do
1646, e hea manuscripto hea de algum tempo
antes e descolado, opozem Diogo Barbosa Ma-
chado varias escripturas que pertence a Paulo Joze de
Pinto.

SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO.

SEculo XVI.

BENTO TEIXEIRA PINTO nasceu em Pernambuco em 1545. Foi poeta distincto, e escriptor de gosto. Encontram-se na *Phenix renascida* muitas poesias suas, sonetos, eglogas e cantatas pastoris de algum merecimento. Compoz um poema intitulado *Prosopeia*, de que falla o abbade Diogo Barbosa Machado com muito elogio na sua *Bibliotheca lusitana*, e que foi dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, seu compatriota e amigo, bem como a relação do naufragio que no anno de 1565 soffreram ambos, indo de Pernambuco para Lisboa, a bordo da náu *Santo Antonio*. Foi publicada esta relação em 1601, e acha-se na *Historia tragica maritima*. Ha duvida si pertencem-lhe os dialogos sobre a grandeza do Brazil, que é obra manuscripta ainda de alguma importancia e merecimento; opinam Diogo Barbosa e varios outros escriptores que pertence a Bento Teixeira Pinto.

DOM FRANCISCO ROLIM DE MOURA, filho de Dom Felipe de Moura, e de Dona Genebra Cavalcanti, nasceu em Pernambuco em 1580. Foi distincto general, e tomou parte em todas as guerras em que entrou Portugal no principio do seculo XVII. Militou na India, em Flandres e no Brazil. Governou este ultimo paiz de 1624 a 1626. Recebeu muitos premios e condecorações do governo portuguez pelos seus serviços importantes, e entre aquelles o senhorio da ilha Graciosa, no archipelago dos Açores: pertenceu ao conselho de estado, e falleceu em Lisboa em 1657, sem deixar successão, conforme o declaram os livros genealogicos das familias distinctas de Pernambuco, manuscriptos curiosos que se conservam no convento de São Francisco em Olinda.

MANUEL DE MORAES nasceu em São Paulo em 1586. Entrou muito joven para a Companhia de Jesus, e estudou nas suas aulas. Expellido porém por irregularidades de comportamento, deixou o Brazil e Portugal, e estabeleceu-se em Amsterdam, na Hollanda. Ganhou ali creditos de litterato, e abjurou a religião catholica, abraçando o calvinismo, e casando-se com uma Hollandeza. Sabendo-se em Lisboa d'estes factos, relaxou-o em estatua o tribunal do Santo Officio no auto de fé de 6 de abril de 1642. As saudades da sua patria o arrancáram a Amsterdam, em 1645. Chegando a Portugal, foi preso logo pela inquisição. Abjurando de novo o calvinismo,

protestando sinceramente adoptar a religião catholica, foi solto em 1647, depois de sahir no auto de fé d'esse anno, que teve logar em Lisboa, com as insignias de fogo. Morreu em Lisboa em 1654 sem ter podido regressar para Brazil, como desejava. Publicou na Hollanda memorias importantes sobre Portugal e Brazil, e escreveu uma *Historia da America*, que perdeu-se infelizmente, e da qual falla João de Laet com muito elogio, confessando na sua obra haver d'ella extrahido noticias importantissimas. Zacuto, Nicolau Antonio, Theodoro Spizel e o abade Barbôa tecem-lhe grandes encomios.

MATHIAS DE ALBUQUERQUE. Assevera Rocha Pitta que nascêra no Brazil e no Maranhão. Nem uma nem outra cousa acreditamos. Pode todavia ser que nascesse no Brazil, nunca porém no Maranhão, que começou a ser povoado pelos Portuguezes em 1614, quando expulsáram os Francezes d'ali, os quâes tinham-se apoderado da terra e edificado a cidade de São Luiz, e antes de findar o seculo XVI deveria ter nascido Mathias de Albuquerque. Foi um distincto general nas guerras contra os Hollandezes, quando atacáram e empossáram-se de Pernambuco e capitánias circumvisinhas, das quâes era elle governador. Si bem que tivesse mostrado a sua coragem e denodo, foi mandado retirar para Portugal por El-Rei Felipe, e exilado nas suas terras. Com a revolução de 1640 appareceu offerecendo-se a Dom

João IV, que, conhecendo os seus meritos, aceitou-lhe os serviços : ganhou logo depois como general a batalha de Montijo contra os Castelhanos, a qual assegurou a independencia de Portugal e a casa de Bragança.

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS é nascido da Parahyba do Norte no fim do seculo XVI. Foi um dos mais valentes e briosos generaes que militaram no Brazil contra os Hollandezes. Deve-se-lhe a expulsão d'estes povos de Pernambuco e outras capitánias tanto como a João Fernandes Vieira, a quem entretanto se tributaram as maiores honras. Trouxe Vieira para o campo portuguez quando se apartou dos Hollandezes, com quem estivera ligado, influencia, dinheiro, dedicação e gente; encontrou um general habil como era Vidal, que aproveitou todos os recursos e combatteu até o fim, e foi quem na qualidade de mestre de campo levou para Lisboa a noticia da inteira expulsão dos Hollandezes. Deu-lhe em premio ElRei Dom João IV a alcaidaria mór de Marialva e Morim, e a commenda de Christo. Governou tres vêzes a capitania do Maranhão e uma a de Pernambuco, mostrando-se habilissimo administrador; foi tambem governador e capitão general de Angola de 1661 a 1666. Morreu em Lisboa conselheiro de guerra.

ANTONIO FELIPE CAMARÃO nasceu na Parahyba do Norte em 1598. Era gentio, e prestou os maiores

serviços aos Portuguezes nas guerras que no Brazil sustentáram contra os Hollandezes : mereceu e conseguiu varias recompensas distinctas do governo portuguez, e falleceu em 1648.

SEculo XVII.

LUIZ BARBALHO BEZERRA, filho de Fernão Bezerra Monteiro e de Dona Camilla Barbalho, nasceu em Pernambuco em 1601. Foi denodado guerreiro nas guerras do Brazil contra os Hollandezes : era mestre de campo quando em 1530 teve logar a defesa do forte de São Jorge de Olinda, e em 1635 a victoria que conseguiram os Hollandezes contra o arraial do Bom Jesus ; seu mais brilhante feito d'armas foi quando em 1638, depois de atravessar por terra, com André Vidal de Negreiros, Antonio Felipe Camarão, e cerca de trezentas praças, todo o territorio de Pernambuco occupado pelos Hollandezes, sustentando continuos e repetidos combates, appareceu repentinamente na Bahia, e cooperou muito para expellir os Hollandezes, que ali levára o principe Mauricio de Nassau, e que violentamente attacáram a cidade com 7800 homens. Tomou de assalto um forte, que recebeu d'ahi por diante o seu nome, e por cujo feito o premiou ElRei, fazendo-o fidalgo da sua casa, e commendador de Christo. Estava em 1640 na Bahia, quando chegou a noticia da revo-

lução portugueza. Governava o marquez de Montalvão. Suspeitando ElRei Dom João IV da sua lealdade, pela defeccão dos seus dous filhos, que haviam abraçado o partido castelhano, escreveu reservadamente a Barbalho, a Lourenço Correia de Brito, e ao bispo, auctorisando-os a tomar as redeas do governo no caso em que recusasse-se o marquez a reconhecer a independencia de Portugal : si bem que se não desse este caso, entregou o jesuita Francisco de Vilhena as cartas que trouxera, e os tres nomeados prenderam todavia ao marquez, remeteram-no para Lisboa, e cumpriram a ordem regia. Chamou ElRei á côrte os dous primeiros para castiga-los; depois de algum tempo de prisão perdoou a Barbalho, que foi empregado em Portugal nas guerras contra Hespanha. Veio em 1643 para o Rio de Janeiro como governador da capitania. Falleceu porém no anno immediato, antes de findar o termo da sua nomeação. Fallam de suas façanhas os auctores hollandezes, e bem assim os livros genealogicos da nobreza pernambucana.

MANUEL DE MACEADO, nascido em Pernambuco em 1603, descendente de familia distincta, foi tão grande prégador, que o honrava summamente a duquesa de Mantua, e o tinha por seu capellão. Quando teve logar a revolução portugueza de 1640, que elevou ao throno Dom João IV, e fez cahir o jugo hespanhol, foi Manuel do Desterro, pelas suas

relações com o governo da Hespanha, suspeito, preso em Lisboa, e desterrado para a India. Em attenção porém aos seus talentos, e á sua grande nomeada, o mandou Dom João IV pouco tempo depois regressar para Portugal, dando por findo o seu exilio. Arribou infelizmente em Angola o navio em que voltava, e ali falleceu elle em 1645. O conde da Ericeira Dom Luiz, Diogo Barbosa, e Frei Theodoro Monteiro, apreciam muito os seus sermões.

FREI VICENTE DO SALVADOR, nascido em 1605 na Bahia, pertenceu á ordem seraphica, e foi reputado um dos mais doutos socios d'ella. Escreveu a sua historia da provincia do Brazil, que não foi publicada, mas que é muito elogiada por Jorge Cardoso, Frei Agostinho Santa Maria, e Diogo Barbosa Machado.

DOM AGOSTINHO BEZERRA nasceu na Bahia em 1610 : foi varão de grande nome e virtudes selectas; primava pela philosophia, pela theologia e pela eloquencia do pulpito. Morreu bispo de Angra, depois de ter-lo sido de Ceuta.

JOÃO FERNANDES VIEIRA nasceu na ilha de Madeira em 1613. Começou sua vida batendo-se corajosamente contra os Hollandezes em 1630, em defesa do forte de São Jorge de Olinda, aonde ficou prisioneiro e veio com elles para o Recife. Ligou-se

com os Hollandezes, enriqueceu-se, e chegou a ser rendeiro d'elles, quando á instigação de André Vidal de Negreiros, e perseguições dos Hollandezes contra a Egreja catholica, d'elles se separou, levando grandes auxilios de dinheiro e gente para o campo portuguez, e contribuindo muito para todas as victorias que déram em resultado em 1654 a expulsão d'aquelles do solo brasileiro, tomando a 27 de janeiro posse da cidade do Recife. Foi premiado por ElRei Dom João IV com grandes distincções, obtendo commendas e um lugar no conselho de guerra, e pelo papa Innocencio X foi-lhe dado o titulo de restaurador da Egreja na America. Governou depois a capitania de Angola por tres annos, de 1658 a 1661, e morreu em Pernambuco, quando, acabando o seu tempo, regressou para esta cidade.

BERNARDO VIEIRA RAVASCO nasceu na Bahia em 1617, irmão do celebre padre Antonio Vieira, que na idade de sete annos veio de Lisboa com seus pais Christovam Vieira Ravasco e Dona Maria de Azevedo para a cidade da Bahia, aonde se estabeleceram. Seguiu Vieira a carreira da predica; entrou para a Companhia de Jesus. Brillhou em toda a Europa, e no Brazil, aonde falleceu. Conservou-se Ravasco na Bahia, e ahi servio a principio no exercito, praticando como capitão de infantaria bellos feitos d'armas na defesa da cidade contra Mauricio de Nassau em 1638, e na da ilha de Itaparica contra

o general Segismundo : tendo ficado ferido , reformou-se , e exerceu depois o emprego de secretario de estado e guerra do governo , recebendo tambem as honras de uma commenda de Christo e a alcaidaria mór de Cabofrio , o que passou tudo por sua morte para seu filho mais velho Gonsalo Ravasco . Lograva bastante influencia no Brazil a sua familia , e especialmente Bernardo Vieira . Por motivo de desavenças que com elle teve em 1682 o governador Antonio de Souza Menezes , recusando-se o secretario a obedecer-lhe quando quiz suspender o regimento da administração , foi Ravasco obrigado a esconder-se no reconcavo para escapar da prisão a que o mandou recolher o governador . Revogando-se porém a ordem , regressou Ravasco para o seu emprego , e o governador pessoalmente o prendeu em occasião em que o exercia , a pretexto de que com seu filho e irmão o pretendia assassinar . Quando teve noticia ElRei Dom Pedro II d'este acontecimento , mandou que fosse syndicado , e em resultado deu por acabado o tempo do governador , e condemnou Ravasco a uma pena de prisão , que elle cumpriu , voltando depois ao exercicio de seu emprego . Era homem generoso e affavel . Compoz excellentes poesias em portuguez e castelhano , as quâes foram muito admiradas pelos seus contemporaneos e publicáram-se em quatro tomos . Escreveu tambem a descripção topographica , ecclesiastica , civil e natural do estado do Brazil , cujo manuscripto vio o

abbade Diogo Barbosa, e que muito elogia. Falleceu em 20 de julho de 1697 dous dias depois da morte de seu irmão, com quem vivera sempre em grande intimidade. Está sepultado no convento do Carmo.

ANTONIO DE SÁ, afamadissimo prégador, e reputado pelo proprio Antonio Vieira de modo que dizia que não fazia falta no pulpito quando o occupava Antonio de Sá, nasceu no Rio de Janeiro em 1627. Era no seu tempo appellidado o Principe da oratoria ecclesiastica. Entrou para a Companhia de Jesus na idade de doze annos, e n'ella educou-se e estudou. Empregou-se muito tempo em Roma como secretario do geral dos Jesuitas, cargo que sómente se dava aos mais instruidos dos socios. Voltou para Lisboa, foi prégador regio, e era muito estimado pela côrte. Ha impressos alguns sermões seus, que, pela dicção apurada e selectos conceitos, merecem a fama que lograram no seu tempo. Um exemplar dos de cinza, quaresma e passos possúe a Bibliotheca fluminense do Rio de Janeiro. Na idade de cincoenta annos voltou para o Brazil, renunciando aos applausos, admiração e respeito, que grangeára em Portugal, e dedicou-se á catechisação dos gentios. Morreu em 1678 no Rio de Janeiro.

PADRE FRANCISCO DE SOUZA nasceu na Bahia em 1628, e falleceu em Goa em 1713. Foi um jesuita

celebre, theologo excellente, e optimo chronista. Contém importantes noções sobre o Brazil a sua obra intitulada *Oriente conquistado*, publicada em Lisboa em 1710, e que demonstra os seus raros talentos.

DIOGO GOMES CARNEIRO nasceu em 1628 no Rio de Janeiro. Foi secretario do marquez de Aguiar, e pelos seus talentos e licção historica nomeou-o ElRei chronista geral do Brazil com a pensão annual de 300,000 reis. Morreu em Lisboa em 1676, deixando varias obras litterarias e historicas incompletas.

EUSEBIO DE MATTOS nasceu na Bahia em 1629. Foi primeiramente jesuita e educou-se e estudou nas aulas da Companhia. Deixou porém o Instituto, e passou-se para o convento dos Carmelitas. Lecionou philosophia, theologia e moral por muitos annos. É um dos maiores talentos que tem produzido o Brazil, por que a muita licção historica, a muitos conhecimentos scientificos, e a grande sciencia theologica e philosophica reunio um gosto apurado de artista, que muito o distingue. Foi musico, pintor, prégador, e poeta latino e portuguez de bastante merito. Dizia o padre Antonio Vieira que Deus se apostára em fazer a Eusebio de Mattos grande em tudo, e o não fôra mais por não querer: ainda hoje podem-se lêr poesias suas de valor,

como o *Ecce Homo*, e varias outras inspirações sagradas, e bem assim sermões excellentes, que fazem-lhe muita honra. Era geralmente estimado pelas suas qualidades honestas e character sisudo, muito differente do de seu irmão, o celebre Gregorio de Mattos. Morreu na Bahia em 1692.

AGOSTINHO BARBALHO BEZERRA seguiu como seu pai o general Luiz Barbalho Bezerra a carreira das armas, em que logrou nome excellente, quer nas luctas de terra, quer na perseguição dos corsarios que infestavam as costas do Brazil. Nasceu em 1629 em Pernambuco. Estava no Rio de Janeiro quando levantou-se o povo contra o governador Salvador Correia de Sá e Benavides; foi nomeado governador interino. Recusando e temendo o povo, procurou asilo no convento de São Francisco. Lá foi procurado, e obrigado a aceitar. Si bem que o confirmasse Salvador Correia quando em São Paulo teve a noticia do acontecimento, e pretendeu pacificamente acalmar o motim popular, deixou todavia Barbalho o posto. Quando restabeleceu-se o governo de Salvador Correia, foi por este remettido com os auctores do levante para Lisboa. Reconhecendo porém ElRei a sua innocencia, permittio-lhe a volta para o Rio de Janeiro, e honrou-o com a doação da capitania de Santa Catharina. Pouco tempo depois foi nomeado administrador geral das minas. Falleceu em 1670.

DOMINGOS BARBOSA nasceu na Bahia em 1632. Pertenceu á Companhia de Jesus, e esteve em Roma como procurado geral da provincia do Brazil. Ganhou lá celebridade pelas suas poesias latinas, entre as quaes prima o seu poemá ou cantata com o titulo *Passio Servatoris Jesu Christi*, na qual, diz o abbade Diogo Barbosa, acha-se reunida a elegancia do metro com a ternura do affecto. Morreu em 1685.

GONSALO SOARES DA FRANÇA nasceu no Espirito Santo em 1632. Escreveu em latim um poema intitulado *Brazilica*, ou *Descobrimto do Brazil*, e em portuguez varias poesias que tem distincto merecimento.

MARTINHO DE MESQUITA nasceu no Rio de Janeiro em 1633. Estudou em Roma; lá formou-se em canones e jurisprudencia civil, e tomou ordens sacras. Foi secretario do cardeal Barberini. Escreveu varias memorias e poesias em portuguez e latim, que foram muito apreciadas pelos seus contemporaneos.

GONSALO RAVASCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE nasceu na Bahia em 1639, filho de Bernardo Vieira Ravasco, e sobrinho do padre Antonio Vieira. Distinguio-se como poeta escrevendo autos sacramentaes. Succedeu a seu pai no cargo de secretario do estado do Brazil, e foi alcaide mór de Cabofrio,

commendador de Christo, e fidalgo da casa real. Morreu em 1725.

MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA nasceu em 1639 na Bahia. Estudou na universidade de Coimbra jurisprudencia, e estabeleceu-se na sua patria como advogado. Morreu em 1711, deixando uma collecção de poesias com o titulo de *Musica do Parnaso*, dividida em quatro choros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, e um descante comico reduzido a duas comedias, publicado em Lisboa no anno de 1705.

JACOB DE ANDRADE VELLOSO nasceu em Pernambuco em 1639, descendente de familia hollandeza; passou-se para a Hollanda com seus pais, quando tiveram os seus ascendentes de abandonar Pernambuco. Viveu em Amsterdam, aonde ganhou celebridade como medico e naturalista. Lá publicou importantes memorias, e morreu em 1712.

PADRE ANTONIO PEREIRA, nascido em 1644 no Maranhão, foi jesuita afamado, theologo distincto, pregador de fama, e grande missionario. Escreveu varios tratados sobre as linguas dos gentios, e um vocabulario da lingua brazilica, que perfectamente conhecia. Morreu em 1702 de uma frexada que lhe atiraram os gentios do Pará em occasião em que os procurava para catechisa-los.

SALVADOR DE MESQUITA nasceu em 1646 no Rio de Janeiro. Estudou em Roma, e foi afamado poeta latino, em cuja lingua prezou escrever sempre. Compoz um drama sacro com o titulo *Sacrificium Jephthæ*, que publicou em Roma e creou-lhe reputação. Falla com elogios Diogo Barbosa de tragedias que escrevera Salvador de Mesquita, mas que não imprimira, e cujo merecimento attesta todavia por conhecimento proprio e leitura, que d'ellas teve. Cita entre outras como as melhores o *Demetrius*, *Perseus*, e *Prusias Bithynia*.

JOSÉ DA NATIVIDADE, nascido em 1646 no Rio de Janeiro, foi theologo muito afamado, e prégador distincto; morreu provincial do mosteiro de São Sebastião da Bahia em 1705.

FREI CHRISTOVAM DA MADRE DE DEUS LUZ pertenceu á ordem seraphica, da qual foi provincial e visitador. Passou por theologo profundo, e bom prégador. Nasceu no Rio de Janeiro em 1650, e falleceu em 1720, deixando varias memorias, e entre ellas as noticias do Brazil, que logram creditos de muito importantes, e que infelizmente se não publicáram.

NUNO MARQUES PEREIRA, nascido em 1652 na villa de Cayrú (Bahia), foi sujeito de saber, e theologo de consideração. Escreveu o *Compendio narrativo do peregrino na America*, publicado em Lisboa em 1718,

no qual deparam-se muitas noticias interessantes acerca do Brazil. Morreu em Lisboa pouco tempo depois da impressão da sua obra.

FREI MANUEL DO DESTERRO nasceu na Bahia em 1652; foi grande prégador e philosopho, custodio da seraphica provincia da Immaculada Conceição no Rio de Janeiro, e lente de theologia. Fallam do merecimento de seus sermões Frei Apolinario da Conceição, e o abbade Diogo Barbosa. Falleceu no convento de Macacú em 1706.

GASPAR RIBEIRO PEREIRA, nascido no Rio de Janeiro em 1655, deixou memorias historicas acerca do Brazil, de que falla monsenhor Pizarro com muito elogio, mas que infelizmente se não publicáram.

JOÃO MENDES DA SILVA, advogado e jurisconsulto de fama do seu tempo, e poeta muito distincto, foi pai do infeliz poeta comico Antonio José da Silva. Nasceu João Mendes da Silva no Rio de Janeiro em 1656. Formou-se em Coimbra, e advogava no Rio de Janeiro, quando suspeita de judaismo a sua mulher Dona Lourença Coutinho, foi presa pelo tribunal da Inquisição, e remettida para o Santo Officio de Lisboa. Acompanhou-a João Mendes, levando consigo o resto de sua familia. Em Lisboa estabeleceu-se como advogado, procurando sempre e inutilmente salvar a sua desditosa consorte. Falleceu em 1736

no meio de desgostos, havendo-lhe sido tambem preso o filho, que tanto amava, e que era suspeito de judaismo. Para não soffrer a mesma sorte e destino, procurava João Mendes da Silva fazer bem publicas demonstrações dos seus sentimentos religiosos. Primam as suas fabulas e poesias ligeiras sobre os hymnos sacros que escreveu, e o poema que dedicou a N. S. Jesus Christo.

JOSÉ BORGES DE BARROS nasceu na Bahia em 1659 : foi poeta estimado no seu tempo, theologo, vigário geral em Lisboa, e desembargador da Relação ecclesiastica. Era formado em theologia na universidade de Coimbra. Dava-se á composição de comedias. A unica que salvou-se do esquecimento, intitulada *Constancia e triumpho*, tem pouco merito.

FREI ANTONIO DA PIEDADE, grande prégador e missionario elogiado por Frei Manuel de Sá e pelo abade Diogo Barbosa, nasceu na Bahia em 1660. Foi lente de theologia no Maranhão, prior dos Carmelitas no Pará, governador, provisor e visitador em 1693.

ANGELO DOS REIS nasceu em 1664 na Bahia. Entrou em 1684 para a Companhia de Jesus, e foi discipulo do padre Antonio Vieira, que prezava muito os seus talentos e sciencia de philosopho, theologo e orador. Foi mestre de humanidades nos collegios da

Bahia e Rio de Janeiro; e socio supranumerario da Academia real da Historia portugueza. Morreu no sertão, empregado na catechese dos gentios, no anno de 1723

JOÃO DE BRITO LIMA nasceu na Bahia em 1671 : teve grande nomeada de litterato e poeta : foi um dos fundadores da Academia litteraria que o conde de Sabugosa, vice-rei do Brazil, permittio que se estabelecesse na Bahia. Deixou varios poemas, entre elles um festivo, um elegiaco, um panegyrico, e um heroico de pouco valor e que intitulára *Cesaria*, e dedicára áquelle vice-rei. Morreu na pobreza e miseria.

PRUDENCIO DO AMARAL, nascido em 1675 no Rio de Janeiro, foi jesuita muito celebrisado pela sua erudição e virtudes. Ganhou foros de grande theologo, litterato distincto, e poeta agradavel. Escreveu um poema intitulado *De opificio sacchario*, em versos heroicos latinos, no qual descreve o modo de construir-se e funcionar um engenho de assucar. Deixou diversas memorias historicas, e entre ellas os elogios dos bispos e arcebispos da Bahia, e um catalogo dos bispos do Brazil, que foram ambos publicados em Lisboa em 1710 e 1711.

JOÃO SOARES FRANCA, nascido na Bahia em 1676, seguiu a carreira das armas, e chegou ao posto de

mestre de campo. Deu baixa e entrou para a vida ecclesiastica. Deixou sonetos e poesias de algum merecimento.

SIMÃO ALVARES, jesuita afamado, nasceu em 1682 em Santos (São Paulo). Era irmão de Alexandre de Gusmão, e muito afamado como philosopho, pré-gador e theologo.

FREI FRANCISCO XAVIER DE SANTA THERESA nasceu na Bahia em 12 de março de 1686. Foi grande orador sagrado, e poeta distincto. Estudou com os jesuitas, preferio porém entrar para a ordem de Santo Antonio, em Sergipe, de onde passou-se para Pernambuco, e d'ahi para a ilha da Madeira, a fim de leccionar theologia. Foi enviado pela sua ordem para Londres, e de lá percorreu a França, a Hollanda, parte da Allemanha, e regressou para Portugal. Embarcou-se em 1712 na frota que Dom João V, a instancias do papa Clemente XI, expedio contra os Turcos, a libertar a ilha de Corfú. Assistio ao combate naval do archipelago em 1717, e perdeu uma perna com um tiro de bala. Voltando para Portugal, exerceu os cargos de penitenciario geral da ordem seraphica, de examinador das tres ordens militares, e do priorado do Crato, e de consultor da Bulla da Cruzada. Seus sermões grangeáram-lhe tão vasta nomeada, que foi academico do numero da Academia real da Historia portugueza, e dos Arcades de Roma,

com o nome de Elledio. Fallava diversas linguas, e escreveu varias memorias e poesias elogiadas por Diogo Barbosa e varios outros contemporaneos : entre as suas composições nota-se a tragicomedia do martyrio de Santa Felicidade e seus filhos. Morreu em Lisboa em 1737.

LUIZ BOTELHO DO ROSARIO, carmelita distincto, nasceu em Pernambuco em 1695. Doutorou-se em theologia em Coimbra; foi socio do capitulo geral da sua ordem celebrado em Ferrara em 1726 e chronista especial d'ella; logrou fama de grande prégador; foi primeiro definidor residente dos estudos, presidente do capitulo da ordem do Carmo, e qualificador de Santo Officio.

JOSÉ PEREIRA DE SANTA ANNA nasceu no Rio de Janeiro em 1696 : pertenceu á ordem do Carmo, da qual foi chronista : passou por excellente theologo, e exerceu em Lisboa empregos de importancia. Deixou varias memorias, e uma excellente chronica da sua ordem, impressa em Lisboa em 1745.

Além dos Brasileiros que deixámos lembrados brilharam no seculo XVII outros, que primáram tambem na eloquencia, na theologia e nas letras, e cujos nomes seria clamorosa injustica esquecer.

1º Frei Theotonio da Ascensão, nascido em 1634 no Rio de Janeiro, conego regente de Santo Agostinho de Coimbra.

2º Frei Antonio da Silva, nascido em 1639 na Bahia, beneditino.

3º Frei Ruperto de Jesus, nascido em 1644 em Pernambuco, beneditino.

4º Padre Lourenço Ribeiro, jesuita, nascido em Sergipe em 1648.

5º Padre Domingos Ramos, jesuita, nascido na Bahia em 1653, lente de theologia, procurador da sua ordem em Roma, fallecido em 1728.

6º Frei Ignacio Ramos, carmelita, nascido na Bahia em 1658.

7º Frei Manuel da Madre de Deus Bulhões, nascido na Bahia em 1663, prior dos Carmelitas, definidor geral em Roma, provincial, e examinador synodal.

8º Padre Sebastião do Valle Pontes, nascido na Bahia em 1663, doutor em theologia e vigario geral.

9º Padre João Calmon, nascido na Bahia em 1668, e fallecido em 1737. Estudou preparatorios com os Jesuitas, e doutorou-se na universidade de Coimbra; foi commissario do Santo Officio e da bulla da Cruzada, desembargador da Relação ecclesiastica, e promotor do Synodo.

10º Frei Feliciano de Mello, carmelita, nascido em Pernambuco em 1679.

11º Frei João de Seixas, nascido no Rio de Janeiro em 1681, da mesma ordem, e que tanto brilhou em Roma pelos seus talentos que o S. papa Clemente XII o nomeou bispo de Areopoli.

12º Frei Matheus da Encarnação Piuna, nascido no Rio de Janeiro em 1687, beneditino.

13º Frei Antonio de Nossa Senhora, do Carmo, nascido na Bahia em 1689.

14º Padre Valentim Mendes, jesuita, nascido na Bahia em 1689.

15º Frei Miguel de São Francisco, nascido no Rio de Janeiro em 1689, da ordem seraphica da Immaculada Conceição.

16º Padre João Honorato, jesuita, nascido na Bahia em 1690.

17º Frei Patricio de Santa Maria, irmão de Alexandre de Gusmão, da ordem de São Francisco, nascido em 1690 em Santos (São Paulo).

18º Frei João da Nunciação Campelli, nascido em 1691 em Pernambuco, carmelita.

19º Frei Sebastião Moreira Godoy, nascido em São Paulo em 1691, tambem carmelita.

20º José de Oliveira Serpa, nascido na Bahia em 1696, carmelita.

21º Padre Vasco Fernandes Coutinho, nascido na Bahia em 1696, jesuita.

22º Padre Antonio Pereira da Camara, nascido em 1697 na Bahia, da Companhia de Jesus.

23º Padre Caetano Dias de Figueredo, nascido na Bahia em 1697, jesuita.

24º Frei Manuel Angelo de Almeida, carmelita, nascido na Bahia em 1697.

SECULO XVIII.

IGNACIO RODRIGUES, irmão de Alexandre de Gusmão, nascido em Santos (São Paulo) em 1700, foi um jesuita celebrizado pelos seus talentos e grande sciencia.

FREI ANTONIO DE SANTA MARIA nasceu no Rio de Janeiro em 1700 : foi lente de theologia, e prégador afamado do seu tempo. Compoz o sermonario de diversas festividades muito elogiado por todos os contemporaneos. Pertencia á ordem seraphica.

SIMÃO PEREIRA DE SÁ, nascido no Rio de Janeiro em 1704, foi um jesuita celebre. Formou-se em canones e theologia na universidade de Coimbra. Deixou varias memorias interessantes entre as quâes avultam a *topographica e bellica da Colonia do Sacramento*, e as *Noticias chronologicas do bispado do Rio de Janeiro*.

JOSÉ PIRES DE CARVALHO ALBUQUERQUE, de uma familia nobre da Bahia, ali nasceu em 1704 : foi bacharel em canones, capitão mór de Maragogipe, secretario de estado do governo do Brazil, e poeta muito estimado. Publicou em 1757 um poema á Conceição de Nossa Senhora, que encerra algumas bellezas notaveis.

FREI JOÃO ALVARES DE SANTA MARIA, irmão de Alexandre de Gusmão, nasceu em Santos em 1703 : foi carmelita, e primou como prégador, philosopho e theologo.

MATHIAS AYRES RAMOS DA SILVA EÇA nasceu em São Paulo em 1705 : formado em philosophia na universidade de Coimbra, foi grande naturalista. Morreu em Lisboa provedor da casa da moeda.

IGNACIO MANUEL DA COSTA MASCARENHAS, formado em theologia em Coimbra, e vigario da freguezia da candellaria no Rio de Janeiro, teve reputação de prégador excellente e philosopho instruido. Nasceu no Rio de Janeiro em 1705.

FREI IGNACIO DA CONCEIÇÃO, carmelita, prégador, theologo e philosopho distincto do seu tempo, nasceu no Pará em 1706.

FREI MANUEL DA SANTA RITTA DE ITAPARICA, distincto poeta, e auctor do poema *Eustachidos*, ou *Vida de Santo Eustachio*, que tem excellentes descripções. Nasceu na Bahia em 1706.

JOÃO DE MELLO, nascido em Pernambuco em 1706, foi um jesuita illustre pela sua erudição, serviços e lettras. Escreveu poesias em portuguez e passou por grande poeta latino, sendo reputado na

opinião de Diogo Barbosa e de outros pela pureza da lingua e gosto apurado.

ANTONIO DA COSTA foi um jesuita muito instruido, e prégador distincto da Companhia. Nasceu na Bahia em 1716.

MIGUEL LUIZ TEIXEIRA nasceu em 1717 na Bahia, e adquirio grande fama em Lisboa, aonde viveu, de prégador e philosopho : ensinou theologia, e pertencia á Companhia de Jesus.

ANTONIO DE SANTA MARIA DE JABOATÃO, nascido em Pernambuco, na villa d'este nome, em 1718; pertenceu á ordem seraphica, e foi um ornamento d'ella pela sua erudição. Foi eleito seu chronista, e escreveu o *Orbe seraphico*, que é obra de muito merito, e do qual foi sómente publicada a primeira parte : o manuscripto da segunda parte parece que pára no Instituto historico e geographico brasileiro.

MANUEL RODRIGUES CORREIA DE LACERDA, prégador distincto, e grande theologo, nasceu em Pernambuco em 1719.

PADRE CAETANO LOPES PEREIRA, jesuita celebre, foi tambem grande prégador, e theologo profundo : nasceu no Rio de Janeiro em 1721.

PADRE FRANCISCO DE ALMEIDA, da Companhia de Jesus, nascido na Bahia em 1721, foi auctor de muitas poesias estimadas no seu tempo, e que compoz nas linguas portugueza e latina; escreveu um poema em versos heroicos latinos, intitulado *Orpheus Brazilicus*, em honra do veneravel padre José de Anchieta.

JOÃO PEREIRA RAMOS DE AZEREDO COUTINHO, irmão do bispo de Coimbra Dom Francisco de Lemos. Nasceu em Marapicú, termo do Iguassú, provincia do Rio de Janeiro, em 1722. Depois de formado em leis pela universidade de Coimbra, seguiu a carreira da magistratura em Portugal. Ligou-se estreitamente com o marquez de Pombal, que o nomeou um dos reformadores da universidade de Coimbra, quando meditou esta grande providencia, e escolheu uma commissão para executa-la. Foi procurador da Corôa e soberania nacional, desembargador do paço, ministro da junta do exame do estado e melhora-mento temporal das ordens regulares, e chronista mór da Torre do Tombo. Passava por grande litterato, jurisconsulto distincto, e politico de valor. Com a morte de Dom José I, e demissão do marquez de Pombal, perdeu grande parte do seu valimento, por que nunca o abandonou, ainda mesmo exilado nas suas terras. Mas não podia o governo de Dona Maria I deixar de lado, e por muito tempo, habilitações como as de João Pereira Ramos, que recon-

quistou a sua importancia , e teve entrada no conselho dos ministros. Morreu em Lisboa em 1799.

MANUEL DE MACEDO , nascido na colonia do Sacramento em 1726 , foi jesuita celebrisado pela sua erudição e talentos. Gozou em Portugal de fama de litterato, poeta, e prégador distincto e eloquente. Professou theologia em Lisboa e em Coimbra, em cuja universidade se doutorára. Morreu em Lisboa em 1790, deixando impressos varios sermões importantes e diversos elogios historicos.

MANUEL JOSÉ CHEREM nasceu no Rio de Janeiro em 1729, e foi poeta e litterato de muita nomeada.

DOM THOMAZ DA ENCARNAÇÃO, nascido na Bahia em 1728, foi bispo em Portugal, e muito reputado pelas suas virtudes e erudição. Escreveu uma excellente *Historia ecclesiastica*, que se publicou em Coimbra em quatro volumes. O marquez de Pombal o prezava e consultava muito.

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA ALVIM nasceu em São Paulo em 1729 : é auctor de memorias sobre o estado e a historia d'esta capitania, que provam immenso saber e gosto.

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS nasceu em 1730 em Santos (São Paulo). Era socio supranumerario

da Academia real de sciencias de Lisboa. Escreveu a memoria para a Historia da capitania de São Vicente, que, apesar do seu titulo modesto, é uma das obras mais importantes para a historia e geographia do Brazil. Publicou-a a Academia real de sciencias, á qual a dedicou elle. Morreu em 1804.

CLEMENTE DE LEMOS DE AZEREDO COUTINHO nasceu em Marapicú (provincia do Rio de Janeiro) em 1731; é irmão do bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos. Distinguiu-se como militar de conhecimentos e pericia. Governou a provincia do Maranhão. Morreu em Lisboa em 1774.

DOM JOSÉ JOAQUIM JUSTINIANO CASTELLO BRANCO, bispo do Rio de Janeiro, e varão de immenso saber e virtudes, nasceu no Rio de Janeiro em 1731. Doutorou-se em theologia na universidade de Coimbra. Gozou fama de bom prégador e philosopho erudito. Foi nomeado bispo de Tipassa, e posteriormente do Rio de Janeiro, aonde importantissimos serviços prestou á Igreja e ás suas ovelhas.

IGNACIO DE ANDRADE SOUTO MAIOR RENDON, nascido em Marapicú (Rio de Janeiro) em 1733, era irmão do bispo de Coimbra, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Fez importantes descobrimentos mineralogicos, e passava por muito distincto naturalista. Falleceu em 1815.

DOMINGOS CALDAS BARBOSA nasceu na Bahia em 1738: foi poeta satyrico e abundante, e logrou nomeada estensa em Lisboa, aonde residio sempre. Morreu em 1800. Foi uma lucta constante a sua vida: vivia em guerra com quasi todos os poetas seus contemporaneos. Tão excellente improvisador era, que o chamavam para suas casas os primeiros fidalgos de Portugal, para que improvisasse nos saráos sobre motivos dados repentinamente, o que fazia de modo que eram os seus versos admirados sempre pelo chiste e graça de que abundavam.

ANTONIO CAETANO VILLAS BOAS, irmão de José Basilio da Gama, e nascido em São João d'ElRei, em Minas, em 1738, foi um prégador de nome, e litterato distincto.

JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO nasceu em Minas em 1742. Pertenceu á ordem seraphica, e foi grande naturalista, bom prégador, e lente de philosophia e rhetorica. Esteve empregado pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos em pesquisas de botanica, e escreveu a *Flora fluminense*, que é um verdadeiro monumento de erudição. A Academia real de sciencias de Lisboa começou a publica-la nos ultimos annos do seculo XVIII. Ao primeiro imperador do Brazil cabe a gloria de fazer concluir em Pariz a sua impressão em 1825. Classificou mais de tres mil plantas seguindo o systema de Linneo. Publicou ainda em

1799 diversas memorias, sendo a *Quinographia braziliica* e o *Fazendeiro cultivador do Brazil* das mais importantes.

ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES, nascido em Minas em 1743; foi astrónomo afamado, e esteve empregado com o doutor Francisco José de Lacerda e o engenheiro Ricardo de Almeida Serra nas explorações do interior do Brazil.

JOÃO PEREIRA DA SILVA foi conego da Sé do Rio de Janeiro, professor de rhetorica e philosophia, e poeta muito distincto: o seu cantico ao carnaval prima entre varias poesias. Nasceu no Rio de Janeiro em 1743.

MANUEL CARDOSO DE ABREU nasceu em São Paulo em 1745, e foi um excellente chronista da sua provincia.

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVID nasceu no Rio de Janeiro em 1746; foi poeta de grande talento, e gosto. Andam pelo Parnaso brasileiro espalhadas muitas poesias suas, e entre ellas o dithyrambo ás nymphas goyannas, que demonstram a fecundidade da sua imaginação.

ANTONIO MENDES BORDALO nasceu no Rio de Janeiro em 1750. Formou-se em leis na universidade de

Coimbra, exerceu a advocacia em Lisboa, e foi muito conceituado e afamado como jurisconsulto e poeta. Deixou varias poesias de merecimento; morreu em 1806.

DOMINGOS VIDAL BARBOSA, formado em medicina pela faculdade de Pariz, nasceu no Rio de Janeiro em 1754. Voltando para a sua terra natal, foi grandemente considerado pela sua erudição scientifica, e pelo seu gosto poetico. Compoz algumas odes excellentes; prima entre ellas a que dedicou a Affonso de Albuquerque. Concorrendo com Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na tentativa de levantamento de 1788, foi preso, condemnado a desterro perpetuo para a costa d'Africa, para lá conduzido, e lá acabou os seus dias.

MANUEL DE ARRUDA CAMARA nasceu em 1752 em Pernambuco, estudou medicina na faculdade de Montpellier, em França, e gozou fama de muito versado nas sciencias medicas e naturaes. Escreveu memorias importantes sobre a botanica, e sobre uma especie de algodão, que no interior de Pernambuco descobriu, e que assemelha-se ao que chamam os Chinas de nankim. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e costumava appresentar-lhe os seus trabalhos, que acham-se publicados na colleccão das suas interessantes memorias.

MANUEL AYRES DE CASAL nasceu em 1754 : não sabemos em que logar do Brazil. Foi presbytero secular do grão priorado do Crato. É o auctor da melhor corographia que possui o Brazil, e que foi publicada em dous volumes : mostra esta obra a sua immensa lieção historica, e o seu gosto apurado.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA nasceu na Bahia em 1756, um dos mais doutos naturalistas que honrou Portugal. Doutorou-se em Coimbra, teve uma cadeira na universidade, e por proposta d'esta viajou o sertão do Brazil, por ordem do governo portuguez : navegou os rios Amazonas, Branco, Madeira, Guaporé e Mamoré. Foi membro da Academia real de sciencias de Lisboa, que publicou na collecção de suas memorias varios trabalhos importantes de Ferreira. Falleceu em Lisboa em 1815, servindo o emprego de official da secretaria da marinha, e de encarregado da administração do real gabinete de historia natural : ultimamente fez a Academia relacionar por um dos seus dignos socios todas as obras scientificas d'este naturalista, e espanta a lista pela immensidade de objectos sobre que escreveu. Parte d'ellas logrou já publicidade; existem manuscriptas porém ainda muitas outras que não merecem menor attenção. Morreu pobre, quasi na miseria. Além de memorias sobre os mineráes, animáes e plantas americanas, escreveu acerca das nações e usos dos gentios do Brazil.

JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON, nascido em São Paulo, em 1756, descendia de excellente familia. Formou-se em direito civil em Coimbra, foi advogado, e servio cargos diversos de magistratura em São Paulo. Deixou a profissão das lettras pelas armas, que eram a sua paixão. Estabeleceu em sua casa aulas para o estudo theorico das manobras de cavallaria e infantaria de milicias, de que fôra commandante. Chegou ao posto de tenente general pelos seus serviços tanto militares, como prestados em importantes commissões que lhe haviam sido incumbidas, e que soube desempenhar satisfactoriamente. Tomou parte na independencia do Brazil; foi deputado á Assembléa constituinte, e o primeiro director do curso juridico de São Paulo, um dos fundadores da fabrica de ferro de Ipanema, e dos primeiros cultivadores do chá. Deixou memorias interessantes sobre as raças dos gentios do Brazil, e morreu em 1834.

JOÃO DA SILVA FEIJÓ nasceu no Rio de Janeiro em 1760. Foi um distincto naturalista e excellente botanico : servio por muitos annos o logar de secretario do governo de Cabo Verde : pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e escreveu muitas memorias de merecimento, que se publicáram na sua collecção.

BALTHASAR DA SILVA LISBOA, irmão do visconde

de Cayrú, nasceu na Bahia em 1761. Logo depois de estudar preparatorios na sua patria seguiu para Portugal e tomou o grau de bacharel em leis na universidade de Coimbra. Servio diversos logares de juiz de fóra e ouvidor na Bahia e Rio de Janeiro. N'esta ultima cidade foi muito perseguido pelo vice-rei conde de Rezende, que o prendeu, mas não pode domar-lhe a independencia e o coração. Morreu em 1841 desembargador da relação. Deixou muitos escriptos historicos, e os *Annâes do Rio de Janeiro*, que são dignos de ser consultados pelas noticias miudas que do Brazil offerecem.

JOAQUIM FRANCISCO DE OLIVEIRA, conhecido pelo nome de irmão Joaquim, nasceu em Santa Catharina em 1761. Creou o hospital da caridade na sua ilha, fundou a igreja de Santa Anna no Rio de Janeiro, e o seminario de Jacuecanga em Angra. Foi um dos homens mais virtuosos, e que mais se desvelaram em favor de asylos de caridade e de orphãos. Espalhou immensos beneficios por todo o Brazil; morreu em 1826 em Marselha.

JOSÉ FERREIRA CARDOSO nasceu na Bahia em 1761. Foi poeta latino de gosto e litterato de reputação merecida. Compoz o poema intitulado *Tripoli*, que traduzio na lingua portugueza Manuel Maria Barbosa du Bocage, e que é admirado pela louçania da linguagem e elevação do pensamento.

JOSÉ VIEIRA DO COUTO nasceu em 1762 no Rio de Janeiro : foi litterato illustre , e mathematico muito distincto de Portugal , tendo sido lente na universidade de Coimbra : suspeito de franc-maçõ , foi exilado para a ilha Terceira , nos Açõres , e ahi falleceu em 1811.

MANUEL FERREIRA DA CAMARA BITTANCOURT E SÁ nasceu em Minas em 1762 : formou-se em philosophia na universidade de Coimbra. Por conta do governo portuguez viajou quasi toda a Europa com José Bonifacio de Andrada e Silva : foi naturalista distincto; publicou em varias revistas allemães importantes memorias sobre o chumbo e a prata, e deixou no norte da Europa uma bella nomeada de seus talentos e erudição scientifica, especialmente em mineralogia. Voltando para Lisboa, entrou para á Academia real de sciencias, e fez publicar na collecção de memorias d'esta sabia corporação trabalhos sobre o carvão de pedra, o linho, o canhamo, e varios outros objectos : imprimio tambem um estudo sobre a comarca dos Ilheos da Bahia. Pertenceu a grande numero de academias scientificas da Europa, e entretinha relações com muitos sabios, seus contemporaneos. Foi mandado de Lisboa para Minas a fim de tomar conta da direcção das minas de ouro e diamantes, com o titulo de intendente geral. Estabeleceu-se na provincia de Minas, conservando por muitos annos este emprego. Tomou parte na

independencia do Brazil; foi deputado á sua primeira assembléa, e morreu senador do imperio.

FREI LEANDRO DO SACRAMENTO, nascido em 1762 no Rio de Janeiro, foi um distincto naturalista e grande botanico, elogiado por Balbi e Augusto de Saint-Hilaire : pertencia á ordem dos Carmelitas : era formado em Coimbra na faculdade de philosophia.

LUIZ PAULINO PINTO DA FRANÇA, nascido na Bahia em 1764, foi muito distincto guerreiro em Portugal : chegou ao posto de marechal do campo : valerosamente combatteu contra os Francezes, e escreveu admiraveis poesias, entre as quaes prima o seu soneto sobre o tumulo de Affonso Henriques, em Coimbra, e que começa :

A teus pés, fundador da monarchia, etc.

Morreu em Lisboa em 1826.

JOSÉ ELOY OTTONI nasceu no Serro do Frio (Minas Geráes) em 1764. Foi um poeta distincto, que deixou muitos versos admiraveis, além das bellas traducções dos Psalmos. Morreu no Rio de Janeiro em 1844. Vivia modesta e retiradamente, occupando um emprego publico secundario.

VICENTE COELHO DE SEABRA, nascido em Minas em

1765, formou-se em philosophia na universidade de Coimbra, e adquirio fama de varão muito versado nas sciencias physicas e naturaes. Escreveu e publicou em 1790 os *Elementos de chimica* em dous volumes, e diversas memorias acerca do calor e da fermentação. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e offereceu-lhe uma memoria sobre a nomenclatura ehimica, que ella fez publicar na sua collecção. Morreu lente da universidade em 1804.

FRANCISCO VILELLA BARBOSA, marquez de Paranaguá, nasceu no Rio de Janeiro em 1769; estudou mathematicas na universidade de Coimbra e foi lente do collegio dos Nobres : publicou varias memorias scientificas, e um tratado de geometria : foi, além d'isto, poeta de gosto e inspirações felizes que primam pela suavidade do estylo, e grandeza da elocução; ganhára grande reputação em Portugal, e tinha bastante importancia ali, quando, sabendo da independencia do Brazil, regressou para a sua patria. Foi conselheiro de estado, ministro de estado nos reinados do primeiro e segundo imperador, e falleceu em 1847 senador do imperio. Era socio da Academia real de sciencias de Lisboa.

ANTONIO NOLA nasceu no Rio de Janeiro em 1771 : foi mathematico e naturalista distincto. Falleceu em Coimbra, lente da universidade.

MARIANNO JOSÉ PEREIRA DA FONSECA, marquez de Maricá, auctor de maximas e pensamentos que rivalisam com os melhores de Vauvenargues e de la Rochefoucauld : foi um grande litterato, philosopho profundo, e moralista excellente. Nasceu no Rio de Janeiro em 1773. Tomou na universidade de Coimbra o grau de bacharel em leis : occupou cargos de magistratura em Portugal, e depois estabeleceu-se no Rio de Janeiro advogando. Passava por abalisado jurisconsulto. Foi um dos auctores e signatarios da constituição politica do Brazil, deputado, senador do imperio, ministro de estado do primeiro imperador e conselheiro de estado. Morreu em 1848. Publicou em vida uma collecção de suas maximas moraes e politicas, que prima pelo estylo e elevação do pensamento.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA nasceu em Pernambuco em 1773. Tomando parte na sedição de 1817, fugio para os Estados-Unidos e lá morreu, sem mais revêr a sua patria. Foi litterato de gosto fino, e poeta brilhante. São geralmente conhecidas e apreciadas as odes que escreveu em honra dos heróes pernambucanos que combatteram os Hollandezes no seculo XVII.

HIPOLITO JOSÉ DA COSTA PEREIRA nasceu na colonia do Sacramento em 13 de agosto de 1774. Estudou preparatorios no Rio de Janeiro, formou-se em

leis na universidade de Coimbra. Foi mandado pelo governo portuguez visitar os Estados-Unidos da America do Norte, e estudar o cultivo do algodão, anil e canna. Voltando para Lisboa no fim de alguns annos, e appresentando ao ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho os relatorios da viagem, foi nomeado director litterario da junta administrativa da impressão regia; e logo depois mandado para uma commissão scientifica em Londres. No seu regresso, foi preso pela inquisição, e apprehendidos todos os seus papeis, resultando d'ahi a perda de muitos que tinham importancia. Dos carceres do Santo Officio conseguiu evadir-se, e salvar-se em Londres, aonde estabeleceu-se, vivendo de dar licções de linguas estrangeiras, em que era versado, e de traduzir noticias para os periodicos, até que em 1807 começou a publicação do *Correio brasiliense*, que rendia-lhe sufficientemente para manter-se com decencia. Esta revista mensal, e algumas memorias que publicou, entre as quães prima a que versa sobre a cultura dos Estados-Unidos, bastou para manifestar os seus elevados talentos e instrucção. Concorreu com os seus escriptos para a independencia do Brazil, e foi por isso dignamente galardoado pelo primeiro imperador com honras e uma pensão pecuniaria. Morreu em 1823 em Londres.

ANTONIO DE MORÁES E SILVA, o auctor do grande e do primeiro dictionario da lingua portugueza, que

ainda é acatado hoje pelas academias scientificas, e pelos mais doutos escriptores e litteratos, nasceu no Rio de Janeiro em 1777. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, advogou ao principio em Lisboa, e passou-se depois para a carreira de magistrado, tendo servido diversos logares em Portugal. Veio para o Brazil no cargo de desembargador aggravista da Relação de Bahia, em 1812. Tendo tido questões com o chanceller, abandonou o emprego, aposentou-se e retirou-se para um engenho que possuia na provincia de Pernambuco. Quando teve logar a revolução de 1817, foi Antonio de Moraes nomeado pelo povo para membro do governo provisorio. Nada porém ambicionava elle que não fossem e o descanso e o retiro : vivia sómente para os trabalhos ruráes. Recusou por tanto a eleição, e não tomou parte no movimento. Morreu em 1825 soffrendo symptomas de amolecimento de cerebro. Além do Diccionario, escreveu uma grammatica e varias memorias litterarias, e traduzio em excellente linguagem uma historia de Portugal, originariamente escripta em inglez.

JOSÉ FELICIANNO FERNANDES PINHEIRO, visconde de São Leopoldo, nasceu em Santos (São Paulo) em 1778, formou-se em leis na universidade de Coimbra, e servio em Portugal diversos logares de magistratura. Pertenceu á Academia real de sciencias de Lisboa, e ganhou nome publicando trabalhos

scientificos origináes e traduzidos sobre a cultura e melhoramento interno do reino, e da America e Indias occidentaes. Sendo nomeado deputado pela provincia de São Paulo á Assembléa constituinte de Portugal, tomou assento em côrtes. Não acompanhou porém a Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, Cyprianno Barata, Lino Coutinho, e outros, que se evadiram de Portugal para a Inglaterra, quando decidio a maioria das côrtes annular os actos do principe regente do Brazil, faze-lo retirar para Lisboa, e obrigar o Brazil a curvar-se ao jugo colonial. Entendeu o visconde de São Leopoldo que não podia abandonar o seu posto, e apenas cumpria-lhe protestar contra os actos da maioria, deixando aos seus committentes aquilatar o seu comportamento. Quando porém respondeu o Brazil a estes actos, proclamando a sua independencia, abandonou Portugal São Leopoldo, e regressou para o Brazil a unir-se aos seus compatriotas : foi conselheiro de estado e ministro durante o reinado do primeiro imperador. Morreu senador do imperio em 1846. Coadjuvou muito ao conego Januario da Cunha Barbosa na fundação do Instituto historico e geographico brasileiro, do qual foi o primeiro presidente, e concorreu para varias outras associações litterarias e scientificas. Publicou memorias historicas e litterarias de subido valor a respeito dos limites do imperio, e escreveu os *Annaes da provincia do Rio Grande do Sul*, que é o seu maior titulo de gloria.

FREI FRANCISCO DE SANTA THERESA DE JESUS SAMPAIO, pertencente á ordem seraphica, foi um dos maiores e mais eloquentes prégadores da lingua portugueza. Nasceu no Rio de Janeiro em 1778. Litterato politico, cooperou para a independencia do Brazil, fazendo-se notavel pelos seus escriptos e pelos seus discursos nos clubs : acompanhou o partido liberal de José Bonifacio de Andrada e Silva. Falleceu em 1830.

DOMINGOS BORGES DE BARROS, visconde da Pedra Branca, nasceu na Bahia em 1783. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, e na sua patria exerceu logares de magistratura. Foi diplomata brazileiro, conselheiro, e senador do imperio : é um dos mais suaves poetas da lingua portugueza : primam suas lyras pelo selecto do pensamento e harmonia da phrase. Falleceu em 1855.

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, conego da capella imperial, e prégador e litterato afamado, nasceu no Rio de Janeiro em 1785. Cooperou muito para a independencia do Brazil, e foi perseguido pelo ministerio dos Andradas, apenas ella realisada. É um dos homens a quem mais devem as lettras brazileiras. Compoz muitas lindas poesias, e entre ellas o bello poema de *Nictheroy*; escreveu artigos importantes litterarios e politicos para os periodicos e revistas do tempo. Creou o Instituto historico e geographico bra-

zileiro, e muitas outras associações importantes. Foi deputado á Assembléa geral por diversas vêzes; pertenceu a muitas sociedades litterarias da Europa, e exerceu immensa influencia na litteratura do seu tempo, que animava e promovia com todo o zelo e dedicação. Morreu em 1846.

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO, poeta distincto, formado em leis pela universidade de Coimbra, e magistrado de excellentes qualidades, nasceu na Bahia em 1786. Foi tambem homem politico, occupou varios empregos importantes de administração, e falleceu senador do imperio em 1846.

DIOGO AROUCHE DE MORÁES LARA, nascido em São Paulo em 1789, foi um militar distincto pela sua coragem e pela sua illustração. Pertencia as melhores familias de São Paulo; estudou mathematicas, e alistou-se na artilharia da legião dos voluntarios reaes. Chamado para os campos do sul a combater contra os inimigos da patria, dava constantemente provas do seu merito elevado: teve grande parte na victoria de Catalan, em 1816, e escreveu sobre ella uma memoria de valor. Morreu de uma balla em combate contra Artigas em 1819, diante da antiga redução gentia de São Nicolau, pretendendo o coronel Arouche com seis centos homens apoderar-se da missão, que estava occupado por aquelle caudilho com mais de mil e duzentos.

NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.

NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.

1. *Carta de São Paulo a El-Rei D. João V*, por Manuel Aguiar de Gouveia, em sua *Cartographia*, em 1712, Rio de Janeiro.

2. *Relatório de João Alfredo Galvão*, por um piloto português publicado pela primeira vez em uma coleção de São Paulo, em 1711, Lisboa.

3. *Carta de mestre João e Ruffino Dias Alvares*, datada de 1º de maio de 1710, de Paris, separadamente pela primeira vez pela *Revista Histórica e Geográfica*, em 1711.

4. *Uma carta de Amador Fogaça*, sobre suas viagens ao Brasil em 1711 e 1712, publicada pela primeira vez em uma coleção de viagens de Ilustração, em Lisboa, 1711.

5. *Carta de João Fogaça*, sobre suas viagens ao Brasil em 1711 e 1712, publicada pela primeira vez em uma coleção de viagens de Ilustração, em Lisboa, 1711.

6. *Relatório de João Fogaça*, sobre suas viagens ao Brasil em 1711 e 1712, publicado pela primeira vez em uma coleção de viagens de Ilustração, em Lisboa, 1711.

7. *Uma carta de João Fogaça*, sobre suas viagens ao Brasil em 1711 e 1712, publicada pela primeira vez em uma coleção de viagens de Ilustração, em Lisboa, 1711.

8. *Uma carta de João Fogaça*, sobre suas viagens ao Brasil em 1711 e 1712, publicada pela primeira vez em uma coleção de viagens de Ilustração, em Lisboa, 1711.

NOTAS

PARA UMA BIBLIOTECA BRASILEIRA

NOTAS

PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.

SECULO XVI.

Carta de Vaz Caminha a ElRei Dom Manuel sobre o descobrimento do Brazil, escripta em 1500 do Porto Seguro. Impressa pela primeira vez por Manuel Ayres do Casal na sua *Corographia*, em 1812, Rio de Janeiro.

Navegação de Pedro Alvares Cabral, por um piloto portuguez; publicada pela primeira vez na collecção de Simão Grinneo, em 1532, Veneza.

Carta de mestre João a ElRei Dom Manuel, datada do 1º de maio de 1500, de Porto Seguro; impressa pela primeira vez pelo Instituto historico e geographico brasileiro em 1840.

Duas cartas de Americo Vespucci sobre suas viagens ao Brazil em 1501 e 1503; publicada pela primeira vez na collecção de viagens de Ramusio, em Veneza, 1550.

Carta de João Empoli, impressa pela primeira vez pela Academia real de sciencias de Lisboa, em 1813.

Pigafetta, *Primo viaggio intorno al globo terracqueo negli anni 1519-1522*; impresso pela primeira vez em Milão em 1800, por Carlos Amoretti.

Pero Lopes de Sousa, *Roteiro da viagem de Martim Affonso de Souza*, em 1531; impresso pela primeira vez em 1836 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Petrus Martyr, *De orbe novo*; Madrid, 1536.

Ramusio, *Raccolta delle navigazioni e viaggi*; Veneza, de 1550 em diante.

Gomará, *Historia de las Indias*; Sevilha, 1552.

Antonio Galvão, *Tratado dos descobrimentos*; Lisboa, 1552.

Castanheda, *Historia do descobrimento e conquista da India*; Coimbra, 1552.

João de Barros, *Decadas*; Lisboa, 1553.

Cabeça de Vacca, *Relação, naufragios e viagens*; Valhaldolid, 1555.

Guillaume le Testu, *le Postulant*; Pariz, 1555.

Jean Temporal, *Collection de voyages*; Lyon, 1556.

Carta de Antonio Blasquez, datada de Bahia de 1557, impressa pela primeira vèz pelo Instituto historico e geographico brasileiro em 1840.

Hans-Stadt, *Véritable histoire et description d'un pays d'hommes sauvages et inconnus*; Hamburgo, 1557.

Villegaignon, *Copie de quelques lettres*; Pariz, 1557.

Pauw, *Recherches philosophiques sur les Américains*, Pariz, 1558.

Thevet, *France antarctique*; Pariz, 1558.

Histoire des choses mémorables advenues en la terre du Brésil sous le gouvernement de Villegaignon; Pariz, 1561.

Brief recueil de l'affliction et dispersion de l'église des fidèles au pays du Brésil; Paris, 1561.

Bento Teixeira Pinto, *Relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo de Pernambuco em 1565*: foi sómente impressa na *Historia tragica maritima*; Lisboa, 1601.

Oviedo, *Relatione della navigazione per il grandissimo fiume Maragnon*; impresso na collecção de Ramusio em 1565.

Damião de Goes, *Chronica d'ElRei Dom Manuel*; Lisboa, 1566.

Schmidel, *Vera historia*, etc.; Francfort, 1567.

Jeronimo Osorio, *De rebus Emmanuelis*, etc.; Lisboa, 1571.

Girolamo Benzoni, *Istoria del mondo nuovo*; Veneza, 1572.

Henrici Francisci, *Epistola de XII sociis pro catholica fide interfectis in mare brasilico*; Napoles, 1572.

Gandavo, *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brazil*; Lisboa, 1576.

Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*; Ruão, 1578.

André de Teive, *Istoria dell' India e America ditta altramente Francia antartica*; Veneza, 1584.

Gabriel Soares, *Roteiro geral e descripção da Costa do Brazil, escripto em 1587*: foi sómente publicado em 1816 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Fernão Cardim, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia desde 1583 até 1590*: impressa sómente em 1847 em Lisboa.

Retour de Notre-Dame, accompagné du Saint François et du Bon Jésus de Vianne en Portugal, qui est arrivé du Brésil à Clavelly; Londres, 1592.

Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*; Coimbra, 1594.

José de Anchietta, *Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium*, etc., sómente impressa pela Academia real de sciencias de Lisboa em 1812.—*Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil*, impressa em Coimbra em 1595.—*Cartas ao geral*, sómente impressas de 1848 em diante pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

Manuel da Nobrega, Antonio Pires, etc., *Cartas do Brazil para o geral e o provincial dos Jesuitas*: impressas sómente de 1848 em diante pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

De Bry, *Collectiones peregrinationum in Indiam orientalem et Indiam occidentalem*; Francfort, 1596.

Lettres du Japon et du Brésil envoyées au général des jésuites; Pariz, 1598.

Pedro Rodriguez, *Anno do Brazil*; Lisboa, 1598.

SECULO XVII.

Fernando de Enciça, *Abridged description of the river of Amazone and of the countries thereabout*; Londres, 1600.

Antonio Herrera, *Historia general de los hechos de los Castellanos en las Indias occidentales*; Madrid, 1601.

Barco Centenero, *La Argentina*; Lisboa, 1602.

San Roman, *Historia general de la India oriental y de los descubrimientos y conquistas que han hecho las armas de Portugal en el Brasil*; Valhadolid, 1603.

Fernando Guerrero, *Relação annual das cousas que fizeram os PP. da Companhia de Jesus na India e Brazil*; Lisboa, 1605.

Garcia, *Origen de los Indios del nuevo mundo e Indias occidentales*; Valença, 1607.

Jarrick, *Histoire des voyages et choses plus mémorables des Portugais*; Bordeos, 1607.

Hugues de Linschott, *Navigation au Brésil*; Amsterdam, 1609.

Francisco de Andrade, *Chronica d'ElRei Dom João III*; Lisboa, 1613.

Claude d'Abbeville, *Histoire de la mission des Capucins dans l'ile de Maragnon*; Pariz, 1614.

Jeronimo de Albuquerque, *Jornada do Maranhão em 1614*; impressa sómente em 1812 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Piral de Javal, *Voyages aux Indes orientales et au Brésil*; Pariz, 1615.

Ives d'Evreux, *Histoire des choses plus mémorables advenues au Maragnon ès années 1613 et 1614*; Pariz, 1615.

Diogo do Campo, *Jornada ao Maranhão em 1615*; Lisboa, 1615.

Jean Moquet, *Voyages en Afrique, Asie, Indes orientales et occidentales, depuis 1601*; Pariz, 1616.

Sebastião Beretario, *Josephi Anchietae vita*; Colonia, 1617.

Padre Antonio, *Cathecismo na lingua brazílica composto a modo de dialogos por padres doutos e boas linguas da Companhia de Jesus*; Lisboa, 1618.

Mariana, *Historia de España*; Madrid, 1623.

J. B., *Simple et véritable histoire du départ d'une flotte de Hollande pour les côtes du Brésil*; Rotterdam, 1623.

Manuel de Figueredo, *Exame de pilotos com os roteiros de Portugal ao Brazil*; Lisboa, 1624.

Simão Estação da Silveira, *Relação das cousas do Maranhão*; Lisboa, 1624.

Barbuda, *Empresas militares dos Lusitanos*; Lisboa, 1624.

Davis, *Description of the river Amazonas*; Londres, 1625.

Bartholomeu Guerreiro, *Jornada dos Portuguezes á restauração da Bahia*; Lisboa, 1625.

João de Medeiros Correia, *Relação da restauração da Bahia*; Lisboa, 1625. — E mais a *Relação da tomada do Recife, Itamaracá e Parahyba*; impressa em Lisboa, 1654.

Lieuwe van Aitezema, *Historie ofte verhael van saken en oorlogh in ende omtrent des Vereenigte Nederlanden van 1621*; Amsterdam, 1626.

Aldenburgh, *Voyages aux Indes et description de la conquête de Salvador*; Coburgo, 1627.

Pedro Simon, *Noticias historiales de las conquistas de tierra en las Indias occidentales*; Cuenca, 1627.

Lettere annue de l'Étiopia, Brasile, etc.; Roma, 1627.

Tamayo Vargas, *Restauracion de la ciudad del Salvador*; Madrid, 1628.

Wittleschi, *Histoire de ce qui s'est passé en Éthiopie, Chine et Brésil*; Pariz, 1628.

Baers, *Olinda ghelegen in 't land van Brasil*; Amsterdam, 1630.

Louck, *Veroveringh van de stadt Olinda ghelegen in de capitania van Phernambuco*, etc., Amsterdam, 1630.

Weerdenburch, *Oorspronckelijke missive van Ho. M. Heeren Staaten Generael*, noopende de veroveringhe van de stadt *Olinda de Fernambuco met al hare sorten*; Amsterdam, 1630.

Frei Paulo do Rosario, *Relação breve e verdadeira da memoravel victoria que houve o capitão mór da capitania da Parahyba dos rebeldes da Hollanda*; Lisboa, 1632.

Luiz Figueira, *Da lingua geral do Brazil*; Lisboa, 1632.

Joannes de Laet, *Novus orbis, seu descriptio*, etc.; Amsterdam, 1633.

Historie ofte Inerlijck Verhael van de verrichtinghen der Gesetroijeerde West Indische Compagnie; Leyde, 1644.

Hurtado de Mendoza, *Memorial á el rey pidiendo remedio contra los excesos que se comiten en el Brasil*; Madrid, 1638.

Duran, *Relation des insignes progrès de la religion chrétienne faits au Paraguay, Brésil, etc.*; Pariz, 1638.

Antonio Ruiz de Montoya, *Tesoro de la lengua guarani*; Madrid, 1632.—*Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Uruguay, Paraná y Pape*; Madrid, 1639.—*Arte de la lengua guarani*; impressa em Madrid, no anno de 1639.

Ontdeckinghe van Rijckde Mijnem in Brasil; Amsterdam, 1639.

Bernardo Muñoz, *Relacion verdadera de la gran victoria que han hecho las armas castellanas en el sitio del Brasil en 1638*; Madrid, 1639.

Relacion nueva y verdadera de los felices successos que ha hecho el señor Don Fernando de Mascarenhas; Madrid, 1640.

Gueten, *Briefve relation de l'état de Phernambucq dédiée à*

l'Assemblée des XIX de la très-noble Compagnie des Indes occidentales; Amsterdam, 1640.

Acunha, *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas*; Madrid, 1641.

Relacion de los successos de la flota contra los Holandeses, siendo general de ella Don Jerónimo de Sandoval; Madrid, 1641.

Francisco de Andrade Leitão, *Discurso politico sobre se haver de largar a corôa de Portugal Angola, São Thomé, e o Maranhão, exclamado aos Altos Estados da Hollanda*; Lisboa, 1642.

Treguas entre ElRei Dom João IV e os Estados das Provincias-Unidas; Lisboa, 1642.

Teixeira, *Viagem pelo Amazonas em 1637, 1638 e 1639*; Lisboa, 1643.

Emmanuel van Metteren, *Commentarien ofte memoriën van der Nederlandschen Stadt*; Amsterdam, 1647.

Leis, provisões e ordens regias para o estado do Maranhão e Pará; Lisboa, de 1647 em diante.

Barlæus, *Rerum per octennium in Brasilia*; Amsterdam, 1648.

Marggrafius, *Historia rerum naturalium Brasiliæ*; Amsterdam, 1648.

E. de Moraes, *Dictionariolum nominum et verborum linguæ Brasiliensis maxime communis*; Amsterdam, 1648.

Piso, *De medicina Brasiliense*; Amsterdam, 1648.

Manuel Callado, *Valeroso Lucideno*; Lisboa, 1648.

Raphael de Jesus, *Castrioto lusitano*; Lisboa, 1649.

Padre Antonio Vieira, *Cartas publicadas em Lisboa de 1649 em diante*. — *Sermões item*.

Pierre Moreau, *Histoire des derniers troubles du Brésil*; Pariz, 1651.

Roulox Baro, *Relation du voyage au Brésil en 1647*; Paris, 1651.

Morisot, *Remarques sur le voyage de Roulox Baro au pays des Tappuyes*; Pariz, 1651.

Mathias Van der Broeck, *Journal des choses qu'il a vues lui-même, et de ce qui s'est véritablement passé depuis le commencement de la révolte des Portugais à Phernambucq*; Amsterdam, 1651.

Albuquerque, *Memorias diarias de la guerra del Brasil desde 1630*; Madrid, 1654.

Francisco Barretto, *Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife*; Lisboa, 1654.

Aigremont, *Relations des voyages des Français faits au cap du Nord, en Amérique*; Pariz, 1654.

Pagan, *Description historique et géographique de la grande contrée et rivière des Amazones*; Pariz, 1655.

Jacob Rabbi, *Relation des Tappuyes*; Pariz, 1655.

Pelleprat, *Relation des mémoires de la Compagnie de Jésus dans l'Amérique méridionale*; Pariz, 1655.

Antonijus Thisius, *Historia navalis in mare Brasilico*; Lyon, 1657.

Simão de Vasconcellos, *Vida do padre José de Anchieta*; Lisboa, 1658. — *Vida do padre João de Almeida*; Lisboa, 1658. — *Chronica da Companhia de Jesus no estado do Brazil*; Lisboa, 1663. — *Noticias necessarias e curiosas das cousas do Brazil*; Lisboa, 1668.

Francisco Manuel de Mello, *Epanaphoras de varia historia*; Lisboa, 1560. — *Relação dos successos da armada que a companhia geral do commercio expedio ao estado do Brazil em 1649*, Lisboa, 1660.

Don Francisco de Charque, *Vida apostolica del venerable padre Joseph Cataldino*; Saragoça, 1664.

Maffée, *Histoire des Indes orientales et occidentales*; Paris, 1665.

Antonius a Macedo, *Vita patris Joannis Almeidae*; Padua, 1669.

Aitzema, *Historie ofte verhael van saken van staet en oorlogh, in ende omtrent de Vereenigde Nederlanden van 1621-1668*; Amsterdam, 1669.

Rapport exact de l'étendue du pays situé en Amérique, qui s'étend entre l'Orénoque et l'Amazone; Francfort, 1663.

Arnoldus Montanus, *Die nieuwe en onbekende wereld ofte beschryving van America en 't Zuidland*; Amsterdam, 1671.

John Gilby, *America*; Londres, 1671.

Nicolau del Techo, *Paraguariæ historia*; Lião, 1673.

Francisco de Brito Freire, *Nova Lusitania*; Lisboa, 1675;
— *Relação que fez a armada da Companhia do Brazil*; Lisboa, 1675.

Balthasar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus em Portugal e no Brazil*; Lisboa, 1679.

Conde de Ericeyra, *Historia de Portugal restaurado*; Lisboa, 1679.

Noticia y justificacion del titulo con que se fundó la nueva colonia del Sacramento; Madrid, em 1680.

Don Luiz Cerdeño y Monzon, *Manifiesto legal en defensa del derecho del rey sobre la situacion de la nueva colonia del Sacramento*; Madrid, em 1680.

Autos de las conferencias de los consejeros de las coronas de Castilla y Portugal (duque de Jovesano, duque de Cardaval, marquez da Frontera, etc.); Madrid, em 1681.

Luiz Figueira, *Arte da grammatica da lingua do Brazil*; Lisboa, 1681.

Nieuhoff, *Mémorable voyage au Brésil par mer et par terre*; Amsterdam, em 1682.

Leevens en daaden der Doorlinchtigste Zeehelden; Amsterdam, em 1683.

Nicolau Jan Wooght, *Flambeau de la mer, voyages au Brésil*, etc.; Amsterdam, em 1684.

Pieter Boor, *Historie der Nederlanden Oorloggen*; Amsterdam, 1684.

Manuel Rodrigues, *El Marañon y el Amazonas*; Madrid, 1684.

Padre Antonio de Araujo, *Cathecismo brazílico*; Lisboa, em 1686.

João Ferreira da Rosa, *Tratado unico da constituição pestilencial de Pernambuco*; Lisboa, 1694.

San Giuseppe, *Istoria delle guerre degli Ollandesi nel Brasile*; Roma, 1697.

Mamiomi, *Cathecismo de doutrina christãe na lingua brazílica*; Lisboa, 1698.

Manuel Pimentel, *Arte pratica de navegar, e roteiro das viagens, e costas do Brazil e Guiné*; Lisboa, em 1699.

Resposta de Roque Monteiro Paim ao embaixador de França M. de Rouillé sobre as terras do Cabo do Norte em 1622; sómente impresso pelo Instituto historico e geographico brasileiro em 1846.

SEculo XVIII.

Genner, *Relation d'un voyage fait en 1695, 1696 et 1697 au Brésil*; Pariz, 1700.

Relandi, *Dissertationes miscellanæ*; Colonia, 1706.

Antonio José Antonil, *Cultura e opulencia do Brazil*; Lisboa, 1711.

José Freire Monteiro Mascarenhas, *Prios conquistados*; Lisboa, 1716.

Wiquefort, *Histoire des Provinces-Unies*; Haya, 1719.

Arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide, *Catalogo dos bispos que teve o Brazil*; Coimbra, 1720. — *Constituições do arcebispado da Bahia*; Coimbra, 1720.

Sousa, *Catalogo dos arcebispos da Bahia*; Lisboa, 1721.

Neuville, *Lettre qui traite du fleuve des Amazonas*; Pariz, 1722.

Correal, *Voyages aux Indes occidentales*; Amsterdam, 1722.
Torquemada, *Monarquia indiana*; Madrid, 1723.

Laffiteau, *Mœurs des sauvages américains*; Pariz, 1724. —
Histoire des voyages et conquêtes des Portugais; Pariz, 1733.

Le Gentil, *Nouveau voyage autour du monde, Chili, Brésil, etc.*; Pariz, 1725.

Roggers, *Voyages au Brésil, etc.*; Amsterdam, 1726.

Fernandes, *Historia de los Chiquitos y Amazonas*; Madrid, 1726.

La Barbinais, *Voyages autour du monde, Brésil, etc.*; Pariz, 1728.

Frézier, *Reis-Beschryving door de Zuid-Zee langs de Kunsten van Chile, Peru, und Brasil*; Amsterdam, 1728.

Sebastião da Rocha Pitta, *Historia da America portugueza*; Lisboa, 1730.

F. A. da Conceição, *Princesa seraphica na região da America*; Lisboa, 1733.

Oliveira, *Mémoires historiques, politiques, etc., concernant le Portugal et toutes ses dépendances*; Haya, 1743.

Père Beauvais, *La vie du V. père Ignace d'Azevedo*; Pariz, 1744.

Condamine, *Voyage par la rivière des Amazones*; Pariz, 1745.

Historie der Reisen zu Wasser und zu Lande; Leipsic, 1747.

Berredo, *Annâes do estado de Maranhão*; Lisboa, 1749.

João Gonsalves Fonseca, *Navegação até a boca do rio Madeira em 1749*: sómente impressa em 1812 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Waguenaar, *Vaderlansche Historie*; Amsterdam, 1749.

Simão Marques, *Brasilia Pontificia*; Lisboa, 1749.

Jurado y Requena, *Historia de las demarcaciones de límites en la América entre los dominios de España y Portugal en 1750*: sómente impresso em Montevideu em 1846.

Tratado de limites entre as corôas de Hespanha e Portugal em 1750; Lisboa, 1750.

Antonio Pedro de Vasconcellos, *Analyse do tratado de limites de 1750*; Lisboa, 1750.

Alexandre de Gusmão, *Reparos sobre as disposições da lei de 3 de dezembro de 1750 que estabeleceu novo imposto para a cobrança do quinto no Brazil. — Resposta e reflexões contra o que escreveu o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos sobre o tratado de limites de 1750*; Lisboa, em 1751.

Dom Antonio Rolim, *Relação da viagem que fez em 1751 de São Paulo para Cuyabá*: sómente impressa em 1845 pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*; Lisboa, 1752.

Manuel da Fonseca, *Vida de Belxior de Pontes*; Lisboa, 1752.

Ulloa, *Voyage historique dans l'Amérique méridionale*; Pariz, 1752. — *Mémoires historiques concernant la découverte de l'Amérique*; Pariz, 1787.

J. Borges de Barros, *Relação panegirica*; Lisboa, 1753.

Instituição da Companhia geral do Maranhão e Grão Pará; Lisboa, 1755.

Duguay-Trouin, *Mémoires*; Pariz, 1756.

Francisco Reis, *Paraguaria provincia cum adjacentibus novissima descriptio*; Madrid, 1756.

Charlevoix, *Histoire du Paraguay*; Pariz, em 1757.

Muratori, *Christianismo felice*; Madrid, em 1757.

Rodrigues da Cunha, *Diario da expedição de Gomes Freire de Andrade*: sómente impresso em 1850 pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

Instituição da Companhia geral de Pernambuco e Parahyba; impresso em Lisboa em 1759.

Simão Pereira de Sá, *Jubilos da America*; Lisboa, 1760.

— *Historia topographica e bellica da colonia do Sacramento*; Lisboa, 1761.

Antonio de Santa Maria de Jaboaão, *Orbe seraphico*; Lisboa, 1761.

Viagem e visita ao Sertão do Grão Pará em 1762 e 1763 pelo bispo Dom João de José: sómente impressa em 1847 pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

Anson, *Voyages autour du monde, Brésil, etc.*; Pariz, 1764.

Nuno Marques Pereira, *Compendio do peregrino da America*; Lisboa, 1765.

Histoire de Nicolas I^{er}, roi des Mameluks et empereur du Paraguay; 1766: ignora-se aonde foi impressa; a designação de São Paulo na folha é evidentemente falsa.

William Burke, *Histoire des colonies europeïennes en Amé-rique*; Pariz, 1767.

Huron, *Histoire générale de l'Amérique*; Pariz, 1768.

Jacob Hartsinck, *Beschryving van Guyana ofte de wilde kust in Zuid-America*; Amsterdam, 1770.

Raynal, *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce dans les deux Indes*; Pariz, 1770.

F. H. da Veiga e Sampaio, *Diario da viagem que fez ao Rio Negro em 1774, etc.*: sómente impresso em 1825 pela Academia real de sciencias de Lisboa.

Respuesta á la memoria que presentó en 16 de enero de 1776 el excelentísimo señor Don Francisco de Sousa Coutinho sobre los limites de la América meridional; Madrid, 1777.

Tratado preliminar de paz e limites na America meridional do 1^o de outubro de 1777 entre as corôas de Portugal e Hespanha; Lisboa, 1777.

Capellen-Gedenschriften, Utrecht, 1777.

Robertson, *History of America*; Londres, 1777.

Pedro Taques de Almeida Paes, *Historia da capitania de São Vicente em 1777*: sómente impressa em 1847 pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

Lusac, *Hollands Rykdom*; Leyde, 1780.

— Échavari, *Histoire du Paraguay sous les Jésuites*; Amsterdam, 1780.

Santa Ritta Durão, *Caramurú*; Lisboa, 1781.

Braun, *Viagem ao Amazonas em 1784*: sómente publicado em Lisboa em 1826.

Pedro Cudenas, *Description of Brazil*; Londres, 1785.

Gottlieb von Murr, *Reisen einiger Missionnarien der Gesellschaft Jesu in America*; Nuremberg, 1785.

Basilio da Gama, *Uruguay*; 1786.

Carli, *Lettres américaines*; Pariz, 1788.

Gonsalves da Fonseca, *Navegação feita do Grão Pará até a boca do rio Madeira em 1789*. Publicada sómente no quarto tomo das *Noticias ultramarinas da Academia real de sciencias de Lisboa* em 1815.

Bibliotheca americana, or a chronological catalogue of the most curious and interesting books, etc.; Londres, 1789.

Alexandre Rodrigues Ferreira, *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela coroa de Portugal*; Lisboa, 1792.

— *Prospecto da cidade de Belém e Miscellanea historica para o explicar*; Lisboa, 1793. — *Noticia historica da ilha de Joanes*. — *Memoria sobre a marinha interior do estado do Grão Pará*. — *Extracto do diario da viagem philosophica*. — *Traçado historico do Rio Branco*; 1795. — *Relação circumstanciada do rio Madeira e seus territorios*; 1796. — E muitas outras importantissimas memorias, cuja lista publicou o doutor Costa e Sá, por ordem da Academia real de sciencias de Lisboa em 1838.

José Marianno da Conceição Velloso, *Quinographia ou collecção de varias memorias sobre vinte e dous especies de quina do Brazil*; Lisboa, 1793. — *Fazendeiro cultivador do Brazil*; Lisboa, 1794. — *Flora brasiliensis*. Foi começada a impressão pela Academia real de sciencias de Lisboa em 1799, e concluida em Pariz em 1825. — *Aviario brazilico*; sómente publicado em Lisboa em 1800.

Malouet, *Voyages dans les forêts de la Guyane française et rives de l'Amazone*. Publicado sómente em 1853 pelo senhor F. Denis.

Smith Barton, *New views of the origin of the tribes and nations of America*; Philadelphia, 1795.

Mentelle, *Mémoires sur les limites entre les possessions françaises et portugaises à la Guyane et Para*; Pariz, 1796.

Frei Gaspar da Madre de Deus, *Memoria sobre a capitania de São Vicente*; Lisboa, 1797.

Ricardo Franco de Almeida, *Descripção geographica da provincia de Matto-Grosso em 1797*; sómente publicada em 1851 pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

Padre João Daniel, *Thesouro do maximo rio das Amazonas*; sómente impresso pelo Instituto historico e geographico brasileiro em 1840.

José Arouche de Toledo Rendon, *Memoria sobre as aldeias dos Indios da provincia de São Paulo em 1798*; sómente impressa em 1841 pelo Instituto historico e geographico brasileiro.

SECULO XIX ATÉ 1850.

Hervas, *Catálogo de las lenguas*; Madrid, 1800.

Krusenstern, *Reise in die Welt*; Leipsic, 1805.

Lindley, *Voyage to Brazil*; Londres, 1805.

Depons, *Voyage dans l'Amérique méridionale*; Pariz, 1806.

Gabriel Ribeiro de Almeida, *Memoria da tomadia dos sete povos dos missões em 1806*; publicada sómente pelo Instituto historico e geographico brasileiro em 1841.

Leziansky, *Voyage autour du monde*; Pariz, 1807.

La Richarderie, *Bibliothèque des voyages*; Pariz, 1808.

Lobo da Silveira, *Skirzza von Brasilien*; Stockolmo, 1808.

José da Silva Lisboa, *Observações sobre a abertura dos portos do Brazil*; Rio de Janeiro, 1808. — *Observações sobre a*

franqueza das fabricas e industria; Rio de Janeiro, 1810. — *Refutação das declamações contra o commercio inglez*; Rio de Janeiro, 1810. — *Memorias economicas e politicas desde 1810 até 1830*. — *Roteiro brazílico*, 1822. — *Historia dos principaes acontecimentos do Brazil*; Rio de Janeiro, 1825.

Azara, *Voyages dans l'Amérique méridionale*; Pariz, 1809.

Arruda Camara, *Memoria sobre o algodão de Pernambuco*; Lisboa, 1810. — *Memoria sobre a capitania dos Ilheos*; Lisboa, 1814.

Vater, *Untersuchungen über Amerika's Bevölkerung*; Francfort, 1810.

Silva Belfort, *Roteiro da cidade do Maranhão ao Rio de Janeiro*; Rio de Janeiro, 1810.

Camara Bittancourt, *Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem dar linhos*; Lisboa, 1810.

Bispo d'Elvas, *Memoria sobre minas de ferro*; Lisboa, 1810. — Varias outras memorias de 1811 em diante. — *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*; Lisboa, 1816.

Southey, *History of Brazil*; Londres, 1810.

Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre a typographia em Portugal e no Brazil*; Lisboa, 1810.

Andrew Grant, *Histoire du Brésil*; São Petersburgo, 1811. *Investigador portuguez*; desde 1811 em Londres.

Oliveira Bartos, *Roteiro da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará pelo rio Tocantins*; Rio de Janeiro, 1811.

Memorias da Academia real de sciencias de Lisboa de 1812 em diante.

Correio brasiliense, de 1812 em diante; Londres.

Antonio Alcedo, *Geographical and historical dictionary of America*; Londres, 1812.

Humboldt, *Tableau physique des Andes*; Pariz, 1814. — *Voyages aux régions équinoxiales*; Pariz, 1815.

Elms, *Voyage dans l'Amérique méridionale*, Pariz, 1815.

Mawe, *Voyages in Brazil*; Londres, 1815.

Funez, *Ensayo de la historia civil del Paraguay*; Buenos-Ayres, 1816.

Beauchamp, *Histoire du Brésil*; Pariz, 1817. — *Réfutation de l'écrit Coup d'œil sur l'état politique du Brésil*; Pariz, 1825.

Luiz Gonsales dos Santos, *Memorias historicas*; Rio de Janeiro, de 1817 em diante.

Ayres do Casal, *Corographia braziliica*; Rio de Janeiro, 1817.

Erschwege-Journal von Brasilien; Weimar, 1818. — *Plut. brasiliensis*, 1819. — *Beiträge zur Gebirgskunde brasiliens*, 1813. — *Brasilien die neue Welt*, Braunschwig, 1824. — *Geognostische gemälde von Brasilien*; Weimar, 1828.

Carneiro da Silva, *Memoria topographica e historica sobre os campos dos Goytacases*; Rio de Janeiro, 1819.

Brakenridge, *Voyage to South-America*; Baltimore, 1819.

Koster, *Voyages to Brazil*; Londres, 1819.

Morse, *The American universal Geography*; Charlestown, 1819.

John Luccok, *Notes on Rio de Janeiro*; Londres, 1820.

Tolenar, *Notes dominicales prises pendant un voyage au Brésil en 1816, 1817 et 1818*; Pariz, 1820.

João Rodrigues de Brito, *Cartas economico-politicas sobre a agricultura e commercio da Bahia*; Lisboa, 1820.

Araujo Pizarro, *Memorias historicas do Rio de Janeiro*; Rio de Janeiro, 1820.

Henderson, *History of Brazil*; Londres, 1821.

Araujo Carneiro, *O Brazil e Portugal*; Lisboa, 1822.

Adrien Balbi, *Statistique du Portugal et Brésil*; Pariz, 1822.

— *Atlas ethnographique*; Pariz, 1826.

Pereira do Lago, *Estatistica historica e geographica do Maranhão*; Lisboa, 1822.

Gayoso, *Memoria sobre o Maranhão*; Lisboa, 1822.

Velloso de Oliveira, *Melhoramento da provincia de São Paulo*; Rio de Janeiro, 1822.

A complete American Atlas historical, chronological and geographical, being a guide to the history of North and South America; Londres, 1822.

Labeaumelle, *Empire du Brésil*; Pariz, 1823.

Spix und Martins, *Reise nach Brasilien*; Munich, 1823. — *Abhandlung von dem Rechtszustande unter den ureinwohnern Brasiliens*; Munich, 1832.

Ferdinand Denis, *Scènes sous les tropiques*; Paris, 1823. — *Résumé de la littérature du Portugal et du Brésil*, 1824. — *Histoire du Brésil, Paraguay, etc.*; Pariz, 1825. — *Le Brésil*; Pariz, 1825. — *Histoire du Brésil*; Pariz, 1847. — *Une fête brésilienne*; Pariz, 1848. — *Génie de la navigation*; Pariz, 1848, etc.

New-Neuwied, *Voyages au Brésil*; Pariz, 1824.

Davis, *Relation of Amazone*; Londres, 1824.

Feldner, *Reise nach Brasilien*; Francfort, 1824.

Miss Graham, *Journal of a voyage to Brazil*; Londres, 1824.

Jussieu et Saint-Hilaire, *Flora Brasiliæ meridionalis*; Pariz, 1824.

Schäffer, *Brasilien als unabhängiges Reich in historischer, etc.*; Altona, 1824.

Mathison, *Narrative of a visit to Brasil*, Londres, 1825.

São Leopoldo, *Annâes da provincia do Rio Grande do Sul*; Rio de Janeiro, 1825.

Warden, *Histoire du Brésil*; Paris, 1825.

Navarrete, *Coleccion de viages y descubrimientos*; Madrid, 1825.

Stevenson, *Relation of a voyage to Brazil*; Londres, 1825.

Roussin, *Le Pilote du Brésil*; Pariz, 1826.

Balthasar Lisboa, *Années do Rio de Janeiro*; Rio de Janeiro, 1826.

Monglave, *Correspondance de Dom Pedro I^{er} avec Dom Juan IV*; Pariz, 1826.

Rugendas, *Voyage pittoresque au Brésil*; Strasburgo, 1827.

Freissinet, *Voyages autour du monde*; Pariz, 1826.

Costa e Sá, *Memoria da serra que serve de limite ao Brazil pelo lado das Guyanas e Rio Branco*; Lisboa, 1827. — Varias memorias sobre o mesmo assumpto em 1842 e seguintes.

Gomez de Castro, *Catalogo dos bispos de Maranhão*; Maranhão, 1827.

Lebrecht, *Geschichte von Brasilien*; Gotha, 1827.

Feldner, *Reisen durch mehrere provinzen Brasiliens*; Liegnitz, 1828.

Pohl, *Reise nach Brasil*; Leipsic, 1829.

Munsch, *Geschichte von Brasilien*; Dresde, 1829.

Cullock, *Researches philosophical and antiquarian, concerning the aboriginal history of America*; Londres, 1829.

Delvincourt, *Viagem ao interior do Brazil*; Rio de Janeiro, 1830.

Walsch, *Notices of Brazil*; Londres, 1830.

Auguste de Saint-Hilaire, *Voyages dans les provinces de Rio et Minas*; Pariz, 1830; — *dans les districts des diamants*; 1833; — *dans la province de Goyaz*; 1837; — *dans la province de Saint-Paul*; 1848.

Engelberts Gerrits, *Gedenstuck van Neerlands heldendade ter zee*; Amsterdam, 1831.

Klaussen, *Notes géologiques sur la province de Minas Geraes*; Bruxelles, 1831.

Van Kampen, *De Nederlanders binten Europa*; Harlem, 1831.

Silva e Souza, *Memoria estatistica da provincia de Goyaz*; Rio de Janeiro, 1832.

Jouge, *Geschiedenis van het Nederlandsch Zee-Wezen*; Haya, 1833.

Accioli, *Corographia paraense*; Bahia, 1833. — *Memorias historicas e politicas da Bahia*; 1835. — *Descrição do Rio São Francisco*, 1846. — Varios opusculos.

Costa Pereira, *Diccionario topographico do imperio do Brazil*; Rio de Janeiro, 1834.

Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*; Pariz, 1834.

Arsène Isabelle, *Voyage à Buenos-Ayres, Portalegre, etc.*; Havre, 1835.

Poeppig, *Reise in Chile, Peru, und auf Amazonostrom*; Leipsic, 1835.

Cunha Mattos, *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão*; Rio de Janeiro, 1836.

Smith, *Narrative of a journey from Lima to Pará*; Londres, 1836.

Armitage, *History of Brazil*; Londres, 1836.

Valdez y Palacios, *Viagem de Cuzco ao Pará*; Rio de Janeiro, 1836.

Nietherohy, *Revista brazileira*; Pariz, 1836.

Penaud, *Voyage sur la côte méridionale de la Guyane française*; Pariz, 1836.

Ternaux-Compans, *Bibliothèque américaine*; Pariz, 1837. — *Voyages, relations, mémoires, etc.*; Pariz, 1837.

Atkins, *Voyage to Guinea and Brazil*; Londres, 1837.

Baena, *Compendio das Eras do Pará*; Pará, 1838.

Ensaio de um quadro estatístico da provincia de São Paulo; São Paulo, 1838.

Orbigny, *L'Homme américain*; Pariz, 1839. — *Voyages dans l'Amérique méridionale*; Pariz, 1845.

Taunay, *Manual do agricultor brazileiro*; Rio de Janeiro, 1839.

Revista nacional e estrangeira; Rio de Janeiro, 1839 e 1840.

Constancio, *Historia do Brazil*; Pariz, 1839.

Dujarday, *Conquêtes des Portugais*; Pariz, 1839.

Nicolau Dreis, *Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande do Sul*; Rio de Janeiro, 1839.

Reynaud, *Mémoire sur la partie de la Guyane qui s'étend entre l'Oyapock et l'Amazone*; Pariz, 1840.

Veeghens—Leven van Joan Mauritz graaf van Nassau Siegen; Harlem, 1840.

Revista do Instituto historico e geographico brazileiro; Rio de Janeiro, de 1840 em diante.

Kerkallet, *Instruction pour attérir et naviguer sur la côte septentrionale du Brésil*; publicado nos *Années maritimes* de 1841, Pariz.

Frei Francisco de São Luiz, *Indice chronologico das viagens*; Lisboa, 1841.

J. de Mendoza, *Nueva descripcion del rio Marañon*; Madrid, 1841.

Pereira da Silva, *Parnaso brazileiro, historia da litteratura brazileira*; Rio de Janeiro, 1842.—*Plutarco brazileiro*, 1847.

Pissis, *Mémoire sur la position géographique des terrains de la partie centrale du Brésil*; Pariz, 1842.

Van Lede, *De la colonisation au Brésil*; Bruxelles, 1843.

Pedro de Angelis, *Coleccion de documentos, etc.*; Buenos-Ayres, de 1843 em diante.

Abreu e Lima, *Resumo da historia do Brazil*; Rio de Janeiro, 1843. — *Sinopses da historia do Brazil*; Pernambuco, 1844.

Tardy de Montravel, *Exploration du fleuve Amazone depuis Para jusqu'à Obydos*; Pariz, 1844.

Kenvilly, *Essais sur les délimitations de la Guyane française et du Brésil*; Pariz, 1844.

Belloc, *Histoire de l'Amérique*; Pariz, 1844.

Wedel, *Voyage dans la Bolivie*; Pariz, 1844.

Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil*; Pariz, 1844.

Fernandes Gama, *Memorias historicas de Pernambuco*; Recife, 1844.

Ostensor brasileiro; Rio de Janeiro, 1845.

Jardner, *Travels in the interior of Brazil*; Londres, 1845.

Pazos, *Navigation sur le fleuve des Amazonas*; Bruxelles, 1845. — *Projet d'une navigation à vapeur sur la rivière des Amazonas*; Bruxelles, 1846.

Kidder, *History of Brazil*; New-York, 1845. — *Notices of Brazil*; New-York, 1846.

Créteineau-Joly, *Histoire des Jésuites*; Pariz, 1845. — *Clément XIV et les Jésuites*; Pariz, 1848.

Suzanet, *Souvenirs de voyages, Brésil, etc.*; Pariz, 1846.

Moke, *Histoire des peuples américains*; Bruxelles, 1847.

Edward, *Voyage of the river Amazon*; Londres, 1847.

Varnhagen, *Memorias diversas sobre a geographia e historia do Brazil*; publicadas pela Academia real de sciencias de Lisboa, e Instituto historico e geographico brasileiro de 1847 em diante.

Aubé, *Notice sur la province de Sainte-Catherine*; Pariz, 1847.

Pott, *Die quinare und vigesimale Zählmethode bey Völkern aller Welttheile*; Halle, 1847.

Parish, *Buenos-Ayres, etc.*; Londres, 1848.

Santarem, *Americo Vespucci*; Pariz, 1848. — *Relações diplomaticas de Portugal*, Pariz, de 1849 em diante.

Delessert, *Voyages dans les deux Océans*; Pariz, 1848.

Castelnaud, *Voyage au Brésil*; Pariz, 1849.

Osculati, *Viaggio per il Napo al Pará*; Milão, 1849.

Canning, *Memoirs of the life*; Londres, 1849.

Varella, *Tratados y memorias*; Montevideu, 1849.

Lamas, *Tratados y documentos*; Montevideu, 1849.

Brossard, *Confédération argentine*; Pariz, 1849.

Milliet Saint-Adolphe, *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Brazil*; Pariz, 1849.

Langsdorf, *Bemerkungen auf einer Reise nach Brasilien*, etc.;
Leipsic, 1849.

Portuguezes na Africa, Asia, America e Oceania; Lisboa,
1849.

Prince Adalbert, *Travels in the south of Europe with a
voyage up the Amazon and the Xingu*; Londres, 1849.

Ludwig Driesen, *Leben des Fürsten Johan Moritz von
Nassau*; Berlim, 1849.

FIM.

INDICE

DO TOMO SEGUNDO.

SECULO XVIII.

| | |
|--|-----|
| VI. Claudio Manuel da Costa. | 1 |
| VII. Thomaz Antonio Gonzaga. | 43 |
| VIII. Ignacio José de Alvarenga Peixoto. | 81 |
| IX. Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. | 99 |
| X. José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. | 125 |
| XI. José da Silva Lisboa. | 141 |
| XII. Francisco de Mello Franco. | 173 |
| XIII. Antonio Pereira de Souza Caldas. | 187 |
| XIV. Francisco de São Carlos. | 227 |
| XV. José Bonifacio de Andrada e Silva. | 249 |
| SUPPLEMENTO BIOGRAPHICO | 299 |
| Seculo XVI | 301 |
| Seculo XVII | 305 |
| Seculo XVIII | 323 |
| NOTAS PARA UMA BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA.. . . . | 345 |



INDICE

DO TOMO SEGUNDO

SECCAO XVII

| | |
|-----|---|
| 1 | VI. Claudio Manoel da Costa. |
| 11 | VII. Thomaz Antonio Gonzaga. |
| 21 | VIII. Ignacio José de Alencar Pereira. |
| 30 | IX. Thomaz José Loupim de Castro de Azevedo Coutinho. |
| 132 | X. José de Souza Azevedo Pereira e Albuquerque. |
| 141 | XI. José de Silva Lisboa. |
| 173 | XII. Francisco de Melho Franco. |
| 185 | XIII. Antonio Pereira de Souza Caldas. |
| 227 | XIV. Francisco de São Carlos. |
| 249 | XV. José Bonifácio de Andrada e Silva. |
| 268 | RESUMO HISTORICO. |
| 301 | Seculo XVI. |
| 305 | Seculo XVII. |
| 322 | Seculo XVIII. |
| 343 | NOTAS PARA OS INTERESTADOS NA HISTORIA. |

29
C/420

003/01 - R 35 Flavianna

